

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Lorena Zomer**

**MEMÓRIA E HISTÓRIA NAS PUBLICAÇÕES DE GUIDO  
ALCALÁ: TESTEMUNHO DA DITADURA MILITAR  
PARAGUAIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito final para obtenção do Grau de Doutora em História Cultural.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Maria Pedro.

Co-orientador: Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Jair Zandoná

**Florianópolis  
2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Zomer, Lorena

MEMÓRIA E HISTÓRIA NAS PUBLICAÇÕES DE GUIDO ALCALÁ  
: TESTEMUNHO DA DITADURA MILITAR PARAGUAIA /  
Lorena Zomer ; orientadora, Joana Maria Pedro,  
coorientador, Jair Zandoná , 2017.  
291 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis,  
2017.

Inclui referências.

1. História. 2. Ditadura Militar Paraguai. 3.  
Literatura Testemunhal. 4. Memória. 5. Guido  
Rodríguez Alcalá. I. Pedro, Joana Maria . II.  
Zandoná , Jair. III. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. IV.  
Titulo.

MEMÓRIA E HISTÓRIA NAS PUBLICAÇÕES DE GUIDO  
ALCALÁ: TESTEMUNHO DA DITADURA MILITAR PARAGUAIA

**LORENA ZOMER**

Esta tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do  
título de:

DOUTORA EM HISTÓRIA CULTURAL  
Banca Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Maria Pedro (UFSC) (Presidenta e Orientadora)

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Jair Zandoná (UFSC) (Co-orientador)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivonete Pereira (UNIOESTE/PPGH)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Vieira Borges (UFSC/CED)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Santos Cunha (UDESC/PPGH)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlene de Faveri (UDESC/PPGH)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina de Oliveira Ramos (UFSC/PPGLIT)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Dias da Silveira (UFSC/PPGH) (Suplente Interna)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiani Bereta da Silva (UDESC/PPGH) (Suplente Externa)



Para minha Oma Jantje e Vó Candinha

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi desenvolvida por muitas mãos, digo isso porque eu não estava só neste caminho quando o texto foi construído. Mãos de muitas pessoas que me impulsionaram, incentivaram, aconselharam e escutaram sobre minhas alegrias e angústias; por isso, cada uma delas tem um lugar imenso no meu coração.

Agradeço muito à minha orientadora, Joana Maria Pedro, uma feminista pesquisadora incrível, que me aceitou desde o primeiro dia que cheguei à UFSC. Serei sempre grata por tudo o que me ensinou, pelo apoio, pelo afeto, por me incentivar a ser perseverante e por tudo que vi de ética e compromisso no que faz. Não menos importante foi meu co-orientador, Jair Zandoná, feminista que tem lutado por questões de gênero tão importantes, que me mostrou caminhos literários lindos e que, por diversas vezes, materializou ideias que eu nem imaginava ter ou desenvolver. Sem ele, esta tese não teria sido escrita. Agradeço ainda por toda disponibilidade, generosidade e o carinho de Guido Rodríguez Alcalá, o qual sempre me respondeu prontamente, como também me enviou 15 (quinze livros). Guido Alcalá é sem dúvida um escritor gentil, simples e sempre aberto às discussões. Obrigada, Guido!

Professoras importantes também foram Maria Teresa Cunha e Tânia Regina de Oliveira Ramos, com sugestões valiosas na qualificação. Além das duas, sou grata por Ivonete Pereira, Joana Borges e Marlene de Faveri, por disponibilizarem de seu tempo e de seus conhecimentos para lerem este trabalho. Cristina Scheibe Wolff, Janine Gomes da Silva e Letícia Nedel também foram companheiras de viagens e, principalmente, professoras com quem aprendi muito. Obrigada por ouvirem sobre o meu trabalho e por sugerirem leituras muito proveitosas.

Esta pesquisa foi realizada ao tempo em que trilhei por três cidades, sem nunca me esquecer da primeira de todas, Arapoti. Em Florianópolis, encontrei pessoas lindas, de coração aberto, que me fizeram sentir em casa, especialmente Lucia Siega, que me alugou uma “edícula” e de brinde me deu sua casa e seu coração. Obrigada, Lu! A minha querida Cica (Cintia Lima), que conheci ainda durante o meu mestrado e, mesmo com toda a distância dos últimos anos, continua sendo uma amiga de quem tenho imenso orgulho e, certamente, muito importante para a minha formação acadêmica. No mesmo pacote de mestrado-doutorado veio Pedro Paulo Amorim, outro amigo inteligentíssimo, mas, principalmente, de coração aberto; PP, serei eternamente grata pelo seu carinho comigo. Tamy Amorim, sua alegria

e generosidade são especiais, espero mesmo ter sido uma boa ‘colega’ pesquisadora nas ‘trocas’ sobre o Paraguai. Mário Martins Vianna, que, embora já estivesse em ares nordestinos, de algum modo, se fez presente e, além disso, sua trajetória me deixou muitos ensinamentos. Gratidão eu sinto por ter sido parte do LEGH (Laboratório de Estudos de Gênero e História); um laboratório que mais parece uma sala de amigas e amigos, que se ajudam, que viajam juntos, uma família com a qual aprendi muito e, ainda, um lugar onde conheci os ‘Fazendo Gênero’, Colóquios e os diversos encontros promovidos pelas duas instituições, o Instituto de Estudos de Gênero (IEG) e o LEGH.

Agradeço à CAPES/REUNI, pelo incentivo durante um ano e meio, período fundamental para eu me manter no doutorado. Agradeço, em especial à Rosa Palau e sua equipe do Museo de la Justicia, pela gentileza em enviar tantos documentos nesses anos por e-mail, como também pela disponibilidade quando lá estive.

Outras amigas foram fundamentais em todo esse processo. À Dani (Carvalho), pelo carinho, pelo coleguismo na Unicentro e pelo companheirismo nas cervejas, cafés e sushis. Silvia Gomes de Bento Mello, pelo apoio e incentivo nos corredores e viagens a Coronel Vivida; da Unicentro, não menos importantes foram Luciana Klanovicz e Jó Klanovicz, os quais me incentivaram desde Florianópolis a Guarapuava. Maristela Carneiro, minha amiga de graduação e amante dos estudos cemiteriais, muito obrigada por todas as leituras, pelo seu tempo, pelas revisões das semanas que antecederam a tessitura deste texto e por ser uma grande amiga há tantos anos.

Sou grata por ter uma família que esteve comigo em Florianópolis algumas vezes, mas sempre me esperou e apoio em Arapoti (PR). Minha mãe e meu pai, tudo o que sou, toda a força e todo o fôlego vieram de vocês. Ályda, minha irmã linda, obrigada por existir, por cuidar de mim, por me dar mil dicas, por ler meus textos, mas, principalmente, por poder chamá-la de irmã. No início desta tese, eu tinha duas avós; mulheres fortes e corajosas. Minha ‘Oma’ Jantje sempre se despedia me dizendo “Coragem, meisje”, e Vó Cândida me deixou boas lembranças de infância. Termino o doutorado sem elas, mas com o meu coração ainda cheio de amor por elas.

Agradeço ao meu Deus, por todo o cuidado.

Ao meu amor e companheiro Gilberto. Esteve o tempo todo comigo e jamais reclamou da minha ausência durante o tempo que estive morando em Florianópolis ou ao tempo que estava me dedicando em minha escrivania à tese durante esses anos, embora sempre tenha

estado por perto, cuidando de nossa casa, de nossa vida para que eu apenas lesse/escrevesse...



“De nuestros miedos nacen nuestros corajes y en nuestras dudas viven nuestras certezas. Los sueños anuncian otra realidad posible y los delirios otra razón. En los extravíos nos esperan hallazgos, porque es preciso perderse para volver a encontrarse.”

Eduardo Galeano,  
em *Veias Abertas da América Latina*

“A história deve ser o trabalho com o trauma para que ele deixe de alimentar a paralisia [...] e possa levar à ação, à criação, à invenção, à afirmação da vida naquilo que ela tem de beleza.”

Durval Muniz Albuquerque Júnior,  
em *As sombras brancas...*



## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar as publicações do jornalista e escritor Guido Rodríguez Alcalá, como literatura testemunhal referente à ditadura militar paraguaia (1954-1989) de Alfredo Stroessner, produzida em parte ainda durante o período ditatorial 1970-1990, como também nas décadas posteriores. Considero tais publicações um acontecimento baseado no testemunho do escritor, uma proposta analisada entre os princípios da História e da Memória, tendo a literatura como fonte, cujo objetivo é oferecer outras versões à memória da ditadura militar paraguaia e à da história paraguaia, esta, por vezes, apenas narrada pelos chamados revisionistas. Tal análise é realizada em conjunto aos interesses que têm norteado as pesquisas da região do Cone Sul na América Latina e que presenciou diversas ditaduras civis militares na segunda metade do século XX. Guido Alcalá era estudante quando foi preso após manifestações nas ruas e em um jornal estudantil, o que também o incentivou a sair do país em busca de convívio com escritores e para fazer cursos literários, culminando no interesse por contos. Esse gênero (e outros) estava(m) sendo discutido(s) na Europa por diversos escritores da América Latina em processo de exílio ou de fuga das circunstâncias ditatoriais durante as décadas de 1970-1980, escritores que nem sempre eram do Cânone literário. Nesse contingente, as publicações desses escritores foram atravessadas pela resistência em não aceitar tais condições, o que potencializou a escrita deles como um testemunho em uma ‘situação limite’. Nesse sentido, parte da escrita literária latino-americana dedicou-se a fazer críticas às ditaduras civil-militares e às suas atitudes arbitrárias por meio de enredos. Neste texto, os contos são o cerne de boa parte da pesquisa, os quais estão publicados em três livros *Curuzú Cadete: cuentos de hoy y de ayer*, *Cuentos e Cuentos Decentes*, livros publicados entre 1987 a 1993. Além da literatura, Guido Alcalá preocupou-se em escrever um volume da *Série Nunca Más, Testimonio de la represión política en el Paraguay e ensaios*, tais como *Literatura del Paraguay, Narciso e Ideología Autoritaria*. Suas duas entrevistas, que compõem o corpus de fontes, são respectivamente de 2008 e de 2014, nas quais Guido Alcalá afirma que havia nele o objetivo de denunciar crimes de Stroessner. Muitos desses foram lembrados em entrevistas, a fim de dar a ideia de que Alcalá utilizou a sua escrita para criticar uma possível cultura política ditatorial, o que é também um ato para dar ‘sentido’ à sua trajetória literária, um gesto comum durante o ato de rememorar, considerando os princípios da

Memória. No decorrer do trabalho, compreendi que a história paraguaia tem sido explorada, em especial sobre processos históricos do século XIX e, por isso, procurei entender o modo como as publicações de Alcalá mostravam possíveis problemas, elementos de relações sociais, de gênero e de um cotidiano. A resistência não é só presente apenas nas(os) ações das(os) personagens dos enredos ou na escrita dos ensaios de Guido Alcalá; resistência era alterar a sua trajetória de vida e utilizando a sua escrita, mesmo que obliterada, contudo persistente para dar sentidos ao que lhe ocorria.

Palavras-chave: Ditadura Militar Paraguaia. Literatura Testemunhal. Memória. História. Guido Rodríguez Alcalá.

## RESUMEN

Este trabajo tiene el objetivo de comprender las publicaciones del periodista y escritor Guido Rodríguez Alcalá como literatura testimonial de la dictadura militar paraguaya de Alfredo Stroessner (1954-1989). Parte de ella fue producida parcialmente aún en el período dictatorial (1970-199), como también en las décadas posteriores. Considero tales publicaciones como un acontecimiento basado en el testimonio del escritor, una propuesta analizada a partir de los principios de la Historia e de la Memoria, que tiene la literatura como fuente, y cuyo objetivo es ofrecer otras versiones sobre la memoria de la dictadura militar y la historia paraguayas, siendo esta última generalmente narrada por los llamados revisionistas. Tal análisis es realizado tomando en cuenta los debates producidos por las investigaciones sobre los períodos de dictaduras civiles y militares vividos en la segunda mitad del siglo XX en el Cono Sur Latinoamericano. Guido Alcalá era estudiante universitario cuando fue aprisionado después de manifestaciones callejeras y por participar en un periódico estudiantil, lo que también contribuyó para que él saliera del país en búsqueda de convivencia con otros escritores. La experiencia permitió la realización de cursos sobre y de literatura, que culminó en su interés por cuentos. Este género (y otros) era(n) discutido(s) en Europa por diversos escritores latinoamericanos exiliados o huidos de las dictaduras en las décadas de 1970-1980. En estas circunstancias las publicaciones de esos escritores estaban marcadas por la resistencia a tales condiciones, lo que potencializó la escritura como testimonio en una “situación-límite”. En este sentido, parte de la escrita literaria latinoamericana se dedicó a hacer críticas a las dictaduras civiles-militares y sus actitudes arbitrarias a través de los enredos. En esta tesis, los cuentos son el eje de gran parte de la investigación y están reunidos en tres libros: *Curuzu Cadete: cuentos de hoy y de ayer* (1993), *Cuentos* (1990) y *Cuentos Decentes* (1987). Junto con la literatura, Guido Alcalá se preocupó en escribir un volumen de la Serie Nunca Más, Testimonio de la represión política en el Paraguay; romances como *Narciso* (2016) y ensayos tales como *Literatura del Paraguay e Ideología Autoritaria*. Además, utilizo dos entrevistas realizadas con el autor en 2008 y 2014, en las que Guido Alcalá afirma que su literatura tenía el objetivo de denunciar los crímenes de Stroessner. En muchos de sus textos el escritor utilizó su escritura para criticar una posible cultura política dictatorial, lo que es también una manera de dar ‘sentido’ a su trayectoria literaria, un gesto común durante el acto de rememorar, considerando los principios de la

Memoria. En el transcurrir del trabajo comprendí que la historia paraguaya ha sido explorada, especialmente los procesos históricos del siglo XIX, y por eso busqué entender la manera como las publicaciones de Alcalá mostraban posibles problemas, elementos de relaciones sociales, de género y del cotidiano. La resistencia no está presente solamente en las acciones de los(las) personajes de los enredos o en la escritura de los ensayos de Guido Alcalá, ella aparece en el cambio de su trayectoria de vida utilizando la escritura para traer a la superficie voces obliteradas, y también daban sentido a lo que le ocurría.

Palabras-clave: Dictadura Militar Paraguaya. Literatura Testimonial. Memoria. Historia. Guido Rodríguez Alcalá.

## Lista de Figuras

	Referência	Pág.
Figura 1	– Capa de Residentas, destinadas y traidoras	73
Figura 2	– Capa de Narciso	75
Figura 3	– Capa de Leviatan et cetera	76
Figura 4	– Capa e Contracapa de Ideología Autoritaria	80
Figura 5	– Capa de Curuzú Cadete: cuentos de ayer y de hoy	85
Figura 6	– Guido e outros escritores	166





## SUMÁRIO

Introdução.....	19
1 MEMÓRIAS E (RE)ESCRITA DE HISTÓRIAS RECENTES: O ENCONTRO ENTRE UMA DITADURA MILITAR E UM ESCRITOR NO CONE SUL.....	35
1.1 O LEGH e as publicações de Guido Alcalá: entre histórias e memórias.....	37
1.2 O tempo, o acontecimento e os caminhos de Guido Alcalá.....	47
1.2.1 O fim dos anos 1960: de estudante a viajante.....	50
1.3 Os passos seguintes de Alcalá e os anos de chumbo paraguaio.....	64
1.4 Entre contos, ensaios e entrevistas: a memória paraguaia à luz de Alcalá.....	68
1.4.1 Poesia: dos primeiros versos à história política ditatorial paraguaia.....	76
1.4.2 Contos: para começar .....	82
1.5 O boom literário e a escrita de Alcalá .....	90
2 DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: OS ESCRITOS DE ALCALÁ E A HISTORIOGRAFIA.....	96
2.1 Compilações e romances: a história paraguaia e a sua escrita.....	100
2.2 Os heróis paraguaios, a escrita de revisionistas e a crítica de Alcalá.....	105
2.2.1 O período liberal e a questão social (1870-1936).....	118
2.2.2 Concepción, San Fernando e a busca pelo acontecimento.....	124
2.3 A ditadura de Stroessner, o Panteão dos Heróis e a Memória.....	129
2.3.1 O “dever de memória” e as versões da História: a urgência da memória no Cone Sul.....	133
2.4 A fonte e o fazer historiográfico: como analisar a literatura como memória? .....	142
3 MEMÓRIAS MARGINALIZADAS: QUANDO A LITERATURA REIVINDICA O SEU LUGAR NA HISTÓRIA.....	148
3.1 O testemunho na ditadura paraguaia: os contos como espaços (im)possíveis.....	149
3.2 Entre os anos de 1970 e 1980: os contos.....	165
3.3 A resistência no conto e do conto: literatura latino-americana e a memória da ditadura militar paraguaia.....	171

3.4 Pyragues, lealdade e a institucionalização da ditadura de Stroessner.....	197
3.5 O conto, a memória e a história.....	203
4 PARA ALÉM DA RESISTÊNCIA: MULHERES, GÊNERO, CORPOS SUBJUGADOS E O AUTORITARISMO DE ALFREDO STROESSNER.....	208
4.1 O acontecimento, a escrita e a urgência de discussões sobre gênero.....	210
4.2 Militância e censura: fim dos anos de 1950 e os mais longos trinta anos da “ditadura democrática”.....	216
4.3 Movimentos de resistência, ação de mulheres e os corpos punidos.....	219
4.4 Quando a violência não é apenas física.....	249
4.5 A virilidade em questão: homem usa roupa de homem e se comporta como tal!.....	258
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	270
FONTES.....	276
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	278

## INTRODUÇÃO

Stroessner estava furioso. O embaixador norte-americano disse a ele que, depois de ter conseguido o apoio de jornais “do Norte”, graças à ativa gestão do diplomata, se atacava ao correspondente do *New York Times*, que fazia e desfazia a opinião pública, e que já havia publicado um artigo muito injusto contra o Paraguai; sem dar a razão ao *Times*, nem questionar o procedimento da Polícia da Capital, era preferível ter cuidado com a imprensa que por lá dizem liberal, ou seja, a que se autointitula de esquerdista e sempre cria problemas [...]. O presidente explicou: vários governos caíram nesses anos devido à “falta de jeito para lidar com as manifestações” [...] nem sequer milhares de civis puderam derrubá-los, senão porque não se trata somente de força...[tradução minha]<sup>1</sup>

A passagem citada pertence ao livro *Narciso*, lançado em 2016, por Guido Rodriguez Pedro Alcalá<sup>2</sup>, bacharel em direito, professor, jornalista paraguaio e colunista no jornal *Última Hora*, de Assunção. Sua produção literária iniciou nos anos de 1960, e o seu período mais profícuo ocorreu entre os anos de 1980 e 2000, estendendo-se até os dias atuais. O excerto diz respeito ao ano de 1959, período em que o movimento estudantil e o movimento de trabalhadores estavam atuantes e, por isso, cerceados por Stroessner que, vivendo uma crise econômica, já não sabia como conter os manifestantes, assim como a opinião pública, ideia essa bastante evidente na citação anterior. De acordo com a narrativa de *Narciso*, o ‘caso’ Bernardo Aranda’ – tema de *Narciso* – tomou a cena nos jornais a partir de agosto daquele ano, desviando a atenção dos problemas sociais e políticos e, conseqüentemente, permitindo que Stroessner ganhasse tempo e elaborasse medidas para se manter no poder. Tal ação incluía uma perseguição aos homossexuais,

---

<sup>1</sup> No original: “Stroessner estaba furioso. El embajador norteamericano le señalo que, después de haberse conseguido el apoyo de periódicos nortños, gracias a la activa gestión del diplomático, se golpeaba al corresponsal del *New York Times*, que hacía y deshacía la opinión pública, y que ya había publicado un artículo muy injusto contra el Paraguay; sin darle la razón al *Times*, ni cuestionar el procedimiento de la Policía de la Capital, era preferible tener cuidado con la prensa que por allá dicen liberal, o sea la que tira la izquierdista y siempre crea problemas [...]. El presidente (explicou) varios gobiernos cayeron en estos años [...] ni siquiera miles de civiles pudieron tumbarlos, sino porque no se trata solamente de fuerza”. ALCALÁ, Guido R. *Narciso*. Assunção: Criterio Ediciones, 2016, p. 156-157.

<sup>2</sup> Esse é o nome completo do escritor. Porém, como ele mesmo não assina em suas publicações o nome “Pedro”, optei por não o fazer ao longo do trabalho, como também, em diversos momentos, menciono “Guido Alcalá” ou “Alcalá”.

realizada sem forte oposição, visto que policiais “desconfiavam”<sup>3</sup> que Aranda, noivo de Perla Miño e radialista famoso por sua alegria e espontaneidade com os amigos, seria homossexual e, por conseguinte, acreditavam que aqueles que o mataram também o deveriam ser. A questão é que, logo após o seu corpo ser encontrado queimado e com sinais de tortura, uma investigação se iniciou aos “amorales”<sup>4</sup>, termo pejorativo usado aos considerados gays, no Paraguai.

O que aponto, além do preconceito sobre uma possível orientação sexual, ao trazer o tema de *Narciso*, é a continuidade da produção literária de Guido Alcalá que, de alguma forma, deixa aparecer em sua literatura a preocupação em debater o cotidiano paraguaio do período de Stroessner, nesse caso, por meio de um ensaio. Guido Alcalá fez uso de diversos gêneros literários durante sua trajetória, o que é possivelmente resultado dos caminhos diferentes traçados pelo escritor, desde o meio universitário, os cursos realizados no exterior, até a vivência com a ditadura militar. A produção literária demonstra a existência no cotidiano paraguaio, de casos de tortura e de perseguição, que histórias oficiais nem sempre levaram em conta.

Em vista disso, para além da ideia de Guido Alcalá ser considerado, ora como uma fonte para pesquisa, ora uma referência historiográfica (como ocorre muitas vezes), minha problemática é pensada no modo como a literatura do escritor pode ser analisada como um conjunto de memórias e de histórias, formando um material testemunhal, o qual, sob a análise historiográfica, possibilita novas questões sobre o Paraguai, tornando a escrita da tese resultado do diálogo entre a História, a Memória e a Literatura. Uma análise que corrobora com o que a historiografia tem levantado desde os anos de 1990, acerca das ditaduras civis militares do Cone Sul<sup>5</sup>.

Friso que esta tese teve o seu início em um contexto democrático, mais de vinte anos depois do fim da ditadura civil militar brasileira, no qual movimentos sociais e grupos de estudos, angariados por fomentos públicos na maior parte das vezes, buscaram compreender os processos ditatoriais ocorridos no Cone Sul! Neste cenário, a igualdade de gênero/étnica/racial/orientação sexual é a premissa que motivou parte dos estudos a propósito das ditaduras civis e militares do

---

<sup>3</sup> OIKO, Anive Haguã. Decisión. *Comisión de Verdad y Justicia del Paraguay*. Tomo VII, Assunção: Medina, 2008, p. 2.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> A expressão Cone Sul diz respeito à região situada mais ao Sul da América Latina, composta pelos seguintes países: Paraguai, Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e Bolívia.

Cone Sul, do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH)<sup>6</sup>, iniciado em 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), grupo no qual me insiro. O LEGH, atualmente, é liderado pelas professoras pesquisadoras Cristina Scheibe Wolff, Janine Gomes da Silva, Joana Maria Pedro e Roselane Neckel, cujos projetos atuais são, respectivamente<sup>7</sup>: “Políticas da emoção e do gênero na resistência às ditaduras militares no Cone Sul, Espaços de memória”; “Arquivos e fontes documentais (re)significando as ditaduras militares (Brasil e Paraguai)”; “Vidas Clandestinas: Relações de gênero na clandestinidade, um estudo comparativo no Cone Sul sobre apropriações de teorias feministas (1960-2008)” e “Do Feminismo ao Gênero – circulação de teorias e apropriações no Cone Sul (1960-2008)”. Todos os projetos tiveram o seu início ou são desdobramentos de pesquisas fomentadas pelo poder público nos anos de 2000 e estão ligados (in)diretamente a contextos ditatoriais, focando na análise das diversas formas de resistência. Mais que isso, a maior parte dos projetos de LEGH está ligada à perspectiva de análise de gênero, visto como o resultado da dinâmica entre as relações sociais, as quais, muitas vezes utilizando diferenças biológicas, classificadas como “feminino” e “masculino”, objetivam (in)conscientemente criar e/ou (des)legitimar diferenças sociais e culturais para homens e mulheres<sup>8</sup>. Assim, debater acerca dessas perspectivas é o principal objetivo dos estudos de gênero.

Esse interesse não está dissociado de algo maior, de modo geral, em nível internacional e em parte dos estudos das Ciências Humanas e Sociais, que é a compreensão das diversas memórias, resistências dos mais variados sujeitos histórico-sociais sobreviventes (ou não) das exclusões sociais/políticas/culturais, às ditaduras militares, às guerras mundiais, ou qualquer conflito ocorrido no processo de globalização. Portanto, nesse amplo debate, o gênero ocupa um lugar central. O gênero, como pressuposto de análise, permite-nos buscar uma melhor compreensão de como as violências são legitimadas e o porquê de serem direcionadas especialmente às mulheres e às crianças. Dar ao gênero o destaque para entender todo esse processo permite-nos observar como, com base no nosso cotidiano, construímos – por vários elementos de uma cultura machista/heterossexual – a ideia de que é

---

<sup>6</sup> Durante o texto, chamarei o laboratório de LEGH, nome comumente utilizado por nós, pesquisadoras [não há pesquisadores?].

<sup>7</sup> Informações retiradas da Plataforma Lattes (CNPq/CAPES).

<sup>8</sup> SAFFIOTI, Heleith I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma Questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 210.

justificável ou natural praticar violências contra mulheres, gays, lésbicas, trans, idosos/as, crianças, negros/as, indígenas, pessoas com deficiência etc. É acabar com a ideia de que a causa para a violência está na vítima, independentemente de sua identidade de gênero e outras identidades sociais variadas, como também é perceber que sempre há resistências em relação à violência, de qualquer natureza. Para compreender a ideia de resistência, trago algumas contribuições das historiadoras Cristina Scheibe Wolff (2015) e Denise Rollemberg (2015). A primeira, baseada em Michel Foucault, frisa que o termo está sempre centrado em uma questão de poder e o localiza com mais ênfase nos estudos sobre o Cone Sul; a segunda, embora esteja no de acordo com Michel Foucault, recorda a importância da busca pela liberdade e pelo respeito à ideia de ser humano, a partir de acontecimentos traumáticos da Segunda Guerra Mundial. Desse modo, pensar este conceito, resistência, é crucial, visto que, ao trazê-lo para a análise dos contos e para as relações que Alcalá estabelece/articula entre passado/presente, assim como suas indicações nos ensaios, posso apreender mais acerca dos lugares ocupados pelos grupos sociais/culturais na historiografia do país e a resistência de sujeitos sociais envolvidos.

Nesse sentido, essas ideias, relativas ao gênero e à resistência, passaram a fazer parte da minha pesquisa, a partir das discussões do grupo de estudos do LEGH, especialmente por leituras que já havia realizado antes. De modo especial, lembro-me do livro de Natalie Zemon Davis, *Nas Margens: três mulheres no século XVII*<sup>9</sup>, no qual a historiadora narra sobre três mulheres que, como uma maioria, viviam às margens de suas sociedades, sem direitos ou ‘querer’. Essas eram marcadas pelo seu lugar de ser mulher, mas sobressaíram ao que lhes foi estipulado, resistindo à subestimação sofrida diariamente e tornando-se donas de suas vidas. Esse foi o livro indicado em meu último ano de graduação, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, na qual uma professora sugeriu tal leitura porque “me mostraria esse mundo de mulheres”. Narro sobre isso, porque tanto a minha escolha pelo Mestrado e pelo Doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina como o pedido de entrada no LEGH estão associados às primeiras percepções ocorridas a partir da leitura do livro de Natalie Z. Davis.

---

<sup>9</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

Entre o caminho dessa leitura até a escolha pela literatura de Guido Alcalá, passei pelas primeiras ideias do feminismo<sup>10</sup> em minha dissertação<sup>11</sup>, chegando à ideia de que, na literatura de Guido Alcalá, uma escolha pessoal poderia analisar a resistência daqueles que são marginalizados/esquecidos em uma ditadura militar, os quais são uma maioria numérica. Desse modo, as perspectivas que transformaram o meu olhar sobre o fazer historiográfico já na dissertação, acentuaram-se com a literatura de Guido Alcalá e levaram-me para muito além do meu objetivo inicial em 2011, o de pensar exclusivamente nas relações de gênero presentes nos contos.

Isso posto, considerando a produção literária de Guido Alcalá e as condições em que ocorreu nos países do Cone Sul/Brasil, a escrita desta tese é também um acontecimento, fruto de meus interesses, relacionados à historiografia do Cone Sul. Os diversos gêneros literários de Alcalá são marcados por seus distintos espaços e tempos, os quais formam o seu testemunho. Desse modo, interrogo: se a literatura não fosse uma escrita questionadora, em que momento ocasionaria censura e perseguição por parte de governos ditatoriais, como normalmente recebeu? De que forma a relação entre a história, a memória e a literatura podem colaborar e levantar questões sobre a história paraguaia? Em que medida os contos estão relacionados ao cotidiano paraguaio, e ao de Alcalá? Como o tipo de literatura de Guido Alcalá relaciona-se à escrita literária latino-americana daqueles anos? Nesse caso, o acontecimento, de acordo com Jacques Rancière, pode ser entendido como um conjunto de interpretações, memória, a fim de construir uma narrativa, trazendo consigo a subjetividade de quem escreve/formula<sup>12</sup>. No que se refere à literatura de Alcalá, pode ser apontado como uma ‘tentativa’ de ruptura em relação ao contexto vivido ou mesmo a trajetória política do país, buscando perceber os diferentes

---

<sup>10</sup> De modo bastante didático, o feminismo é dividido em dois grandes momentos, o de primeira “onda” e o de segunda “onda”. A diferença se dá pelas reivindicações em cada um, considerando que cada contexto tem as suas necessidades. A grande diferença no segundo se dá pelo conceito de “gênero”, que passa ser discutido, e pelos desdobramentos nos mais variados feminismos, em que a pauta das reivindicações passa a ser atravessada por questões étnicas, por raciais, de classe e de gênero. Ver: PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. *Revista Sociologia Política*. Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010, p. 15-23; PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

<sup>11</sup> ZOMER, Lorena. *História de uma boa feminista: trajetória intelectual de Leonor Castellano em Curitiba, 1924-1967*. 164f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação, Florianópolis, 2011.

<sup>12</sup> RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 239.

sujeitos e versões sobre um mesmo acontecimento, uma resistência<sup>13</sup>. Conforme o filósofo Jacques Derrida, quando este se refere às Ciências Humanas, afirmar sobre a (in)existência da origem de uma história ou dizer que o centro só o é para aquele que sustenta sua “imobilidade fundadora”<sup>14</sup> é o que deu mais horizonte de pesquisa, principalmente fora do que seriam os preceitos europeus. O discurso, nesse caso, é gerado de acordo com a ideia de resistência, da maneira como a “estruturalidade da estrutura”<sup>15</sup> é questionada. Compreender esses elementos na escrita e na trajetória de Guido Alcalá é um objetivo, buscando entender como o escritor se preocupa em analisar a literatura do Paraguai e traz seus olhares sobre o contexto. Mais que isso, o fazer historiográfico teve nos anos de 1970 uma revisão/ampliação de seus estudos, envolvendo mais sujeitos e a resistência de tantas minorias, e o que posso afirmar é que a escrita de Alcalá e a desta tese só ocorreram porque fazem parte de uma época, de uma “totalidade”<sup>16</sup>.

Esta tese considerou a importância de analisar a literatura testemunhal de Alcalá como um acontecimento, buscando apontar a relevância de tais publicações para a ampliação do uso da literatura como fonte e do incentivo ao debate historiográfico. Intenções que, no encaixe de Antoon Baets, buscam rejeitar/debater sobre mitos históricos<sup>17</sup> e a história paraguaia a partir de elementos encontrados na literatura de Guido Alcalá. Segundo o autor, muitos processos históricos do século XX, inclusive a ditadura militar de Stroessner, não estão dissociados de seu passado, analisando aqueles como consequência de muitos atos pouco compreendidos ou “manipulados” por interesses do governo devido às disputas de poder.

Nessa linha de pensamento, a análise da escrita de Alcalá colabora com os estudos sobre o Cone Sul e pode ser vista como desdobramentos de uma história que procura os muitos sujeitos que, silenciados ou não por um governo opressor, constituem a história do Paraguai. Uma história movida pela literatura em busca de memórias, dos lugares e das resistências dos sujeitos que luta(vam) contra as imposições de Stroessner. A escrita de Alcalá e a da tese estão/são marcadas por acontecimentos que potencializam a emergência desses

---

<sup>13</sup> DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In.: *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 230 e p. 240.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 231.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 232.

<sup>16</sup> *Idem*.

<sup>17</sup> BAETS, Antoon. O impacto da Declaração Universal dos Direitos Humanos no estudo da História. *História da historiografia*: Ouro Preto, número 05, 2010, p. 101.



estudos, e, ao mesmo tempo, põem em discussão ideias acerca da relação entre democracia, ditadura e das desigualdades sociais e de gênero, tão vigente na América Latina.

Sobre a escrita de Guido Alcalá há uma tese, cuja centralidade está no debate de duas obras *Caballero* e *Caballero Rey*<sup>18</sup>, não analisadas neste texto e, outra tese, que inclui o nome de Alcalá como um escritor dos mais representativos da literatura paraguaia<sup>19</sup>, levantando suas publicações e resumos de suas obras. Entretanto, em ambas não há a finalidade de discutir essa escrita em relação à ditadura militar de Alfredo Stroessner e os reflexos desta na sociedade paraguaia daquele tempo, assim como não faz análise de seus contos e de uma maioria dos ensaios referidos nesta tese. Para além desses aspectos, afirmo ainda que muitos trabalhos na Sociologia e na História já utilizaram o trabalho de Alcalá e apontam em seus escritos um espaço em que se reúnem fontes, dados e a literatura, porém, os trabalhos não tiveram como objetivo debater a relação entre a história e a memória paraguaias, baseados nas publicações literárias escolhidas nesta tese. Desse modo, ao ter contato com esse material, percebi que poderia fazer uma análise sobre a história da ditadura militar paraguaia, classificando a literatura de Alcalá como testemunhal, com base na análise de parte de sua trajetória e de seus questionamentos relativamente à história de seu país. Essa perspectiva acentuou-se a partir do exame crítico das fontes de Guido Alcalá mais utilizadas nesta tese, além dos e-mails trocados com Guido Alcalá e de duas entrevistas<sup>20</sup> realizadas em 2008 e em 2014.

As obras escolhidas para esta análise são: os ensaios *Ideología Autoritaria* ([1987] 2007), *Literatura del Paraguay* (1980), *Narciso* (2016); os artigos “Imágenes de la Guerra y del Sistema” (2007), “Temas del autoritarismo” (1994), “Testimonio de la represión política en Paraguay (1975-1989)” (1990); os documentos oficiais e processos do

---

<sup>18</sup> ALCALÁ, Guido R. *Caballero*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1987; ALCALÁ, Guido R. *Caballero Rey*. Assunção: R. P. Ediciones, 1988.

<sup>19</sup> As duas teses são, respectivamente: PIZARRO, M. Mar Langa. *Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya*. 445 f. Tese (Tese em História). Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Alicante, 2001. BARCO, José Vicente Peiró. *Literatura y sociedad. La narrativa paraguaya actual (1980-1995)*. 1781 f. Tese (Tese em Letras). Facultad de Filología. UNED, 2001.

<sup>20</sup> As entrevistas foram traduzidas diretamente do áudio e, por isso, no decorrer do texto apenas os excertos das fontes estarão com traduções em rodapé. ALCALÁ, Guido R. *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff e a Joana Maria Pedro (digital)*. Assunção, Paraguai, 19/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Isabel Cristina Hentz e Priscila Carboneri de Sena e revisada por Lorena Zomer, 2008; ALCALÁ, Guido R. *Entrevista concedida a Lorena Zomer e a Tamy Amorim (digital)*. Assunção, Paraguai, 14/05/2014. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita e revisada por Lorena Zomer, 2015.

Museu de la Justicia, como “Decisión”, “Declaraciones en Debate: el 69 y sus utopías” (1994), “Manifiesto a la opinión pública universitaria nacional e internacional” (1969); dos livros de contos: *Cuentos* (1993), *Cuentos Decentes* (1987), *Curuzu Cadete: cuentos de hoy y de ayer* (1990). Desses, indico os quadros 1 e 2 para auxílio da leitura e compreensão sobre as personagens e os respectivos contos, do terceiro e quarto capítulo.

<b>Contos paraguaios</b>				
<b>Personagem central/principal</b>	<b>Personagens secundários</b>	<b>Conto</b>	<b>Livro</b>	<b>Ano</b>
“Sindicalista”	Carcerários	“Fragmentos de las memorias de una sindicalista”	<i>Curuzu Cadete: cuentos de ayer y de hoy</i>	1990
Juliana	Carcerários	“Juliana”	<i>Curuzu Cadete: cuentos de ayer y de hoy</i>	1990
“Pesquisadora”	Destinatários das cartas: mãe e pai; Prof.º Nichols; Maggie e Bob.	Cartas no necesariamente escritas”	<i>Cuentos Decentes</i>	1987
“Chefe da família”	“Filha”; “Esposa”	“La sesión de la OEA”	<i>Cuentos Decentes</i>	1987
“Viejo”	Cristina Velasco; Pedro Velasco	“Los Vecinos”	<i>Cuentos Decentes</i>	1987
Diógenes	Antonio Rodas, Stroessner, “Doctor Rivas”	“El Rubio”	<i>Cuentos</i>	1993

QUARTO CAPÍTULO				
Personagem central/principal	Personagens secundários	Conto	Livro	Ano
Gloria	Prof. <sup>a</sup> Josefina	“Gloria”	<i>Cuentos</i>	1993
Buenos Aires	Avó, Amanda, Ricardo	“Buenos Aires”	<i>Cuentos</i>	1993
“Pesquisadora”	Destinatários das cartas:	“Cartas no necessariamente escritas”	<i>Cuentos Decentes</i>	1987
Narciso	Lolita, Noemi	Romance	<i>Narciso</i>	2016
Alberto	Varela, “General Cantero”	“Hacerse Hombre”	<i>Curuzu cadete: cuentos de hoy y de ayer</i>	1990
Mercedes	María Rosa, Dona Margot, “Inspetor Benítez”	“Casamiento de Conveniencia”	<i>Curuzu cadete: cuentos de hoy y de ayer</i>	1990

Com base na produção literária de Guido Alcalá, analiso como as diferentes fontes usadas pelo autor são compreendidas e potencializam sua literatura testemunhal, que, por sua vez, sugere diversas questões sobre a Memória e a História da ditadura militar paraguaia, de Alfredo Stroessner e o modo como esta se relaciona à história paraguaia sob o olhar de Guido Alcalá. A respeito da literatura como testemunho, considero as ideias do pesquisador Jaime Ginzburg, que aponta a literatura testemunhal como uma escrita que responde a processos traumáticos vividos e, no caso de Guido Alcalá, tanto por aquilo que viveu, quanto pelo o que lhe contaram. Experiências tais que foram narradas e que, de alguma forma, estão direcionadas a interlocutores.

O recorte temporal está ligado ao período da ditadura militar paraguaia de Stroessner (1954-1989), por ser essa a época em que Guido

Alcalá passou a escrever e publicar. Entretanto, além de não pretender esgotar as possíveis análises sobre o período, saliento que a própria literatura de Guido Alcalá estabelece relações com a trajetória política do país no século XIX, o que exige contextualização e análise sensível e preocupada com esse período. Invisto nessa perspectiva por acreditar que levantar questões sociais e políticas fundamentadas na literatura de Guido Alcalá pode colaborar na compreensão da história paraguaia e, conseqüentemente, de seus problemas. Já as publicações mais analisadas aqui datam a partir de 1980, como o ensaio *Literatura del Paraguay*, até o ano de 2016, como *Narciso*; porém, conforme salientado, referem-se a períodos anteriores a 1980.

Compreender a forma como os sujeitos “sócio-históricos” construíram o seu mundo social, como lutam contra a censura de qualquer origem e resistem a ela, buscando transformações ao longo da história da América Latina, em especial a partir dos anos de 1960, é a força motriz também desta tese, assim como entender as narrativas sobre os sujeitos sociais na história e na memória. Nesse sentido, o conjunto da narrativa de Guido Alcalá é a forma como estruturo e vejo a sua trajetória literária, iniciada a partir de 1970-1980, em uma região que vivia sob ditadura. O tom de censura e de perseguição, como também o tom de resistência, é evidente na produção de Guido Alcalá, tema que aparece nos variados gêneros literários explorados pelo escritor, como em seus contos, ensaios, no volume escrito por ele da *Série Nunca Más* e em entrevistas concedidas. Dessa maneira, o conjunto da obra de Guido Alcalá faz referência a acontecimentos do período da ditadura militar de Alfredo Stroessner, uma ideia que o escritor reafirma em entrevista ao ser questionado sobre suas motivações, a fim de dar veracidade à sua literatura, que, como já mencionado, analiso como testemunhal.

Guido Alcalá, ao escrever cada um de seus contos, permitiu que se pensasse sobre sentimentos como vergonha e culpa, atos de violência e atrocidades, silenciamentos e coerções, no luto de tantos(as) e nas relações entre a memória e a história, a partir da leitura dessas narrativas. Os contos e toda a literatura testemunhal de Alcalá permitem-me pensar para além da ideia de veracidade *versus* ficção, da existência ou não dos referentes de cada personagem ou do valor exclusivamente estético da obra. O que afirmo é que o conjunto das obras de Guido Pedro Rodríguez Alcalá apresenta-me a ponta de um “iceberg”, do qual vejo a superfície, com milhares de representações e memórias, muitas vezes descompromissadas relativas a um assunto ou outro, mas que, em sua totalidade, se revelam em um caminho a ser

trilhado para compreender histórias paraguaias desejosas de crítica, de trazer sujeitos silenciados pela política opressora de Stroessner e a historicidade desses oprimidos nas linhas de uma história, seja oficial ou testemunhal. Histórias que colaborem com a democracia, com o direito de escolher aqueles que queremos no poder, que tenhamos possibilidade de criticar e de sermos ensinados desde sempre a andar pelos nossos próprios pés; uma história que respeite o seu povo e que não permita que uma cultura ditatorial repita-se tantas vezes, como vimos no século XX e como temos visto no XXI.

Na busca por textos e referências que me ajudassem a pensar as relações entre História/Memória/Literatura que passei a estabelecer, fiz inúmeras pesquisas na internet, como também trouxe de Assunção muitos livros de jornalistas, de sociólogos, de memorialistas, entre outras profissões. Recebi, ainda, quinze livros do próprio Guido Alcalá. O que percebi, na medida em que o tempo passava, era a ausência de mais pesquisas a propósito de determinados assuntos, que colocassem em evidência e questionassem uma versão ou outra. Lembro que a produção historiográfica, tanto proveniente do Paraguai, quanto de outros países da América e da Europa, é farta no que se refere à Guerra da Tríplice Aliança; porém, não tem a mesma proporção sobre o século XX. Não obstante, ressalto alguns autores/intelectuais que discutem temas sobre o Paraguai ou o Cone Sul, como os trabalhos de Alain Rouquié, Milda Rivarolo, Paul Lewis, Andrew Nickson, Ignacio Telesca, Enrique Serra Padrós<sup>21</sup>. Entretanto, com algumas exceções, as principais referências da escrita paraguaia não são de conterrâneos. Nessa direção, reitero que a História tem produzido sobre os diferentes acontecimentos no Paraguai, porém, dependente do trabalho de diversos profissionais de todas as áreas.

Por conseguinte, considerando a historiografia do país, escolhi a literatura de Guido Alcalá, em especial contos e ensaios para esta tese, como um meio de análise de parte da história paraguaia, ao passo que debate referida relação e questiono a literatura como fonte. O historiador Antoon de Baets lembra-nos sobre a liberdade que temos em formar opiniões e causar esquecimentos<sup>22</sup>, pois, historiadores, quando

---

<sup>21</sup> As obras encontram-se referenciadas adequadamente na seção Referências [pq é só referencias... abnt... não referencias bibliográficas] deste trabalho: *O estado militar na América Latina* (1984); *La resistencia armada al stronismo* (2004); *Paraguay bajo Stroessner* (1986); *Democratización y Descentralización en Paraguay* (1993); *Historia del Paraguay* (2010); *Ditadura e Democracia na América Latina: Balanço Histórico e Perspectiva* (2008).

<sup>22</sup> SOLER, Lorena. Mitos históricos, obstáculos epistemológicos e fronteiras conceituais. Cómo es posible abordar el stronismo? Cuarto Taller de Discusión das derechas en el Cono

escrevem, exercem a sua liberdade de influenciar ou, ao menos, de criticar uma versão ou outra da historiografia. Nas escolhas dos historiadores, a liberdade é praticada de qualquer forma, uma vez que, ao selecionar, historiadores ‘influenciam’ o que lembrar ou o que esquecer<sup>23</sup>. Dessa forma, o direito ao silêncio não é exercido apenas por aqueles que não querem falar, mas também, por nós, historiadores.

Com esta observação, o que afirmo é que esta tese é marcada por um local de discurso, por um interesse de pesquisa, intenções que acabam por gerar Memória e seleções. É legado à história perceber, entre o tempo cronológico, o tempo vivido e o tempo que perpassa a memória no presente, os elementos possíveis de uma história não oficial, de modo a firmar entre a história e a memória um compromisso ético e responsável com seus/suas personagens. A fim de discutir a respeito da relação da História com a Memória, é preciso passar pelas ideias de esquecimento, de “dever” e “excesso” de memória, de escolha de cada historiador. Para tanto, trago o pensamento de historiadores, de filósofos, de escritores, como Michel de Certeau e Roger Chartier, os quais me permitem pensar as relações entre a narrativa e o local ocupado pela História – e pelos historiadores –, como também o modo como eles devem preocupar-se com as versões e as possibilidades de um mesmo acontecimento. Sobre o “dever de memória”, retomo reflexões de Luciana Heymann, para a qual a história tem o dever de analisar – até o seu alcance – a memória daqueles que sobreviveram.

Para pensar a “ideia de verdade”, de “justa memória”, as discussões do filósofo Paul Ricouer e da escritora Jeanne Marie Gagnebin são significativas. Acerca disso, lembro que a memória da ditadura militar paraguaia analisada na literatura e nos ensaios de Guido Alcalá é “fonte”, pois são publicações, versões já postas contra uma história oficial, construída com base na perspectiva dos “vencidos”, ao menos como foram vistos no período stronista, uma visão que se modifica com as leituras da literatura, como as de Alcalá. A historiografia, por sua vez, não pode esquecer ou deixar de lado as memórias que ecoam, as vozes esquecidas, as silenciadas, as quais devem ter a sua existência lembrada por nós, por uma história justa que contenha a participação da maioria. Sobre esse debate, vale lembrar os cuidados nas análises a propósito da memória, que tem a característica de ser a representação de algo anteriormente percebido, adquirido ou

---

Sur, siglo XX, Universidad Nacional de General Sarmiento, Los Polvorines, 31 de mayo de 2012, p. 4.

<sup>23</sup> BAETS, op. cit., p. 90.

aprendido. Além disso, fonte alguma é passível de toda a credibilidade, nem por sua formação e proveniência, nem pelas análises históricas, pois sempre são frutos de interesses e atravessadas por diversas subjetividades.

Sendo assim, para ser escrita, a história faz uso da narrativa, buscando as relações estabelecidas nas sociedades e os rastros deixados por elas, imagens com representação de um objeto ausente, no caso da memória. Guido Alcalá transita pelos séculos XIX e XX, estabelecendo essas relações e permitindo à fantasia que o real seja imaginado, ficcionalizado e utilizado como meio de ação e de imaginação. Sobre sua postura como escritor e a importância disso em razão da conjuntura política e social de seu país, Alcalá escreveu, na década de 1980, o ensaio *La poesía y la novela en el Paraguay en los últimos años* (1960-1980), com o intuito de refletir acerca da literatura produzida em seu país a partir de 1950. No texto, cita diversos autores e autoras que escreveram poemas, contos, peças teatrais e romances nesse período. Segundo o escritor, o número de publicações não era irrisório; todavia o “sistema político obscurantista”<sup>24</sup>, definido por Stroessner, não permitiu que o Paraguai mantivesse ou desenvolvesse um sólido movimento literário ou, ao menos, uma ideia referente a isso. O estudioso salienta que, nas décadas anteriores à de 1980, além do número de publicações aumentar, a presença de mulheres no espaço editorial foi expressiva<sup>25</sup>, o que entendo como mudanças nas relações de gênero no campo da intelectualidade e que podem ser sintomáticas no cotidiano paraguaio desse contexto.

Além disso, ao escrever tal ensaio, Alcalá afirma que houve resistências de escritores paraguaios quanto à situação vivida, a partir do momento em que tomaram os espaços da narrativa para escreverem sobre o que ocorria no país. Tal afirmação é possível ser compreendida na citação a seguir: “[...] depois de um agravamento da situação política paraguaia durante a década de 1970, que teve como consequência uma diáspora cultural, vemos aparecer ao fim da mesma um grupo de poeta de vinte anos... [tradução minha]”<sup>26</sup>. Embora tenham ocorridos exílios e repressões quanto à livre expressão durante a década de 1970, no fim desse período, Alcalá ressalta que discussões literárias aconteciam, nas

---

<sup>24</sup> ALCALÁ, Guido R. *La poesía y la novela en el Paraguay en los últimos años* (1960-1980). Assunção: R. P. Ediciones, 1981, p. 167.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> No original: “Luego de un empeoramiento de la situación política paraguaya durante la década del setenta, que tuvo como consecuencia una diáspora cultural, vemos aparecer a fines de la misma un grupo de poetas de veinte años...” Ibidem, p. 179.

quais a produção literária paraguaia era atuante e debatida, mesmo com os limites impostos pelo governo ditatorial.

Não cabe a este trabalho discutir se as publicações desse grupo de jovens escritores diferem do que era produzido anteriormente, tampouco tratar sobre a estética/estilística de tais textos. Esta tese se interessa pelas afirmações e direções que Guido Alcalá faz sobre as resistências enunciadas/anunciadas nas literaturas desse momento, no que diz respeito aos processos ditatoriais do Cone Sul. Dessa forma, posso considerar que o escritor dedicou-se a registrar as reações contra a ditadura por meio da escrita. Sendo assim, aponto que a narrativa é constituída no encontro de duas forças<sup>27</sup>, a da mudança, em que os acontecimentos se constituem e se dão no decorrer da vida de todos, e, a segunda, que é a ordem buscada dentro da contingência em que ocorrem os acontecimentos, estabelecendo relações com o passado/futuro, de maneira a dar sentidos àquilo que ocorre. Entre um e outro, a narrativa forma-se e constitui-se. Nesse contexto, os contos e ensaios de Guido Alcalá são espaços de denúncias e de testemunhos, incluindo certamente parte da memória e da história, sua, do Paraguai e de outros. Considerando os temas que estão presentes nos contos como censura, resistência, perseguições etc., cabe a ideia de Tzvetan Todorov, para quem a repetição de acontecimentos do passado<sup>28</sup> tem também como objetivo a compreensão do presente e a expectativa de futuro.

Do mesmo modo, Todorov lembra-nos do caráter mais geral da literatura, em que esta é apontada como história e discurso<sup>29</sup>. História porque tem características comuns a algo ocorrido ou que se (con)funde com a realidade, seja pelos devaneios de qualquer conversa ‘de rua’, um filme, uma entrevista ou um momento vivido em uma festa ou prisão. Contudo, não deixa de ser discurso, já que o narrador organiza, manipula, relata, escolhe, descarta informações e, sendo assim, de acordo com Todorov, o que importa não é acontecimento ali posto, retratado, mas a forma e como o narrador gera tensões e conflitos.

Nesse sentido, trago os conceitos de Antoine Compagnon e de Ana Cristina Cesar para pensar a relação da literatura com a história e a dimensão desta relativamente à primeira. No enalço de Roland Barthes, busco compreender o modo como o escritor/narrador deve ser considerado. Esse é o ponto que me permite elaborar uma questão relativa aos contos no terceiro e no quarto capítulo, isto é, de que

<sup>27</sup> TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 21.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>29</sup> TODOROV, Tzvetan. *As Categorias da Narrativa Literária*. In: *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973, p. 211.



maneira a história me permite pensar o modo como o cotidiano paraguaio de 1970 incentivava a escrita de uma literatura de resistência? Uma questão que vai muito além de uma perspectiva sobre gênero literário, pois se depara com a denúncia, com a decepção ou a tristeza. Os contos trazem o contingente, um conjunto de acontecimentos que dizem respeito à pluralidade de pessoas, de sentidos e de sentimentos. Um caminho que não tem uma origem, um ponto inicial ou final, mas, que sugere debates sobre os tempos ditatoriais.

Para tanto, no primeiro capítulo, o objetivo é perceber como a produção literária de Guido Alcalá é um acontecimento e está relacionada com a sua trajetória. Nessa linha de pensamento, analiso a relação das pesquisas do LEGH em conjunto aos princípios da História Oral, da Memória, tomando por base a ideia de “acontecimento”. Em seguida, a preocupação é a trajetória de Guido Alcalá como estudante e jornalista. Esse caminho é marcado pela sua participação em uma manifestação entre os anos de 1960-1970, assim como pelo envolvimento de seu nome em um processo judicial iniciado logo após a sua prisão, demonstrando algumas das possíveis motivações que o levaram a procurar outros países e, ainda, a escrever sobre a ditadura militar de Stroessner. Ressalto que não somente Guido Alcalá estava envolvido, mas diversos estudantes da Universidad de Asunción e intelectuais. Acontecimentos que colaboraram para que nas décadas seguintes Alcalá – e outros escritores – se esforçasse para reunir, organizar e escrever diversas obras *de histórias antes obliteradas*, a fim de compreender o porquê da ditadura de Stroessner e, como isso, relacionava-se com a história própria de seu país. Uma leitura não canônica que insurge em um período ditatorial de vários cantos muitas vezes marginalizados da América Latina. Reconhecer o conjunto de boa parte de sua obra, exercício desse capítulo, está estritamente relacionado com questões políticas do Cone Sul, que têm motivado diversas pesquisas sobre ditaduras militares e seus temas tangentes, como militância, movimentos de esquerda, clandestinidade, exílio, relações de gênero, sociais e culturais.

No segundo capítulo, desenvolvo parte da problemática em que Guido Alcalá faz relações de seu “presente” ditatorial com o período da segunda metade do século XIX. Estabeleço algumas contextualizações, como o período pós-guerra da Tríplice Aliança e o início do século XX, os quais me permitem analisar a própria relação que Guido Alcalá faz entre os séculos XIX e XX. Em seguida, debato princípios da Memória, da narrativa histórica, a ideia de “dever da Memória” em associação a História, tendo a literatura como fonte.

O terceiro capítulo é dedicado ao debate da literatura de Guido Alcalá vista como testemunhal, aproximações que são feitas fundamentadas em teóricos da Literatura e da História. Em um desdobramento, os contos passam a ser analisados, correspondendo a algumas questões do segundo capítulo, como a relação do período de Solano López – presidente da época da Guerra da Tríplice Aliança – com a ditadura de Stroessner. Além disso, no que diz respeito à literatura como fonte e como algo “motivado” pelo episódio, pode ser vista como um mote, uma “transcrição”.

O objetivo do quarto capítulo é debater os lugares ocupados por mulheres nas narrativas dos seguintes contos de Alcalá: “Hacerse hombre”; “Investigación”; “Buenos Aires”; “Gloria” e do livro *Narciso*. Como mencionado, *Narciso* é de um dos últimos lançamentos de Alcalá, no ano de 2016, cujo objetivo é narrar a história de Bernardo Aranda, radialista popular e homossexual, queimado em 1959. Sua morte simbolizou o início de uma perseguição da polícia stronista a homossexuais, prendendo 108 pessoas e tornando o número 108 um sinônimo de homobssexualidade no país. Casos reais ou não fazem parte da representação do cotidiano paraguaio no período da ditadura de Stroessner. Já os apontamentos feitos no que diz respeito às mulheres objetivam colaborar com a História das Mulheres, em uma perspectiva de Gênero.

A literatura escrita em situações-limite, como são os tempos ditatoriais, tem o seu valor potencializado no que se refere à política e à historiografia. O mundo social/político/cultural de Guido Alcalá direcionou parte do que ele se tornou e do que escreveu. A análise de suas publicações como literatura de testemunho permite que questões sejam levantadas acerca da história paraguaia, em especial sobre a ditadura militar de Alfredo Stroessner. Neste caso, a Memória e a História cruzam-se em busca dos sujeitos, dos silêncios e de possibilidades de narrativa.

## 1 MEMÓRIAS E (RE)ESCRITA DE HISTÓRIAS RECENTES: O ENCONTRO ENTRE UMA DITADURA MILITAR E UM ESCRITOR NO CONE SUL

Quando digo corrigir, corrigir a História, não é no sentido de corrigir os fatos da História, pois essa nunca poderia ser tarefa de romancista, mas sim de introduzir nela pequenos cartuchos que façam explodir o que até então parecia indiscutível: por outras palavras, substituir o que foi pelo que poderia ter sido<sup>30</sup>.

José Saramago discorre nessa frase sobre a relação da história com a literatura e de como esta pode interferir na escrita da primeira, sem ocupar o seu lugar. Nesse caso, friso a importância da literatura para compreender um acontecimento, este sempre repleto de versões e jamais totalmente compreendido pela história. Esta tese se inicia com a ideia de que dos acontecimentos temos apenas versões e possibilidades e, neste sentido, insiro a literatura testemunhal de Alcalá, cuja base é ‘a vontade da mudança, da compreensão’. Esta é decorrente de um encontro entre a ditadura militar de Stroessner e o escritor, o qual passou a escrever sobre tal acontecimento o considerando como motivador e elemento essencial de suas publicações.

Ainda, nesse sentido, o que representaria a palavra senão o seu acontecimento? Deslindar a palavra, em suas várias formas de manifestação, é buscar sentidos e vivacidades para as trajetórias e as narrativas com o propósito de questionar as histórias em construção nas últimas décadas. Jacques Rancière afirma que o acontecimento simboliza um conjunto de interpretações sobre fatos, transformando-os em acontecimentos singulares sob o efeito da subjetividade de quem o “narra, determina, afirma” enquanto tal<sup>31</sup>. Em outras palavras, não há escrita sobre o acontecimento sem interesse de quem o escreve – reflexão que alimenta este capítulo. Com efeito, um dos debates nos grupos de pesquisa do Cone Sul é sobre o lugar que tem sido dado aos mais variados sujeitos históricos, em especial, os sobreviventes das ditaduras desses países, discutindo-se ainda como suas experiências podem ser pensadas no âmbito da historiografia. Guido Alcalá teve seu percurso marcado pelo que viveu e sentiu durante a ditadura militar paraguaia, bem como a forma com a qual passou a escrever com mais veemência nesse contexto. Relacionar essas circunstâncias à sua literatura testemunhal, à trajetória do país e à do escritor é objetivo deste capítulo. Em um primeiro momento, debato a importância das pesquisas

<sup>30</sup> SARAMAGO, José. História e ficção. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 400, 6 mar. 1990, p. 19.

<sup>31</sup> RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 239.

do Cone Sul as relacionando à escrita de Alcalá. Posteriormente, trago alguns passos de Guido Alcalá como estudante, viajante e, em seguida, analiso suas publicações levando em conta a perspectiva de estudo da literatura na América Latina naquele contexto, da memória e da história, aspecto este que se desdobra no segundo capítulo.

Proponho aqui uma história revisitada e ocupada pelos vários olhares apresentadas pela memória, como fonte, para a historiografia. O acontecimento, a narrativa e a escrita estão intrinsecamente relacionados nesta análise sobre o processo ditatorial paraguaio; a escrita do jornalista paraguaio Guido Alcalá é tomada como um meio paracompreender aspectos da ditadura militar paraguaia e sua memória, relacionando ainda a historiografia do país e os olhares de tantos que a sentiram e vivenciaram. No entanto, na ausência de relatos de muitos dos acontecimentos dos anos ditatoriais – porque o passado só existe na memória – as palavras utilizadas para rememorar e trazer à tona as memórias sobre os processos históricos acabam por gerar outro acontecimento, pois são social e historicamente situadas, marcadas pelos interesses de quem as enuncia. Portanto, tratar das ditaduras militares no Cone Sul significa escrever versões sobre esses acontecimentos com base nos interesses de hoje. Há um significativo intervalo em relação a esses dois tempos. Guido Alcalá bem como as fontes deste capítulo (e dos demais) devem ser analisados dessa forma. Na citação seguinte, Flávio Tavares, jornalista exilado no México pela ditadura militar brasileira, menciona essa distância temporal:

É impossível, ou pelo menos enganoso, tentar explicar com os olhos e a realidade de hoje o que víamos de ontem. Tudo o que houve é ainda recente – a nossa entrega e despojo pessoal, os erros, os pequenos êxitos, os grandes fracassos, a aventura em si. Centenas, como eu, estão vivos e lúcidos para sentir tudo como se entre o passado e o presente hajam passado apenas algumas horas nestes trinta e tantos anos que nos separam daquele 1965 em que éramos jovens, românticos e puros. Incontaminadamente puros. No entanto, entre os dias de ontem e os de hoje, há uma distância de séculos<sup>32</sup>.

Flávio Tavares demonstra em sua reflexão a vivacidade de suas memórias, mesmo decorridos tantos anos após o fim da ditadura civil militar brasileira. Por outro lado, sugere o quanto se viveu após o fim desse processo e como esse tempo agiu profundamente sobre as percepções que cada um teve de suas experiências pessoais – “há uma

---

<sup>32</sup> TAVARES, Flávio. *Memórias do esquecimento*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 211-212.

distância de séculos”. Ao longo dos últimos anos, diversos grupos têm trazido os seus temas e as suas hipóteses envolvendo a narrativa da história, o tempo e os acontecimentos, muitos dos quais estreitamente ligados ao contexto ditatorial no Cone Sul. Sendo assim, no próximo tópico, reflito sobre algumas dessas incursões, relacionadas em especial ao Paraguai.

### 1.1 O LEGH e as publicações de Guido Alcalá: entre histórias e memórias

O intuito de compreender a ditadura militar paraguaia, assim com o demais ocorridos no Cone Sul e temas permeados por esses processos históricos, têm motivado muitas pesquisas ao longo dos últimos anos, com destaque aos projetos iniciados pelo Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) da UFSC, sob a coordenação das professoras e historiadoras Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff, no ano de 2006. Nessas, as investigações do LEGH se organizaram em torno de duas temáticas: *Revoluções do Gênero: apropriações e identificações com o feminismo (1964-1985)*, seguido de *Os feminismos e os movimentos sociais de resistência às ditaduras no Cone Sul: uma história comparativa (1960-1980)*. O grupo de pesquisadoras, liderado pelas historiadoras citadas, possibilitou expressivos contatos com outros grupos de pesquisa, favorecendo diálogos mais complexos, o aprofundamento das investigações e múltiplas trocas de conhecimentos.

As reflexões de diversos temas, tais como gênero, feminismos, resistências e a literatura como fonte, incentivaram meus interesses, juntamente às leituras e conversas realizadas no LEGH, as quais me fariam encontrar o Paraguai e, em especial, a escrita de Guido Alcalá, como objeto de pesquisa. Foi justamente nesse contexto de estudos sobre o Cone Sul propiciados pelas reuniões e pesquisas do LEGH, que algumas lacunas na escrita da história sobre a ditadura paraguaia, em particular, ficaram evidentes<sup>33</sup>. A história do Paraguai em geral é amplamente debatida nos meios acadêmicos, especialmente no que se refere à Guerra da Tríplice Aliança<sup>34</sup>. Porém, no que diz respeito ao

---

<sup>33</sup> O LEGH tem reunido pesquisadores que se dedicam a essas questões, no âmbito do mestrado e do doutorado, como também existem outros pesquisadores no Brasil, como Ceres Moraes, também preocupados com a conjuntura paraguaia. Ver: MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner, 1954-1963*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

<sup>34</sup> Guerra travada contra o Paraguai pelos chamados países da Tríplice Aliança (Uruguai, Argentina e Brasil), sob os interesses da Inglaterra. Ao fim deste conflito, o Paraguai perdeu parte de seu território, suas riquezas e muitos de seus homens; por mais de uma década foi governado por representantes dos países opositores, perdendo também a sua autonomia

século XX, está em processo de elaboração e em vários aspectos sendo debatida pela primeira vez. Nesse contexto, com o propósito de compreender a ditadura militar de Alfredo Stroessner em conjunto aos interesses de suas pesquisas, no ano de 2010, as historiadoras Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro viajaram para o Paraguai em busca de mais fontes que pudessem direcionar as pesquisas do LEGH e contribuir para a compreensão sobre acontecimentos tão traumáticos, colaborando com o debate historiográfico.

A partir da coleção de obras trazida pelas professoras, escolhi alguns livros Guido Alcalá – *Cuentos Decentes* (1987), *Narrativa Paraguaya*(1992) e *Narradoras Paraguayas*(1999). Além desses, encontrei vários outros trazidos anteriormente, como o *Curuzu Cadete: Cuentos de Ayer y de Hoy* (1993), livro de contos que estabelece relações entre a Guerra da Tríplice Aliança e a ditadura militar de Alfredo Stroessner. Foi a partir da leitura e análise desses materiais que considerei relevante problematizar a relação entre a escrita de Guido Alcalá – a qual não se restringe à literatura – e a historiografia sobre a ditadura militar paraguaia, cuja construção caminha a passos gradativos no Paraguai, sobretudo no que se refere às reflexões sobre a ditadura de Stroessner, temporalmente a mais recente. O fato é que mesmo antes da referida viagem, Cristina Scheibe Wolff já havia tomado conhecimento sobre a obra de Guido Alcalá, tendo o encontrado em novembro de 2005, em Paris, durante a realização de um colóquio – *Le Paraguay à l'ombre de ses guerres*.

A viagem para o Paraguai não foi a única empreendida durante a realização da pesquisa de ambas as pesquisadoras. Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro, acompanhadas de discentes de graduação, de mestrado, de doutorado e de pós-doutorado, percorreram diversos países na última década, procurando conhecer e conversar com muitas mulheres e homens que, de algum modo, foram afligidos pelas ditaduras civis militares no Cone Sul. A cada viagem, depoimentos foram sendo somados a outros a partir de indicações muitas vezes das redes de contatos dos próprios entrevistados, como afirma Joana Maria Pedro sobre uma viagem em 2008, da qual trouxeram inúmeros documentos, revistas, livros, fotocópias, não sem desconfiar das pessoas

---

política. “Guerra do Paraguai”, “Guerra da Tríplice Aliança” e “Grande Guerra” são sinônimos de um mesmo acontecimento, utilizados na escrita desta tese de maneira equivalente. Pode perceber ao longo da pesquisa a farta documentação existente e produção histórica correspondente sobre o conflito em questão, bastante diferente da escassa e incipiente produção sobre a ditadura de Alfredo Stroessner, em particular. Ver: DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

entrevistadas, visto que são de uma área (História) diversas dessas. Além disso, essas redes faziam suas indicações, as quais deviam ser cuidadosamente analisadas, considerando que a recusa de uma ou outra entrevista poderia fazer com que as pesquisadoras não fossem mais recebidas<sup>35</sup>.

Essas redes, das quais a pesquisadora Joana Maria Pedro trata, foram paulatinamente sendo formadas pelas pessoas que compartilharam suas memórias e opiniões, desempenhando um papel fundamental na forma como os acontecimentos foram apropriados e narrados. A percepção desses elos é crucial quando se trata dos caminhos da memória, de uma história nacional ou mesmo do ato de narrar em si mesmo; contar algo implica se expor, contrapor versões e se posicionar, trata-se de interpretar os acontecimentos conforme uma agenda própria, nem sempre de forma intencional. Diante disso, a escrita da história suscita muitas vozes e, ao mesmo tempo, demanda um processo de seleção por parte do historiador, considerando os trilhos que cada pesquisa explora. Com frequência, as múltiplas vozes interferem na direção do olhar e na formulação dos problemas; mas, por vezes, é preciso manter o foco e retomar as motivações iniciais.

Nessas incursões, portanto, o nome de Guido Alcalá passou a ser conhecido. É importante observar que as publicações de Guido Alcalá têm destaque não apenas no Paraguai. Além de uma tese já escrita com base em sua obra – *Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya*<sup>36</sup>; seus livros, em geral, organizados a partir de diversas fontes, em especial sobre a Guerra da Tríplice Aliança, são objeto de estudos de pesquisadores da Espanha, do Uruguai, da Argentina e dos Estados Unidos<sup>37</sup>. No Paraguai, além de ser uma referência no que diz respeito à independência do país, formação política e a ditadura militar de Stroessner, o escritor é respeitado também em relação à história geral paraguaia, sobre a qual escreveu e publicou diversos ensaios e compilações. Desse modo, esses livros de Alcalá, acompanhados por um variado conjunto de entrevistas,

---

<sup>35</sup> PEDRO, Joana Maria; VEIGA, Ana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011, p. 28.

<sup>36</sup> PIZARRO, M. Mar Langa. *Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya*. 445 f. Tese (Tese em História). Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Alicante, 2001.

<sup>37</sup> O evento Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay é realizado com periodicidade bienal, reunindo pesquisadores e pesquisadoras da América e da Europa, cujos temas estão estritamente relacionados à história paraguaia e muitas vezes se utilizam das fontes reunidas por Guido Alcalá. Trata-se de um congresso importante, aonde temas e resultados são aprofundados e difundidos.

panfletos, processos e jornais encontrados ao longo desta pesquisa, oferecem um leque de oportunidades às investigações sobre o país: em tempos de escrita da história, em que a memória é a fonte e o objeto de disputa entre grupos políticos e/ou entre vítimas e opressores, tal coleção ganha relevância ao possibilitar o estudo dos acontecimentos e de suas versões.

O fato é que aquele que narra e/ou escreve sempre traz consigo o contingente de sua época; cada voz é marcada por seu tempo e seu espaço. No colóquio de 2005, mencionado acima, *Le Paraguay à l'ombre de ses guerres*, Guido Alcalá proferiu uma palestra intitulada *Imágenes de la Guerra y del Sistema*<sup>38</sup>, na qual explorou a imagem de Francisco Solano López, presidente do Paraguai, ao tempo da Guerra da Tríplice Aliança<sup>39</sup>. Para Alcalá, essa imagem foi concebida por Bernardino Caballero e outros generais sobreviventes à guerra e que, mesmo pertencendo ao lado que havia perdido, conseguiram altos cargos no governo constitucional seguido ao ano de 1870 e foram os responsáveis pela fundação do Partido Colorado<sup>40</sup>, entre os anos de 1882-1886 (do qual Stroessner viria a fazer parte, anos mais tarde). Considerando o largo período separando López (1862-1870) de Stroessner (1954-1989), em que medida essas reflexões de Guido Alcalá se relacionariam à ditadura militar? De que forma a fala de 2005 revelaria aspectos de López, de Stroessner ou do próprio Alcalá?

Considero importante, apenas em um primeiro momento, trazer aspectos do debate sobre o período do século XIX<sup>41</sup>, visto que o tema é um dos cerne de Guido Alcalá, assim como relaciona-se com a história política paraguaia, a qual culmina com a ditadura de Stroessner, tema foco de discussão do LEGH. Para o escritor, muito além de Stroessner ser do Partido Colorado (ainda que com uma distância temporal de mais de cem anos), o que permite uma aproximação é o fato deste, muitas vezes, se “autoproclamar” representante dos López no século XX,

<sup>38</sup>ALCALÁ, Guido R. *Imágenes de la Guerra y del Sistema*. In: RICHARD, Nicolas; CAPDEVILA, Luc; BOIDIN, Capucine (Orgs.). *Les guerres du Paraguay aux XIX et XX siècles*. Paris: CoLibris, 2007, p. 200.

<sup>39</sup> Carlos Antônio López foi o primeiro presidente do Paraguai, entre os anos de 1844-1862. Ficou conhecido pela abertura do país ao mercado internacional, construção de ferrovias, criação de bibliotecas e, ainda, por ter dado aos “índios” a condição de cidadãos após o fim das Missões. Seu filho, Francisco Solano López, considerado um ditador por muitos, foi eleito após a morte do pai. Conhecido como *El Supremo*, governou no período de 1862 até 1870, quando morreu em razão da Guerra da Tríplice Aliança. Ver: DORATIOTO, op. cit.

<sup>40</sup>Partido fundado por Bernardino Caballero em 1887 sendo o que mais permaneceu no executivo no século XX.

<sup>41</sup> Tema mais discutido no segundo capítulo.



tomando para si uma imagem construída para simbolizar o progresso e o futuro da nação paraguaia. No que diz respeito ao período de 1870, observo que tanto Bernardino Caballero quanto outros que participaram da formação do Partido Colorado fizeram uso político da imagem dos López, ainda que o criticando em outras vezes, como também fez Stroessner. Este oportunismo não se deu sem motivo, de acordo com Guido Alcalá:

A quem beneficiava aquela exaltação do passado militar? Aos generais Bernardino Caballero, Patricio Escobar, Pedro Duarte e outros grandes donos de terras que pertenceram aos círculos do poder antes e depois da guerra. Eles foram responsáveis pelas leis de venda das terras públicas de 1883 e 1885 que empobreceram o camponês e defraudaram o Fisco. Para eles, era preferível que as críticas recaíssem sobre o passado, sobre o Imperador do Brasil e Bartolomé Mitre. [...] O revisionismo paraguaio nasceu como uma ideologia acobertadora, ainda que seus promotores se jactassem de haver elevado a moral de um povo deprimido pela derrota de 1870: “quis ser o animador, o unificador e o dignificador do espírito nacional”, disse O’Leary[tradução minha]<sup>42</sup>.

Para o escritor, permitir que a memória dos López fosse preservada como a de um herói, processo para o qual os chamados revisionistas (responsáveis pela história nacional) colaboraram, concedeu àqueles generais domínio político sobre as diretrizes do país nos governos seguintes. Com a persistência dos mesmos grupos privilegiados no poder, foram frustradas as possibilidades de mudanças políticas, as quais poderiam ter ocorrido naquela fase da república paraguaia. A situação social dos camponeses foi deteriorada, ainda que se investisse em um projeto de reconstrução do país, então representada nas figuras de Caballero e seu grupo e legitimada pela escrita dos revisionistas. Alcalá pontua que a elite manteve seus privilégios, ao mesmo tempo em que a desigualdade social apenas se alastrou, sob a

---

<sup>42</sup> No original: “¿A quién beneficiaba aquella exaltación del pasado militar? A los generales Bernardino Caballero, Patricio Escobar, Pedro Duarte y otros grandes terratenientes que pertenecieron a los círculos del poder antes y después de la guerra. Ellos fueron responsables de las leyes de venta de las tierras públicas de 1883 y 1885, que empobrecieron al campesino y defraudaron al Fisco. Para ellos resultaba preferible que las críticas recayeran sobre el pasado, sobre el Emperador del Brasil y Bartolomé Mitre. [...] El revisionismo paraguayonació como una ideología encubridora, aunque sus promotores se jactaran de haber remontado la moral de un pueblo deprimido por la derrota de 1870: “he querido ser el animador, el unificador y el dignificador del espíritu nacional”, dijo O’Leary.” ALCALÁ, Imágenes de la Guerra y del Sistema..., op. cit., p. 200.

égide da Guerra da Tríplice Aliança, na qual apenas os países vizinhos foram acusados como culpados. Naquela época, ainda de acordo com Alcalá, algumas condições sociais paraguaias favoreceram os interesses da classe política dominante, visto que mais de 85% da população falava apenas o guarani e era analfabeta<sup>43</sup>. Ademais, havia apenas um jornal no país, com abrangência limitada, não apenas pelo número reduzido de indivíduos alfabetizados, mas também pela falta de poder aquisitivo.

Apoiados pela Junta (Brasil, Uruguai e Argentina), os militares apenas se mantiveram no poder após a derrota de López porque o criticaram, conforme Alcalá demonstra ao apresentar uma fala de Bernardino Caballero, entre excertos de arquivos da época:

[...] o Paraguai, desde a aparição do seu primeiro tirano, José Gaspar de Francia, desapareceu do catálogo das demais nações, esquecido e perdido por muitos anos [...]. Posteriormente [...] o novo Nero americano [López] lhe arrancou sua existência, seu porvir inteiro, sacrificando a suas paixões brutais tantas vítimas ilustres [tradução minha]<sup>44</sup>.

Segundo Alcalá, primeiramente Caballero criticou Carlos López e Solano López para ganhar o respeito político da Junta e, depois, já conquistado o poder, passou a fomentar a imagem de Solano López como herói, a fim de obter a confiança e o apoio popular. O que se pode apreender dessas relações estabelecidas pelo escritor é a sua preocupação em debater o modo como a história paraguaia passou a ser registrada, de acordo com os objetivos de políticos como Caballero. De acordo com Alcalá, apoiado em estudos do historiador norte-americano Harris Warren, o grupo político de Caballero pagava<sup>45</sup> para que revisionistas escrevessem consoante aos seus interesses, incluindo idealização de López que teria se iniciado pelo “culto” aos heróis da Guerra do Paraguai. Uma escrita que teria suas consequências, afinal, se a palavra é um acontecimento, passa a ser vista como uma ‘verdade’ e define parte do destino de um país. Neste sentido, lembro que o que despertou a atenciosa historiadora Cristina Scheibe Wolff em relação ao ‘nome’ de Guido Alcalá, como uma referência de pesquisa paraguaia dentro das redes de informações, foi essa postura do escritor em relação

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> No original: “[...] elParaguay desde laaparición de su primer tirano, José Gaspar de Francia, desapareciódel catálogo de lasdemásnaciones, olvidado y perdido por muchos años [...]. Posteriormente [...] elnuevoNerón americano [López] learrancósuexistencia, suporvenirentero, sacrificando a sus pasionesbrutales tantas víctimas ilustres.” Ibidem, p. 193.

<sup>45</sup>Idem.

à importância da memória na história de um país, história esta que também marcaria a sua trajetória e que se trata de uma versão, de um acontecimento.

Muitas das fontes analisadas pelas pesquisadoras do LEGH fazem parte dos estudos sobre a memória e a história oral. Lembro que a historiografia, desde os anos de 1970, tem revisto suas ideias e conceitos. Segundo Arlette Farge, ao trabalhar com a história do tempo presente, somos confrontados com a fala das testemunhas; porém, não é possível ver na testemunha (e em suas lembranças) apenas ideias que não confrontem o nosso objetivo, causando ainda conflitos entre a memória e a história<sup>46</sup>. Dessa forma, testemunhos e lembranças de processos traumáticos motivaram as indagações que historiadores passaram a fazer a partir dos anos de 1970, preocupados com os acontecimentos dos últimos 50 anos. Historiadores têm buscado a construção de uma história mais crítica, contemplando tanto a memória quanto as reflexões epistemológicas, ao passo que consideram as diferentes possibilidades de se perceber um acontecimento, comumente repleto de questionamentos e de testemunhas. Disso resulta uma infinidade de possibilidades e de “coisas a se resolver” no contingente de emoções que é o tempo presente, um período em que tudo e todos desejam o imediatismo, o que parece muitas vezes estar na contramão do próprio processo de escrita da história.

Para François Hartog, essa conjuntura se deve ao modo como o século XX mudou a perspectiva que tínhamos de futuro<sup>47</sup>. Em um primeiro momento, o futuro era o horizonte orientador de todas as transformações, em vista das transformações e novidades que logo viriam – as guerras mundiais, novos países decorrentes das independências na África e Ásia, a corrida espacial e a Guerra Fria, o desenvolvimento da teoria da relatividade, o crescimento dos meios de comunicação, entre muitas outras. Porém, a partir das mudanças ocorridas nos anos de 1970, em boa parte intensificadas pela globalização, como o fim do Estado de Bem Estar Social, o aumento das taxas de desemprego e as manifestações por liberdade de expressão e de igualdade social e racial, por exemplo, os indivíduos passaram a ter menos perspectiva em relação ao futuro e o presente tornou-se o novo horizonte. No entender de François Hartog, Émile Benveniste simplifica

---

<sup>46</sup> FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 80.

<sup>47</sup> HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 150-155.

essa expectativa: “o presente é o iminente: o corpo do corredor inclinado para frente no momento de se lançar”<sup>48</sup>.

As circunstâncias que alteraram as perspectivas sobre o futuro também trouxeram novas preocupações, como a preservação de museus, patrimônios e acervos e a criação de espaços de memória, acompanhadas de milhares de publicações sobre o assunto. O presente foi envolto pela busca desenfreada por raízes, identidades, lembranças, genealogias. Nesse contexto, emergiram as ditaduras civis e/ou militares do Cone Sul que, por um tempo, tiveram suas memórias caladas em nome da escrita de “histórias oficiais”. Leis (como a da Anistia no Brasil) cujo objetivo fora que o esquecimento se tornasse pauta, em nome da paz e do perdão (ou da vergonha e do medo). É nessa conjuntura que se situam as memórias e os relatos que hoje se apresentam em entrevistas, em textos literários, em processos, pois:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa [...] uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor<sup>49</sup>.

Considerando as palavras de Pollak e ao refletir sobre as pessoas que não puderam falar em determinado momento da história e que estariam nessa *memória coletiva subterrânea*, os anos de 1990 e, em especial, os de 2000, proporcionaram àqueles que tinham vivido situações traumáticas ou difíceis oportunidades para contar o que lhes havia ocorrido. Importante lembrar que nem todos gostam de recordar ou de narrar a sua experiência, visto que cada pessoa tem seu modo de lidar com suas próprias memórias. Nesse período, início dos anos de 2000, o LEGH iniciou suas pesquisas. Ainda assim, trabalhar com essas narrativas foi desafiador: alguns entrevistados tinham certa desconfiança sobre “a real” intenção das pesquisas, do alcance das publicações acompanhadas receio de falar sobre a clandestinidade e a militância em tempos tão cruéis e nem tão distantes.

Nesse sentido, ainda em sintonia com Pollak, é preciso:

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias,

---

<sup>48</sup> Ibidem, p. 142.

<sup>49</sup> POLLAK, Michael. Memória, história, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 8.

ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto [...]”<sup>50</sup>.

Portanto, além de respeitar a vontade dos entrevistados ou as narrativas sobre o que lembrar ou frisar, faz-se necessário considerar que o presente é importante para determinar como o passado é lembrado, ou seja, interesses do presente, os traumas tratados ou não e as trajetórias vividas após o período ditatorial motivam o modo como cada recordação emerge. Cada um, portanto, lembra e (re)constrói a sua memória em conjunto aos que partilham de memórias semelhantes ou iguais, reforçando os laços afetivos e de pertencimento. Essas ações acabam por gerar uma memória social, disputada pelos vários grupos que passaram pelas ditaduras militares do Cone Sul. Grupos estes que estabelecem diferenças em relação às lembranças a partir de ideias culturais e posições políticas, atravessadas por questões de gênero, classe, raça, etnia, entre outros. Em uma entrevista, os caminhos são construídos de acordo com o contexto, das perguntas e da reação dos envolvidos, dos nomes e dos lugares apontados, o que pode alterar o percurso das pesquisas e, principalmente, acrescentar outras fontes<sup>51</sup>.

Ou seja, é possível relacionar o que é silenciado e o que é revelado nas entrevistas com o que é encontrado em outras fontes, como revistas, jornais, livros, processos, dentre outros, tendo sempre em vista a maneira como os acontecimentos são elaborados. Esses testemunhos são fontes que só conhecemos quando nos inserimos dentro dessas redes, organizadas juntamente em função dos seus temas – no caso, o enfrentamento das ditaduras no Cone Sul é o que motiva a criação desses elos e a partilha das lembranças nessas “redes de sociabilidade afetiva e/ou política”<sup>52</sup>. É diante dessas ideias que vejo as fontes de Guido Alcalá como uma possibilidade de registro de suas memórias e vivências, marcadas pelas suas experiências junto à ditadura paraguaia. Além disso, vale recuperar as palavras de Tzvetan Todorov: “[...] seria de ilimitada crueldade lembrar continuamente a alguém, os fatos mais dolorosos da sua vida; também existe o direito ao esquecimento [...]. Cada qual tem direito a decidir [...]”<sup>53</sup>. Se considero essa assertiva como premissa do respeito que devemos ter em relação às memórias de qualquer um, também percebo que as publicações de Alcalá podem transparecer os interesses particulares do escritor e os grupos que

---

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> PEDRO; VEIGA; WOLFF, op. cit., *passim*.

<sup>53</sup> TODOROV, Tzvetan. *Os abusos da memória*. Paris: Arléa, 1995, p. 25.

representa na (e sobre a) história paraguaia, interesses estes também articulados em torno dos seus esquecimentos. Ademais, em conformidade com o pensamento de François Dosse, é preciso considerar que tanto as narrativas historiográficas e as entrevistas quanto as literárias analisam e transformam o acontecimento muitas vezes em algo causal ou num fenômeno inesperado<sup>54</sup>. Contudo, tais acontecimentos podem ser resultantes do processo de organização da memória e da experiência a partir de interesses do presente.

A memória é uma relação do presente com o passado; em uma equação temporal, resulta de uma constante disputa entre lembranças e esquecimentos. O ato de lembrar está sempre relacionado com o tempo e o espaço, ou seja, mesmo que o sujeito acredite que uma lembrança diga respeito a uma vivência pessoal, de algum modo há outras pessoas, emoções e experiências envolvidas. Nesse sentido, a memória favorece a busca e a confirmação das identidades e das experiências históricas: se um grupo indica um nome ou se afirma que tal lembrança é a ‘mais verdadeira’ e aponta pessoas que confirmam a indicação dada, é porque espera que a nova informação reiterará os testemunhos desse grupo.

Ao escrever sobre a história do Paraguai, Guido Alcalá buscou analisar e compreender a ditadura militar vivida por ele, a partir do fim de 1950, pois, para o escritor, a política paraguaia seria notoriamente marcada por diversas ditaduras. Assim, considerei que mais que discutir as relações de gênero presentes nas personagens de suas narrativas, seriamente possível, a partir da escrita de Alcalá, levantar questionamentos sobre memória, história e literatura, observando para tanto o panorama social encontrado em suas publicações. Ainda, se pondero que os grupos em geral disputam para eleger a memória mais ‘verdadeira’, a literatura de Guido Alcalá também é “tendenciosa” no que se refere ao tipo de sociedade, de organização política e de formação cultural almejadas.

As fontes de Guido Alcalá, considerando a história recente do Paraguai, demonstram a maleabilidade da memória, de acordo com quem olha e quem lembra, seja nas entrevistas, seja nos escritos literários. Ao analisar os desdobramentos da memória nessas fontes, percebo a subjetividade que permeia sua produção, subjetividade esta que transpassa a produção do escritor e do historiador, o olhar do entrevistado e do entrevistador, o testemunho das vítimas das ditaduras e dos ditadores. Esse é um dos sentidos dos estudos do grupo do LEGH, que há cerca de 14 anos pesquisa sobre o Cone Sul, com destaque para

---

<sup>54</sup>DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento*: um desafio para o historiador. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 04.

os diversos temas que cercam as ditaduras militares, como os feminismos, as relações de gênero e as militâncias. O que se tem por objetivo maior, talvez de todas essas pesquisas, é perceber como essas ideias podem colaborar para a compreensão e a tessitura de histórias tão recentes, com memórias ainda tão vivas e constantemente rememoradas por vários grupos. Muitos desses temas ainda buscam seus lugares na história, conquistados à medida que os jogos de memória vão sendo desvelados.

Nos escritos de Guido Alcalá estão presentes diversas vozes e representações, além da sua própria memória – é intrínseca a relação entre as fontes literárias e documentais (das quais os textos de Alcalá fazem parte) e a memória da ditadura militar paraguaia, parte de um processo maior de elaboração de memórias coletivas e também de escrita historiográfica. Parte da memória da população sobre a ditadura militar paraguaia está inscrita também na literatura e nas entrevistas concedidas por Alcalá, indo além de suas lembranças mais particulares. Essas se tornam uma literatura testemunhal pelo conjunto reunido. Para perceber o modo como a memória coletiva se faz presente em sua escrita, faz-se necessário analisar parte da trajetória do escritor e as suas publicações, a fim de entender o seu espaço e tempo, suas circunstâncias e possíveis motivações.

## 1.2 O tempo, o acontecimento e os caminhos de Guido Alcalá

Paul Veyne afirma que um acontecimento gera diversas versões<sup>55</sup>, ou seja, é aquilo que os seus agentes de discurso querem que seja, ainda que nem sempre de forma intencional e deliberada. Guido Alcalá não era, por formação universitária, jornalista, entretanto, nas mais variadas viagens que fez no decorrer de sua vida, até os dias atuais, ele atuou como jornalista, professor e escritor. O cotidiano de um jornal ou de uma cidade é cercado de informações, de pautas para novas notícias, ceceado por interesses políticos, no intuito de direcionar ou de legitimar uma ou outra história. Dessa maneira, sustento que muito embora o trabalho de redação jornalística seja metodologicamente diferente do ofício da escrita da história, também é perpassado pela subjetividade, opta por uma versão ou outra, colabora com ações e interesses de grupos governamentais, empresariais etc. Portanto, um escritor sempre se vê diante da multiplicidade de perspectivas e das

---

<sup>55</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História*. Brasília: UnB, 1978, p. 25-27.

dificuldades em lidar com as várias fontes sobre um contexto ainda em processo de compreensão, neste caso, o paraguaio; a questão é perceber, segundo as ponderações de Michel de Certeau<sup>56</sup>, que a história pode ser analisada como um conjunto formado pelo local de discurso, pelos procedimentos de análise e pela construção de seus textos. Ou, ainda, nas palavras de Michel Foucault:

Obcecado[s] pela existência dos discursos, pelo fato de que as falas tiveram lugar; os acontecimentos funcionaram em relação a sua situação original, deixaram traços atrás deles, subsistem e exercem, nessa mesma subsistência no interior da história, certo número de funções manifestas ou secretas<sup>57</sup>.

A heterogeneidade decorrente das perspectivas analisadas de uma mesma fonte e das várias leituras que um mesmo acontecimento pode ter, em conformidade com o seu contexto e o tempo em que é lembrado, passou a ser considerada pela historiografia, deixando de lado o olhar mais unilateral que havia sido empregado por muitos estudiosos antes do século XX. Acatar essas ideias é essencial para empreender qualquer análise do momento vivido pelos países do Cone Sul, que desfrutam de uma concentração de memórias e de histórias, cuja variedade e quantidade de fontes muitas vezes podem dificultar o ofício do historiador. A historiografia, antes marcada por uma tendência de neutralização da “fala”, viu-se rodeada por subjetividades que ora reforçam as hipóteses investigadas, ora multiplicam as possibilidades e deixam questões em aberto – por exemplo, noções como a do tempo em relação à história e da relação desta com a memória se tornam mais complexas. Ao tomar a “fala” como um acontecimento, a história oral deu tempo e sentido a ela<sup>58</sup>. Nesse caso, a história oral questionou a ciência histórica, obrigando-lhe a “desterritorializar” as falas e os lugares para que não servissem apenas para ilustrar a história.

Na mesma direção, no que diz respeito ao trabalho da história em relação à história oral, imbricada na memória, as testemunhas podem manter suas versões, as quais são confrontadas com os interesses das pesquisas históricas e com o ordenamento que estas investigações pretendem construir<sup>59</sup>. Portanto, a testemunha tem a sua versão e quer

---

<sup>56</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 66.

<sup>57</sup> FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história do sistema de pensamento*. Coleção Ditos e Escritos, II. Rio de Janeiro: Forense, 2005, p. 72.

<sup>58</sup> FARGE, op. cit., p. 80.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 78.



que ela seja a oficial, ao passo que o historiador, por sua vez, analisa, pesa e também manipula o relato a fim de fornecer um fim dentro de um objetivo. Nessa perspectiva e considerando os propósitos desta pesquisa, a história oral possibilita o acesso a determinados prismas dos processos traumáticos do Cone Sul, como os detalhes, os sentimentos e as subjetividades “apenas guardadas” nas lembranças desses indivíduos, que não estariam acessíveis de outra forma. O fazer historiográfico também foi marcado pela emergência da oralidade enquanto fonte, pois, se a memória é uma efervescência de lembranças, a história também precisa “manipulá-la” a fim de ordenar sentidos, o que significa também interferir no modo como se observa, preserva ou relata determinado acontecimento.

Se Guido Alcalá escreveu em um contexto ditatorial ou logo após a ditadura, como debato a seguir, sua escrita pode ser vista como um espaço de denúncia. Entretanto, mais que isso, considero cada livro um projeto, um interesse certamente norteado de sentidos. A partir dessa ideia, e na mesma direção de Michel de Certeau<sup>60</sup>, afirmo que não é possível analisar um discurso sem cogitar a instituição que o organiza. Para tanto, entendo que é imprescindível narrar parte da trajetória do escritor paraguaio, a fim de compreender sua memória e o processo que o levou a escrever destacando traços da política e da resistência à ditadura em seu país, desde o contexto colonial.

Além disso, é importante investigar seus caminhos/atuação em fins da década de 1960 e durante a década seguinte para analisar não somente as possíveis motivações da sua escrita, mas aspectos de formação das suas escolhas literárias, visto que a partir de meados de 1970 sua escrita passou a representar e a questionar a ditadura militar paraguaia. Considero que a prisão de Guido Alcalá, ocorrida em 1969, tenha representado seu primeiro banimento, sendo provavelmente crucial para que ele redirecionasse seus caminhos literários e jornalísticos – até então sua escrita literária era notadamente em verso. Vivenciar o aprisionamento foi, possivelmente, fundamental para que Alcalá investisse em outros gêneros literários e contra a ditadura militar paraguaia. Ao discutir sobre a inserção desse escritor na construção da história e da memória recente do Paraguai, longe de enaltecer sua escrita, o que almejo é perceber como a memória produzida por Alcalá representa parte da história do Paraguai, com possíveis agenciamentos e esquecimentos, como qualquer testemunho.

---

<sup>60</sup>CERTEAU, op. cit., p. 67-70.

### 1.2.1 O fim dos anos 1960: de estudante a viajante

O jornalista nascido em Assunção, em 06 de outubro de 1946, chegou a ser preso por integrar o Centro de Estudantes da Universidade Católica de Assunção e por ter participado de uma manifestação contra Nelson Rockefeller no ano de 1969<sup>61</sup>. Guido Alcalá teve a sua casa revistada duas vezes pela polícia de Stroessner e foi chamado para “esclarecimentos” pela polícia algumas vezes. Guido Alcalá, ao ser questionado sobre a sua formação profissional no período ditatorial afirma que viajou diversas vezes para o exterior entre os anos de 1971 a 1982, com algumas passagens pelo Paraguai, França, Estados Unidos e Alemanha<sup>62</sup>. Tanto no tempo em que esteve fora do país quanto no período de “redemocratização”, escreveu diversos contos, poemas, romances e em colunas de jornais. Esses textos, em geral, têm como temática a história política do Paraguai, sobretudo acerca das perseguições sofridas por ele e pela população em geral durante a ditadura militar de Alfredo Stroessner. O que há sobre a ditadura militar na escrita de Guido Rodríguez Alcalá é também uma literatura que se contrapõe à história dos vencedores, visto que critica ações ditatoriais. Escrita ao final do período ditatorial, é uma voz que fora antes perseguida, proibida e afastada (por vontade própria ou por descontentamento com a situação política/social de seu país) por parte do governo stronista, tendo conquistado mais notoriedade nas décadas seguintes, haja vista o horror presenciado na história paraguaia.

O jornalista, formado em Direito pela Universidade Católica de Asunción em 1971, sem nunca ter exercido a profissão, nasceu em uma família com estreitos laços com a literatura – neto de José Rodríguez Alcalá e da escritora Teresa Lamas Carísimo, cujo livro principal, *Tradiciones de Hogar*, foi lançado no ano de 1921<sup>63</sup>. Desde meados da década de 1960, Guido Alcalá já publicava em periódicos e em revistas no Paraguai e, mais ao final de 1970, em outros países. De acordo com o questionamento sobre sua trajetória de estudos e viagens<sup>64</sup> entre os anos

---

<sup>61</sup> ALCALÁ, Guido R. *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff e a Joana Maria Pedro (digital)*. Assunção, Paraguai, 19/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Isabel Cristina Hentz e Priscila Carboneri de Sena e revisada por Lorena Zomer, 2008.

<sup>62</sup> PIZARRO, op. cit., p. 214-219.

<sup>63</sup> ALCALÁ, Teresa Llamas Carísimo Rodríguez. *Tradiciones de Hogar*. Assunção: Edição Digital Alicante, Biblioteca Virtual Cervantes, 2000.

<sup>64</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.; ALCALÁ, Guido R. *Entrevista concedida a Lorena Zomer e a Tamy Amorim (digital)*. Assunção, Paraguai, 14/05/2014. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita e revisada por Lorena Zomer, 2015.

de 1967 e 1973<sup>65</sup>, Alcalá respondeu que esteve algumas vezes na Argentina e no Brasil, no intuito de conhecer as ideias e as discussões correntes acerca da literatura, como também para ter acesso a livros recém-lançados, devido à perseguição e a censura direcionadas à cultura e à sociedade paraguaia naquele momento. Ainda que o Brasil também vivesse uma ditadura e o AI5<sup>66</sup> já tivesse sido instituído naquele momento, cidadãos oriundos de outros países não necessariamente sofriam perseguições diretas aqui. É importante pontuar que Alcalá não foi exilado, assim como não chegou a ser um político continuamente perseguido, o que permitia que circulasse livremente pelos três países naqueles anos.

Todavia, mesmo que não tenha sofrido exílio, entre sua prisão, as aproximações com grupos de contestação e as manifestações, Guido Alcalá, nos últimos anos da década de 1960, vivenciou momentos em que a sua liberdade de expressão foi solapada e presenciou pessoas serem perseguidas ou exiladas por haverem vivenciado as mesmas situações: episódios de tortura, ausência de liberdade e um crescente sentimento de perplexidade em relação à conjuntura paraguaia como um todo. Um dos fatos que me permite tomar a escrita de Guido Alcalá também como um suporte da memória da ditadura militar paraguaia é a prisão ocorrida em julho de 1969. O escritor foi preso juntamente com Juan Félix Bogado Gondra e Jorge Lara Castro, colegas do Centro de Estudantes da Universidad Católica de Asunción, tendo permanecido reclusos no Presídio Tucumbú<sup>67</sup>. Os caminhos que levaram Alcalá a ser preso remontam à sua relação com a Revista *Criterio*. Criado em 1966, esse periódico difundiu muitas das publicações do grupo de estudantes do qual Alcalá fazia parte. Segundo Juan Félix Gondra, a revista:

[...] se dedicou a promover debates e atividades culturais, enquanto estimulava outros que faziam teatro, música ou poesia. Entre os que compunham esse grupo havia estudiosos, surrealistas e até boêmios [...] nos distanciamos simultaneamente da

<sup>65</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.; ALCALÁ, Guido R. *Entrevista concedida a Lorena Zomer e a Tamy Amorim (digital)*. Assunção, Paraguai, 14/05/2014. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita e revisada por Lorena Zomer, 2015.

<sup>66</sup> Ato Institucional nº 5, outorgado no dia 13 de dezembro de 1968. Representa um dos maiores ícones da censura e da falta de liberdade de expressão do período ditatorial brasileiro, devido aos seus artigos. Mais informações em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em 24 fev 2017.

<sup>67</sup> Esse presídio foi também utilizado para o encarceramento dos prisioneiros da Guerra do Chaco. CASTRO, Jorge Lara. *Manifiesto a la opinión pública universitaria nacional e internacional*. Documento número 00148F 2207. Museu de la Justicia, 1969, p.18-19.

ditadura e dos partidos da oposição, os quais consideramos obsoletos[tradução minha]<sup>68</sup>.

É possível inferir que, em geral, acultura e a vida estudantil eram os temas predominantes. Entretanto, isso mudou em 1967, quando Alfredo Stroessner destituiu do governo o Ministro do Interior Edgar Ynsfrán, justamente por este se colocar como um candidato à eleição presidencial de 1968. Stroessner enfrentava muitas críticas por não responder ao governo brasileiro quando este ocupou a cidade de Salto de Guairá, na divisa entre os países, comprometendo o território paraguaio na ocasião. Nessa conjuntura, após uma convenção formada pelo presidente, um novo ministro foi indicado e Stroessner foi reeleito. Foi na edição próxima aos resultados da eleição que a revista *Criterio* (assinada por Juan Carlos Bogado, Carlos Saguier, Jorge Lara Castro, Guido Alcalá, dentre outros nomes) rechaçou as mudanças, alegando que atitudes intimatórias, de perseguição e de prisão foram utilizadas para que o governo de Stroessner se reelegesse. A partir de então, os estudantes, passaram a pedir por uma reforma política e também educacional.

Ainda sobre esse contexto, retomo uma citação de Jorge Lara Castro de abril de 1967, pouco antes da reeleição, quando Stroessner acusou a proposta da “Reforma de Córdoba”, de influência argentina, de ser subversiva aos interesses paraguaios. Tal proposta continha ideias para uma reforma do sistema educacional universitário paraguaio: “os documentos da Reforma de Córdoba nos proporcionaram um marco de referência para pensar na nossa universidade e definir objetivos[tradução minha]”<sup>69</sup>. Jorge Lara Castro não menciona quais são as mudanças, mas afirma, em seguida, que corroboravam as discussões que vinham sendo feitas pelo grupo da revista *Criterio*. Se o periódico tinha princípios e discussões que contestavam o governo de Stroessner, é possível afirmar que o tipo de reforma proposta também visava modificar o modo como a sociedade paraguaia se encontrava. Portanto, sobre a situação das universidades paraguaias nesse contexto, considero

---

<sup>68</sup> No original: “[...] se dedicó a promover debates y actividades culturales, al tiempo que a estimular a otros que hacían teatro, música o poesía. Entre los que componíamos ese grupo había estudiosos, surrealistas y hasta bohemios [...] nos distanciamos simultáneamente de la dictadura y de los partidos de la oposición, a los que consideramos obsoletos.” GONDRA, Juan Félix Bogado. Declaraciones en Debate: el 69 y sus utopías. *La Isla*. n.º 4, 1994, p. 21-22.

<sup>69</sup> No original: “los documentos de la Reforma de Córdoba nos proporcionaron un marco de referencia para pensar en nuestra universidad y definir objetivos.” CASTRO, Jorge Lara. *Manifiesto a la opinión pública universitaria nacional e internacional*. In: GONDRA, op. cit., p.18-19.

que havia uma preocupação, por parte desses intelectuais, em debater sobre as teorias, os conceitos e os ideais que estavam em circulação em terras paraguaias naquele momento, em especial nos cursos de Humanas e Aplicadas, pois esses debates eram demandas por parte dos estudantes e podem ter estimulado também as saídas de Alcalá do país.

Por fim, a citação permite-me refletir sobre a atuação de Alcalá no fim da década de 1960, que demonstra uma iniciativa de contestação à ditadura de Stroessner, ainda que branda. Na entrevista concedida em 2008, Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff questionam o porquê da saída de Alcalá do Paraguai naquele momento. Uma saída que se deu alguns anos após a sua prisão por participar de uma manifestação contra Nelson Rockefeller em 1969. Para Alcalá: “[...] O nível da universidade paraguaia era muito baixo. Eu queria estudar. Depois de retornar daquela época, nos anos 70, e os 60, período na França. Tampouco estava muito bem no Paraguai por problemas, não muito graves, mas problema político, dificuldades [...] [tradução minha]”<sup>70</sup>. Possivelmente, esse ‘problema político’ mencionado pelo escritor se refere à sua participação na manifestação estudantil supracitada, ou ao fechamento do jornal *Comunidad* (conforme observo adiante) ou da revista *Criterio*, assim como a menção aos episódios em que sua casa foi revistada, ou, ainda, sobre sua prisão<sup>71</sup>. A vivência de Guido Alcalá e o seu trânsito pelo Brasil e pela Argentina, antes de 1974<sup>72</sup>, demonstram uma inquietação em relação à situação paraguaia no que se refere à política e ao contexto sociocultural. Sobre as idas e as vindas pela Argentina, Line Bareiro aponta que foram cerca de 100 mil pessoas que fugiram ou decidiram morar no país vizinho, entre 1966 e 1969<sup>73</sup>, ou seja, supostamente Guido Alcalá não ia à Argentina apenas para ter acesso aos livros recém-lançados ou para respirar ares portenhos, mas para poder discutir livremente sobre o que estava ocorrendo em seu país e no Cone Sul. No que se refere à atuação de Guido Alcalá no movimento estudantil, de acordo com os documentos policiais de 1968, Mario Esteche, Padre Osnaghi e ele depuseram sobre o fechamento e a retirada de circulação do periódico *Comunidad*. O jornal, cuja redação ficava na Universidad Católica de Asunción – instituição pertencente à Igreja Católica – foi acusado de estar circulando sem o nome do responsável e de propagar ideais contra a política paraguaia e, em especial, contra o partido Colorado.

<sup>70</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>71</sup> GONDRA, op. cit., p. 21-22.

<sup>72</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Lorena Zomer...*, op. cit.

<sup>73</sup> BAREIRO, Line. Declaraciones en Debate: el 69 y sus utopías. *La Isla*, n° 4, 1994, p. 20.

Especificamente, quanto ao conteúdo da edição de julho de 1969, pelo qual Alcalá e seus colegas foram interpelados, os documentos não mencionam quais seriam as notícias veiculadas, mas Padre Osnaghi, um dos chefes de redação, afirmou que havia organizado o jornal criticando medidas do Ministro do Interior, Sabino Montanaro. De qualquer forma, o jornal não pôde voltar às bancas, decisão que demonstra como o governo paraguaio dificultava a veiculação de notícias que se opusessem a ele, apesar da alegação de ser um Estado democrático, preocupado com o bem-estar da maioria, cujo objetivo era de manter a paz e “afastar o comunismo”. A principal questão que emerge de todo esse processo é que, independentemente da obediência ou não às regras de publicação, o governo já havia decidido fechar jornais como o *Comunidad* devido à sua proposta de contestação a algumas atitudes do governo, por exemplo a própria censura direcionada a outros periódicos. Padre Osnaghi também afirma que entre os próprios estudantes, em especial do setor de Filosofia, estariam os chamados “traidores”, os quais, de acordo com Luis Andrada, integrante do corpo editorial, não apoiavam “a causa reformista e revolucionária”<sup>74</sup>, tanto da área política quanto do âmbito educacional. Nesse contexto, apesar das divergências ideológicas, Jorge Lara Castro afirma que:

Quando nos reuníamos na Faculdade de Direito da Católica, nossas conversas foram gravadas pelo Ministro do Interior, mas não importa, lutaremos pela mesma coisa. Vai chegar a hora em que os usurpadores do poder receberão o que merecem, chegará a hora em que os traidores, os prepotentes e os gravadores pagarão [...]. Não tenhamos medo. Peço, por isso, que esta magna assembleia declare como *persona non grata* a estudantada católica e ao Ministro do Interior e exija sua remoção do cargo [tradução minha]<sup>75</sup>.

A citação refere-se ao episódio em que discussões dos alunos dentro do Centro de Estudantes foram gravadas e posteriormente utilizadas de forma deturpada. Ao verem essas publicações, os alunos pediram a exoneração do novo Ministro do Interior, como também objetivavam que ele fosse declarado “*persona non grata*”. Ademais, o

---

<sup>74</sup>GONDRA, op. cit., p. 21-22.

<sup>75</sup> No original: “Cuando nos reuníamos en la Facultad de Derecho de la Católica, nuestras conversaciones fueron gravadas por el Ministro del Interior, pero no importa, lo mismo lucharemos. Va a llegar la hora en que los usurpadores del poder recibirán su merecido, llegará la hora en que pagarán los traidores, los prepotentes y los gravadores [...]. No tengamos miedo. Pido por eso que esta magna asamblea declare persona no grata al estudiantado católico, al Ministro del Interior y exija su remoción del cargo.” Idem.

trecho indica a existência de resistência direta ao governo, visto que além de já estarem sob vigilância (o que por si configura censura governamental), eles não se calavam diante de tal ato, demonstrando intenção da assembleia de expor a imagem do Ministro. Porém, nos meses posteriores, o jornal *Comunidad* seria fechado e muitos deles seriam presos. Retomar esse episódio possibilita compreender a trajetória de Alcalá no início de sua graduação e seu percurso como futuro escritor, entre meados dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, uma vez que a literatura desse período e o ensaio intitulado *Testimonio de la represión política en Paraguay 1975-1989*, da Série *Nunca Más*<sup>76</sup>, demonstram a importância do lugar ocupado pela ditadura de Stroessner em sua vida. Sendo assim, apesar de Alcalá não permanecer durante todo o tempo no Paraguai nem participar de grupos de militâncias, as suas publicações podem ser analisadas como um testemunho, viés este que retomarei no terceiro capítulo.

Nessa ótica, posso considerar a escrita de Alcalá como permeada de memórias, dele e de outros, das histórias narradas e/ou ficcionalizadas. Sobre a ideia de testemunho Giorgio Agamben pondera que:

Exatamente pelo fato de o testemunho ser a relação entre uma possibilidade de dizer o seu ter lugar, ele pode se dar apenas através da relação com uma impossibilidade de dizer – ou seja, apenas como contingência, como um poder não ser. [...] O testemunho é uma potência que se dá realidade através de uma impotência de dizer e uma impossibilidade que se dá existência através de uma impossibilidade de falar. Esses dois movimentos não podem nem se identificar num sujeito ou numa consciência, nem se apartar em duas substâncias incommunicáveis. Essa inseparável intimidade é o testemunho<sup>77</sup>.

A testemunha é o sujeito que traz o que não pode dizer; o que lhe impossibilitou de dizer é justamente o que lhe dá mais potência, porque junto à contingência, há uma explosão, na qual o que se fala não é de um, mas de muitos. Para o historiador Pierre Ansart, os tempos de democracia propiciam as condições necessárias e colaboram para

<sup>76</sup> ALCALÁ, Guido R. *Testimonio de la represión política en Paraguay 1975-1989. Serie Nunca Más*. Volume III. Asunción: Comité de Iglesias, 1990.

<sup>77</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998, p. 135-136.

superar o ódio<sup>78</sup>. No caso de Alcalá, os anos de 1960 não foram democráticos e se colocam em sentido oposto à ideia de Ansart. Do gênero mais comum, os poemas, o escritor migrou para os contos, logo após o ano de 1969.

Naquele contexto, depois da prisão, o Centro de Estudantes da Universidad Católica de Asunción defendeu os seus representantes, declarando a prisão arbitrária, uma vez que apenas estariam contestando a visita de Nelson Rockefeller. Este era vice-presidente dos Estados Unidos e sua imagem simbolizava a influência daquele país na política paraguaia. Segundo os dirigentes do Centro de Estudantes, os interesses do grupo eram pautados pelas seguintes intenções:

Que não deseje violência, que não é partidário do caos, mas que não seguirá suportando o açoitamento de companheiros indefesos e, em tal caso, as consequências que daí possam resultar são responsabilidade exclusiva do governo. Que rejeita categoricamente toda pretendida vinculação ou dependência do Movimento à organizadores políticos ou partidos alheios à Universidad[tradução minha]<sup>79</sup>.

O discurso do presidente do Centro de Estudantes, Jorge Lara Castro – filho de Carmen Lara Castro, defensora e fundadora da Organização de Direitos Humanos em Assunção na década de 1960<sup>80</sup> – representa o que Guido Alcalá considera em relação à sua participação política durante a ditadura militar paraguaia. Como o escritor viria a afirmar em entrevista concedida em 2008<sup>81</sup>, o interesse do Centro de Estudantes era debater a situação política paraguaia, mas sem o envolvimento de organizações partidárias.

Em relação aos três dias de estadia de Nelson Rockefeller, Jorge Lara Castro e Higinio Morínigo, em nome do Centro de Estudantes, afirmaram que o protesto era contra o imperialismo norte-

<sup>78</sup> ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCHIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001, p. 28.

<sup>79</sup> No original: “Que no desealavolencia, que no es partidariodel caos, pero que no seguirá soportandoelapaleamiento a compañeros indefensos, y en tal caso es de exclusiva responsabilidaddelgobiernolasconsecuencias que pudieransobreenir. Que rechazacategoricamente toda pretendida vinculación o dependenciadelMovimiento de organizadores políticos o partidos ajenos a laUniversidad.” CASTRO, *Manifiesto a laopinión pública...*, op. cit., p. 22.

<sup>80</sup> Para mais informações ver WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Tamy Amorim da. Movidas pelo afeto: três mulheres na resistência à ditadura no Brasil, Paraguai e Bolívia (1954-1989). *INTERthesis*. Florianópolis, v.10, n.1, p. 190-211, Jan./Jul. 2013.

<sup>81</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.



americano, representado na imagem de Rockefeller, devido ao fato da companhia petrolífera, pertencente à família deste e de representação norte-americana, terem provocado a Guerra do Chaco<sup>82</sup> (ao apoiarem a Bolívia) e, posteriormente, dominarem a extração dessa matéria-prima. A guerra causou a morte de 30 mil paraguaios que, transformados em heróis pela memória paraguaia, também foram lembrados pelos manifestantes durante a visita de Rockefeller<sup>83</sup>, já que para estes os Estados Unidos estavam novamente influenciando a política paraguaia e, dessa forma, diminuindo as chances de melhorias para o povo. Não cabe a esta pesquisa debater a ação dessas empresas, tampouco recuperar a memória da Guerra do Chaco, mas discutir os questionamentos elaborados a partir das relações diplomáticas entre o Paraguai e os Estados Unidos, que pareciam se estreitar novamente nesse contexto, sendo estes alvo de denúncia e da manifestação dos estudantes.

Nesse sentido, ao se manifestarem contra Rockefeller em 1969, os estudantes Jorge Lara Castro e Morínigo objetivavam:

Defender a soberania nacional e honrar aos que a guardaram com o custo de suas vidas ou sua invalidez. Ante esta atitude patriótica, o governo antinacionalista atacou bestialmente as manifestações pacíficas: feridos, machucados, presos e perseguidos por policiais e civis armados, assim como a destruição da propriedade pública e privada, são o saldo da violência policial[tradução minha]<sup>84</sup>.

No trecho há explícitas denúncias contra o autoritarismo da polícia oficial. Além disso, os estudantes contestavam o modo como o governo vinha se instituindo politicamente, suas relações diplomáticas, bem como questionavam a ação da polícia, no intuito de defender seus integrantes presos: “à violência física segue a violência moral; o Governo e, em particular, o Ministro Montanaro, que carece de toda autoridade moral, construiu uma campanha de infâmias e mentiras

---

<sup>82</sup> Guerra travada entre Paraguai e Bolívia em disputa pelo território do Chaco, entre 1932-1935, a partir do descobrimento de uma jazida de petróleo. Além de dizimar 30 mil paraguaios, sem contar os bolivianos, marcou profundamente a memória do país, devido às atrocidades, campos de trabalho forçado e a penúria sofrida por muitos. Ver: IBARRA, Gustavo D. *El infierno verde de la recta ingavi*. Asunción: Tenodontés, 2012.

<sup>83</sup> CASTRO, *Manifiesto a la opinión pública...*, op. cit., p. 25.

<sup>84</sup> No original: “Defender la soberanía nacional y honrar a quienes la guardaron al costo de su vida o su invalidez. Ante esta actitud patriótica, el gobierno antinacionalista asaltó bestialmente las manifestaciones pacíficas: heridos, contusos, presos y perseguidos por policías y civiles armados, así como la destrucción de la propiedad pública y privada son el saldo de violencia policial.” CASTRO, *Manifiesto a la opinión pública*, op. cit., p. 25.

acusando os líderes mais esclarecidos com o qualificativo absurdo de comunistas[tradução minha]”<sup>85</sup>. Em um contexto ditatorial, o termo comunista adquire o “perigoso” sentido de ameaça ou torna-se um sinônimo pejorativo em relação a um governo de extrema direita. Importante considerar também que esses estudantes eram de famílias de classe média/alta<sup>86</sup> – visto que frequentavam uma universidade particular – algo caro e restrito naquela época – e partidários do Partido Liberal<sup>87</sup>. Porém, independentemente de se mostrarem ou não próximos da perspectiva comunista ou de um governo mais de esquerda, isso não impedia que os alunos refutassem as diretrizes do governo Stroessner, até porque as diferenças entre os partidos Colorado e Liberal eram antigas.

Tal embate já era notório no início do século XX, período em que havia no Paraguai uma instabilidade política causada pelos partidos republicano (ou colorado) e democrático (ou liberal). Este segundo governou de 1904 – após a expulsão dos colorados – até a Guerra do Chaco, em 1936. Com isso, a família de Jorge Lara Castro, como de qualquer liberal, perdeu muito da influência política que possuía. Esta ideia é significativa ao considerar que Lara Castro defendeu Guido Alcalá quando este forapreso, visto que suas famílias naquele período se opunham ao governo de Stroessner e, provavelmente, o fato de pertencerem a esses grupos ligados ao Partido Liberal e de ambos atuarem no movimento estudantil culminou na prisão e perseguição desses jovens – Jorge Lara Castro foi preso diversas vezes<sup>88</sup>.

Diante dessas dificuldades, da prisão e dos problemas vivenciados pelo escritor, e considerando sua opinião sobre o baixo nível e alcance do sistema educacional paraguaio – o que não significa desprezo pelo seu país<sup>89</sup>, Alcalá passou a defender uma reforma educacional direcionada a construir uma cidadania mais consciente/menos desigual, permitindo o acesso à leitura, aos livros e movimentos literários, às expressões artísticas e manifestações culturais, fatores esses que também faziam parte de seu desejo pessoal, como escritor e jornalista. Em seu entender, esses aspectos poderiam reverter a realidade vivida por boa parte da população paraguaia, como os

---

<sup>85</sup> No original: “a laviolencia física continua laviolencia moral: elGobierno y en particular el Ministro Montanaro, quien carece de toda autoridad moral ha levantado una campaña de infamias y mentiras acusando a los más esclarecidos líderes conel absurdo calificativo de comunistas.” CASTRO, *Manifiesto a laopinión pública...*, op. cit., p. 27.

<sup>86</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>87</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>88</sup> CASTRO, *Manifiesto a laopinión pública...*, op. cit., p. 23.

<sup>89</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

campesinos e ele mesmo. Essa ideia é evidenciada quando analiso um texto de sua autoria publicado no periódico *Comunidad*, no ano de 1968:

Estamos defendendo os direitos humanos. Violou-se nossa Constituição Nacional pois, por meio dela, ainda com todos os moldes que tem, pode-se publicar qualquer órgão de imprensa, de qualquer índole. É certo que nós, que apenas começamos a estudar e somos jovens, não conhecemos perfeitamente o que diz a Constituição, mas o que surpreende, é que a mesma pessoa que a assinou não conhece o que ela diz. Indubitavelmente, isto é um atropelo do Ministro do Interior[tradução minha]<sup>90</sup>.

O excerto demonstra a posição do escritor em relação ao fechamento do jornal por parte do governo de Stroessner, representado na figura do Ministro do Interior, que utilizou argumentos frágeis e infundados para tal ação, fato que ratificava as ações arbitrárias cada vez mais recorrentes no fim da década de 1960. Os documentos policiais sobre esse caso também incluem o depoimento de Mario Esteche, para quem:

O problema não é só “Comunidade”, há muitos problemas graves, há os milhares de presos políticos, há os 350.000 camponeses sem pão e sem-terra, inclusive os próprios camponeses colorados pisoteados, encurralados e que vivem igualmente sem pão e sem-terra. Onde está a paz e a tranquilidade? Onde está a prosperidade que o Governo tanto alardeia? Acabamos de escutar que um companheiro de faculdade, partidário do governo, pede que se atue com moderação, com calma e com sensatez. Por que esse pedido? Acaso o Governo alguma vez atuou com moderação? Se o regime atua com violência, vamos responde-lo também com violência [tradução minha]<sup>91</sup>.

---

<sup>90</sup> No original: “Estamos defendiendolosderechos humanos. Se ha violado nuestraConstitución Nacional pues mediante ella, aúncon todas laspre-fabricaciones que tiene, se puede publicar cualquierórganoperiodístico, de cualquier índole. Está bien que nosotros que recién estamos estudiando y somos jóvenes no conocamosperfectamentelo que dicelaConstitución, pero lo que sorprende es que lamisma persona que la ha firmado no conocenlo que dice. Indudablemente ésto es un atropello del Ministro del Interior.” ALCALÁ,Guido R. In: CASTRO, Jorge Lara. *Manifiesto a laopinión...* op. cit., p. 25.

<sup>91</sup> No original: “No essolamente “Comunidad” el problema, haymuchos graves problemas, estánlos miliare de presos políticos, estánlos 350.000 campesinos sinpan y sintierra, incluso lospropios campesinos colorados pisoteados, arrinconados y que viven igualmente sinpan y sintierra. ¿Dónde está la paz y latranquilidad? ¿Dónde está laprosperidad de que tanto alardeaelGobierno? Acabamos de escuchar que uncompanero de facultad, esbirro delGobierno, pide que se actúeconsuavidad, con calma y con cordura. ¿Por quéese pedido? ¿Acaso elGobiernoalguna vez actuóconsuavidad? Si el régimen actúa con la violencia, también con la violencia vamos a contestarle.” ESTECHE, Mario. 1969. In: CASTRO, Jorge Lara. *Manifiesto a la opinión...* op. cit., p. 22.

Evidentes denúncias sociais podem ser aferidas a partir da fala de Mario Esteche, o qual demonstra que a questão política motivando a ação desses jovens também era baseada em questões sociais, vividas antes ou em seus contextos atuais quando do episódio em questão. Portanto, a conjuntura já negativa, somada às práticas repressoras de Stroessner, acabaram em conjunto justificando até mesmo o uso da violência pelos jovens em reação à repressão sofrida, embora não possa ser comparada em aparato, razão ou número em relação às ações policiais. Sobre esse tempo, recorro acerca da prisão de Guido Alcalá: ainda que o escritor não remeta ao período e/ou à experiência como algo extremamente cruel ou “o pior” momento de sua vida, percebo que o encarceramento e a perseguição o marcaram suficientemente para que passasse a escrever sobre a ditadura de Stroessner nas décadas seguintes. Talvez esse olhar se deva ao modo como o escritor vive com suas lembranças, mas Guido Alcalá não chega a admitir às entrevistadoras uma possível militância contra o governo de Alfredo Stroessner. Ao contrário, o que frisa é a não participação política, em decorrência à desilusão com a história e a situação política do país. O escritor, naquela época, era membro do Centro de Estudantes, do jornal *Comunidadeda* revista *Criterio* – espaços que compartilhavam a inquietação frente às ações e à política de Stroessner. Os jovens, utilizando esses espaços, buscavam denunciar a situação dos camponeses<sup>92</sup>, incluindo aqueles que eram colorados, que, embora colaborassem muitas vezes com o sistema stonista, tanto em números partidários quanto em delações, encontravam-se em situações precárias, igualmente sem direitos sociais ou civis garantidos. Além disso, a fala de Mário Esteche faz referência à truculência do estado ao apontar como prática comum a falta de “*suavidad*” em suas ações dirigidas ao povo, em todos os aspectos.

Nesse sentido, é possível afirmar que a revista *Criterio* e o grupo representado nela, inclusive Guido Alcalá, revelam uma preocupação social ao falar dos camponeses. O grupo, bastante amplo e com atuação política significativa na história paraguaia, muitas vezes é apontado como analfabeto e sem atuação social e política. Entretanto, o que se percebe é que ainda no ano de 1967, estudantes e intelectuais voltaram seus olhares a essa camada social. Sendo assim, o que afirmo é que o grupo não somente contestava Stroessner por suas ações políticas,

---

<sup>92</sup> Dentre os diversos trabalhos sobre o tema, destaco este que consta entre os publicados pelo grupo de LEGH. FREITAS, Larissa Viegas de Mello. Trajetórias de mulheres em movimentos sociais no campo: comparações entre Brasil e Paraguai (1960-1989). In: PEDRO, Joana Maria; VEIGA, Ana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras do Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

como também pela situação social das camadas mais simples, cuja precariedade foi agravada no período stronista. Sobre esse contexto, faz-se pertinente a seguinte afirmação de Jorge de Lara Castro, quando este se refere à Reforma de Córdoba e à situação dos estudantes:

A Faculdade de Direito da Universidade Católica se constituiu num dos espaços de luta entre o regime stronista e a oposição estudantil, e a universidade representava um espaço de liberdade no país e um centro de crítica e pensamento [...]. Os documentos da Reforma de Córdoba nos proporcionaram um marco de referência para pensar na nossa universidade e definir objetivos. [...] a universidade se converteu em um símbolo da resistência [...]. De fato, nós, a maioria dos dirigentes de 68-69, estivemos na prisão e passamos pela experiência dolorosa da tortura [tradução minha]<sup>93</sup>.

Portanto, é nesse período que esses estudantes passam a ser mais perseguidos por contestarem o regime de Stroessner. A própria Universidade Católica, em princípio lugar de “livre pensamento”, transforma-se em reduto de contestação, especialmente ao cobrar do governo uma posição sobre os estudantes que haviam sido presos no começo daquele ano, ao exercerem o direito de protestarem um espaço que já não era tão livre. Depois disso, segundo o estudante José Nicolás Morínigo, foi criada a “Lei de La Defensa de la Paz Pública”, a partir da qual o governo lançaria, na década seguinte, várias estratégias e ações para perseguir, prender e torturar aqueles que contestavam suas ações. Isso me permite compreender que a ação dos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Assunção teve uma participação importante e decisiva na luta contra a ditadura militar paraguaia bem como foi marcada por ela<sup>94</sup>.

No que tange à Igreja Católica e à própria universidade, observo que o Ministro do Interior, Sabino Montanaro, e o chefe de polícia, Francisco Brítez, responsável pelas prisões, foram excomungados da Igreja por ordens do arcebispo Mena Porta, justamente por suas ações

---

<sup>93</sup> No original: “La Facultad de Derecho de la Universidad Católica se constituyó en uno de los espacios de lucha entre el régimen stronista y la oposición estudiantil y la universidad representaba un espacio de libertad en el país y un centro de crítica y pensamiento [...]. Los documentos de la Reforma de Córdoba nos proporcionaron un marco de referencia para pensar en nuestra universidad y definir objetivos [...] la universidad se convirtió en un símbolo de la resistencia [...]. De hecho, la mayoría de los dirigentes del 68-69 estuvimos en prisión y pasamos por la experiencia dolorosa de la tortura.” CASTRO, *Manifiesto a la opinión pública...*, op. cit., p. 22.

<sup>94</sup> MORÍNIGO, José Nicolás. Tempo de utopias. *La Isla*. n.º 4, 1994, p. 15-17.

contra os estudantes e pelo fechamento do jornal *Comunidad*. Logo após, Sabino Montanaro e o chefe de polícia pediram perdão e foram “reconduzidos” ao corpo de membros da Igreja<sup>95</sup>. Entretanto, passadas algumas semanas, em uma marcha religiosa pacífica, ambos foram responsáveis por ordens que culminaram em violência física contra os presentes. Essa ação instigou o arcebispo a cancelar todas as missas e pedir exoneração do cargo, criando um impasse, já que Stroessner indicou um novo nome à função, mas o próprio Vaticano exigiu melhorias no tipo de política presidencial paraguaia, sugerindo, portanto, a existência de práticas repressoras. Ato contínuo, a Igreja Católica passou a exigir de Stroessner a revisão de suas decisões. Contudo, o governante não cedeu e, ainda, impediu que a Igreja Católica mantivesse seus trabalhos voluntários junto ao povo, que já vivia em situação precária. Na sequência desse episódio, as manifestações se acentuariam, incluindo a participação de Guido Alcalá.

Os estudantes defenderam o jornal *Comunidad* como um espaço de denúncias das práticas autoritárias do país, privilegiado para discutir as questões sociais relativas à desigualdade vivida no Paraguai, incluindo o problema da distribuição de terras, por exemplo, situação que divergia dos relatos oficiais. Nesse sentido, acredito que o período em que Guido Alcalá viveu como aluno na/da Universidad Católica de Asunción foi muito importante para sua trajetória no que se refere à sua percepção do que acontecia na política e sobre o escasso debate intelectual, além de evidenciar a luta por direitos sociais e políticos necessários no Paraguai. Para transformar esse quadro, a educação passa a ser vista pelos estudantes e, possivelmente, pelo próprio Alcalá, como sinônimo ou possibilidade de mudança política, social e cultural, pois se acreditava que uma melhor e mais crítica formação educacional permitiria que a história paraguaia fosse revisitada; por consequência, proporcionaria mais consciência histórica às pessoas. Além disso, essa mudança possibilitaria o combate àqueles problemas políticos, uma vez que se essa educação chegasse às camadas sociais mais simples poderia proporcionar condições sociais e políticas mais justas. Diante disso, sugiro que escrever essa história, analisando a conjuntura de opressão paraguaia, mesmo antes de Stroessner, de alguma forma, passa a fazer parte dos ensejos do escritor Guido Alcalá. Para tanto, este passa a buscar outros centros de estudos, assim como o convívio com escritores e intelectuais de diversos países, fazendo com que o olhar sobre a história paraguaia ganhasse novos/outros horizontes.

---

<sup>95</sup> BAREIRO, op. cit., p. 20.

Considerando a efemeridade da memória, sua maleabilidade em relação às interpretações que a cercam ao longo de sua própria história, quais pontos referenciais da memória paraguaia teriam sido fortalecidos ou fundamentados por Guido Alcalá? Acredito que a literatura produzida ou publicada por ele não se refere somente a si mesmo, mas à violência ditatorial e também à inconstância da história política de seu país, vivenciada mais diretamente por ele ainda no ano de 1969, quando de sua prisão. Embora Alcalá tenha afirmado em entrevista (2008) que seus problemas políticos (referindo-se ao cárcere) não foram tão graves – mesmo quando questionado, Alcalá não detalha o tempo de prisão, nem sobre o processo respondido – é certo que a situação política e a econômica também não lhe eram cômodas, haja vista suas viagens ao longo dos anos. Sobre isso, como diria Michael Pollak: “[...] todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente [...] deve satisfazer a certas exigências de justificação [...]”<sup>96</sup>. E eu completaria: em respeito à memória e ao luto que cada um vive. Quando Guido Alcalá organiza a sua narrativa, a sua fala, recompõe suas lembranças, seus acontecimentos, ele está situado no presente – suas memórias constituem um “acervo” de uma testemunha tanto em relação ao passado e ao sofrimento então sentido, quanto ao presente, que finalmente permite investigações sobre as ditaduras militares, as quais podem incluir novos olhares sobre a trajetória daquele país.

A partir dessas ideias, as entrevistas com Guido Alcalá e suas publicações contribuem para a compreensão – ao menos em parte – da memória nacional paraguaia acerca da ditadura militar, segundo a subjetividade do escritor. Embora Guido Alcalá em sua entrevista não mencione a importância política do partido ao qual pertencia sua família, a desigualdade social e a opressão que já eram comuns muito antes do governo de Stroessner; é preciso considerar que tanto a sua fala como as histórias e os personagens que encontro em suas narrativas lançam possibilidades sobre a história paraguaia. Nesse sentido, Michel Pollak corrobora essa leitura, pois, segundo o escritor, é preciso perceber os fatos sociais como coisas<sup>97</sup>, ou seja, observar como são transformados em coisas, analisando quais interesses são subjacentes a esses fatos, sua concepção de espaço e de tempo, algumas vezes forjada.

As palavras de Pollak reforçam a relevância da escrita de Alcalá, assim como outras da história paraguaia, discutida em um

---

<sup>96</sup>POLLAK, op. cit., p. 9.

<sup>97</sup> Ibidem, p. 3.

âmbito historiográfico. Isto ocorre porque sua produção literária e as entrevistas (inseridas em uma rede) refletem no modo como está sendo construída a memória e a história paraguaias, uma “[...] memória subterrânea [...]”<sup>98</sup>. Entretanto, alguns questionamentos ainda se impõem. De qual história paraguaia estamos falando? Que grupos sociais estariam envolvidos nas narrativas de Guido Alcalá acerca da história paraguaia? São essas questões que serão analisadas nos capítulos seguintes, a fim de compreender a memória inscrita em sua produção ficcional ou não.

### 1.3 Os passos seguintes de Alcalá e os anos de chumbo paraguaio

Durante as décadas de 1970 e de 1980, Alcalá buscou cursos e outras formas de conhecimento voltadas à sua área de interesse, tendo sua vida já marcada pela experiência de ser preso por exigir direitos básicos, como educação de qualidade. É também na década de 1970 que as práticas ditatoriais de tortura, de perseguição e de censura se tornaram mais severas. Nesse contexto, mais que um estudante com atuação no jornal do movimento estudantil e encarcerado, há um intelectual iniciando novos passos, já bacharel em Direito e, principalmente, um viajante detentor de um olhar aguçado, marcado pelos caminhos percorridos.

Guido Alcalá – no ano de 1976 – data da publicação de *Labor Cotidiana*, seu primeiro livro de poemas, já havia circulado pela Argentina, pelo Brasil, pela França e estava realizando seus estudos de pós-graduação em literatura na Universidade de Ohio (1975-1977), onde também atuava como assistente de pós-graduação. Até meados da década de 1970, Alcalá já havia percorrido diversas universidades, países e, ao mesmo tempo, também vivenciava a situação paraguaia. Nos anos seguintes, esteve na Universidade do Novo México (1977-1980) para estudar Literatura Latino-americana e Filosofia na Universidade Duisbürg (1982-1983), instituição localizada na região alemã do Reno. Na década de 1980 atuou como assistente de pós-graduação na Universidad de Asunción (entre 1981-1982 e 1985)<sup>99</sup>. Durante esse período, Guido Alcalá também foi jornalista em diversos

---

<sup>98</sup> Ibidem, p. 4.

<sup>99</sup> Essas informações foram reunidas a partir das entrevistas, das contracapas dos livros de Guido Alcalá, como também do currículo enviado pelo escritor. ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.



jornais paraguaios, como *ABC Color*, *Hoy* e *Última Hora*, e correspondente do *El Universal* (Caracas) e do *Caravelle* (Paris).

Essa trajetória acadêmico-profissional de Guido Alcalá, não somente como bacharel em Direito, mas como escritor, estudioso e acadêmico, desdobrava-se ao mesmo tempo em que a ditadura perpetuava suas ações arbitrárias no cotidiano paraguaio. Como afirmado anteriormente, Guido Alcalá teve alguns problemas no Paraguai, no que se refere à sua atuação estudantil e embora não tenha sofrido processo de exílio imposto, acredito que o descontentamento com a situação política do país<sup>100</sup>, aliado às possibilidades e à vontade de circular em outras universidades e ambientes intelectuais/literários no exterior, motivaram seu trânsito por diversos países entre 1974 a 1985, o que possivelmente colaborou com o seu desejo de escrever, permitindo que esta tese veja sua literatura como testemunhal.

Alcalá começou a escrever na década de 1960 e, em um primeiro momento, seu foco foi especialmente a poesia. Acredito que a experiência de estudar e trabalhar no exterior, o contato com os movimentos artístico-literários então em voga nos demais países da América Latina e na Europa, as “novidades” que circulavam nesses meios intelectuais, a experiência de ser preso ao fim da década de 1960 e a continuidade da ditadura militar paraguaia corroboraram para que Guido Alcalá se dedicasse a outros gêneros de escrita. Seu percurso literário passou a enfatizar a crítica sobre a história política paraguaia a partir da década de 1970, considerando o peso da ditadura de Stroessner para Alcalá. Além da ambição em conhecer novos horizontes de pesquisa e de análise no campo literário, conforme relatou quando entrevistado em 2008, o escritor utilizou o seu conhecimento e a sua profissão para combater o que considerava mais evidente em seu país, a cultura política ditatorial da qual ele mesmo foi vítima. Entre idas e vindas reuniu e escreveu boa parte dos contos publicados e parte da série *Nunca Más*, material publicado, subsidiado e organizado pela Igreja Católica, em 1990. A partir desse contexto sócio-político-econômico e da experiência de Alcalá, como analisar a literatura publicada ao fim da década de 1970 e nos anos de 1980, considerando a perspectiva da memória?

Sua produção literária e a memória da ditadura militar ali inscrita colaboram com a análise da história não oficial paraguaia, ou de uma história obliterada até o fim do século XX, se considero que foi produzido na historiografia paraguaia no período, também prejudicada

---

<sup>100</sup> Idem.

devido à censura. Entretanto, o que apreendo da inevitável seleção do que e como contar e também do esquecer, própria dos processos mnemônicos, é que a memória, ou sua análise, não pode ser heroicizada, tampouco difundida como a versão ‘legítima’ da ditadura militar paraguaia. Caso assim se operasse, estaria apenas propondo suplantá-la às histórias contadas nas últimas décadas, desconsiderando a multiplicidade de vozes de Alcalá e de tantas outras pessoas que vêm se dedicando em reescrever essa história.

As diferenças e as aproximações entre os dois campos que compõem o eixo desta tese – a história e a memória – não devem ser desconsideradas. De acordo com Márcio Seligmann-Silva, a história seleciona os elementos que entram para o panteão historiográfico<sup>101</sup>. Contudo, a memória é independente da história e, justamente por isso, não pode ser anulada em seus princípios e no modo como é constituída. Nesse sentido compreendo a literatura de Guido Alcalá como uma possível memória da ditadura militar paraguaia, sem analisá-la, contudo, como uma ‘verdade’, para não correr o risco de também sacralizá-la.

Sendo assim, considero que há uma certadistância entre o proferido e o que se viveu, pois, como ainda afirma Leonor Arfuch, ao retomar Emile Beneviste, a temporalidade “[...] é produzida na realidade na enunciação e por ela”<sup>102</sup>, ou seja, não basta a experiência vivida, porque a memória do que ocorreu é atravessada por sensações ocasionadas pela rememoração e pelo momento da evocação das lembranças. Nesse sentido, o “terceiro tempo”<sup>103</sup>, que é o da narração, oferece a compreensão esperada, como é o fruto do encontro entre história e ficção (esta última diz respeito à perspectiva de que aquele que narra ou lembra almeja recriar ou projetar uma impressão, produzir um sentido), formando uma identidade narrativa que também se direciona à história/memória da comunidade/coletividade e não somente ao indivíduo que a sustenta<sup>104</sup>. Portanto, não se trata de algo específico ao sujeito e tampouco se relaciona direta e estritamente à experiência deste ao contexto histórico a que se refere.

É preciso descentrar e procurar a diferença no contexto. A literatura produzida por Guido Alcalá só se torna fonte dentro dessa

---

<sup>101</sup> SELLIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, Memória, Literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p.73-75.

<sup>102</sup> BENVENISTE, Emile apud ARFUCH, Leonor. A vida como narração. In: \_\_\_\_\_. *O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 114.

<sup>103</sup> ARFUCH, op. cit. p. 116.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 117.

perspectiva, que a toma como palavra dada e ocorrida de acordo com sua vivência, compreensível apenas se tal trajetória for considerada. Nesse sentido, as publicações e as entrevistas do escritor só ganham sentido no “devir” da identidade, de acordo com as diversas temporalidades e especialidades vividas por ele, e nessas relações dialógicas. A perspectiva dialógica está relacionada à ideia de que a linguagem é uma prática social e que tem na própria linguagem a sua materialidade; um fenômeno que carrega elementos culturais e de interação social<sup>105</sup>. Nesse caso, quando Guido Alcalá utiliza a linguagem como expressão de seu testemunho, oferece uma possibilidade de reconhecimento de outros naquilo que escreve e, a partir disso, pode haver mudança social ou até mesmo de perspectivas de estudos historiográficos, visto que seu material é também fonte para a história. Conforme Leonor Arfuch:

O que está em jogo então não é uma política da suspeita sobre a veracidade ou a autenticidade dessa voz, mas antes a aceitação do descentramento constitutivo do sujeito enunciativo, mesmo sob a marca de ‘testemunha’ do eu, sua ancoragem sempre provisória, sua qualidade de ser *falado* e falar simultaneamente, em outras vozes, essa partilha coral que se sobrepõem – com maior ou menor intensidade – no trabalho dialógico tanto da oralidade quanto da escrita e cuja outra voz protagonista é evidentemente a do destinatário/receptor<sup>106</sup>.

Analisar parte da vida de Guido Alcalá é perceber que não se trata da memória de Guido Rodriguez Alcalá, mas dos desdobramentos que sua *persona* pode dar por meio dos personagens históricos e ficcionais, de como os relembra e os relaciona, situando-os com histórias e memórias e, ainda, é constatar que há uma mitobiografia enunciada<sup>107</sup>. Essa, por sua vez, diz respeito ao modo como o escritor dá sentido ao que ele entende como importante e crucial em sua literatura, imbricado, inevitavelmente, por suas perspectivas ideológico-políticas – por exemplo, quando Alcalá “assume” em 2008 que sua vida ganhou em 1970 um sentido diverso e por isso passou a escrever contra Stroessner. Assim, o que resulta do *corpus* das fontes desta tese é uma (outra) versão do “real”, entre as aspirações do presentismo e a busca pela

<sup>105</sup> Sobre este conceito, ler: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.

<sup>106</sup> ARFUCH, op. cit., p. 129.

<sup>107</sup> PASERINI, Luisa. Mitobiografia em história oral. *Proj. História*. São Paulo: 1993, volume 10, p. 29-42.

memória, uma multiplicidade de relatos diferentes que partem de diversos lugares e narrativas que, em conjunto, ganham um caráter próprio; como escreve Arfuch “[...] eu sou tal aqui em relação a certos outros diferentes e exteriores a mim.”<sup>108</sup>

Em tempo, recorro as palavras de Jeanne Gagnebin, segundo as quais a literatura e a história entrelaçam muitas vezes seus interesses em busca das lembranças, de um passado – talvez esquecido, a fim de perceber como a humanidade percebe a si mesma, como se constitui, ou seja, trata-se de um processo narrativo de lembrar, mas também causador de esquecimentos<sup>109</sup>. Diante disso, aponto a necessidade de analisar parte das publicações literárias de Guido Alcalá, posto que se dedicou à narrativa em detrimento à poesia a partir dos anos de 1970.

#### 1.4 Entre contos, ensaios e entrevistas: a memória paraguaia à luz de Alcalá

Cotejar a literatura escrita por Guido Alcalá e a historiografia paraguaia permite-me refletir sobre a seguinte questão: como considerar esse material como testemunhal, parte da memória de um processo ditatorial? Na historiografia do Paraguai, a maioria do que se encontra, é produção de sociólogos, de advogados, de escritores, de jornalistas e de médicos. Grupos que devem ter os seus lugares respeitados pela historiografia, porém também podem ser analisados por esta. Mais que uma disputa pela “melhor memória” entre esses diferentes olhares sobre tal acontecimento, trata-se de buscar compreender de que modo a memória desse país vem sendo analisada e registrada na história. Ainda que a memória seja uma fonte primordial no fazer histórico, não pode ser vista como uma “história” pronta e já analisada. Segundo Roger Chartier, a historicidade de um texto só é compreendida na medida em que as características do local, do contexto e por quem foi produzido também são consideradas, isto é, o texto tem a sua própria materialidade<sup>110</sup>. Portanto, ao analisar a literatura e parte da trajetória de Guido Alcalá, junto à escrita de períodos da história paraguaia, em especial referente à de Stroessner, ensejo debater como a história e a memória paraguaia – e de qualquer lugar – estão constante e simultaneamente em processo de mudança e de disputa.

<sup>108</sup> ARFUCH, op. cit., p. 129.

<sup>109</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História e Testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia, op. cit., p. 88.

<sup>110</sup> CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, p. 43-46.

Um texto não está encerrado em si mesmo, não tem um único sentido. É repleto de intenções, de suposições, de mãos que o fizeram. Um texto é resultado de um contexto marcado por fenômenos históricos, culturais, sociais e econômicos. Segundo o historiador Roger Chartier, “[...] nenhuma ordem dos discursos é, de fato, apartável da ordem dos livros que lhe é contemporânea”<sup>111</sup>, ou seja, os livros, com seus diferentes suportes de escrita, vão além das palavras neles registradas e não estão dissociados do contexto em que são escritos, como também a quem se dirigem. A partir dessa ideia, é possível inferir que os sentidos dos livros são diferentes para cada leitor, dependendo de seu horizonte de expectativa<sup>112</sup> ou das influências do contexto e da escolha do suporte feita pelo escritor (e/ou editor/a, quando for o caso).

Ainda, não pretendo analisar os aspectos temáticos e narrativos dos contos do escritor paraguaio neste capítulo, mas discutir as diferentes edições e, principalmente, o contexto de escrita e de publicação. Estes são relevantes, visto que Guido Rodriguez Alcalá fez uso de diferentes gêneros para expressar suas ideias, os quais estão, provavelmente, relacionados a três fatores: sua experiência como escritor, seus estudos acadêmicos e por ter trabalhado em diversas universidades na Europa e na América Latina; sua experiência como paraguaio que, sintomaticamente, reverbera em sua escrita as mazelas e as condições histórico-culturais do país; sua subjetividade, segundo a qual qualquer pessoa pressupõe que terá essa ou aquela experiência, motivada por sonhos e projetos de vida, os quais nem sempre se concretizam.

Diante disso, aponto a literatura de Guido Alcalá como um projeto literário, não necessariamente pré-definido por ele, mas que apresenta aspectos recorrentes em sua escrita e produção. Retomo sua fala em entrevista concedida em 2008, segundo o qual o nível da universidade paraguaia era muito baixo: “Eu queria estudar. Depois de retornar daquela época, nos anos 70, e os 60, período na França. Na época dos anos 70 era a época do *boom* literário latino-americano [tradução minha]”<sup>113</sup>, ou seja, sua vontade de estudar e de conhecer novas perspectivas literárias é concomitante aos problemas políticos e seus desdobramentos vividos no Paraguai. Em face a essa constatação de que Alcalá saiu do país em uma época de difíceis relações políticas,

---

<sup>111</sup> \_\_\_\_\_. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 106.

<sup>112</sup> ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

<sup>113</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

tendo inclusive sido preso, em sintonia com Leonor Arfuch, trata-se de propor “uma leitura transversal, simbólica, cultural e política das narrativas do eu e de seus inúmeros desdobramentos na cena contemporânea”<sup>114</sup>, ou seja, é preciso analisar o sujeito que fala em consonância às suas perspectivas sociais, culturais e políticas. Ainda de acordo com a autora, a narrativa é a maneira como o sujeito (re)constrói e articula a sua experiência, envolvendo o tempo vivido, o tempo do relato e a vivência que está entre o individual e o coletivo. Esse viés motiva o gesto de Guido Alcalá, ao reorganizar e justificar seus atos quando afirma que saiu do país para estudar.

Para Maurice Halbwachs, a memória não é só seletiva, mas também conciliadora, aspecto estereferente à memória coletiva e à memória individual, ou seja, quando um indivíduo busca narrar ou rememorar algo faz a partir de pontos de referência, os quais mais nada são do que a base empírica da sociedade, de sua memória coletiva<sup>115</sup>. Dessa forma, qualquer ato de lembrar ou rememorar, por mais que tenha um tom individual, sempre terá também o coletivo, ou o que se diz sobre o coletivo. Nessa perspectiva, Guido Alcalá pode ser se situado como alguém que busca entender a história de seu país por motivos pessoais, mas que também acaba gerando produções literárias que colaboram para o entendimento de aspectos da ditadura militar de Stroessner, do ponto de vista do coletivo.

Compreendo dessa forma que a escrita de Guido Alcalá não corresponde estritamente à sua memória, mas faz parte do que podemos ter/conhecer/divisar sobre a ditadura militar paraguaia. É a multiplicidade de relatos, enunciados, histórias e personagens que são relacionados e fazem desse escritor uma referência dentro das redes descobertas pela pesquisa historiográfica, e é o que me permite narrar aspectos sobre a memória paraguaia no que diz respeito à sua história recente. Ouvir as entrevistas de Guido Alcalá e ler seus livros é escutar as vozes que estão ali representadas. As historiadoras Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff questionam Guido Alcalá sobre as suas atividades após retornar da Alemanha, em 1982:

J - Militava como jornalista então?

G – Sim, tratava mais de descrever livros de ficção, isso me afastou da política

C - Mais ou menos, porque a ficção tem...

G -[...] tenho contos como casos reais. Por exemplo, tenho em francês, que se chama “Glória”, é um caso real. E o

<sup>114</sup> ARFUCH, op. cit., p. 131.

<sup>115</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 34.

assunto é assim: [...] Bom, havia um militar que se chamava [...]. Era ele que se encarregava de estratégia de campo, para apresentar aos militares. Havia uma senhorita, uma garota pobre de uns treze, catorze anos [...]. A professora interessou-se em ajudar [...] a professora foi torturada e passou por maus momentos, porque mexeu com quem não devia mexer [tradução minha]<sup>116</sup>.

Considero que ter uma ‘militância’ política não está estritamente ligado à participação em grupos partidários. Creio que estar em conflito ou combatendo ações de âmbito político, seja em um jornal ou por meio de livros é também um engajamento. É nesse processo de registro e de compreensão que se vê quando Alcalá recorda acontecimentos que lhe foram marcantes no processo ditatorial, como os do conto “Gloria”, publicado em *Cuentos*<sup>117</sup>. Na narrativa, uma menina com cerca de 15 anos passou a ser seguida no percurso de casa até a escola, e de volta para a casa. Dessa forma, questiono-me se casos como esses não tivessem sido registrados de uma forma ou outra, seja na memória inscrita nas publicações de Guido Alcalá, nos processos criminais, na literatura em geral ou até na música, como saberíamos sobre essas arbitrariedades?

No caso de Alcalá, é no decorrer da entrevista que ele se recorda também dos contos escritos, os quais têm um significado social, sobre o cotidiano. Junto à historiografia do Paraguai, é possível então compreender parte das memórias paraguaias – inscrita na literatura de Alcalá e relacionada a outras que viveram a mesma época. Desse modo, a ideia de “dever da memória”<sup>118</sup> é entendida como um “trabalho sobre a memória”, neste caso, de Alcalá. Porém, é preciso ponderar que o movimento de/da escrita não é inocente: as personagens não são fruto de escolhas feitas ao acaso, assim como o texto não é somente construído por uma inspiração “fora da realidade” capaz de organizar os fatos. Também não é resultado simplesmente de uma catarse, de um desabafo necessário ou emocional do escritor. As fontes são fruto da própria abstração do real, da memória e também de um possível esquecimento de quem e do lugar que escreve, algo que é incentivado pelas intenções de verdade e de fazer justiça<sup>119</sup>.

---

<sup>116</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>117</sup> ALCALÁ, Guido R. *Cuentos*. Asunción: RP ediciones, 1993.

<sup>118</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 37-45.

<sup>119</sup> JELIN, Elisabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI, 2002.

Nesse sentido, a escrita de Guido Alcalá deve ser vista como uma representação de um contexto social, pois “não há apenas um eu e um meio que lhe é externo: a linguagem acontece porque há um nós”<sup>120</sup>. Sobre esse aspecto, a linguagem tem sua origem a partir do ponto de vista de diversas perspectivas, em que o indivíduo percebe a si mesmo e olha ao redor. A linguagem é dialógica e se dá como uma prática social. Ao observar o que lhe cerca, o sujeito se constitui em uma relação marcada pela alteridade<sup>121</sup> – com traços diferentes e semelhantes; motivo pelo qual a linguagem possui papel central, pois está situada histórica, social e culturalmente. Essa ideia pode ser compreendida tanto na relação de Alcalá com as suas publicações e sobre o que escreve quanto em ambas as entrevistas cedidas ao LEGH. Ao considerar a linguagem, em suas várias formas, como as entrevistas, as imagens das capas dos livros e a escrita ali contida, enquanto primordial para a compreensão do contexto/sujeito, friso o quanto a literatura de Alcalá também está carregada desses princípios, um caleidoscópio de cores, gestos e movimentos.

No tocante às publicações, Guido Alcalá conta com 14 títulos: três de poesia; dois de antologia; seis de ensaios, e três de compilação de documentos junto aos três livros de contos<sup>122</sup>. Dentre os ensaios, destaca-se o livro *Residentas, destinadas y traidoras: testimonio de mujeres de la Triple Alianza*, publicado pela RP Criterio, no ano de 1987, com quatro edições. A capa desse livro busca representar a imagem e o peso da Guerra da Tríplice Aliança a partir de uma imagem impactante que está para além da oralidade e das escritas mais canônicas.

---

<sup>120</sup>KRAMER, Sônia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1993, p. 75.

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup> Na listagem de fontes, ao final desta tese, todas as obras se encontram devidamente referenciadas.



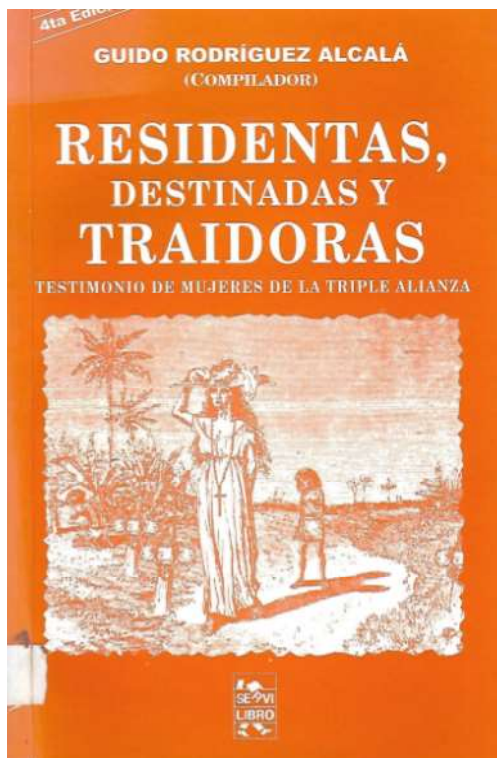


FIGURA 1 – Capa de *Residentas, destinadas y traidoras*<sup>123</sup>.

A imagem da capa traz uma mulher ao centro, olhando para o horizonte ao mesmo tempo em que carrega uma criança morta no suporte sobre a cabeça, seguida por uma segunda criança. Embora esteja saindo de uma guerra, o que vejo é uma mulher caminhando com uma postura ereta, indicando coragem e força em um contexto hostil. Denúncia de fome, miséria e de muita resistência de uma mulher em um país tão patriarcal, em tempos de morte de muitos de seus homens. Portanto, a ilustração ainda representa parte do que ocorreu naquela guerra: um genocídio especialmente dos homens paraguaios, deixando o país com uma maioria de mulheres e de crianças<sup>124</sup>. Nesse

<sup>123</sup>O objetivo em trazer as capas é para que a materialidade de parte das obras de Alcalá seja conhecida. ALCALÁ, Guido R. *Residentas, destinadas y traidoras: testimonio de mujeres de la Triple Alianza*. Assunção: RP Criterio, 1987.

<sup>124</sup> Algumas estatísticas apontam para a morte de 75% da população, na maioria homens. Para mais informações ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

livro, Alcalá é um “compilador”, pois reúne diversos documentos e histórias sobre mulheres perseguidas e enviadas, sobretudo, aos campos de concentração durante a Guerra da Tríplice Aliança. Na leitura do escritor, essas mulheres foram as heroínas dessa guerra; com efeito, entre seus livros, é o que mais se dedica a trazer histórias de mulheres, sendo escrito também a partir de relatos ficcionais sobre elas. Dois livros lançados pouco antes – *Caballero*: novela de La Guerra de la Triple Alianza (1986) e *Caballero* (1987), ambos pela Editora Servilibro, são ambientados no mesmo conflito. Neles é evidenciada a participação de cada país no conflito e as consequências para cada um deles. Essas publicações já demonstram o fato de Alcalá combinar com sua escrita ficcional a compilação de documentos adquiridos e pesquisados em arquivos e museus sobre o tema em questão. Nesse mesmo sentido, dois livros publicados pela Editora Don Bosco chamam atenção: *Narrativa Paraguaya*, (1992) e *Narradoras Paraguayas* (1999). Ambos são antologias organizadas por Guido Alcalá com o objetivo de reunir os principais nomes de escritores e escritoras que vinham se destacando no cenário do país e que, para ele, tinham relevância no cenário cultural paraguaio. Esses volumes são representativos, pois simbolizam os esforços do escritor em contribuir com a formação de um espaço literário-cultural pós-Stroessner.

A edição de *El Rector* (1991) teve uma tiragem de mil exemplares e foi publicada pela editora RP Ediciones. A narrativa faz alusões às ações dos ditadores ao longo da história paraguaia, possivelmente retomando no passado uma forma de compreensão da política ditatorial que se estendeu até a história recente. Entre suas mais recentes publicações estão: *El peluquero francés* (Servilibro, 2008) e *Velasco: novela de la Independencia del Paraguay* (Servilibro, 2009). A primeira é chamada pelo escritor de romance e se difere um pouco das já mencionadas, publicadas nas décadas anteriores. O enredo trata da vida da irlandesa Elisabeth Lynch e sua participação na política paraguaia, posto que essa, segundo a narrativa, tinha influência sobre o presidente Solano Lopez, por ser sua esposa. A obra foi vencedora do prêmio “Lidia Güanes”.

As obras *Justicia Penal de Francia* (RP Ediciones, 1997) e *Artigas y la Independencia del Paraguay* (Servilibro, 2003), embora tenham sido publicadas com alguns anos de diferença, têm como foco a compilação de documentos relativos ao processo de colonização e de independência, tornando-se referências de pesquisa sobre esse tema. *Nuevos Buerdos* (Embajada de Francia, 2005) também é uma compilação

de arquivos, os quais foram editados por Adriana Almada e é dedicada à presença da colonização francesa no Paraguai.

Um dos últimos livros lançados por Alcalá foi *Narciso*, em 2016, pela Criterio Ediciones, cuja história se baseia no caso de Bernardo Aranda, um radialista da *Rádio Comuneros*, torturado e queimado no ano de 1959. Seu assassinato permitiu a Stroessner uma manipulação midiática, em que o foco foi desviado dos problemas sociais e políticos do Paraguai para uma perseguição aos homossexuais em Assunção. Bernardo Aranda no livro é apontado como *Narciso*, por seu comportamento vaidoso, o que o fez ser conhecido como *Elvis*, *Apolo e Adonis* e era noivo de Perla Miño. Bernardo Aranda fazia parte de uma rede de amigos, muitos deles gays, mas também renomados no meio social e político. Misteriosamente foi assassinado e seu caso nunca devidamente investigado e esclarecido.

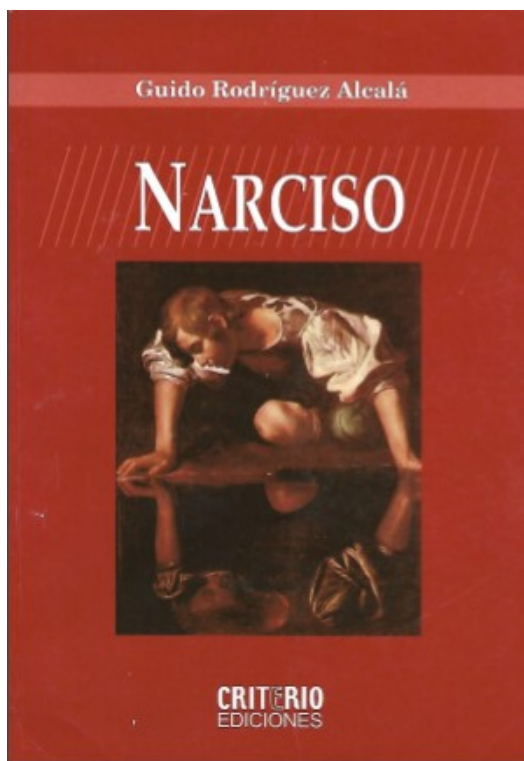


FIGURA 2 – Capa de *Narciso*<sup>125</sup>.

<sup>125</sup>ALCALÁ, Guido R. *Narciso*. Assunção: CriterioEdiciones, 2016.

Esses títulos permitem perceber que Alcalá se dedicou largamente à tarefa de reunir e escrever sobre a história do Paraguai, possivelmente para compreender os problemáticos rumos da história do seu país. Por sua vez, a contextualização da poesia à escrita de contos em tempos de ditadura permite espreitar o processo criativo de Alcalá e seu contexto de produção/publicação.

#### 1.4.1 Poesia: dos primeiros versos à história política ditatorial paraguaia

Entre os anos de 1966 e 1980, Guido Alcalá publicou cinco livros de poemas: *Apacible Fuego*(1966); *Ciudad Sonámbula*(1967); *Viento Oscuro*(1969); *Labor Cotidiana* (1976) e *Leviatan e tcétera*(1980).

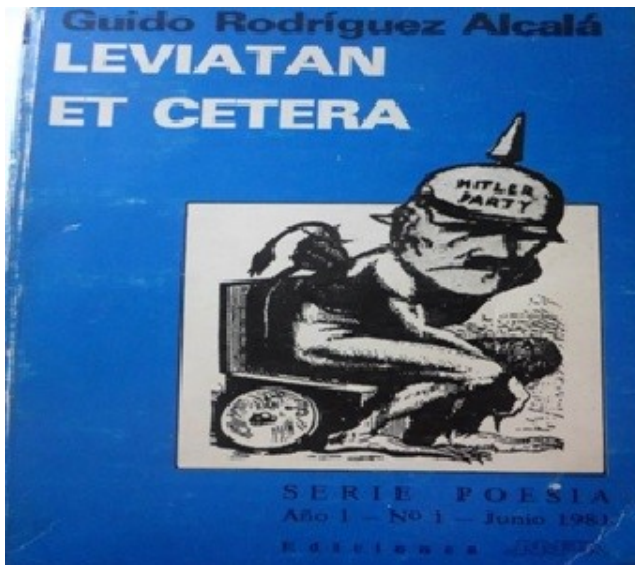


FIGURA 3 – Capa de *Leviatan et cetera*<sup>126</sup>.

Os três primeiros têm edição bastante simples e não apresentam o nome da editora, indicando que talvez haviam sidopublicados de modo independente pelo próprio escritor. Em sua primeira publicação, Guido Alcalá tinha apenas 17 anos, o que indica sua precoce disposição para a

<sup>126</sup>ALCALÁ, Guido R. *Leviatan et cetera*. Assunção: Ediciones Napa, 1981.

leitura e para a escrita, bem como o incentivo familiar que contava inclusive parafinanciar essas publicações. Já *Labor Cotidiana* e *Leviatanetcetera* apresentam algumas diferenças editoriais em relação às anteriores. Ambas têm, por exemplo, a inclusão de imagem em suas capas: a primeira traz a imagem de um homem escrevendo; já a segunda faz uso da imagem de Hitler, alegoricamente, representado como um híbrido diabólico.

Nas primeiras publicações relativas à década de 1960, Alcalá não faz alusão ao regime ditatorial, com exceção de um ou outro poema, em um total de trinta, se considero os três livros. Considero ainda a possibilidade de Guido Alcalá, nesse período, não ter sentido com tanta força o contexto ditatorial, isto é, apenas após a sua prisão e envolvimento com a revista *Criteriotal* perspectiva tenha modificado. Essa transformação temática nas décadas seguintes leva-me a compreender que, como o governo de Stroessner já estava no poder há mais de 20 anos, Guido Alcalá – e as/os demais escritoras/es – já estavam mais saturadas/os com suas práticas antidemocráticas, como também menos temerosas/os em questionar as ações do governo. Naapresentação de *Leviatan et cetera*, Guido Alcalá afirma que: “O presente livro é umacoleção de poesias escritas entre 1976 e 1979 – aproximadamente. A primeira parte, Leviatã, alude à besta bíblica que passou a ser sinônimo do totalitarismo... [traduçãominha]”<sup>127</sup>. Dessa maneira, o processo totalitário é questionado, motivo pelo qual a metáfora, em um contexto ditatorial paraguaio, não é uma coincidência, visto o cerceamento, as práticas arbitrárias e a falta de liberdade e de direitos humanos que são comuns nesses processos históricos. A utilização da figura híbrida de Hitler já sugere, desde a capa, um modo de ler os poemas nele publicado.

Em *Labor Cotidiana*, de 1980, é possível notar o exercício de contar as histórias daqueles que tiveram suas experiências ou suas vidas roubadas, como posso perceber nos versos do poema “Por susmuertos todos (Chile)”: Não quero que se calem, que abandonem / os corredores escuros da lembrança. / Não quero que se vão, não quero / que lhesroubem a mortee a memória [traduçãominha]”<sup>128</sup>. O eu-lírico<sup>129</sup>

---

<sup>127</sup> No original: “El presente libro es una colección de poesías escritas entre 1976 y 1979 – aproximadamente. La primera parte, Leviatan, alude a labestia bíblica que ha pasado a ser sinónimo de totalitarismo...” Ibidem, p. 5.

<sup>128</sup> No original: “No quiero que se callen, que abandonen / lospasillososcurosodelrecuerdo. / No quiero que se vayan, no quiero / que lesrobenlamuerte y la memoria.” ALCALÁ, *Leviatan et cetera...*, op. cit., p. 5.

expressa sua preocupação em preservar/registrar memórias e lembranças formadas no contexto ditatorial do Cone Sul que, por sua vez, ofuscou muitas experiências, em nome de supostas democracias. O livro foi publicado em 1980 e seus poemas foram escritos em diversos lugares, tanto na Europa quanto na América Latina, viagens que permitiram o encontro com diversos escritores, em especial da América Latina, possibilitando então discussões sobre o que acontecia nesses países. Esses diálogos e caminhos percorridos apenas enriqueceram as produções literárias do período, como também as fomentaram, visto que os escritores e escritoras tinham muitos colegas vivendo processos semelhantes. Ainda sobre a escrita de Alcalá, escrever é traçar linhas de fuga: a escrita não é composta apenas de elementos de período a que se refere, mas de alternativas ao que poderia ter sido ou a expectativa de um país mais comprometido em proporcionar igualdade ao seu povo, em resposta às experiências ditatoriais do escritor. No poema *Descripción*, o Paraguai é descrito da seguinte forma:

Quatrocentos mil quilômetros / cuadrados de terra, e o pó / desgarrado de alguns mortos / e a duvidosa antigavontade / do rei o fizeram a fronteira. / Conhecia sua tristeza, em longas horas / da sesta, e sua lua, astronomia / dura, sem um poeta próprio e, as paisagens / rebanho de acidentes geográficos. / Ninguém sabe porque tantos destinos / encontraram a rotina de olhar-se / e ver-se sempre, somente a partir de fora, / e tocar-se, e trocar sujas moedas / para jogar à cidadania. / Um ódio ingênuo e velho é a bandeira / mas ninguém quer rejeitar o símbolo [tradução minha]<sup>130</sup>.

É importante ressaltar que 400 mil quilômetros equivalem à extensão do território paraguaio. O eu-lírico demonstra sua tristeza em constatar que o país vive há muito tempo a mesma história, em uma sociedade marcada por diversos processos políticos ditatoriais, os quais estagnaram ou frustraram as possibilidades de uma efetiva cidadania ou

<sup>129</sup> O “eu-lírico” se refere a uma voz que se dá no poema, não necessariamente a mesma que o autor teria. Um poema só é compreensível dentro de si mesmo, não em conjunto a obra de seu autor. Ler: CÉSAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999.

<sup>130</sup> No original: Cuatrocientos mil kilómetros / cuadrados de tierra, y el polvo / disgregado de unos muertos / y la dudosa, antigua voluntad / del rey le hicieron la frontera. / Conoci su tristeza, en largas horas / de la siesta, y su luna, astronomía / dura, sin un poeta propio, y los paisajes / rebaño de accidentes geográficos. / Nadie sabe por qué tantos destinos / hallaron la rutina de mirarse / y verse siempre, sólo desde afuera, / y tocarse, y cambiar sucias monedas / para jugar a la ciudadanía. / Un odio ingenuo y viejo es la bandera / mas nadie quiere rechazar el símbolo. ALCALÁ, Guido R. *Labor cotidiana*. Assunção: Diálogo, 1980, p. 81.

democracia. A simbologia da bandeira paraguaia, inspirada nas (e com as) cores da Revolução e da República Francesa, não estaria sendo devidamente respeitada: se o Paraguai se tornou independente a partir dos princípios da igualdade, da liberdade e da fraternidade, por que estaria, no século XX, vivendo mais uma ditadura militar? O fato de ninguém ter suplantado as realidades ditatoriais, e por estarem novamente “mudos” face a esse regime de governo, talvez tenha motivado Alcalá a desenvolver uma escrita engajada. Quando este passou a escrever contos envolvendo temas sobre a ditadura em tempos de menor censura ou mesmo se preocupou em questionar a trajetória e a história do Paraguai, estava buscando a sua cidadania e a de tantos que a perderam nesses caminhos, buscando retomar o direito de ter uma voz ouvida e respeitada.

A análise das publicações de Alcalá demonstra que os anos de 1970 e de 1980 foram fecundos no que se refere às mudanças temáticas em sua poesia. Embora os poemas não façam diretamente parte do *corpus* da tese, retomá-los contribui para a compreensão de sua produção posterior e de seu interesse, de algum modo, na temática da ditadura. Seu último livro de poesias data de 1980, mas, em entrevista, Guido Alcalá afirmou que os anos de 1970 foram importantes para a sua formação como escritor, sendo um período de trânsitos, de realização de cursos e de convívio com outros escritores<sup>131</sup>. Foi nesse contexto que os contos passaram a ser escritos, bem como: *Ideología Autoritariae La poesía y la novela en el Paraguay en los últimos años* (1960-1980).

Muitos de seus livros, como já mencionado, fazem referência a outras ditaduras paraguaias, como a de Solano Lopez<sup>132</sup>, o que demonstra o exercício de Alcalá em reescrever a história política do Paraguai, cujo motivo seria também a ‘auto-representação’ que Stroessner dizia ter de outros do poder executivo do passado. Tal estratégia fica evidente ao perceber o uso do passado, a partir de alusões, metáforas e comparações entre os diferentes processos históricos e seus respectivos líderes. A publicação de *Ideología Autoritaria*, pela primeira vez em 1987 e novamente em 2007, duas décadas depois, demonstra que para Alcalá, o governo de Stroessner não estava dissociado do restante da história do Paraguai. A capa do livro é direta, ao trazer a imagem de Stroessner:

---

<sup>131</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>132</sup> *Idem*.

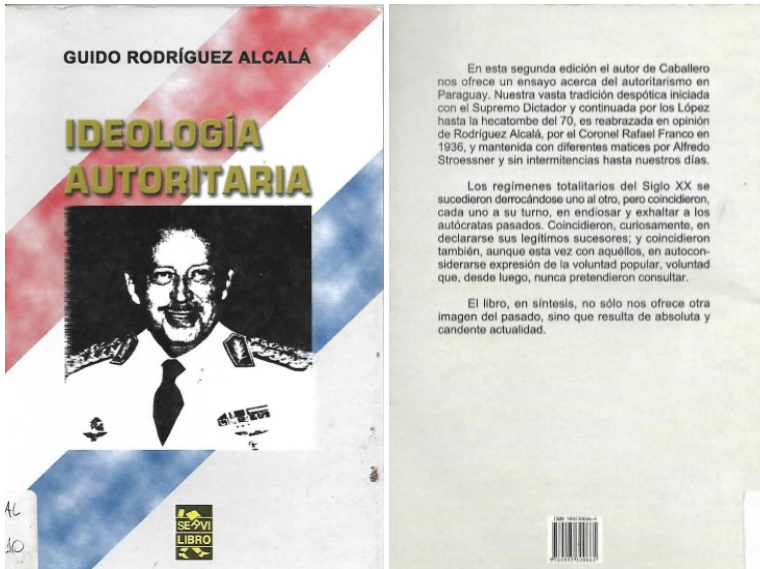


FIGURA 4 – Capa e Contracapa de Ideología Autoritaria<sup>133</sup>.

*Ideología Autoritaria*, como deixa evidente em sua contracapa, objetivou denunciar eventos, situações, contextos e histórias autoritárias que não devem ser repetidos, mas que estiveram presentes no contexto de Alcalá nos anos de 1960-1980. O livro ainda denuncia em seu título a existência de uma cultura política ditatorial no Paraguai, a qual teria se iniciado com José Gaspar Rodríguez de Francia no início do século XIX, também chamado de *Supremo Dictador*<sup>134</sup>, perpetuada pela família e legitimada pelo período de Stroessner. Com isso, observo que o uso do passado para a compreensão do presente é também acompanhado pelas necessidades do tempo corrente, incluindo o esquecimento e a seleção de histórias, outrora vivenciadas, outrora suplantadas por outras “versões”. Nas palavras de Alcalá:

Sonho com o triunfo de um socialismo estranho, disse o jornalista liberal Gomes Freire Esteves que, assinou junto com seu irmão Luís, anos mais tarde, o decreto 152 de 10 de março de 1936, que identificava o fascismo com o estado paraguaio. Os outros assinantes do decreto foram: coronel Rafael Franco, chefe de governo, o marxista Anselmo Peralta, Bernardino Caballero, de orientação

<sup>133</sup> ALCALÁ, Guido R. *Ideología Autoritaria*. Assunção: Servilibro, 2007.

<sup>134</sup> Ironicamente chamado deste modo por diversos autores da historiografia e sobre aquele contexto, entre eles Guido Alcalá.



nacionalista socialista [...]. Se considera que o decreto 152 põe fim à chamada era liberal do Paraguai [tradução minha]<sup>135</sup>.

Esse trecho sugere que o período de 1870 a 1936 não teria sido um tempo ditatorial, visto que os liberais estiveram no poder, intercalando com o do último governo dos Lopez até a deposição do coronel Franco, em 1937. Alcalá defende que os Liberais haviam iniciado um processo de democratização, se comparado aos governos anteriores, já que, posteriormente à década de 1930, outros regimes ditatoriais se sobrepuseram até a chegada definitiva do Partido Colorado, na figura de Alfredo Stroessner. Essa questão será retomada adiante; para o momento é válido ressaltar que vejo, em *Ideologia Autoritaria* e em outras obras do escritor, o passado sendo analisado para compreender o presente, então marcado por uma ditadura militar que incide (in)diretamente na leitura de (e feita por) Alcalá e em seu percurso de (re)escrita da história paraguaia.

O que é possível indicar até o momento é que Alcalá fez uso de diversos gêneros literários, inseridos em um contexto maior durante entre os anos de 1970 e início de 1990 na América Latina. O desejo de Alcalá depromover e difundir a literatura no Paraguai, dando visibilidade às vozes historicamente obliteradas, pode ser percebido como uma espécie de sentimento de dever, como expressa o eu-lírico em “Arte poética”, primeiro poema de *Leviatanetcetera*:

O deus Apolo chegou e me disse: / – A ti, o mais humilde dos meus filhos / coube a glória (a tarefa) / de enumerar as milhares de batalhas / do homem pela vida e seu cenário; / pacientemente anota / a passagem da chuva sobre o ar / o amor das múltiplas mulheres / as gerações e os barcos / as amapolas vermelhas e as cor-de-sangue. / A ti se encomenda / o guia de telefone divino / que registre os números escuros / endereços remotos e os nomes / de povos apagados e subúrbios, / as bodas e as mortes suspeitas / no Paraguai, no Chile e na Argentina [tradução minha]<sup>136</sup>.

<sup>135</sup> No original: “Sueño con el triunfo de un socialismo extraño, dijo el publicista liberal Gomes Freire Esteves quien firmó el decreto 152 del 10 de marzo de 1936, que identificaba el fascismo y el estado paraguayo. Los otros firmantes del decreto fueron: coronel Rafael Franco, jefe del gobierno; el marxista Anselmo Peralta; Bernardino Caballero, de orientación nacionalista socialista [...] Se considera que el decreto 152 pone fin a la llamada era liberal del Paraguay (1870-1936).” Ibidem, p. 79.

<sup>136</sup> No original: “El dios Apolo llegó a mí y me dijo: / – A ti, el más humilde de mis hijos / te ha cabido la gloria (la tarea) / de enumerar las miles de batallas / del hombre por la vida y su escenario; / pacientemente anota / el paso de la lluvia sobre el aire / el amor de las múltiples mujeres / las generaciones y los barcos / las amapolas rojas y las sangres. / A ti se te encomenda / el guía de teléfono divina / que registre los números oscuros / direcciones remotas

O poema apresenta denúncias, como nos versos *las sangres, números oscuros, pueblos apagados e lasmuertessospechosas*, de acontecimentos ocorridos no Paraguai e nos países vizinhos ao longo do período invocado. As palavras *el más humilde de mis hijos*, colocam o eu-lírico no posto de um observador, a quem cabe a glória (ou o fardo) de enumerar as batalhas pela vida e seu contexto: é o próprio deus Apolo que teria lhe conferido tal encargo, de registrar todos os números obscuros, os endereços remotos e os nomes dos povos obliterados, não somente no Paraguai, mas também no Chile e na Argentina.

A crítica (não tão) velada contra as atitudes tomadas pelos militares é a missão que Alcalá assume para si, tomada ao sentir em sua pele o peso do governo ditatorial. Esse encargo não é de exclusividade do escritor ou daquele momento, afinal foram muitos que sofreram com as ditaduras do Cone Sul e deixaram escritos e/ou testemunhos sobre suas experiências. Ainda que toda a escrita de Alcalá não esteja calcada em fatos, dados ou nomes reais, sua trajetória literária está situada em acontecimentos vividos e/ou literariamente imaginados, o que supostamente pode ter causadoos questionamentos feitos pelo escritor.

#### 1.4.2 Contos: para começar

Guido Rodriguez Alcalá começou a escrever os contos a partir da década de 1970, muito embora suas publicações desse gênero datem somente de meados da década seguinte<sup>137</sup>. *Cuentos Decentes* (Editora Criterio, 1987) teve tiragem de mil exemplares. No livro há uma apresentação sobre a publicação, trazendo informações importantes sobre os contos e a literatura de Alcalá:

Em cada um deles, entretanto, o autor demonstra que na literatura não basta ter algo para dizer mas que é preciso controlar a técnica e, mais importante ainda, os relatos devem apontar para algo ao mesmo tempo em que envolvem intimamente os leitores nesse mundo que, mesmo fictício, não é necessariamente irreal [traduçãominha]<sup>138</sup>.

---

y losnombres / de pueblos apagados y suburbios, / las bodas y lasmuertessospechosas / enParaguay, en Chile, en Argentina.” ALCALÁ, *Leviatan et cetera...*, op. cit., p. 9.

<sup>137</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>138</sup>No original: “En cada uno de ellos, empero, el autor demuestra que en literatura no basta contener algo quédecir sino que preciso es manejar la técnica y, más importante aún, los relatos debenapuntar algo a la par que involucrar íntimamente a loslectoresenese mundo que aunqueficticio no es necesariamente irreal.” ALCALÁ, Guido R. *Cuentos Decentes*. Assunção: CriterioEdiciones, 1987, contracapa.

Os contos, portanto, fazem parte do rol do cotidiano, seja em sua relação com o leitor, seja em seus temas e enredos. Isso não significa dizer que os contos estão baseados no entrave entre realidade *versus* ficção, até porque o “*fictício no es necesariamente irreal*”<sup>139</sup> teve uma tiragem de quinhentos exemplares impressos, não apresenta imagem na capa, mesmo já em um período mais distante do fim da ditadura, logo, com considerável liberdade de expressão. Já a contracapa do segundo livro, *Cuentos*, que não tem imagem alguma na capa, traz a seguinte sinopse:

A exploração da vida cotidiana dominada pela manipulação política aberta ou encoberta, é o tema central deste volume de contos que continua a linha de outras obras anteriores do autor, decidido a desnudar a presença da repressão dos níveis mínimos da convivência humana [tradução minha]<sup>140</sup>.

A citação deixa evidente a ideia daquele que recebe a incumbência de escrever sobre o autor do livro de que há uma trajetória de publicações de Alcalá, reconhecendo o escritor como um nome detentor de um capital simbólico sobre a escrita de acontecimentos referentes à história paraguaia. Aponto tal consideração afim de frisar que toda edição/escrita dos livros citados até aqui passa pela subjetividade de Alcalá. O que busquei compreender até agora na escrita de Alcalá é (re)afirmado nesta sinopse: de seu propósito em buscar explicações sobre a história paraguaia com relação às suas diretrizes políticas, buscando revelar a presença repressiva nos níveis mínimos da convivência humana, do cotidiano. Mais que isso, posso afirmar que sua proposta é incentivada pelo fato de Alcalá viver as consequências dessa trajetória e da opressão política bem comolevar consigo suas memórias desses acontecimentos. Tal ideia é corroborada pela segunda parte do texto contido na contracapa do livro: “Esse tipo de literatura política, que evita o declamativo e os estereótipos, tem merecido a aprovação da crítica e feito do autor, Guido Rodríguez Alcalá, um dos representantes mais significativos da nova literatura paraguaia [tradução minha][...]”. Para além do tom “elogioso”, o que ressaltado é o reconhecimento de que Guido Alcalá escreveu com a preocupação de compreender a história do seu país, embora também destaque que tal postura seja carregada de interesses e intenções pessoais.

---

<sup>139</sup> ALCALÁ, *Cuentos...*, op. cit., capa.

<sup>140</sup> No original: “La exploración de la vida cotidiana supeditada a la manipulación política abierta o encubierta es el tema central de este volumen de cuentos, que continúa la línea de otras obras anteriores del autor, decidido a desnudar la presencia de la represión de los niveles mínimos de la convivencia humana.” Ibidem, contracapa.

Em relação ao último livro de contos, *Curuzú Cadete: cuentos de ayer y de hoy* (Editora Criterio, 1990), publicado já no período correspondente à abertura política, não há informações quanto à tiragem. No entanto, a contracapa é especialmente significativa, pois:

O assassinato do cadete Benítez e o martírio de Julina Ynsfrán, o levantamento de Alfonso Loma e a peregrinação das residentes, nos oferecem os contos históricos deste livro, onde aparecem, transfigurados pela ficção, o Pastor Coronel, Policarpo Patiño, Gaspar Rodríguez de Francia e as vítimas da repressão de Stroessner [tradução minha]<sup>141</sup>.

Mais que simples verossimilhança, Alcalá tece nesta obra uma série de denúncias, “transfiguradas em ficção”. Os/as diversos/as personagens apresentados/as seriam representações de políticos e outros sujeitos sociais do contexto de Stroessner. A capa é ilustrada com a figura de um oficial do exército junto a uma árvore, da qual pende uma forca – símbolo da morte, constituindo uma alusão à prática repressora e à cultura política ditatorial, já que o livro traz contos do tempo dos López e de Stroessner.

---

<sup>141</sup> No original: “El asesinato del cadete Benítez y el martirio de Juliana Ynsfrán; el levantamiento de Alfonso Loma y la peregrinación de las residentes, nos ofrecen los cuentos históricos de este libro, donde aparecen, transfigurados por la ficción, Pastor Coronel, Policarpo Patiño, Gaspar Rodríguez de Francia y las víctimas de la represión de Stroessner.” ALCALÁ, Guido R. *Curuzú Cadete: cuentos de ayer y de hoy*. Assunção: RP Ediciones, 1990, capa.

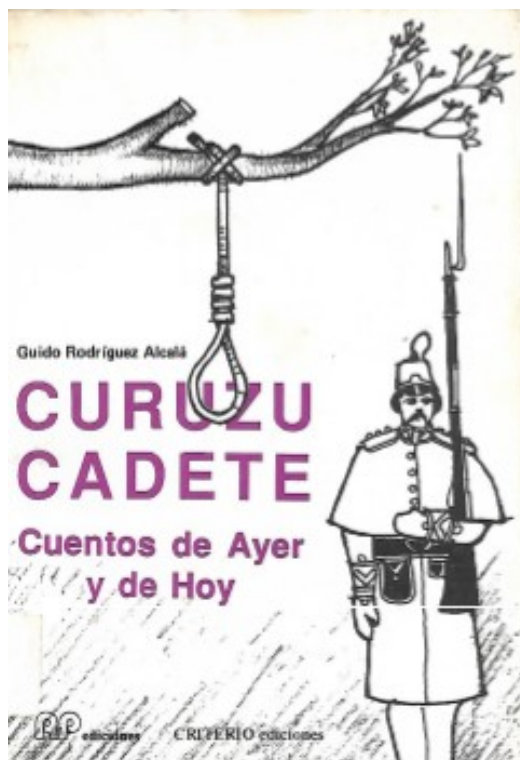


FIGURA 5 – Capa de CuruzúCadete: cuentos de ayer y de hoy<sup>142</sup>.

Ainda sobre o livro *Curuzú Cadete*, Guido Alcalá afirma o seguinte:

Significa cruz do cadete, era um oratório onde a alma do cadete assassinado do colégio militar Benitez fazia milagres. Nesse lugar, pendurado em uma árvore, apareceu o corpo do cadete em dezembro de 1962, a autópsia declarou que foi suicídio. Semanas depois, se desenterrou o corpo e uma nova inspeção decidiu que o capitão Napoleón Ortigoza e seus cúmplices o haviam assassinado. Ortigoza foi condenado à morte, sua pena foi comutada depois que o padre Josue Arketa, que tinha um programa de rádio, anunciou que revelaria o nome do assassino se fuzilassem o réu, que passou para a prisão e ficou encarcerado até converter-se no preso político mais antigo da América. Era inocente, mas Stroessner inventou a história para reprimir

<sup>142</sup>Idem.

os oficiais que resistiam a ele na Cavalaria [tradução minha]<sup>143</sup>.

Portanto, o título se refere ao local da morte de Benítez, a qual, segundo Guido Alcalá, foi manipulada de acordo com interesses de Stroessner, que responsabilizou um capitão pelo suposto assassinato, utilizando-o como exemplo àqueles que não acatassem suas ordens. Um dos contos da coletânea apresenta justamente talacontecimento, apresentado da seguinte forma por Alcalá, depois de sua morte e tortura: “O mesmo era um santo o pobrezinho, o melhor da sua leva, e o mataram com 17 anos [tradução minha]”<sup>144</sup>. No conto, a situação é narrada como inacabada, em virtude das dúvidas em torno da morte de Benítez; ainda assim, o tom de desfecho é de esperança, motivada pelo desejo de que a verdade pudesse ser revelada, eventualmente, e o assassino devidamente punido.

A questão principal é perceber as estratégias políticas e ditatoriais do contexto paraguaio, por trás desses eventos. Como visto, Stroessner não foi o único ditador no Paraguai; Alcalá traz nesse livro também histórias do governo de Solano López. Com essa estratégia, o escritor apresenta temas como o autoritarismo e a falta de direitos políticos e sociais recorrentes em ambos os governos, buscando demonstrar a presença de administrações arbitrárias em diferentes momentos da história do país. O livro evidencia, desde a capa, a preocupação do escritor em resistir à opressão governamental. Vários contos são narrados por Alcalá com tal propósito, seja partindo de sua imaginação, seja recorrendo a outras fontes, como processos e documentos compilados. Um desses contos, intitulado “Fiesta Azul”, ao fazer referência a um ato que teria ocorrido contra Stroessner em

---

<sup>143</sup> No original: “Significa cruz del cadete, era un oratorio donde el alma del asesinado cadete de Icolegio militar Benítezhacia milagros. En ese lugar, colgado de un árbol, apareció el cuerpo del cadete en diciembre de 1962; la autopsia lo declaró un suicidio. Semanas después, se desenterró el cuerpo, y una nueva inspección decidió que lo habían asesinado el capitán Napoleón Ortigoza y sus cómplices. Ortigoza fue condenado a muerte, se le conmutó la pena después de que el padre Josue Arketa, que tenía un programa de radio, anunció que revelaría el nombre del asesino si fusilaban al reo, quien pasó a la cárcel y quedó encerrado hasta convertirse en el preso político más antiguo de América. Era inocente, pero Stroessner inventó la historia para reprimir a los oficiales que lo resistían en la Caballería.” ALCALÁ, Guido R. *Sobre Curuzú Cadete* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lorenaazomer@hotmail.com> em 02 mai 2016.

<sup>144</sup> No original: “Lomismo era un santo el pobrecito, mejor de supromoción, y lo mataron con 17 años.” ALCALÁ, *Curuzú Cadete*..., op. cit., p. 71.

*Alfonso Loma*, localidade tema do texto, “[...] se basea em uma contencimento real, uma manifestação contra o governo [tradução minha]”<sup>145</sup>. Sobre talacontencimento, Guido Alcalá afirma ter conhecido o relato de Rafael Saguier e Felino Amarilla<sup>146</sup>, os quais deram sua versão em uma reportagem do *ABC Color*.

Os opositores reclamaram no motim a reabertura do nosso jornal, fechado no dia 22 de março de 1984, e depois dos primeiros discursos, os policiais se lançaram sobre os manifestantes e organizadores, os irmãos Hermes Rafael e Miguel Abdón Saguier, entre outros, os incidentes desembocando numa batalha campal feroz. Pela primeira vez na história da longa ditadura um sem número de uniformizados e torturadores de civis terminaram com contusões diversas. Acostumados a controlar as massas com o medo, naquela ocasião lhes foi impossível controlar a reação dos numerosos presentes [tradução minha]<sup>147</sup>.

O jornal afirma que o motim ganhou uma dimensão maior que a esperada pelas tropas policiais, marcando esse momento como uma das maiores ofensivas populares à ditadura militar paraguaia. Ao invés de cederem à pressão, os presentes teriam enfrentado a polícia, mesmo resultando em agressões e prisões. O ato ainda chamara a atenção de uma delegação de Direitos Humanos que passava pelo Paraguai, o que também colaborou para o início da queda de Stroessner. Ressalto que a defesa por uma representação sobre Direitos Humanos no Paraguai já vinha sendo realizada por Carmem Lara Castro nos anos de 1970, mãe de Jorge Lara Castro, porém a luta por tais direitos se evidencia na década seguinte com o apoio dos Estados Unidos. Carmem de Lara Castro era uma política Liberal e, além disso, o trecho “Acostumados a controlar as massas com o medo, naquela ocasião lhes foi impossível controlar a reação dos numerosos presentes” demonstra o quanto os entrevistados – fontes de Alcalá – enfatizam a força do partido Liberal,

---

<sup>145</sup>No original: “[...] se basa en un hecho real, una manifestación en contra del gobierno.” ALCALÁ, Sobre Curuzú Cadete..., op. cit.

<sup>146</sup> ABC COLOR. *Hace 30 años, la gente se animó a desafiar el miedo, en Alfonso Loma*. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/politica/hace-30-anos-la-gente-se-animó-a-desafiar-el-miedo-en-alfonso-loma-1462164.html>>. Acesso em 02 mai 2016.

<sup>147</sup>No original: “Los opositores reclamaron en el motin la reapertura de nuestro diario, clausurado el 22 de marzo de 1984, y tras los primeros discursos, los policías se abalanzaron sobre los manifestantes y organizadores, los hermanos Hermes Rafael y Miguel Abdón Saguier, entre otros, desembocando los incidentes en una feroz batalla campal. Por primera vez en la historia de la larga dictadura, un sin número de uniformados y garroteros de civil resultaron con contusiones diversas. Acostumbrados a manejar a las masas con el miedo, en aquella ocasión les fue imposible controlar la reacción de los numerosos presentes.” ABC COLOR, op. cit.

pois, simbolicamente, a cor azul mencionada no título do conto faz referência ao Partido Liberal, de oposição a Stroessner. Tal ideia sugere a postura daquele que narra e tece as intrigas em sua escrita.

Em outro conto, “Toro Pichai”, o narrador elabora uma denúncia às práticas ditatoriais de Solano López, inspirando-se, para tanto, na obra de Hector Découd, *La massacre de Concepción*.

Eram 80 léguas de Concepción a LomasValentinas, era o caminho velho que passava por San Pedro, Rosario e Caraguatay, e desde ali virava para o lado de Azcurra e Ypané. Tinha que cruzar os esteiros do Jejuí, tinha que seguir dois dias de caminho para chegar a LomasValentinas, e os homens ficavam doentes de hematúria por causa das dificuldades da viagem. E às vezes não nos davam tempo para descansarmos; nos mandavam de volta para o norte, para Concepción, para trazer mais vacas de que o exército precisava para lutar um pouco mais contra a razão e a guerra. Sim, eu estive por lá um pouco antes de 21 de dezembro, e o pouco gado que trazia o inimigo o ganhou, e não me capturaram, infelizmente. Mas o Tirano me queria de novo no norte, porque eu me criei nos pastos, era o melhor vaqueiro apesar da minha idade e da minha família. Me perdoaram por isso, porque não gostavam da gente da minha classe, e gostava muito menos o major Benítez, que não sabia ler, mas que recebeu seus cargos por sua maldade: quando os outros cansavam de açoitar-los, ele continuava, com fúria, e por isso o chamaram touro pichai [colérico], mal como o animal, esse [tradução minha].animal [tradução minha]<sup>148</sup>.

O trecho se refere à história de Héctor Découd, narrada no conto e utilizando como fonte o livro daquele que teria vivido em Concepción e feito uma longa viagem até o campo de *Lomas Valentina*, no contexto da Guerra do Paraguai. Na citação é possível perceber que

---

<sup>148</sup> No original: “Eran las 80 leguas de Concepción a Lomas Valentinas, era el camino viejo que pasaba por San Pedro, Rosario y Caraguatay, y que desde allí torcia para el lado de Azcurra y Ypané. Había que cruzar los esteros del Jejuí, había que hacer dos días de camino para llegar a Lomas Valentinas, y los hombres enfermaban de hematúria por las penas del viaje. Y na veces no nos daban tiempo para descansarnos; nos mandaban de vuelta para el norte, para Concepción, para arrear más vacas que elejército necesitava para pelear un poço más contra larazón y la guerra. Si yo estuve por Allá um poco antes del 21 de diciembre, y el poco ganado que traía loganó el enemigo y no me capturaron por desgracia. Pero el Tirano me quería de nuevo para el norte, porque me crié en los pagos, era elmejorarriero a pesar de mi edad y mi familia. Me perdonaron por eso, porque no querían a la gente de mi clase, y la quería mucho menos e lmayor Benítez, que no sabíaleer, pero que recibió sus despachos por sumaldad: cuando los otros se cansaba de azotarlos, El continuaba, con fúria, y por es o lo llamaron touro pichai, mal como el animal esse.” ALCALÁ, Guido R. Toro Pichai. In: \_\_\_\_\_. *Curuzu Cadete: cuentos de ayer y de hoy*. Assunção: RP Ediciones, 1990, p. 38.



há uma ênfase sobre a ‘crueldade’ empregada em relação às crianças, considerando que Héctor Découd tinha dez anos à época, conforme a introdução ao seu livro, escrita por Guido Alcalá, relançado em 1994, após o fim do governo Stroessner<sup>149</sup>. A tirania de Solano Lopez não tinha limite em relação aos mais indefesos. Héctor Découd, como analisado no segundo capítulo, é um dos fundadores do Partido Liberal e respeitado por sua ação e, neste sentido, friso como sua imagem é também defendida por ser alguém que reagiu a Solano López, um tirano, tal como Stroessner, segundo Alcalá. No mais, a cruza do acontecimento é evidenciada pelo fato de que Découd e os demais já se encontravam privados de sua liberdade, não estavam em lados contrários da guerra, porém permaneciam a sofrer, mesmo depois do dia 21 de dezembro, considerado o marco final do referido conflito. Nas palavras do narrador:

Eu já o havia conhecido antes, o conheci lá por 64, quando o coronel Resquín marchou em direção ao Mato Grosso e parou em Concepción. Então se chamava Benítez, creio que Juan Benítez (ninguém lembra o nome) era pyrague [delator] e atropelou uma escrava dos Quevedo. A família quis protestar mas o coronel Resquín aplaudia as maldades de seus pyragues para vingar-se de nós, da gente decente de Concepción[tradução minha]<sup>150</sup>.

Desse modo, também se constata a ação dos pyragues<sup>151</sup>, algo que é recorrente na cultura paraguaia daquele período e que age contra a ideia de democracia e igualdade política – mais um exemplo do rol de estratégias políticas e medidas ditatoriais que marcaram a cotidianidade paraguaia. Entendo que Alcalá se propôs a explorar tematicamente a história do seu país, buscando denunciar as ações do regime autoritário. Aliada à imaginação, sua literatura serviria para transpor as percepções acerca daquele contexto. Nesse sentido, a literatura é pensada enquanto um recurso que possibilita (ou permite) que o passado intervenha no presente ao construir enredos da época de ocupação, de integralização das terras paraguaias e dos abusos de autoridade verificados ao longo

<sup>149</sup> ALCALÁ, Guido R. Introdução. DÉCOUD, Hector. *La massacre de Concépcion*: ordenada por el Marechal López. Assunção: RP Ediciones, 1994. Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/1669\\_hector\\_francisco\\_decoud\\_/19283\\_la\\_masacre\\_de\\_concepcion\\_ordenada\\_por\\_el\\_mcal\\_lopez\\_por\\_hector\\_f\\_decoud\\_.html](http://www.portalguarani.com/1669_hector_francisco_decoud_/19283_la_masacre_de_concepcion_ordenada_por_el_mcal_lopez_por_hector_f_decoud_.html)>. Acesso em 10 fev. 2017.

<sup>150</sup> No original: “Yoyalohabiaoconocido antes, loconocó por el 64, cuandoel coronel ResquínmarchóhaciaMato Grosso y paróen Concepción. Entonces se llamabaBenítez, creio que Juan Benítez (nadierecuerdaelnombre) y era pyrague y atropelló una esclava de los Quevedo. Y lafamiliaquizo protestar, pero el coronel Resquínaplaudialas maldades de sus pyragues para vengarse de nosotros, de la gente decente de Concepción.” Ibidem, p. 38.

<sup>151</sup> Prática de vigia e delações entre a população, temática esta discutida no terceiro capítulo.

dessa história; ainda que isso se desenvolva sem desconsiderar o (in)fluxo da memória, em conformidade com os interesses do presente.

### 1.5 O *boom* literário e a escrita de Alcalá

Em *La poesía y la novela en el Paraguay en los últimos años*<sup>152</sup>, Alcalá afirma que a poesia paraguaia já despontava na década de 1960, preocupada com a situação política do país. Apoiada em princípios existencialistas<sup>153</sup>, foi influenciada também pelo Movimento de 1968, na busca pelos direitos civis e pelo desenvolvimento econômico, defendendo também o intercâmbio de ideias e de pesquisas universitárias com outros contextos. Ao se referir a debates “mundiais”, como o Movimento de 1968, por exemplo, percebo em Alcalá uma preocupação em elevar e/ou afirmar o Paraguai no cenário literário mundial, embora enfrentasse uma série de problemas econômicos e sociais, em consonância com o que ocorria em outros países, sobretudo da América Latina.

Esse posicionamento possivelmente guarda relação com as viagens feitas por Alcalá<sup>154</sup> e o contato com exilados/as, tendo possibilitado a troca de experiências e uma percepção diferenciada do próprio contexto. Essa leitura se intensifica ao retomar as palavras do escritor, ao tratar das diversas vozes contestadoras nos mais diversos países do Cone Sul, que mesmo com suas diferenças culturais tinham ditaduras militares em comum: “[...] ainda que as condições tenham sido muito distintas nos países onde os ditos movimentos contestatórios tiveram lugar, pode-se falar de um caráter internacional e da unidade de contestação – sem desconhecer por isto as diferenças particulares [...] [tradução minha]”<sup>155</sup>. O que infiro a partir dessa afirmativa é que a ação e, conseqüentemente, a influência sofrida por Alcalá não são aleatórias, pois estão relacionadas ao seu contexto no Cone Sul e à sua trajetória no Paraguai. Essa ideia se evidencia ainda mais no excerto do ensaio *La poesía y la novela en el Paraguay en los últimos años*:

---

<sup>152</sup> ALCALÁ, Guido R. *La poesía y la novela en el Paraguay en los últimos años*. Assunção: RP Ediciones, 1981, p. 168.

<sup>153</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 168.

<sup>155</sup> No original: “[...] aunque las condiciones hayan sido muy distintas en los países donde dichos movimientos contestatarios tuvieron lugar, puede hablarse del carácter internacional y de la unidad de la contestación – sin desconocer por ello las diferencias particulares [...]” *Ibidem*, p. 174.

A situação política, social e econômica não tem favorecido o desenvolvimento fecundo da literatura no Paraguai, entre 1960 a 1980. Devido à instabilidade política, a carência de estímulos e a insuficiência de meios, o baixo nível educacional e econômico de uma grande maioria, a produção literária tem sido insuficiente, se comparada com a de outros países latino-americanos; não com a de dois dos maiores (México e Brasil), senão com a dos menores como Costa Rica. É impossível fazer premeditações, mas é lógico supor que o melhoramento da situação política, social e econômica, proporcionará a base sem a qual não pode haver uma literatura nacional sólida [tradução minha]<sup>156</sup>.

Essa reflexão permite perceber a preocupação em produzir uma literatura mais “engajada” com o propósito de fomentar uma consciência questionadora do período ditatorial do país. Alcalá também aponta que a formação e o crescimento literário do Paraguai seriam decorrentes de uma maior estabilidade política e igualdade social. Ao mesmo tempo, apesar das repressões próprias da ditadura militar imposta pelo Partido Colorado, Alcalá (re)agiu utilizando-se da escrita, sendo que é justamente por esse motivo que os contos escritos a partir da década de 1980 se tornam uma possível fonte para compreender a memória e a história paraguaias analisadas nesta tese, conforme já pontuado. No tocante à sua escrita, de acordo com Guido Alcalá:

[...] Na época dos anos 1970 era a época do *boom* literário latino-americano. Em França, tenho (tinha) um amigo paraguaio, Juan Barion Saier, também aí estavam Cortázar, García Marques, Carlos Fuentes. E eu queria conhecer esse ambiente literário, porque, sim, aqui havia muita pouca comunicação [...] [tradução minha]<sup>157</sup>.

Suas inquietações fizeram com que buscasse novas e/ou outras discussões literárias, não somente a partir do convívio com amigos ou conhecidos, mas também a partir dos estudos realizados ao longo da suas trajetórias profissional e pessoal. Entretanto, o que seria esse

---

<sup>156</sup> No original: “La situación política, social y económica no ha favorecido el desarrollo fecundo de la literatura en el Paraguay, em lo que va de 1960 a 1980. Debido a la incertidumbre política, la carencia de estímulos y la insuficiencia de medios, el bajo nivel educacional y económico de una gran mayoría, la producción literaria ha sido deficiente, si se la compara con la de otros países latino-americanos; no ya con la de los más grandes (México, Brasil) sino con la de los pequeños como Costa Rica... Es imposible hacer predicciones, pero es lógico suponer que un mejoramiento de la situación política, social y económica, proporcionará la base sinlacual no puede haber una literatura nacional sólida.” Ibidem, p. 168.

<sup>157</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

processo chamado de *boom* literário? Em relação ao *boom* referido pelo escritor, trata-se de um movimento no qual os padrões de escrita literária foram contestados a fim de inovar e criar novos gêneros que fossem mais condizentes com os interesses culturais e até mesmo sociais da América Latina. Segundo José Danoso<sup>158</sup>, houve uma mudança em relação aos temas das discussões literárias, visto que os interesses literários também sofrem modificações. Assuntos regionais ou sobre costumes e tradições deixaram de ser os *leitmotivs* para que a ideia de movimento literário latino-americano pudesse ser desenvolvida em um âmbito maior, o da América Latina. É importante ressaltar que as características e as temáticas regionais não foram esquecidas, mas o campo intelectual se aproximou do popular no intuito de evitar processos de esquecimento da cultura local, utilizando para tanto uma escrita latino-americana.

De acordo com Paloma Vidal<sup>159</sup>, os artistas e os escritores se apropriaram do cotidiano, do real e do que já era conhecido, a fim de juntos formarem um novo movimento literário da América Latina, diferente do europeu e do norte-americano. Nesse contexto, o que acontecia de mais marcante na política no Cone Sul – e em outras regiões da América do Sul e Central – eram as ditaduras militares apoiadas pelos Estados Unidos e, por isso, a ideia de uma literatura politicamente engajada passa a ser sinônimo da escrita latino-americana, já que precisava se definir enquanto tal, ao mesmo tempo em que se mostrava “resistente”. A literatura latino-americana nesse contexto é um gesto revolucionário, ao trazer à tona questionamentos sobre os processos políticos do Cone Sul, ocasionando uma perspectiva testemunhal.

No que diz respeito à função política que a literatura deve ou não promover, Antônio Callado afirma que a chamada “arte pela arte” existe<sup>160</sup>, considerando ainda que o artista pode viver em uma “torre de marfim”, ou seja, visualizar a sociedade, podendo interferir e discutir sobre os seus problemas apenas quando e se desejar. Entretanto, segundo o crítico<sup>161</sup>, os escritores latino-americanos – dos períodos ditatoriais do século XX – viviam (ou estavam exilados) em um contexto com problemas econômicos, sociais, e devido a esses aspectos,

<sup>158</sup> DONOSO, José. *Historia personal del “boom”*. Santiago de Chile: Alfaguara, 1998.

<sup>159</sup> VIDAL, Paloma. *A História em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 31.

<sup>160</sup> CALLADO, Antônio. *Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p. 47-48.

<sup>161</sup> *Ibidem*, p. 51.

eram impelidos a problematizar ou refletir sobre o que estava acontecendo em seus países. Além disso, também desejavam difundir os diferentes modos de governo, educação e uma cultura que proporcionasse e defendesse a liberdade e a igualdade, até então não encontradas em seus respectivos países.

Não obstante, pontuo que a ideia de uma motivação social no que diz respeito à atuação dos escritores desse contexto não representa todo o movimento literário de meados do século XX. Para Luis Bras, em *Crítica é cara ou coroa*<sup>162</sup>, todo livro é um exercício e um ato político; já a crítica literária, por sua vez, define se uma obra mereceria lugar de prestígio ou se seria apenas mais uma entre tantas outras. Pautada nas ideias de Luis Bras, o que quero dizer é que um livro, de acordo com o tipo de prática cultural que defende, poderá ter ou não reconhecimento, ter ou não boa recepção – desse modo, tanto a escrita quanto a leitura realizadas sobre um livro partem de interesses; uma das leituras possíveis dessa literatura se dá pelo viés político, ainda que não seja necessariamente o único prisma de interpretação.

Antônio Callado pondera que os escritores que viveram e compartilharam outras experiências para além de seus países deveriam atuar como “provas das ruínas”<sup>163</sup>. Assim, poderiam mostrar aos leitores, àqueles que permaneceram no (ou que não foram obrigados a partir do) país, o que havia lá fora e, principalmente, questionar as ordens políticas vigentes na América Latina. De acordo com Paloma Vidal, Júlio Cortázar seguia nessa direção ao afirmar que o enriquecimento de um povo pode também ser analisado a partir das formas literárias que lhes são peculiares, causando maior criticidade sobre o seu contexto vivido e possível consciência de suas reais condições de existência<sup>164</sup>. Esse conhecimento apenas seria possível se os escritores ou historiadores registrassem e debatesses motivados pelo sentimento de responsabilidade pelo próprio contexto, fazendo da escrita uma estratégia para revelar ou problematizar as próprias vivências, abandonando portanto a “torre de marfim”. Nessa perspectiva, os contos de Alcalá podem ser pensados como espaços de criação, reflexão e questionamento acerca da sociedade paraguaia em uma perspectiva dialógica entre o escritor, outros escritores e pensadores e as sociedades em que viviam.

---

<sup>162</sup> BRAS, Luis. *Crítica é cara ou coroa?* In: \_\_\_\_\_. *Muitas Peles*. São Paulo: Terracota, 2011, p.122.

<sup>163</sup> CALLADO, op. cit., p. 56.

<sup>164</sup> VIDAL, op. cit., p. 26.

Ao considerar os anos de 1970 como mais incentivadores a uma escrita paraguaia (em comparação aos períodos anteriores), é importante lembrar que Guido Alcalá é branco, proveniente de uma família intelectualizada, educado nas melhores escolas de Assunção, um viajante que circulou por outros países e frequentou outras universidades, aspectos tais que lhe proporcionaram outras lentes, outros conhecimentos e outras vivências, possivelmente permitindo a construção de um novo olhar sobre a própria conjuntura paraguaia. O ato e o gesto de escrita de Alcalá dispõem de uma peculiaridade que deve ser ressaltada: em particular à época da ditadura de Stroessner, o Paraguai era um país de muitos analfabetos, camponeses e indígenas que nem sempre puderam ou tiveram liberdade para contar suas experiências a partir da escrita, ou seja, uma expressiva parcela da população não tinha acesso ao ensino regular nas escolas e, por isso, dispunha de pouquíssima voz no referido período. Ao defender a literatura de Alcalá como um *corpus* literário importante para refletir sobre a memória paraguaia não objetivo afirmar que sua narrativa é uma memória “justa” do Paraguai, mas tão somente perceber em seus escritos a representação de múltiplas vozes, possivelmente não passíveis de serem desmembradas de outra forma.

Diversas são as obras de Guido Alcalá analisadas nesta tese. Conforme visto ao longo deste capítulo, suas publicações correspondem a ciclos de sua vida, marcados por noções particulares de tempo e de espaço, alinhados pela memória, ou seja, em uma perspectiva dialógica, sua escrita não está dissociada de sua trajetória. É também a memória que motiva a escrita, como um gesto de esperança: de dias melhores, de mais igualdade social. Sobretudo, há a esperança de que não se apague da literatura ou mesmo da história a vivência de tantos personagens, cujos sentidos e personalidades foram parte dos rostos do cotidiano paraguaio. A literatura de Alcalá também existe porque houve desejo de registrar as memórias do seu país, seja pela sua trajetória de estudante, de intelectual ou de alguém pertencente a uma família de partido de oposição a Stroessner e que viveu a ditadura. Faz parte ainda de um presente que almeja se tornar histórico, registrado pelas canetas e falas daqueles que viveram a ditadura militar paraguaia, mas também daqueles que foram silenciados. Trabalhar com memórias e testemunhos não significa sacralizar uma ou outra versão, mas antes, de acordo com François Hartog, em vez de permitir que o tempo produza o esquecimento, fazer esse tempo avivar a memória e o acontecimento para que cada lembrança possa ser analisada.

Dessa forma, retomo as palavras de Hartog: “[...] com a temporalidade até então inédita criada pelo crime contra a humanidade, o tempo ‘não passa’: o criminoso permanece contemporâneo de seu crime[...]”<sup>165</sup>. O tempo não necessariamente promove o esquecimento; em tempos de ânsia do/pelo presente é urgente debater as mais variadas memórias que temos, para que processos semelhantes à ditadura de Stroessner não aconteçam. A partir das publicações de Alcalá, ainda considero que nem sempre o passado permanece esquecido, que este deve ser analisado para compreender o presente. Esse ensejo foi também o de Alcalá ao viver o seu contexto, isto é, passou a analisar na história paraguaia as permanências e descontinuidades de características sociais, políticas e culturais. Dessa busca resultou boa parte de seus ensaios, de seus contos, compondo sua literatura testemunhal. A partir dessas premissas, o segundo capítulo debate sobre os olhares da história para com os textos literários, considerando os fios da memória, a escrita e a trajetória de Alcalá, diante da história de seu país.

---

<sup>165</sup>HARTOG, op. cit., p. 154.

## 2 DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: OS ESCRITOS DE ALCALÁ E A HISTORIOGRAFIA

Eu escrevi essa novela Caballero, que foi um senhor que morreu em 1903 [...] os descendentes [...] bom, esse tipo de censura à história verdadeira de Stroessner não se escreve; porque a gente que podia não falava. Por exemplo, Stroessner tinha três filhos matrimoniais, que se chamavam Gustavo Adolfo, nome duplo, Graciela, e Alfredo. São muitos filhos não matrimoniais. E todos se chamavam ou Gustavo, ou Graciela. Acho que de Graciela só, havia umas quatro ou cinco, Gustavo, eu nunca soube de quantos se tratava. E era toda uma história, não sei como digo, déspota e bufão encenando a mesma peça no Paraguai. Stroessner é um bufão. Não sei, mas provavelmente ele tinha uma amante jovem, com o tempo era a amante, depois ela casava com um oficial do exército [tradução minha]<sup>166</sup>.

No Panteão Nacional dos Heróis<sup>167</sup>, localizado no Centro de Assunção, repousam os restos mortais de Bernardino Caballero, presidente paraguaio de 1880 a 1886 e fundador do Partido Nacional Republicano, mais conhecido como Partido Colorado (1887). A fundação ocorreu concomitantemente à criação do Partido Liberal, com o qual dividiria no século seguinte a disputa pelo poder executivo do país. Conforme observado no primeiro capítulo, as fontes desta tese não se referem somente à ditadura de Alfredo Stroessner, mas também a períodos precedentes, em especial, o de Solano López. Diante disso, este capítulo analisa o modo como o escritor representa esses momentos da história paraguaia, fazendo relações com os diferentes tempos e, de maneira particular, objetivando pensar o modo como a análise dessa parte da história política paraguaia colabora para o entendimento de ações e de estratégias do período stronista, época de Alcalá.

Como pode ser percebido na epígrafe acima, Guido Alcalá aponta semelhanças entre as personalidades de Bernardino Caballero e de Alfredo Stroessner, os quais eu entendo como machistas e

<sup>166</sup> ALCALÁ, Guido R. *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff e a Joana Maria Pedro (digital)*. Assunção, Paraguai, 19/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Isabel Cristina Hentz e Priscila Carboneri de Sena e revisada por Lorena Zomer, 2008.

<sup>167</sup> O Panteão Nacional dos Heróis, ou seu nome original El Panteón Nacional de los Heroes, tem o início de sua construção em 1863, durante a presidência de Francisco Solano López. Originalmente era apenas o Oratório da Virgem de Assunção, com uma arquitetura que imita outros monumentos europeus e assinada por Alejandro Ravizza. Porém, devido à Guerra da Tríplice Aliança, sua construção foi interrompida e apenas em 1929 retomada, cuja inauguração se deu em 1936 após a vitória paraguaia na Guerra do Chaco.



paternalistas. São recorrentes as comparações feitas pelo escritor, não apenas em seus textos, como também na entrevista de 2008, que – longe de serem anacronismos – são recursos utilizados por Alcalá para compreender e dar “a sua ordem” ao contexto paraguaio no qual está/estava inserido. Destacam-se, especificamente, as relações entre o período de Bernardino Caballero, de Carlos López, de Francisco Solano López e de Alfredo Stroessner. Aliás, é válido assinalar que o próprio Stroessner autoproclamava-se representante de Solano López, para muitas vezes legitimar suas escolhas, ações e práticas administrativas.

Ainda que Alcalá afirme que Stroessner não passava de um “bufão”, “um déspota encenando a mesma peça no Paraguai”, criticar os usos das imagens de políticos, as quais pertencem ao Panteão dos Heróis, nem sempre era possível para o escritor devido à censura. No entanto, em sua trajetória à época stronista, de forma muitas vezes velada, diante das restrições ditatoriais, Guido Alcalá passou a escrever uma série de contos e ensaios, porque, de acordo com ele, as respostas para compreender aquele panorama deveriam ser buscadas em outros momentos da própria história política do país, de forma que os acontecimentos que estava, então, testemunhando, não mais se repetissem. Assim, a relação entre esses dois aspectos é que estrutura a literatura testemunhal do escritor. A resistência de Alcalá está no próprio fato de as obras serem escritas e publicadas nesse período, mesmo com tiragens pequenas e muitas vezes clandestinas, como ocorre frequentemente com relação à literatura testemunhal em períodos ditatoriais, de guerra ou, de alguma forma, de conflito.

Mais que encontrar respostas para os detalhes lembrados pelo escritor sobre a vida e a representação daqueles homens, neste momento é preciso perceber o peso das narrativas contadas por outros revisionistas, como Juan Emiliano O’Leary<sup>168</sup> e Juan Natalicio González<sup>169</sup>. Com efeito, o que analiso nas próximas páginas é que o trabalho desses “historiadores paraguaios”, como ficaram conhecidos em seus contextos, foi cooptado por interesses particulares que registraram em suas narrativas o que importava aos interesses de um ou outro grupo político/social. Tais trabalhos, em especial o de Juan

---

<sup>168</sup> Juan Emiliano O’Leary foi um jornalista e revisionista paraguaio, reconhecido como historiador por ter escrito diversos livros referentes à história paraguaia. Seu trabalho iniciou-se nas primeiras décadas do século XX, tendo como foco defender o trabalho de Francisco López e vários princípios do Partido Colorado. Tem como obras principais *Historia de la Guerra de la Triple Alianza* (1912); *Nuestra epopeya* (1919); *El mariscal Solano López* (1925).

<sup>169</sup> Juan Natalicio González Paredes, presidente paraguaio pelo Partido Colorado em 1948-1949, revisionista e jornalista.

Emiliano O'Leary, são o foco de vários dos ensaios de Guido Alcalá quando este se propõe a explorar a história paraguaia, perante o seu contexto.

Considero crucial compreender a relação dessas narrativas (referentes a meados do século XIX) com o contexto de Stroessner, a fim de inferir como elas colaboram nas comparações feitas por Guido Alcalá, como também analisar a memória da ditadura militar paraguaia inscrita nas publicações de Guido Alcalá à luz da historiografia. Outro ponto explorado neste capítulo, em consonância com Lorena Soler<sup>170</sup>, é o caráter ditatorial do Paraguai, afirmado nas publicações de Guido Alcalá, formando uma história única, simbolizada no próprio uso do termo “ditadura”. Assim, ao buscar essas relações, é indispensável compreender o uso da literatura como fonte, assim como sua relação com a memória e a história recente paraguaia. Desde já, é possível observar que tanto a escrita quanto a reconstrução dos acontecimentos por meio da memória, não obstante serem práticas de resistência, são subjetivas e marcadas por interesses.

Nessa conjuntura, reitero que a tecitura da história é inerente ao seu contexto cultural, social, político e econômico, ou seja, não está dissociada do tempo e espaço em que emerge. A história depende dos interesses dos discursos de quem fala/escreve e para quem fala/escreve, independentemente se o contexto é o mesmo sobre o qual se fala e, além disso, suas fontes são sempre repletas de subjetividades. Os limites e os percalços dessas narrativas são de difícil compreensão e de organização para a escrita historiográfica, em especial, se for levado em conta que as mãos e os ouvidos do historiador têm suas próprias direções e pretensões. Sobre isso, Michel de Certeau salienta que o compromisso está na busca pelo conhecimento e nas possibilidades sobre os acontecimentos<sup>171</sup>.

Desse modo, o que tem inspirado tantos trabalhos sobre a Memória? As vítimas de ditaduras/guerras, antes vencidas e silenciadas, agora são as protagonistas de novas versões da história. O incentivo e a potência das memórias de acontecimentos traumáticos (sobretudo aos olhos dos historiadores) estão relacionados à tomada de consciência das manipulações direcionadas a elas (e o interesse historiográfico em explorar tais estratégias). Diante disso, os registros, as lembranças e os

---

<sup>170</sup> SOLER, Lorena. Mitos históricos, obstáculos epistemológicos y fronteras conceptuales. ¿Cómo es posible abordar el stonismo? *Cuarto Taller de Discusión Las derechas en el Cono Sur, siglo XX*. Universidad Nacional de General Sarmiento, Los Polvorines, 31 de mayo de 2012.

<sup>171</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 123.

arquivos desta tese foram colocados em questão, tornando possível analisar a escrita de Guido Alcalá e a forma como esta apresenta a história e a memória paraguaia. E o que são os textos de Alcalá? Quando menciono textos (ou sua escrita), refiro-me ao conjunto da obra, isto é, seus contos, ensaios literários, registros a respeito da história política e o texto da *Série Nunca Más*. No entendimento de Roland Barthes, “a unidade do texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode ser mais pessoal”<sup>172</sup>. Portanto, o que analiso são os sentidos que consigo encontrar em sua escrita e que se dão à medida que a leitura continua e novas dobras despontam, concentrando-me especialmente em debater o uso das memórias pela história.

Essa preocupação para com a memória, em certa medida, é decorrente dos processos mais traumáticos do século XX, como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria e os conflitos no Oriente Médio, pois tais acontecimentos motivaram a emergência de novos olhares, em especial por parte da história, no que concerne à memória. Ao mesmo tempo, a ciência histórica tem se debatido com suas questões metodológicas, preocupada em como problematizar suas hipóteses ou mesmo como proceder com suas fontes. Segundo o historiador François Hartog, a História Antiga se fez porque não havia documento, enquanto a História Moderna, cercada por tantos deles, não se faz pelos conflitos existentes relativamente à organização e à metodologia de cada fonte em particular<sup>173</sup>. No início do século XX, essa questão voltou à tona com mais ênfase, devido às mudanças epistemológicas instituídas pela primeira geração dos *Annales*. Se considero a leitura do historiador Michel de Certeau, as fontes, aquele que produz a narrativa e aquele que a lê são atravessados por materialidades, testemunhas de contextos com noções próprias de espaço/tempo<sup>174</sup>.

Por esse ângulo, discutir sobre a organização e o modo de análise de cada fonte, como feito no primeiro capítulo, faz-se necessário, haja vista que são organizadas com intenções diversas, carregando consigo sentidos que muitas vezes passam despercebidos, já que trazem previamente suas próprias perguntas. Diante disso, divido o capítulo em duas partes. Na primeira seção, relaciono a historiografia recente e aspectos da escrita de Guido Alcalá, considerando a importância da

<sup>172</sup> BARTHES, Roland. A morte do autor. In: \_\_\_\_\_. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 70.

<sup>173</sup> HARTOG, François. *Evidências da História: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 203-251.

<sup>174</sup> CERTEAU, op. cit., p. 14.

história oficial paraguaia em contextos anteriores ao governo de Stroessner. Essa análise é indispensável a fim de discutir como parte da história do Paraguai vem sendo escrita – seu uso e sua tecitura –, uma vez que Alcalá tem essa preocupação após a sua trajetória de estudante/viajante. Já, na segunda parte, o intuito é discutir a relação entre a memória e a história, dialogando com a teoria e a literatura como fonte.

## 2.1 Compilações e romances: a história paraguaia e a sua escrita

[...] a leitura do passado nacional paraguaio se completava com os seguintes princípios historiográficos: caráter selvagem da população indígena, administração nacional despótica e tirânica, propósitos liberais-republicanos da independência frustrados pelas ditaduras de Francia e dos López e, finalmente, a entrada do Paraguai no concerto das nações civilizadas logo depois da Grande Guerra [tradução minha]<sup>175</sup>.

O trecho inicial da seção traz uma representação do que seria o Paraguai antes e após 1870, ano em que acabou a Guerra da Tríplice Aliança. Entretanto, o caráter nacionalista e, em outros momentos, ditatorial, diversas vezes foi correlacionado por alguns historiadores aos governos de Carlos Antonio López e Francisco López, em especial nas últimas décadas. Mas, mesmo revisionistas considerados importantes até meados do século XX, como Juan O’Leary e Juan Natalicio González, reforçaram a imagem de Francisco López e Carlos López como heróis, a qual foi defendida por outros representantes do executivo, como Alfredo Stroessner.

Em conjunto com jornais, compilações e ensaios de profissionais de diversas áreas, a literatura tem sido uma fonte importante para a historiografia paraguaia. No Paraguai, estão ampliando-se o número e o rol de discussões historiográficas, diminuindo suas lacunas; ainda que a literatura de Alcalá não preencha

---

<sup>175</sup> No original: “[...] la lectura del pasado nacional paraguayo se completaba con los siguientes principios historiográficos: carácter salvaje de la población indígena, administración nacional despótica y tiránica, propósitos liberal republicanos de la independencia frustrados con las dictaduras de Francia y los López y finalmente la entrada del Paraguay al concierto de las naciones civilizadas luego de la Guerra Grande”. COLAZO, Carmen. *Los partidos políticos en el Paraguay*. Estructura Interna. Assunção: CIDSEP, 1998, p. 33. Observo que José Gaspar Rodríguez Francia foi atuante na política paraguaia sendo reconhecido como ditador perpétuo da República do Paraguai (1816-1840). Combateu o movimento campesino, de trabalhadores e fortaleceu as milícias, além de organizar um sistema nacional político, incentivando a formação de um mercado nacional.

esses lapsos e brechas, certamente acrescenta temas para debate com sua literatura testemunhal. Esse tipo de narrativa tornou-se comum, principalmente em razão do descaso direcionado às Ciências Humanas no Paraguai, pois, segundo Lorena Soler, somente com a abertura democrática na região, a partir de meados de 1980, aliada à análise mais contínua das fontes e ao crescimento do sistema de pós-graduação no Brasil e na Argentina, o Paraguai passou a ter sua produção de conhecimento acadêmico incentivada mais amplamente<sup>176</sup>. E, embora os estudos sejam mais numerosos em países estrangeiros, o período em que Fernando Lugo esteve no poder<sup>177</sup>, à frente de um governo democrático, potencializou aquelas perspectivas. A socióloga esclarece que em 2011 foi criado o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, e as disciplinas de Ciências Sociais e de Humanidades foram incluídas em cursos das Universidades Nacional e Católica Nuestra Señora de Asunción<sup>178</sup>. A partir disso, essas instituições tornaram-se centros de discussão e de realização de congressos, mesmo que ainda sejam vistas mais como disseminadoras do que como criadoras de ideias.

A socióloga atribui boa parte da historiografia aos países vizinhos, escrita pelas mãos de pesquisadores estrangeiros do Cone Sul ou de outros que se interessam pelos temas relativos ao Paraguai (como Estados Unidos e Espanha). Portanto, seja pelo reconhecimento tardio das disciplinas, seja por falta de encorajamento social/cultural, o que é certo é que as análises historiográficas sobre a ditadura militar de Stroessner no Paraguai são ainda limitadas e, por isso, há muito a se fazer. É preciso considerar, segundo Lorena Soler – pautada nas ideias do historiador – Ignacio Telesca –, que “[...] a edição de fontes e novas edições (esgotadas) foi a atividade historiográfica mais importante da última década no Paraguai [...] [tradução minha]”<sup>179</sup>, atividade que conta não apenas com os trabalhos reconhecidos como acadêmicos, mas

---

<sup>176</sup> SOLER, Mitos históricos, obstáculos epistemológicos..., op. cit., p. 2-3.

<sup>177</sup> Fernando Lugo foi eleito em 2008, com pouco mais de 40% dos votos e quebrou, pela primeira vez em sessenta anos, a hegemonia do Partido Colorado no poder executivo paraguaio. Entretanto, a *Alianza Patriótica para el Cambio* duraria apenas até 2010, quando ocorreram as primeiras divisões. O apoio fundamental havia sido o de Frederico Franco, seu vice do Partido Liberal Radical Auténtico, que acabou em 2010. Isso mais divergências políticas e problemas apontados pela mídia e pela oposição acabaram com o Impeachment de Lugo, em um processo de 36 horas. Sobre o tema, ver: RAMBO, Bruna; PEREIRA, Everton Candido; SÖTHE, Thiago. *A delicada saída e reingresso do Paraguai no Mercosul*. Disponível em: <<https://onial.wordpress.com/2014/04/10/a-delicada-saida-e-reingresso-do-paraguai-no-mercosul/>>. Acesso em 5 fev. 2017.

<sup>178</sup> SOLER, Mitos históricos, obstáculos epistemológicos..., op. cit., p. 2-3.

<sup>179</sup> No original: “[...] la edición de fuentes y nuevas ediciones (agotadas) fue la actividad historiográfica más importante de la última década en Paraguay [...]”. Ibidem, p. 6.

também com os compêndios, antologias e ensaios produzidos por jornalistas, como Guido Alcalá, Alfredo Boccia, entre outros.

De acordo com a cientista política Line Bareiro, existem no Paraguai grupos intelectuais que vêm formando-se e discutindo sobre os temas mais atuais, como o processo democrático pós-Stroessner, porém, conforme a pesquisadora explica, as críticas historiográficas sobre a historicidade política do/no país ainda são poucas. O que a autora faz na introdução do livro *La Sociedad a pesar del estado: movimientos sociales y recuperación democrática en el Paraguay*, do cientista político Benjamín Arditi e do sociólogo José Carlos Rodríguez<sup>180</sup>, é afirmar que, para além da formação do referido grupo intelectual no país, há o que se entende por “reformulação [tradução minha]”<sup>181</sup> dos grupos intelectuais que existiam até os anos de 1940 e foram silenciados, uma vez que a censura e o exílio não permitiram um profícuo desenvolvimento de ideias e críticas políticas/culturais/sociais<sup>182</sup>.

Dessa forma, ao encontro das ideias de Lorena Soler e de Line Bareiro, é possível dizer que não há no Paraguai um grupo que produz pesquisas de cunho histórico por um longo período sem enfrentar entraves colocados por instabilidades políticas e, principalmente, por golpes de Estado e de ditaduras (como exceção poderia citar a que atua desde os anos de 1970). Entretanto, mesmo com situações adversas, considero significativa a persistência de uma geração que escreva acerca da sua versão do vivido em seu país, a fim de contribuir para a constituição e/ou consolidação de uma visão crítica e questionadora também da política, mesmo que suas transformações ocorreriam apenas anos depois. No caso em evidência, a escrita de intelectuais é crucial, em vista das dificuldades do país em manter pesquisas mais institucionais/institucionalizadas, no sentido de se ter fomento público para tal exercício, especialmente até os anos de 2000. Com efeito, normalmente a produção dessa escrita não é, na maioria das vezes, de autores de Humanas ou das Sociais, áreas relativamente novas no sistema educacional acadêmico paraguaio, de modo que é comum que médicos e biólogos escrevam como os jornalistas, historiadores e

---

<sup>180</sup> BAREIRO, Line. Prólogo. In: ARDITI, Benjamín; RODRÍGUEZ, José Carlos. *La sociedad a pesar del Estado: Movimientos sociales y recuperación democrática en el Paraguay*. Asunción: El Lector, 1987. Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/2435\\_benjamin\\_arditi/21291\\_la\\_sociedad\\_a\\_pesar\\_del\\_estado\\_1987\\_por\\_benjamin\\_arditi\\_jose\\_carlos\\_rodriguez.html](http://www.portalguarani.com/2435_benjamin_arditi/21291_la_sociedad_a_pesar_del_estado_1987_por_benjamin_arditi_jose_carlos_rodriguez.html)>. Acesso em: 6 fev. 2017.

<sup>181</sup> No original: “reconformación.” Ibidem.

<sup>182</sup> ARDITI; RODRÍGUEZ, op. cit., p. 9.

sociólogos, e sintam-se inclinados à atividade literária e jornalística, desenvolvendo compilações, ensaios e romances, os quais têm/tinham também a memória como suporte. A tecitura da história paraguaia não está isolada de seu contexto. Os grupos sociais e as resistências que permearam a sua experiência formaram memórias que hoje, ao serem analisadas, explicam parte de sua história. Essas são questões colocadas com base em leituras feitas para esta tese, as quais muitas vezes apresentam o Paraguai como um local em que uma ditadura se sobrepôs à outra, frisando a passividade de seu povo, sem um crescimento social ou político capaz de mudar a trajetória política nos/dos últimos duzentos anos.

No entanto, concordo com a socióloga Lorena Soler, a qual apresenta o Paraguai como um local que fomentou várias reflexões sociais e políticas ainda nos séculos XVIII e XIX, servindo de inspiração a Voltaire, em 1759, embora este apontasse o guarani como um “bom selvagem” e os jesuítas como um grupo que limitava os interesses espanhóis<sup>183</sup>. Conquanto seja um estereótipo pensar o guarani como um “bom selvagem”, ou mesmo considerar as ações de jesuítas no Cone Sul como menos despóticas, o Paraguai detinha a atenção de outros países, além da própria Espanha. Essa imagem incentivou a imigração de muitos indivíduos, como a irmã de Sigmund Freud e grupos de alemães e de franceses. Ademais, o Paraguai foi palco de um forte movimento campesino e de duas guerras internacionais – a Guerra da Tríplice Aliança e a Guerra do Chaco, o primeiro a indicar a língua Guarani como oficial (em 1974) e a reconhecê-la em sua Constituição (2008). Se a vinda de imigrantes ou a eclosão das guerras não representam progresso, demonstram que o Paraguai reunia características econômicas e sociais convidativas. Além disso, a presença desses grupos e confrontos fomentou ideais de luta pela liberdade e por direitos sociais, ainda que nem sempre tenham sido alcançados ou efetivamente vivenciados pelos guaranis ou campesinos. Desse modo, retomo a questão posta por Soler, sobre o quadro historiográfico no Cone Sul e no Paraguai nas últimas décadas:

Em efeito, Paraguai não tem sido um objeto privilegiado de estudo das Ciências Sociais ou Humanas e inclusive tem ocupado um lugar muito marginal na área de história

---

<sup>183</sup> Os cenários guaranis nos quais Voltaire se baseou, em 1759, para ambientar parte de sua novela *Candide*, tanto inspirou muitos pensadores da época, como Montaigne, Rousseau, Charlevoix e Montesquieu, que viram ali a possibilidade de encontrar um “bom selvagem sul-americano” e observaram naqueles jesuítas um limite ao poder despótico do monarca espanhol. SOLER, Mitos históricos, obstáculos epistemológicos..., op. cit., p. 3.

regional ou de América Latina. É factível constatar sua ausência tanto nos trabalhos clássicos da reflexão acadêmica da região, como na bibliografia sobre as Ditaduras Institucionais das Forças Armadas do Cone Sul e dos regimes autoritários da América Central e Caribe, salvo em algumas referências ao Plano Condor e nos estudos recentes sobre memória. Há que destacar a exceção do consagrado trabalho de Alain Rouquié (1982), no qual o historiador cotejou as experiências stonistas com as centro-americanas, em outros projetos, igualmente ambiciosos, para a abordagem do autoritarismo na América Latina constatou-se a ausência do caso paraguaio [...] [tradução minha]<sup>184</sup>.

Obviamente, se levo em conta os últimos anos, em especial a partir dos anos 2000, encontram-se mais estudos sobre o Paraguai. Contudo, a maioria se refere à Guerra da Tríplice Aliança, isto é, a ditadura militar de Alfredo Stroessner demorou a entrar no rol de temas analisados no mundo e no próprio Paraguai, mesmo sendo parte de sua história mais recente e ainda tão “viva”. Na concepção de Lorena Soler, um dos motivos pelo destaque da Guerra do Paraguai é o fato de muitos dos trabalhos acadêmicos reproduzirem os mitos defendidos pelo próprio Strossner. Essa escrita acabou por contribuir com o desconhecimento da historicidade política paraguaia, como reforçou tanto a ideia de excepcionalidade que cerca o Paraguai, quanto a imagem dos heróis que formam o imaginário paraguaio.

Se por um lado o Paraguai tem uma historiografia que está reconfigurando-se, também tem histórias que, no entendimento de Soler, reforçam o panteão de heróis e postergam a construção de um conhecimento mais acadêmico. Essas histórias estariam cercadas por mitos, heróis e uma sucessão de ditaduras que não permitiram o afloramento de resistências, seja na zona urbana, seja na campesina. Ciente desses aspectos, olhar para o início da república paraguaia permite entender tanto parte da formação social/cultural do país, quanto as relações estabelecidas e presentes na escrita de Guido Alcalá, sobre a

---

<sup>184</sup> No original: “En efecto, Paraguay no ha sido un objeto privilegiado de estudio de las ciencias sociales o humanas y inclusive ha ocupado un lugar muy marginal en el área de la historia regional o de América Latina. Es factible constatar su ausencia tanto en los trabajos clásicos de la reflexión académica de la región, como en la bibliografía sobre las Dictaduras Institucionales de las Fuerzas Armadas del Cono Sur y los regímenes autoritarios de Centroamérica y el Caribe, salvo en algunas referencias al Plan Cóndor y en estudios recientes sobre memoria. A excepción del legendario trabajo de Alain Rouquié (1982), en el cual cotejó la experiencia stonista con las centroamericanas, en otros proyectos igualmente ambiciosos para el abordaje del autoritarismo en América Latina se constató la ausencia del caso paraguay [...]”. Ibidem, p. 4.



ditadura de Stroessner e a imagem que Alcalá constrói fazendo uso de aspectos da historicidade política de López. É importante considerar em que medida Alcalá estabelece essas relações, devido ao fato de o escritor ser considerado uma referência no país, com sua literatura testemunhal produzida em virtude de sua vivência, como também em decorrência do modo como a historiografia do país vinha/vem sendo feita.

## 2.2 Os heróis paraguaios, a escrita de revisionistas e a crítica de Alcalá

Mesmo antes da Guerra da Tríplice Aliança já havia instabilidade política no Paraguai, como afirma Hugo Rodriguez Alcalá<sup>185</sup>. Segundo o autor, o período colonial do século XVIII contava com uma repressão muito forte, seguida pela ditadura de Francia no século XIX e, com efeito muito devastador, pela Guerra da Tríplice Aliança, que teria destruído a “[...] flor e a nata da sociedade paraguaia [tradução minha]”<sup>186</sup>. Provavelmente, o que Hugo Alcalá quer dizer é que a classe intelectualizada – e talvez privilegiada – foi destituída de sua liberdade. A repressão colonial a que se refere seria a *Revolução dos Comuneros*, um episódio entre o início do século XVIII e o ano de 1735, durando 35 anos da história paraguaia. Os chamados *Comuneros* objetivavam dominar as reduções jesuíticas, a fim de conquistarem a autonomia de Assunção, porém não necessariamente a independência do Paraguai. O levante culminou na morte de vários moradores de Assunção, assim como ocasionou grandes prejuízos à economia e uma estagnação no processo (ou na vontade) de independência, já que os jesuítas, depois de duas expulsões, acabaram por angariar apoio do governo de Buenos Aires e da própria coroa espanhola<sup>187</sup>.

O segundo momento mencionado foi o de pós-independência (que se deu em 1811) e que, sob o governo de José Gaspar García Rodríguez de Francia, mergulhou o Paraguai em um período ditatorial, de isolamento diplomático e econômico do restante do mundo, marcado por prisões, exílios e mortes, situações que não foram incomuns nos governos seguintes de Carlos Antonio López e Francisco Solano López. Posteriormente a estes três momentos históricos – Colonial,

---

<sup>185</sup> Tio avó de Guido Alcalá e autor de diversos livros sobre o Paraguai e a literatura no país. Viveu a maior parte de sua vida nos Estados Unidos.

<sup>186</sup> No original: “[...] flor y la nata de la sociedad paraguaya”. ALCALÁ, Hugo R. *Literatura paraguaia*. Assunção: Ed. Comuneros, 1971, p. 37.

<sup>187</sup> CERVEIRA, Luis Alexandre. A paixão como motor da guerra - a revolução dos comuneros (Assunção/Paraguai, primeira metade século XVIII). *Revista Latino-Americana de História*. Unisinos: São Leopoldo, I, 2, 2012, p. 101-115.

Independência e Organização Nacional, respectivamente –, veio a chamada era liberal ou Constitucional (1870-1936). Dessa forma, ao considerar esses períodos como determinantes à formação de uma intelectualidade paraguaia, é pertinente afirmar que prejudicaram a história do país, visto que pouco se escreveu e o que se tem, como já mencionado, é um panteão de heróis, cujos atos não foram devidamente registrados, até mesmo para efeitos memorialistas. Conforme explica Lorena Soler, em 135 anos<sup>188</sup>, esses processos limitaram a criação de grupos intelectuais que pudessem ter escrito sobre a política paraguaia e debatido suas opiniões.

O período antecedente à criação dos primeiros partidos presenciou a “permissão”, por parte dos López, de outras vertentes políticas para a discussão da organização política e social do Paraguai. Entretanto, esses “títulos”, como eram chamados os capítulos contidos na Constituição de 1844 e de 1855, nunca foram efetivamente discutidos, vale dizer, aqueles que deveriam fomentar olhares diferentes ou mesmo serem opositores à política dos López nada mais eram que os próprios representantes e/ou indivíduos pertencentes às famílias relacionadas aos já dirigentes do país<sup>189</sup>. Dessa maneira, os governos dos López não enfrentaram resistência política, desqualificando a ideia de democracia.

Apesar disso, o período ditatorial dos López contou com um crescimento econômico, pois, ainda que não houvesse o reconhecimento da independência por parte da Argentina (responsável pela província do Paraguai), mesmo assim a indústria local foi incentivada, subsidiada pela venda da erva-mate, de fumo e de madeiras raras. Essa situação destacou o Paraguai dos demais países, oferecendo a possibilidade, não necessariamente a efetivação, de ser um país socialmente melhor. Não obstante, houve o direcionamento de verbas públicas à educação primária, até mesmo o envio de alunos a outros países com fomento público e arrendamento de terras (antes pertencentes aos representantes da coroa espanhola ou da Argentina)<sup>190</sup>. Esses fatores favoreceram o crescimento econômico do país, embora ainda se mantivesse em quase total isolamento em relação aos países vizinhos, mesmo após o reconhecimento argentino da independência paraguaia.

---

<sup>188</sup> SOLER, Mitos históricos, obstáculos epistemológicos..., op. cit., p. 2-3.

<sup>189</sup> SOUZA, José Carlos. *O estado e a sociedade no Paraguai durante o governo do Partido Liberal (1904-1935)*. 325 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual de São Paulo, Assis: 2006.

<sup>190</sup> *Ibidem*, p.134.

Logo, houve crescimento econômico, mas não político ou social: a política não foi popularizada, democratizada, nem mesmo uma constituição mais sólida foi elaborada. Sobre isso, Guido Alcalá escreveu ensaios e contos cujo objetivo é desconstruir a imagem recebida por alguns desses governantes ditatoriais (e que ainda persiste no imaginário paraguaio), como democráticos, responsáveis por um crescimento social significativo do país e, de forma alguma, culpados pela Guerra da Tríplice Aliança, ao corroborarem o trabalho de outros intelectuais, conforme se observa nas palavras do escritor Augusto Roa Bastos:

Depois de haver alcançado, em meados do século XIX, os níveis mais altos de desenvolvimento material e cultural sobre a base de uma efetiva independência e autonomia econômica e política, o Paraguai foi arrasado a sangue e fogo em cinco anos de guerra pelos exércitos da Tríplice Aliança. Essa guerra foi tramada e financiada pela política de dominação do Império Britânico com a conivência das oligarquias portuárias de Buenos Aires e dos centros financeiros do Brasil [tradução minha]<sup>191</sup>.

É possível notar que Roa Bastos atribui a Carlos López e a Francisco López a responsabilidade pelo período de maior desenvolvimento do Paraguai. Esse crescimento teria diminuído ou sido destruído pela ação do Brasil e da Argentina, que estavam agindo de acordo com os interesses da Inglaterra. Ideia perceptível em toda a citação, mas explícita nos seguintes trechos: “o Paraguai foi arrasado a sangue e fogo” e “Essa guerra foi tramada e financiada pela política de dominação do Império Britânico em conivência com as oligarquias portuárias de Buenos Aires e dos centros financeiros do Brasil”. Depois da ação desses países e exclusivamente como culpa deles, teria iniciado o tempo de decrescimento social/cultural, econômico e político paraguaio, correspondente ao período liberal. Alcalá, por sua vez, considera a ideia de Roa Bastos um tanto deturpada, dado que este “teria sido” também uma vítima da ditadura de Alfredo Stroessner ao sofrer exílio – segundo Roa Bastos – porém, não percebia nas imagens dos

---

<sup>191</sup> No original: “Después de haber alcanzado, a mediados del siglo XIX, los niveles más altos de progreso material y cultural sobre la base de una efectiva independencia y de su autonomía económica y política, el Paraguay fue arrasado a sangre y fuego en cinco años de guerra por los ejércitos de la Triple Alianza. Esta guerra fue tramada y financiada por la política de dominación del Imperio británico en connivencia con las oligarquias portuarias de Buenos Aires y los centros financieros del Brasil.” BASTOS, Augusto Roa. La narrativa paraguaya en el contexto de la narrativa latino-americana. *ABC*, Suplemento Cultural, 18 de julho de 1982, p. 5.

López os mesmos traços de Stroessner. Traços que eram incontestáveis, segundo Alcalá:

De sua sinistra ditadura (1954-1989), queremos enfatizar um aspecto: o culto dos heróis, Stroessner considerou-se o autêntico herdeiro dos grandes homens do passado. Considerava uma ofensa pessoal criticá-los e isso explica por que o senhor Velilla, por conta de um comentário histórico, foi parar no exílio. Quem queria agradar ao ditador insistia em seu parentesco moral com os ditadores do século XIX. Um exemplo é uma carta publicada no El País com o título “Uma carta ao Presidente” e a advertência: é o bronze da caneta de pena de O’Leary e é digno do cantor de nossas glórias e do máximo representante de nossos heróis [tradução minha]<sup>192</sup>.

No excerto, é evidente a crítica de Alcalá à representação de heroísmo construída em torno das imagens dos López. O escritor reprova, em especial, o trabalho do intelectual Juan O’Leary, que estava reforçando o ideal de heróis na memória e na história paraguaia, ao apontar em Stroessner traços semelhantes aos dos López, ao passo que outros eram enviados para o exílio por criticarem o presidente, o representante desses heróis. Ao analisar o tom elogioso recorrente de O’Leary ou de Roa Bastos, Alcalá demonstra como os heróis de Stroessner e da nação paraguaia tinham um caráter duvidoso quanto à democracia e, desse modo, também critica as ações de Stroessner, que havia tomado para si as imagens legitimadas pelas histórias oficiais de O’Leary, solapando os direitos sociais e políticos, inclusive os de Alcalá. Nessa mesma direção, Alcalá trata da carta de Juan O’Leary, quando este se manifestou sobre a independência paraguaia:

Escrevendo de Paris, O’Leary evocava a independência paraguaia: chegam aos dias gloriosos, o 14 e 15 de maio assomam das profundezas do passado como um longo canto de fraternidade e de esperança e penso em nossa amada terra natal e em todo os que são queridos para o meu coração de paraguaio, a todos que soa parte da minha

---

<sup>192</sup> No original: “De su siniestra ditadura (1954-1989), queremos recalcar un aspecto: el culto de los héroes. Stroessner se consideró el auténtico heredero de los ‘grandes hombres’ del pasado. Consideraba una ofensa personal criticarlos y eso explica por qué el señor Velilla, a causa de un comentario histórico, fue a parar al destierro. Quienes querían agradar al dictador insistían en su parentesco moral con los dictadores decmonónicos. Un ejemplo es una carta publicada em El País con el título “Una carta al Presidente” y la advertencia: Es de la pluma bronceada de O’Leary y es digna del cantor de nuestras glorias y del máximo vindicador de nuestros héroes”. ALCALÁ, Guido R. *Temas del autoritarismo*. Maryland: 1994. Disponível em:

<[http://www.portalguarani.com/539\\_guido\\_rodriguez\\_alcala/21186\\_temas\\_del\\_autoritarismo\\_1994\\_por\\_guido\\_rodriguez\\_alcala.html](http://www.portalguarani.com/539_guido_rodriguez_alcala/21186_temas_del_autoritarismo_1994_por_guido_rodriguez_alcala.html)>. Acesso em: 6 fev. 2017.

própria vida pelo afeto, pelo sangue, pela amizade [tradução minha]<sup>193</sup>.

É perceptível o tom ufanista de Juan O’Leary apontado por Alcalá. É a este sentimento de glória sobre a independência no século XIX que se refere Stroessner, quando trata de tal processo histórico ou de seus heróis. Segundo as palavras do escritor, ao assumir a presidência no ano de 1954, Stroessner passou a cultuar os heróis do panteão paraguaio: colocando a si mesmo como herdeiro, gostava de ser visto como um deles. Talvez, essa ideia de heroísmo tão forte no Paraguai – como em muitos países – tenha se tornado perceptível a Alcalá a partir de suas saídas do país, visto que muitas dessas ideias são extremamente comuns e disseminadas no cotidiano, por meio da educação escolar, por exemplo. A questão que analiso é que a trajetória de Alcalá possibilitou que ele olhasse para o contexto social e o culto aos heróis como um dos problemas de seu país, um dos que permitiram ações tão arbitrárias por parte do governo stronista. E essas observações fazem parte do *corpus* de sua literatura.

É possível perceber nitidamente a relação que Alcalá estabeleceu entre o excerto de Roa Bastos, a carta de O’Leary e a associação já mencionada entre os López e Alfredo Stroessner, corroborada pela mitificação que é feita a esses homens considerados heróis e na representação que o próprio Alfredo Stroessner, um militar, pretendia ter de si. Embora Guido Alcalá utilize até mesmo um poema de Roa Bastos<sup>194</sup> na mesma proporção dos textos de Juan O’Leary, o escritor diferencia ambos:

Enquanto Eduardo Galeano e Jorge Abelardo Ramos foram críticos do establishment, Juan Emiliano O’Leary e Natalicio González (os que levantam a bandeira do revisionismo paraguaio) foram oportunistas e empregados crônicos carentes de todo rigor intelectual. Uma coisa são as especulações históricas de Augusto Roa Bastos; outra, as manipulações políticas de Alfredo Stroessner. Seria injusto não reparar nas diferenças; por outro lado, a definição de Bobbio, com as simplificações de qualquer definição, serve

<sup>193</sup> No original: “Escribiendo desde Paris, O’Leary evocaba la independencia paraguaya: Llegan los días gloriosos de la Patria el 14 y 15 de mayo asoman en las lontananzas del pasado como un largo canto de fraternidad y de esperanza y pienso en nuestra amada tierra natal y en todos los que son caros a mi corazón de paraguay, a todos los que son parte de mi propia vida por el afecto, por la sangre, por la amistad”. Ibidem.

<sup>194</sup> Análise feita no terceiro capítulo. BASTOS, Augusto Roa. ¡Eternamente hermanos! *El País*. Assunção: 20 de agosto, 1954.

como ponto de referência para tocar no tema do revisionismo histórico [tradução minha]<sup>195</sup>.

Além de apontar em Natalicio González e em Juan O’Leary a falta de rigor intelectual, Guido Alcalá frisa que Roa Bastos, quem sabe por pertencer a uma geração mais nova em relação aos primeiros, via nas narrativas sobre meados do século XIX ideais a buscar em sua época, a qual não tinha laços com o seu presente, em seu entendimento. Ainda sobre o período de Francia e dos López, diante da falta de liberdade e do desconhecimento de direitos básicos referentes, sobretudo, à democracia, muitos historiadores desse contexto descreveram esse tempo heroizando os governantes.

O Paraguai sobre o qual esses revisionistas discutem começa a se formar no período após a Guerra da Tríplice Aliança. Um país que, até o início do século XIX, era apenas mais uma província e em meados do mesmo século havia se tornado uma potência na América Latina. Se isso era motivo de orgulho para o país, também gerava descontentamento por parte de seus vizinhos e da Inglaterra (responsável por várias decisões políticas nessa região), ocasionando a Guerra. Nesse mesmo contexto, exilados, expulsos por Solano Lopéz, conhecidos como *legionarios de la Legión Paraguaya*<sup>196</sup> (a oposição formada na Argentina e com forte influência liberal), começaram a debater atitudes para que o Paraguai se libertasse do jugo estrangeiro, ao qual foi submetido após 1870. Concomitantemente ao fim da Guerra da Tríplice Aliança também ocorreu a profissionalização do exército; esses indivíduos, juntamente aos caudilhos políticos, formaram a *Asociación de Ex Combatientes*, a qual, por sua vez, permitiu a mescla de interesses do Exército à sociedade civil<sup>197</sup>. Portanto, a partir de 1870, formou-se no Paraguai um novo governo, com os integrantes do governo de López e uma organização política marcada por pensamentos liberais na economia, juntamente com a criação oficial dos partidos mais importantes do século XX, o Liberal e o Colorado, fundados pelos grupos que se separariam no decorrer dos anos seguintes. As

---

<sup>195</sup> No original: “Mientras Eduardo Galeano y Jorge Abelardo Ramos fueron críticos del establishment, Juan Emiliano O’Leary y Natalicio González (los abanderados del revisionismo paraguayo) fueron oportunistas y empleados crónicos carentes de todo rigor intelectual. Una cosa son las especulaciones históricas de Augusto Roa Bastos; otra, la manipulaciones políticas de Alfredo Stroessner. Sería injusto no reparar en las diferencias; por otra parte, la definición de Bobbio, con las simplificaciones de cualquier definición, sirve como punto de referencia para tocar el tema del revisionismo histórico”. ALCALÁ, *Temas del autoritarismo...* op. cit.

<sup>196</sup> SOUZA, op. cit., p. 140.

<sup>197</sup> ALCALÁ, *Temas del autoritarismo...*, op. cit.

perspectivas sobre nacionalismo que surgiram nesse contingente formaram muitas das tendências políticas e discussões do período e, por vezes, também foram excludentes, especialmente no que diz respeito ao Colorado. Ainda sobre esse contexto e a ideia de nacionalismo, Alcalá afirma o seguinte com base em uma notícia de jornal *ABC Color* de 1870:

Aquela guerra foi formidável. O Paraguai de López conheceu sua Idade de Ouro. Assim poderia se resumir certa ideologia tecida em torno à Guerra da Tríplice Aliança. Essa ideologia se expressa cabalmente no discurso pronunciado pelo general Alfredo Stroessner em 1º de março de 1970. A guerra, fruto de uma conspiração internacional contra o Paraguai, significou a destruição de um dos países mais avançados da América. Os estrangeiros vencedores e seus cúmplices paraguaios declararam tirano o Mariscal Francisco Solano López, mas o revisionismo histórico iniciado por Juan Emiliano O’Leary, tem reparado essa injustiça histórica. Alguns ex-colaboradores do Mariscal López, com o general Bernardino Caballero, recuperaram a tradição patriótica do Mariscal. O partido colorado, fundado por Caballero em 1887, é o continuador e defensor dessa tradição [tradução minha]<sup>198</sup>.

Guido Alcalá ironiza a interpretação de Stroessner acerca do contexto final da Guerra da Tríplice Aliança, em especial sobre o modo como Francisco López era visto e foi apontado. Por mais que este tenha contribuído para o crescimento econômico do país, o seu governo era também ditatorial; embora seja certo que o Paraguai tenha sido alvo do oportunismo de vários países durante a guerra, inclusive do Brasil, a exaltação do nacionalismo de López é exagerada. Além disso, logo que acabou a guerra, o Paraguai foi governado por vários representantes dos países vizinhos e também por ex-aliados de López, que eram vistos como “[...] recuperáveis; todos eles devido a sua grande capacidade de

---

<sup>198</sup> No original: “Aquella guerra fue formidable. El Paraguay de López conoció su edad de oro. Así podría resumirse cierta ideología tejida en torno a la guerra de la Triple Alianza. Esa ideología se expresa cabalmente en el discurso pronunciado por el general Alfredo Stroessner el 1 de marzo de 1970. La guerra, fruto de una conspiración internacional contra el Paraguay, significó la destrucción de uno de los países más avanzados de América. Los extranjeros vencedores y sus cómplices paraguayos declararon tirano al Mariscal Francisco Solano López, pero el revisionismo histórico iniciado por Juan Emiliano O’Leary ha reparado esa injusticia histórica. Algunos ex colaboradores del Mariscal López, con el general Bernardino Caballero, recuperaron la tradición patriótica del Mariscal. El partido colorado, fundado por Caballero en 1887, es el continuador y defensor de esa tradición”. ALCALÁ, Guido R. *Imágenes de la Guerra y del Sistema*. In: RICHARD, Nicolas; CAPDEVILA, Luc; BOIDIN, Capucine (Org.). *Les guerres du Paraguay aux XIX et XX siècles*. Paris: CoLibris, 2007, p. 1.

adaptação às mudanças de poder [tradução minha]”<sup>199</sup>. Ou seja, o próprio Bernardino Caballero, fundador do Partido Colorado (e também o partido de Stroessner), em um primeiro momento construiu um discurso contrário às ações de López, logo após a sua derrocada, conforme Alcalá. Entretanto, nos anos seguintes, Caballero passou a incentivar o heroísmo de López, uma imagem reforçada pelo revisionismo de O’Leary.

Portanto, o ideal nacionalista apontado por Alfredo Stroessner, e que Francisco López teria incentivado durante a Guerra da Tríplice Aliança, teria sido forjado e heroicizado a partir da revisão histórica de O’Leary, a qual foi utilizada em diversos momentos da história, porém com interpretações duvidosas e fora de contexto. Alcalá ressalta que esse oportunismo de O’Leary teria “lhe conferido” um busto em uma praça central de Assunção em 1955, a mando de Stroessner, uma prática que reforçou o ideal nacionalista do presidente. Isto é, o compromisso não era com a história, mas com a versão desta criada por O’Leary. Não obstante, no texto “Imágenes de la guerra...”, Alcalá discorre sobre vários revisionistas, que deveriam ter sido mais bem compreendidos pela própria história, alguns até foram perseguidos e seus escritos parcialmente destruídos, porque teriam argumentado contra a idealização do nacionalismo de Francisco López. O que posso entender desse contexto é que, segundo Alcalá, há um uso considerado provinciano do “ideal nacionalista” da própria política paraguaia e da compreensão do que, de fato, seria esse ideal por parte de Stroessner, atitudes reforçadas pela falta de debate historiográfico. A ausência de entendimento sobre toda essa temática, o que conforme Alcalá era proposital, permitiu a continuidade de uma política ditatorial, em especial aquela enfrentada por ele.

Contudo, no início do século XX, o Partido Colorado seria derrubado e substituído pelo Liberal. Sobre essa mudança, Alcalá compreende que

a era liberal não se viu livre de imediato de seu passado. Se Francia e López foram a prolongação da Colônia, a era liberal teve que conviver com a tradição daqueles ditadores. Terminada a guerra, o Paraguai foi ocupado militarmente até 1879 pelo Brasil e pelo Uruguai. Os ocupantes se encarregaram de que manteriam no poder elementos da velha burocracia lopista. Sobreviveu a burocracia e, em grande medida, o sistema econômico e social anterior: o país seguiu sendo uma economia rural dominada pelo latifúndio que, como durante a Colônia, utilizava trabalho

---

<sup>199</sup> No original: “[...] recuperables; todos ellos debido a su gran capacidad de adaptación a los cambios de poder”. Ibidem, p. 1-2.



forçado ou mal pago. Como em tempos coloniais, a igreja e as autoridades locais eram poderes de fato. E a violência foi uma forma frequente de diminuir questões políticas. Por outro lado, o pequeno governo liberal, se não assegurou a estabilidade, não resolveu os problemas sociais, tampouco permitiu a implantação de ditaduras militares. Estas se viram obstruídas por dois fatores: a redução do exército e a ausência de monopólios do estado. O exército, que tinha uns 40.000 homens em 1864, não tinha mais de 600 em 1885 e uns 4000 em 1931. Os monopólios de governos desenvolveram-se com a ditadura de Morínigo e são a fonte de poder e da corrupção de Stroessner. Militarismo e estatismo, características dos governos de Francia e López, eram também das ditaduras depois da era liberal [tradução minha]<sup>200</sup>.

É possível inferir e afirmar, com base na citação anterior, que a chamada “era liberal” (de 1870 a 1936 e governada pelos liberais entre 1905-1936) postergou vários arranjos políticos, sociais e até mesmo culturais, que permitiram a perpetuação, de certo modo, de entraves aos ideais republicanos e ao crescimento democrático tão esperado pelo Paraguai ao fim do século XIX. Essa constatação é indicada por Guido Alcalá a partir de alguns fatores, tais como: o poder da igreja e de um grupo social seletivo; direitos trabalhistas ausentes, ao indicar o uso de “trabajo forzado o mal pagado”; e violência política (ainda que não fosse severa como a das ditaduras militares de Francia e, posteriormente, de Stroessner). Estes dois são comparados, ao final do texto, por terem utilizado em seus governos a força militar e por manter o monopólio econômico.

O que pode causar inquietação nesse trecho de Alcalá é a afirmação de que o Partido Liberal não permitiu a instalação de novas

---

<sup>200</sup> No original: “La era liberal no pudo liberarse de su pasado inmediato. Si Francia y López fueron la prolongación de la Colonia, la era liberal tuvo que convivir con la tradición de aquellos dictadores. Terminada la guerra, el Paraguay fue ocupado militarmente hasta 1879. Los ocupantes se encargaron de que continuaran en el poder elementos de la vieja burocracia lopista. Sobrevivió la burocracia y, en gran medida, el sistema económico y social anterior: el país siguió siendo una economía rural dominada por el latifundio que, como durante la Colonia, utilizaba trabajo forzado o mal pagado. Como en tiempos coloniales, la iglesia y las autoridades locales eran poderes de facto. Y la violencia fue una forma frecuente de disminuir cuestiones políticas. Por otra parte, el small government liberal, si no aseguró la estabilidad ni resolvió los problemas sociales, tampoco permitió la implantación de dictaduras militares. Estas se vieron obstruidas por dos factores: la reducción del ejército y la ausencia de monopolios de estado. El ejército, que tenía unos 40.000 hombres en 1864 no tenía más de 600 en 1885 y unos 4000 en 1931. Los monopolios de gobierno se desarrollan con la ditadura de Morínigo y son la fuente del poder y la corrupción de Stroessner. Militarismo y estatismo, característica de los gobiernos de Francia y López, lo son también de las dictaduras surgidas después de la era liberal”. ALCALÁ, *Temas del autoritarismo...*, op. cit.

ditaduras e justificar tal frase como confortante, no que se refere também às transformações sociais, trabalhistas e educacionais (não ocorridas). Além disso, apontar a não ou ínfima existência de exército como unicamente responsável por ter ditadura ou não em um país nem sempre é suficiente, uma vez que o conhecimento intelectual ou cultural e a igualdade social são os aspectos que, muitas vezes, motivam mais largamente para a consolidação democrática. Desse modo, embora Alcalá aponte a era liberal como uma época diferente de outros períodos, é plausível percebê-la como um contexto responsável pela perpetuação dos problemas herdados. Nesse caso, para compreender o porquê de uma política ditatorial tão contínua no Paraguai, é necessário um estudo detalhado e analítico desse período (ainda que fuja aos limites desta tese), evitando-se a continuidade de tantos mitos e profundos esquecimentos, ou, ao menos, o seu debate.

Ao considerar o fato de Guido Alcalá ter publicado dois ensaios no livro *Ideología Autoritaria* e que ambos não contemplam o período de 1870-1936, é possível levantar algumas questões quanto à memória da história paraguaia com base nesse recorte. Primeiramente, considerando a afirmação logo na introdução do livro: “[...] As condições – sociais, políticas, econômicas e culturais que tornaram viável a ideologia autoritária não podem ser analisadas aqui; como tenho proposto, limitamo-nos a fazer uma exposição da ideologia autoritária paraguaia [tradução minha]”<sup>201</sup>; em minha leitura, Alcalá não reconhece neste livro a importância da análise cultural, social e econômica mantida ou legitimada pela política do referido período.

Considerando que o comando executivo de um país é um dos fatores determinantes para a efetivação de mudanças sociais ou permanências da pobreza e das mazelas vistas nas mais variadas realidades sociais, acredito que é relevante compreender o processo político-social entre 1870-1936 e, por conseguinte, as condições que propiciaram tanto o início da chamada “nova era”, quanto a sua derrocada. Quais foram as condições que os próprios liberais estabeleceram para que novas ditaduras se instalassem? Para tanto, faz-se necessário analisar as motivações da intitulada “ideologia autoritária” que, caso tenha sido menos recorrente no início do século XX, voltou com muita facilidade em meados do mesmo século. Compreendo, fundamentada nessas ideias, que o tempo do “liberalismo” no Paraguai

---

<sup>201</sup> No original: “[...] Las condiciones – sociales, políticas, económicas que hicieron viable la ideología autoritaria no pueden ser analizadas aquí; como se ha dicho, nos limitamos a hacer una exposición de la ideología autoritaria paraguaya.” ALCALÁ, Guido R. *Ideología Autoritaria*. Assunção: Servilibro, 2007, p. 8.

diminuiu os problemas econômicos; permitiu, contudo, a continuidade de políticas que legitimaram as diferenças sociais e mesmo políticas.

Portanto, a era liberal foi responsável pela permanência de aspectos sociais e políticos ainda abusivos, senão coloniais, muitos dos quais seriam ainda conservados por Alfredo Stroessner a partir dos anos de 1950; apesar disso, Guido Alcalá, no início do livro *Ideologia Autoritaria*, afirma que

a constituição de 1870, tão criticada, foi a primeira a reconhecer direitos políticos aos paraguaios, em abolir a tortura, o exílio, a pena de morte por razões políticas. A tortura, rotina policial no governo Francia e López, recém volta a ser rotina no governo de Morínigo [tradução minha]<sup>202</sup>.

Guido Alcalá faz referência ainda às conquistas do período em que o Liberal assumiu o poder no início do século XX, como o crescimento econômico do país, visto que algumas transformações vieram com a nova constituição, a de 1870, conforme consta no trecho citado. Práticas recorrentes como a tortura, o exílio e a pena de morte, foram extintas, ao menos naquele momento, melhorando a perspectiva de direitos políticos e humanos.

Ao analisar os períodos de López, o liberal e o de Stroessner, Guido Alcalá extrai como denominador comum a instabilidade política contínua e ocasionada por governos não democráticos. Isso teria sido acentuado ainda no governo de López, quando este, morto em combate em 1870, deixou o governo sem cumprir as promessas de uma democracia e arruinado economicamente. De acordo com Alain Rouquié<sup>203</sup>, o Paraguai teve 32 presidentes e um triunvirato de 1820 a 1932; no período antecedente à ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989), o país contou com cinco presidentes em sete anos, fator que demonstra a instabilidade governamental. Tal inconstância política teria sido causada pelos partidos republicano (ou colorado) e democrático (ou liberal). O segundo dominou de 1904 – após a expulsão dos colorados – até a Guerra do Chaco, na década de 1930, isto é, a historiografia e a literatura de Alcalá permitem-me perceber que há entre 1870-1954 (mais de oito décadas) um período bastante instável e repleto de golpes militares e civis. Compreender esse contexto é de crucial importância

<sup>202</sup> No original: “La Constitución del 70, tan criticada, es la primera en reconocer derechos políticos a los paraguayos, en abolir la tortura, el exilio, la pena de muerte por razones políticas. La tortura, rutina policial bajo el gobierno Francia y López, recién vuelve a ser rutina con el gobierno de Morínigo”. Idem.

<sup>203</sup> ROUQUIÉ, Alain. *O estado militar na América Latina*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1984, p. 214.

para perceber as questões sociais e políticas que permitiram que o governo de Stroessner se mantivesse no poder por mais de trinta anos.

Como afirmado, o Paraguai tem em sua história basicamente governos ditatoriais ou frutos de “golpes de Estado”; é notório, porém, lembrar que, em 1937, o coronel Rafael Franco, do partido febrerista<sup>204</sup>, com o apoio de outros militares da Guerra do Chaco, liderou um novo golpe, com o objetivo de mudar a realidade social do país, proposto com base em uma reforma agrária. Entretanto, o Marechal José Félix Estigarribia Insaurralde promoveu uma ação para tomar o poder ainda em 1937 e estabeleceu mudanças em relação à censura, influenciando, a partir de 1940, a elaboração de uma nova constituição, na qual se incluiu a possibilidade de decretar o *estado de sitio*<sup>205</sup>, prática repressiva bastante utilizada nas décadas seguintes. Anos mais tarde, em 1947, os febreristas tentaram voltar ao poder, contando com o apoio da Argentina e dos Estados Unidos; após seis meses da guerra civil, os liberais permaneceram na liderança política<sup>206</sup>. Nesse período, o general Higinio Morínigo pediu o apoio dos colorados, que se encontravam divididos em seus interesses partidários, situação da qual Alfredo Stroessner se aproveitou para tomar o poder para si.

No mês de maio de 1954, Stroessner, até então comandante das Forças Armadas paraguaias, promoveu o Golpe de Estado. O processo se deu apoiado pelo Partido Colorado, tendo à frente provisoriamente Tomás Romero Pereira. Dois meses depois, Stroessner foi eleito como presidente, com a maior parte dos votos válidos. Sua presença no executivo se estenderia até 1989 por meio de eleições fraudulentas (em que quase sempre era o único candidato) e ancorada em características peculiares, como: corrupção por meio de instituições governamentais e cargos públicos indicados em troca de interesses, configurando uma prática clientelista e paternalista, além da repressão e violação dos direitos humanos por intermédio de torturas e da censura nos meios midiáticos<sup>207</sup>.

Apesar das atrocidades do seu governo e de sua política econômica e socialmente direcionada de forma bastante desigual,

---

<sup>204</sup> MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner, 1954-1963*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

<sup>205</sup> ROUQUIÉ, op. cit., p. 214-216.

<sup>206</sup> *Ibidem*, p. 215.

<sup>207</sup> SANTOS, Miguel. A ditadura de Stroessner no Paraguai e o controle da oposição: os mecanismos usados na ditadura stronista visando ao controle da oposição. In: *II Jornada de Estudos sobre a ditadura e direitos humanos: há quarenta anos dos golpes no Chile e no Uruguai*. Anais (recurso eletrônico). Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, (CORAG), 2013, p. 40-41.

quando Stroessner assumiu a presidência, o Paraguai já era um país marcado por uma política conturbada, com problemas sociais, culturais e econômicos, um alto índice de emigração para os países vizinhos, inflação alta e baixo crescimento do PIB, especialmente no início da década de 1950<sup>208</sup>. Não houve no Paraguai um governo eleito democraticamente e que tenha se mantido sem fortes instabilidades políticas. Prova disso, no que diz respeito à emigração, Evelin Welbach afirma que o exílio já era uma prática comum antes do governo de Stroessner<sup>209</sup>, tanto por problemas econômicos quanto políticos. Além do período relacionado à Guerra do Chaco<sup>210</sup> e à Guerra Civil de 1947<sup>211</sup>, as políticas impostas anteriormente também limitavam a população paraguaia e seu desenvolvimento no tocante à igualdade social, de direitos, de trabalho ou mesmo de acesso a serviços públicos de qualidade. Uma das causas poderia ser a constante preocupação em deter com medidas autoritárias os anseios do povo (e as questões sociais), em vez de promover a construção de um governo que entendesse a democracia como algo passível de conflito e de discussão, porém respeitada na escolha feita por uma maioria, aspecto não presente até então, visto que, dos 44 presidentes, entre Solano López e Alfredo Stroessner, 24 foram derrubados por meio de golpes violentos.

Ceres Moraes e Evaristo Colmán afirmam que em 1956 a concentração de propriedades de terras predominava na posse de poucos proprietários, pois 85% do território paraguaio pertencia a 1549 proprietários, os quais praticavam, em sua maioria, a pecuária extensiva

---

<sup>208</sup> MIRANDA, Carlos R. *Paraguay y la era de Stroessner*. Asunción: RP Ediciones, 1992, p. 116.

<sup>209</sup> WELBACH, Evelin. El Paraguay exiliado: Memorias de la Resistencia 1970-1989. In: *Anales de las jornadas de trabajo "Exilios políticos del Cono Sur en el siglo XX"*. Assunção: Universidad La Plata, 2012, p. 1.

<sup>210</sup> [A Guerra do Chaco, disputada com a Bolívia pela região do Chaco, rica em petróleo. O Paraguai em um discurso nacionalista e com o apoio dos Estados Unidos venceu, fortalecendo o seu setor de Forças Armadas, aspecto importante que estará junto ao executivo até o fim do governo Stroessner. Confuso até aqui] Por outro lado, isso diminuiu a força do Partido Liberal, que se tornou uma oposição mais contundente nas décadas seguintes. Ver: FARIÑA, Cristina Raquel P., IBARRA, Guzman. A consolidação do regime de Stroessner e a Guerra Fria. *OPSYS*. Catalão-GO, v. 14, n. Especial, 2014, p. 245-247.

<sup>211</sup> A Guerra Civil (ou Revolta Civil) foi travada entre o Partido Colorado de Morínigo (apoiado por Juan D. Perón e os camponeses colorados) e o Liberal, aliado pelo comunista e pelo febrerista. A motivação se deu pelas disputas dos partidos de oposição e das próprias divisões dentro do Colorado. O que ocorre após o conflito é a supremacia do Colorado, como único detentor também de armas e de soldados, como igualmente uma intensa emigração. *Ibidem*, p. 246-248.

e a derrubada de florestas<sup>212</sup>. Mais de 70% da população era dependente do trabalho da terra e não possuía propriedades, fator determinante para evidenciar e intensificar a desigualdade social no país. Além disso, as técnicas de agricultura de subsistência dos pequenos produtores necessitavam ser modernizadas, já que os processos artesanais de produção não garantiam o sustento dessas famílias, tornando-as dependentes dos grandes produtores, aumentando a pobreza e a desigualdade social.

Ao considerar as características políticas desse contexto responsáveis pelo panorama social e político dos anos de 1960/70, é possível compreender parte da narrativa de Guido Alcalá, a qual aponta a fragilidade da democracia e a ausência ou insuficiência dos direitos sociais no Paraguai como fatores persistentes na história do país. Nesse caso, além da importância de compreender esse cenário, acredito que analisar os aspectos socioculturais incide diretamente sobre o modo como a história paraguaia tem sido narrada, tornando possível apreender parte das resistências desse contexto.

### 2.2.1 *O período liberal e a questão social (1870-1936)*

De acordo com José Carlos de Souza, o Partido Liberal foi fundado logo após o ano de 1870 por Fernando Iturburu e Juan Francisco Decoud. Ambos, assim como outros, eram ex-exilados da *Legión Paraguaya*<sup>213</sup>; ainda estavam presentes na fundação ex-combatentes da Guerra da Tríplice Aliança e companheiros de lutas pela independência de Gaspar de Francia. Em outras palavras, a formação do Partido Liberal foi composta por sujeitos que outrora estiveram lutando um contra o outro na guerra e que, a partir de 1871, ocuparam lugares centrais na política (como cargos de secretários e até ministros) e em instituições públicas, como correios e telégrafos<sup>214</sup>. José Carlos de Souza ainda aponta a presença de muitos dos ex-exilados provenientes de Buenos Aires, os quais haviam estudado na Argentina durante o seu exílio. Justamente por isso eram tidos como manipulados pelos interesses de Buenos Aires, com o objetivo de formar uma grande

---

<sup>212</sup> COLMÁN, Evaristo; MORAES, Ceres. *A guerrilha da Fulna: considerações preliminares*. Disponível em: <[http://www.cedema.org/uploads/moraes\\_colman.pdf](http://www.cedema.org/uploads/moraes_colman.pdf)>. Acesso em: 6 jan. 2014.

<sup>213</sup> SOUZA, op. cit., p. 198

<sup>214</sup> Idem.

nação, unidos aos territórios do Uruguai, do Brasil e do Paraguai: projeto chamado de *La Gran Nación*<sup>215</sup>.

Mesmo sendo apontados como representantes portenhos, muitos exilados perderam tudo o que tinham quando saíram de seu país natal e, em seu retorno, na grande maioria dos casos, não tinham posses. Souza aponta que os grupos exilados retornavam ao Paraguai como *tábulas rasas*, isto é, não tinham um projeto hegemônico para a política. O que marcava esse retorno era uma divisão da nascente oligarquia paraguaia em dois partidos, o Colorado e o Liberal<sup>216</sup>. Ambos eram formados por interesses econômicos diferentes, desde os seus princípios, pois se o primeiro apoiava a entrada de investimento e de influência estrangeira, inclusive sobre os recursos naturais do país, o segundo se colocava como porta-voz da “reforma étnico-econômica” necessária ao país, dizendo que daria lugar também aos grupos sociais originários do Paraguai.

Ademais, não havia uma classe burguesa no Paraguai até 1870, muito menos nos moldes europeus. Ela seria forjada nos anos seguintes à Guerra da Tríplice Aliança, buscando direitos à participação política e à propriedade privada. Além disso, com recursos financeiros ou não, considerando que o país estava entrando no mercado capitalista e que o momento era de liberalismo econômico, muitos daqueles ex-exilados foram “pontes” de interesses dos países circunvizinhos e até mesmo da Europa e dos Estados Unidos, principalmente influenciando assuntos políticos e econômicos.

Nessa conjuntura, sobre a tentativa de (re)construção do país, após 1870, Omar Diaz de Arce afirma que após o Paraguai perder sua “elite” por duas vezes, no conflito da Independência e na Guerra do Paraguai, o que impedia o crescimento do país era o seu desconhecimento político sobre qual economia deveria conduzir seu projeto nacional<sup>217</sup>. Viam-se sujeitos que estavam se estruturando e disputando o poder ao mesmo tempo. O Partido Colorado, ao estar representado por um grupo que se torna e se vê como burguês devido à abertura econômica do país pós-guerra, é também pertencente a uma classe que se dizia revolucionária. Contudo, o Colorado manteve laços com uma oligarquia rural, a qual tinha posses sem a influência intelectual trazida pelos liberais. Esta ideia, já afirmada por José Carlos

---

<sup>215</sup> Idem.

<sup>216</sup> Ibidem, p. 204-205.

<sup>217</sup> ARCE, Omar Diaz de. O Paraguai Contemporâneo (1925-1975). In: CASANOVA, Pablo G. (Org.). *América Latina – História de meio século*. Brasília: Ed. UnB, 1970, p. 228.

de Souza<sup>218</sup>, demonstra também como a política paraguaia, alvo da disputa entre os dois partidos, torna-se um campo de experimentações e de transações comerciais do interesse de quem o domina e, também, dos países que ajudam a financiar os interesses dos liberais que não tinham o capital. Nesse caso, as motivações de financistas estavam ligadas à formação de um poder hegemônico, tanto no que se refere às instituições, quanto à possível influência das políticas sociais para:

[...] Coibir a ação independente das classes populares, especialmente da classe dos trabalhadores. Como os colorados tratavam dos problemas econômicos e da questão social existentes à época sem nenhum critério, com planos econômicos para taxar as exportações e as importações que prejudicavam as atividades desses industriais e proprietários, perderam o apoio. De qualquer modo, há muita contestação a respeito das classes das quais o Partido Liberal foi formado, e mesmo da própria existência dessas classes no Paraguai por essa época, o que muitas vezes sugere, como para Juan Manuel Frutos, que havia dois partidos liberais, e que as facções que se formaram dentro dele, além de representar a ideologia de seus líderes, também estavam ligadas às classes que dela faziam parte<sup>219</sup>.

A conclusão à qual chega o historiador José Carlos de Souza é a de não existência de consenso de classes, sendo que nem ao menos se pode afirmar que a ideia de burguesia estaria representada dentro desse grupo bastante diverso. José Souza aponta ainda a falta de organização social no que seria incumbência do governo, ou seja, este sempre esteve preocupado em despontar economicamente, mas não em fortalecer uma organização política e social mais democrática. Como o próprio historiador menciona, se no Brasil é apontado que possivelmente “tínhamos uma burguesia cafeeira e uma industrial nascendo<sup>220</sup>, por volta dos anos de 1920/1930”, no Paraguai não havia grupo algum semelhante àquelas. Outro fator interessante deste contexto é a influência do liberalismo ao preservar uma política econômica de exportação e de importação e não defender a liberdade de ação das classes trabalhadoras, isto é, o partido liberal proibiu práticas não democráticas como a tortura e o exílio, mas não favoreceu as mudanças sociais necessárias para a maioria da população. Além disso, já de início, havia dissidências e grupos diferentes representados no mesmo partido, como também resistências populares.

---

<sup>218</sup> SOUZA, op. cit., p. 207.

<sup>219</sup> Ibidem, p. 207-208.

<sup>220</sup> Ibidem, p. 204.



Nesse sentido, lembro as considerações de Lorena Soler quando afirma que o Paraguai é reconhecido por muitos intelectuais como um palco de muitas ditaduras a partir de 1870 e por isso também é considerado excepcional, ao mesmo tempo em que não teria presenciado resistências frente aos governos despóticos e reais<sup>221</sup>. Sobre este aspecto, recordo o movimento dos *Comuneros*, cujos tempos coloniais e de sobreposição da Espanha e de Buenos Aires não evitaram os questionamentos feitos por aqueles homens. Ainda, trago o episódio conhecido como *23 de octubre* de 1931: “[...] data em que a polícia do presidente Guggiari disparou e metralhou uma manifestação estudantil em frente ao palácio do governo. Entre os mortos se encontravam idosos e crianças que passavam pelo lugar [tradução minha]”<sup>222</sup>. Esta última refere-se a uma manifestação pacífica de alunos realizada nas proximidades do palácio de governo, os quais eram oriundos do centro de estudantes do Colégio El Nacional de la Capital e apoiados por estudantes do Colégio Internacional, de São José, do Presidente Franco e do Colégio Nacional Asunción Escalada. O objetivo desses alunos era denunciar a intromissão da Bolívia nos assuntos referentes à região do Chaco, área que, para eles, deveria ser exclusiva do Paraguai e pública, ou seja, sem intervenção de interesses do exterior<sup>223</sup>.

Esses conflitos demonstram ações de resistências, as quais, ao longo da história paraguaia, embasam a ideia de que houve relutância no país, porém em geral por parte das classes menos favorecidas economicamente ou sem direitos políticos. Isto também demonstra que é preciso analisar as questões sociais/culturais a fim de compreender em que princípios se legitimam os poderes ditatoriais, os quais, nas palavras de Guido Alcalá, formam uma cultura política ditatorial. Analisar as persistências dos grupos, mesmo que isoladas e, muitas vezes derrotadas, é permitir que outras vozes sejam ouvidas em relação às lutas dos “vencidos”. Ainda para refletir sobre a resistência existente ao longo da história paraguaia, considero a análise dos confrontos

---

<sup>221</sup> SOLER, Lorena. *Modernización, Cambio Social Y Ciencias Sociales. Los oficios del Sociólogo en tiempos del Régimen Stronista en Paraguay (1954-1989)*. 325 f. Tese (Doutorado) defendida no Programa de Pós-Graduação de Facultad de Ciencias Sociales de Buenos Aires, 2011.

<sup>222</sup> No original: “[...] fecha en que la policía del presidente Guggiari disparó y ametralló una manifestación estudiantil frente al palacio de gobierno. Entre los muertos se encontraban viejos y niños que pasaban por el lugar.”; SOUZA, op. cit., p. 248.

<sup>223</sup> VOLTA, Enrique Gaona. *Los sucesos de 23 de octubre de 1931*. Assunção: Editorial El Arte, 1957.

paraguaios dos sociólogos Benjamin Arditi e José Carlos Rodriguez<sup>224</sup> significativa. Para eles, no fim do contexto ditatorial de Stroessner, três grupos ganharam notoriedade em suas lutas: estudantes universitários responsáveis pela recuperação dos grêmios estudantis, os quais estavam subordinados ao poder político, incentivando outros estudantes a lutarem; os sindicatos ativos e diversos defendidos por vários trabalhadores; e os camponeses, cujas tradições e resistências estavam desenvolvendo organizações independentes, com ambos os sexos, como os “camponeses haicha”. Além disso, as manifestações pacíficas de resistência teriam aumentado significativamente.

Esses e outros confrontos e manifestações, ao longo das décadas, levantaram questionamentos acerca dos governos autoritários e sobre igualdade social e trabalhista, desde o fim do século XIX, envolvendo o período paraguaio reconhecido como liberal até o governo Stroessner. José Carlos Rodriguez e Benjamín Arditi apontam que as resistências alcançaram pontos relevantes na definição do movimento de trabalhadores no Paraguai, mencionando atas sindicais e um jornal criado ainda no século XIX, como “El Artesanato”, o qual reivindicava “un hombre, un voto”. E, quanto à perseverança própria da resistência, os autores sintetizam em uma frase, a importância desses movimentos, que muitas vezes parecem isolados e com poucas vitórias: “[...] não há uma derrota dos trabalhadores, cada episódio termina em especificações de condições de trabalho [...] [tradução minha]”<sup>225</sup>. Os autores não citam exatamente quais seriam os ganhos desde 1880, mas enfatizam o sentimento de vitória do movimento dos trabalhadores ao longo do último século, em busca de direitos, de igualdade e de voto. Friso ainda que o “sentimento de vitória” não implica em mudanças imediatas de acordo com as reivindicações, porém, acarreta no fortalecimento da própria existência do movimento de trabalhadores, pois, mesmo com perdas, é possível dizer que houve continuidade na luta por direitos.

Contudo, obviamente a pretensa igualdade econômica e social, base para uma democracia mais sólida, não foi alcançada, visto que as condições econômicas entre 1870-1936 eram precárias e muito desiguais, sendo este um dos principais pontos da pauta do movimento dos trabalhadores. Estes apontavam “[...] a falta de exercício efetivo da democracia e em relação ao social paupérrimo que estava se instalando

<sup>224</sup> ARDITI, Benjamín; RODRIGUEZ, José Carlos. *La sociedad a pesar del Estado: Movimientos sociales y recuperación democrática en el Paraguay*. Asunción: El Lector, 1987, p. 35-37.

<sup>225</sup> No original: “[...] No hay una derrota obrera, cada episodio termina en un pliego de condiciones de trabajo [...]”. Ibidem, p. 36.

[...] [tradução minha]<sup>226</sup>, demonstrando como uma participação pouco popular ocasiona problemas sociais ou os legitima, a fim de que a ordem das classes sociais se mantenha, dando privilégios, para poucos. O movimento de trabalhadores teria acusado ainda que, ao invés dos grupos políticos da época ampliarem o conceito de democracia, permitiram condições que a destruíssem e “[...] desta maneira, a partir do próprio campo trabalhador, se fertilizará o terreno para o autoritarismo que será implantado desde cima e também fora da classe com a política populista [...] [tradução minha]”. A fala deixa evidente que a falta de discussão, de abertura democrática à participação popular ou, ao menos, de direitos sociais, traria consequências para a trajetória política do país.

Além disso, de acordo com Cristina Farinã e Guzman Ibarra, os governos do início do século XX também estiveram ocupados buscando diminuir os conflitos sociais, minimizando a ação de sindicatos e dos movimentos, ao passo em que se mantinham disputando o poder com o Colorado<sup>227</sup>. Dessa forma, subentendo, que o partido Liberal, quando esteve no poder, geriu um governo preocupado em conter as diferenças sociais, mas não utilizou o seu aparato para promover mecanismos que atendessem essas demandas. O desenvolvimento econômico e a disputa política, desse modo, estiveram acima da pauta social, um problema que piorou com a Guerra do Chaco.

Portanto, afirmar que não ocorreram resistências é bastante equivocado, visto que a conjuntura política era complexa. Porém, é compressível perceber a “ausência” da resistência se considero o trabalho dos revisionistas cooptado<sup>228</sup> pelas forças governamentais ou de oposição na política paraguaia em alguns períodos, que muitas vezes poderiam querer negar os movimentos, justamente para se legitimarem no poder. Todavia, a falta de uma política mais eficaz, séria e igualitária fez com que alguns sujeitos se questionassem sobre o ideal de democracia, entre sua existência e seus desdobramentos. Com efeito, a partir da leitura de Arditi e Rodriguez, durante o Estado liberal (1870-1936) houve uma movimentação de trabalhadores, de diversas classes, objetivando lutar por igualdade. Esta, para os sociólogos, estaria ligada diretamente à ideia de democracia e, justamente por isto, os movimentos não encontraram terrenos tão fecundos para crescer em todo o período, visto que os governos que se seguiram não incentivaram uma política

<sup>226</sup> No original: “[...] la falta de vigencia de la democracia y al entorno social pauperrimo en que estaba instalada [...]”. Ibidem, p. 38.

<sup>227</sup> FARIÑA; IBARRA, op. cit., p. 243-245.

<sup>228</sup> Como afirmado por Guido Alcalá em ALCALÁ, *Imágenes de la guerra...*, op. cit.

mais aberta, intelectualizada e popular. Importante reconhecer também que uma análise sobre esse mundo social e os grupos políticos traria mais respostas sobre o modo como se construiu a política paraguaia em tempos liberais, ideia essa pouco desenvolvida, até mesmo por Alcalá. O escritor chega a defender que algumas publicações do início do século XX colaboraram para a crítica das imagens dos López, estas tão lembradas por Stroessner. Porém, a instabilidade dos anos de 1930 e a ação dos revisionistas não deram espaço para maiores debates, conforme tratarei na próxima seção.

### 2.2.2 *Concepción, San Fernando e a busca pelo acontecimento*

Um bom exemplo sobre a relação entre a escrita dos revisionistas, a memória e a história paraguaia é o caso de Concepción (*Concepción*), cidade situada ao Leste do Paraguai, na divisa com o Mato Grosso do Sul (MS). Esta foi um dos últimos redutos de resistência às forças dos países aliados na Guerra da Tríplice Aliança, ou seja, contra o Brasil, o Uruguai e a Argentina. No ano de 1869, de acordo com Guido Alcalá<sup>229</sup>, teria ocorrido a chamada *Conspiración de Concepción*<sup>230</sup>, que se deu em face à chegada de uma frota dos aliados e fez com que membros da sociedade de Paso Pucú (localidade de Concepción) se reunissem, a fim de traçar estratégias, visto que não receberam ordens do Exército. Este já estaria praticamente destruído desde a última batalha, a de *Lomas Valentinas*, em dezembro de 1868 e, ao mesmo tempo, o próprio Francisco López havia fugido para a sua estância. Tecnicamente, o que a frota objetivava era apenas o controle do Rio e, por isso, manteve-se às margens deste, sem invadir a cidade.

Durante esse período, a comunicação entre Assunção e Concepción foi reestabelecida e o governo de Solano López entendeu que a cidade de Concepción havia traído a sua confiança, isto é, estabelecido alianças com o governo brasileiro a fim de não ser invadida. Com informações de delações e supostas investigações, o governo prendeu, interrogou e matou diversas mulheres, crianças, idosos e alguns homens (visto que a maioria da população masculina paraguaia,

---

<sup>229</sup> ALCALÁ, Guido R. Introdução. DÉCOUD, Hector. *La masacre de Concépcion*: ordenada por el Marechal López. Assunção: RP Ediciones, 1994. Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/1669\\_hector\\_francisco\\_decoud/19283\\_la\\_masacre\\_de\\_concepcion\\_ordenada\\_por\\_el\\_mcal\\_lopez\\_por\\_hector\\_f\\_decoud.html](http://www.portalguarani.com/1669_hector_francisco_decoud/19283_la_masacre_de_concepcion_ordenada_por_el_mcal_lopez_por_hector_f_decoud.html)>. Acesso em: 10 fev. 2017.

<sup>230</sup> Episódio que se deu depois da batalha final da Guerra da Tríplice Aliança, *Lomas Valentinas*, perdida pelo Paraguai. Moradores restantes e parte dos combatentes foram mortos e outros enviados à Humaitá, um campo de concentração, acusados de traição a Francisco López.

cerca de 70%, havia morrido em batalhas). Guido Alcalá define da seguinte forma as ações de Assunção:

As vítimas de San Fernando foram, em grande medida, pessoas de influência militar e política que, hipoteticamente, poderiam enfrentar a López; se isto não justifica o assassinato de Benigno López, Vicente Barrios, Saturnino Bedoya e outros, o faz menos monstruoso que a repressão contra a população civil de Concepción e, sem dúvida, se pode continuar o paralelo: tanto em San Fernando, como em Concepción, foram a suspeita do déspota e as intrigas dos espíões que causaram a cadeia de prisões e interrogatórios junto à tortura que produziram confissões desesperadas que, por sua vez, conduziram a novas prisões e torturas. Em situação semelhante, o torturado diz qualquer coisa para evitar a dor; seu testemunho falso compromete as pessoas que, violentadas, dizem o que seus executores exigem que digam ou inventam o que puderem querer ouvir. Temos visto situações semelhantes durante a tirania de Stroessner, em processos políticos que, se não fossem trágicos, seriam cômicos pelo absurdo de seus procedimentos. López foi um “Stroessner” mais perverso porque foi além da derrota, mas ao fundo sua ditadura foi similar a de Stroessner – a de qualquer ditadura. É compreensível, então, que a chacina de Concepción, livro testemunhal de Héctor Francisco Découd, tenha sido eliminado da Biblioteca Nacional e de qualquer livraria ou biblioteca em tempos de Stroessner. O fugitivo de Boquerón, identificado com o fugitivo de Lomas Valentinas, compreendia que a crítica da repressão é crítica contra todo repressor [tradução minha]<sup>231</sup>.

---

<sup>231</sup> Para Guido Alcalá, Héctor Decoud tem o seu livro caracterizado como testemunhal por ter vivido a Guerra do Paraguai, diferente da perspectiva dessa tese. No original: “Las víctimas de San Fernando fueron, en gran medida, personas de influencia militar y política que, hipotéticamente, podían enfrentar a López; si esto no justifica el asesinato de Benigno López, Vicente Barrios, Saturnino Bedoya y otros, lo hace menos monstruoso que la represión contra la población civil de Concepción. Y, sin embargo, se puede continuar el paralelo: tanto en San Fernando, como en Concepción, fueron la suspicacia del déspota y las intrigas de los espías las que comenzaron la cadena de apresamientos y interrogatorios bajo tortura que produjeron confesiones desesperadas que, a su vez, condujeron a nuevos apresamientos y torturas. En situaciones semejantes, el torturado ha dicho cualquier cosa para evitarse el dolor; su testimonio falso compromete a personas que, violentadas, dicen lo que sus verdugos les exigen decir o inventan lo que pudieran querer oír. Situaciones semejantes hemos visto durante la tiranía de Stroessner, en procesos políticos que, de no ser trágicos, serían cômicos por lo absurdo de sus procedimientos. López fue un Stroessner más perverso porque lo exacerbó la derrota, pero el fondo de su dictadura fue similar al de la de Strossner – al de cualquier dictadura. Es comprensible, entonces, que La masacre de Concepción, libro testimonial de Héctor Francisco Decoud, haya sido eliminado de la Biblioteca Nacional y de cualquier librería o biblioteca en tiempos de Stroessner. El fugitivo de Boquerón, identificado con el fugitivo de Lomas Valentinas, comprendía que la crítica de la represión es crítica contra todo repressor.” ALCALÁ, Introdução..., op. cit.

O escritor compara a brutalidade peculiar ao acontecimento de Concepción ao que ocorreu em outra localidade denominada San Fernando<sup>232</sup>, cujas vítimas do cerco e da matança também teriam sido torturadas mesmo sendo pessoas influentes em várias instâncias sociais e militares. Entretanto, no caso de Concepción havia uma diferenciação, pois os seus mortos (cerca de 700 em números oficiais) foram pessoas que nem ao menos estavam envolvidas diretamente com o conflito, como no “cerco” final de San Fernando. Além disso, as provas teriam sido as delações provenientes de sessões de tortura empregadas às crianças, às mulheres e aos idosos os quais, em desespero, teriam afirmado exatamente o que seus algozes esperavam ouvir. No mais, a ação de espiões também foi crucial, algo semelhante ao governo de Stroessner, muito eficaz na caça aos que se colocavam contra o seu governo. Para além de tudo isso, o que incomoda, de fato, Guido Alcalá é que o livro intitulado *La Masacre de Concepción*, de Héctor Découd, publicado no ano de 1926, o qual se refere ao massacre ordenado por Solano López na cidade de Concepción, foi retirado da Biblioteca Nacional na década de 1930, uma época em que o Paraguai já vivenciava governos pouco democráticos e instáveis, ambiente propício para os golpes ocorridos nas décadas seguintes, como o de Stroessner.

Héctor Découd era um sobrevivente do massacre de Concepción, filho de Juan Francisco Découd, exilado neste contexto e fundador do partido liberal em 1887, irmão de José Découd, também fundador do partido liberal e que compôs o grupo político predominante nos primeiros anos de governo no período de intervenção do Brasil e do Uruguai. Découd e sua família teriam sofrido o exílio e o massacre de Concepción, cuja história é narrada em seu livro, incluindo a caminhada de vários dias junto à sua família com o propósito de se distanciar de Assunção, em direção a Humaitá, onde permaneceu em um campo de concentração. Mas, segundo Alcalá, foi justamente no ano de 1926, ano de lançamento da obra de Découd, que [...] uma manifestação local e seguidora do fascismo internacional [...] [tradução minha].”<sup>233</sup>, o qual seria o responsável pelas memórias ruins de Héctor Découd que, por sua vez, declarou o seguinte: [...] em que a perversidade do seu responsável parece que tinha querido superar a si mesma, guardou um silêncio estudado, para que a posteridade, chamada a julgar os fatos da história, a ignorasse ou a esquecesse; mas este propósito não se verá realizado [...]

---

<sup>232</sup> Idem.

<sup>233</sup> No original: “[...] se celebró en Asunción el centenario del nacimiento de Francisco López, una manifestación local y epigónica del fascismo internacional [...]” Idem.

[tradução minha]<sup>234</sup>. Dessa forma, é evidente a percepção de manipulações, ao menos sobre o *La Masacre de Concepción*; porém é possível perceber na citação de Héctor Decoud seu sentimento de resistência, quando o escritor afirma almejar ver na história futuramente uma revisão daquela versão.

A exaltação da imagem de Francisco López fez parte do governo de 1936 e ainda do de Morínigo, na década de 1940. Neste, a proposta era de incentivar uma “ideologia oficial”, segundo Guido Alcalá, sendo uma influência presente no governo de Alfredo Stroessner, anos mais tarde. Estas representações só cederam à medida que este último governo começou a perder suas forças. É nesse momento que Guido Alcalá aponta as mudanças que ocorrerão no que chama de “revisonismo histórico”. As narrativas assinadas e legitimadas por Juan O’Leary, as quais colaboraram na exaltação dos López e de quem afirmava os representarem, se não passaram a ser refutadas, ao menos foram inquiridas nas décadas seguintes aos anos de 1970-1980.

Entretanto, de acordo com o Programa 9 sobre *La mujer en la Historia Paraguaya*, do programa *Radial Feminista del Paraguay*<sup>235</sup>, alguns resquícios do tipo de narrativa escrita por Juan O’Leary ainda estão presentes. Neste, a pesquisadora Noelia Quintana teria afirmado que não foram criados campos de trabalho forçado no período de Francisco López, muito menos um campo em especial onde três mil mulheres (parentes em geral de homens e soldados considerados traidores ao fim da guerra) teriam sido confinadas. Estas ficaram conhecidas como *destinadas*, nome que faz parte de um dos livros de Alcalá e também está presente em outras bibliografias.

A questão que circunda esse tema é que a exaltação incentivada por O’Leary a figuras como as dos López contribuiu para a formação de uma “boa memória”, a qual agora resume casos como o das *destinadas* a uma versão criada por aqueles que não são a favor destes governos. Ainda, na entrevista, Noelia Quintana teria chamado o livro de Alcalá de “novela romântica”, ou seja, sem fundamento ou sem uma análise crítica:

---

<sup>234</sup> No original: “[...] en la que la perversidad de su responsable parece que hubiera querido superarse a sí misma, se ha guardado un silencio estudiado porque la posteridad, llamada a juzgar los hechos de la historia, la irgnorase u olvidase; pero este propósito no ha de verse realizado [...]”. Idem.

<sup>235</sup> RADIAL FEMINISTA DEL PARAGUAY. Programa 9 sobre La mujer en la história paraguayana. *Radial Feminista del Paraguay*. Disponível em: <<http://radiomujerespy.tumblr.com/>>. Acesso em 20 dez 2016.

[...] As destinadas... e onde está a documentação sobre as destinadas? ... este tipo de propaganda não gera e não constrói a pátria... está baseada no livro de Rodríguez Alcalá, que é um conhecido personagem que tem interesses vinculados ao Brasil... essa análise vem daí, qualquer estudioso da história sabe perfeitamente de onde provém esse tipo de discurso... por que se pinta a mulher como destinada...? Porque não é vista como realmente foi, uma mulher valente... [...] [tradução minha]<sup>236</sup>.

Na citação, a pesquisadora aponta que as mulheres presentes nos campos deviam ser vistas por sua valentia, por coragem e não por atitudes arbitrárias e despóticas de López, descontextualizando questões de gênero bastante sérias. Afirmando isto porque, sem dúvida, mulheres presas em um campo de trabalho forçado podem atuar com valentia, enfrentamento e resistência, entretanto isso ocorre em um contexto de reação e não de escolha, diante da conjuntura em questão. Ao analisar o livro de Alcalá, observo ainda que este traz as questões relativas aos campos, porém sem fazer qualquer análise de gênero. É possível sugerir a existência de uma disputa de memórias, um embate para que se defina a mais correta/fidedigna versão sobre aquele acontecimento, quando a pesquisadora afirma perceber em Alcalá a intenção de chamar a atenção. Tal ideia traz à história o lembrete de sempre buscar compreender melhor esses processos históricos e as diferentes possibilidades sobre os mesmos.

Guido Alcalá, por sua vez, tem suas versões sobre os acontecimentos paraguaios e, por isso, carrega as suas escolhas e suas tendências. É primordial manter em mente o fato de que sua literatura e, em especial, seus ensaios, são testemunhais, carregados de subjetividade e tecidos de memória. Por exemplo, independentemente de Hector Découd ser um representante do Partido Liberal, ser filho e sobrinho de seus fundadores, sua história faz parte de uma resistência ao governo de Francisco López e de seus sucessores. A imagem de López fazia parte das comemorações e das exaltações memorialistas de Alfredo Stroessner, o qual dizia ser o herdeiro daquele tipo de governo, o que para Guido Alcalá no contexto dos anos de 1970 a 1990 deveria ser analisado e criticado, tendo em vista sua própria trajetória, para que

---

<sup>236</sup> No original: “[...] Las destinadas... ¿y dónde está la documentación sobre las destinadas? ... este tipo de propagandas no genera y no construye patria ... viene en base al libro de Rodríguez Alcalá que es un conocido personaje que tiene intereses vinculados al Brasil...ese análisis viene de ahí, cualquier estudioso de la historia sabe perfectamente de donde proviene ese tipo de discurso...¿por qué se le pinta a la mujer como destinada...? Por qué no se la ve como realmente fue, una mujer valiente... [...]” Idem.



fosse acrescido à memória da história paraguaia àqueles que, no viés do escritor, resistiram e faziam também parte das “minorias”. Nesse contexto, livros como os de Héctor Decoud foram reeditados, lançados e debatidos por escritores como Guido Alcalá, chegando até mesmo a servir de mote para novos contos.

O que se percebe com as leituras apresentadas até aqui é que o governo republicano iniciado nos anos de 1870 e que se manteve até 1936 era marcado por uma democracia bastante frágil, alvo de disputa de grupos privilegiados que, ao disputarem entre si o poder ou o melhor tipo de economia para o país naquele momento, ignoraram uma participação popular mais ampla. Nesse contexto, a escrita de revisionistas, como a de Juan O’Leary, foi fundamental para que os liberais perpetuassem o poder em suas mãos, ao passo que mantinham a situação social/cultural não muito diferente do que encontraram. Importante também considerar que, na ausência do conhecimento sobre o que ocorreu, o que sempre haverá é uma disputa pela versão ‘mais verdadeira’; deste modo, críticas como a de Noelia Quintana também contribuem para se refletir sobre a escrita de Alcalá e a de qualquer outro escritor. Ciente disso, é possível refutar narrativas heroicas e trazer à tona novas perspectivas sobre os acontecimentos registrados na história oficial, em especial no que diz respeito às resistências e à memória, no bojo de discussões sobre acontecimentos traumáticos, como as Ditaduras da América Central e do Sul. Sobre esses aspectos discuto no próximo item.

### 2.3 A ditadura de Stroessner, o Panteão dos Heróis e a Memória

Diante do que foi analisado anteriormente sobre a história e a memória paraguaia, é pertinente afirmar que a tendência mais comum de escrita foi a de uma história dita oficial, tendenciosa e, de certa forma, sem a análise historiográfica. Seria ainda oportuno afirmar que “[...] a memória não se opõe absolutamente ao esquecimento. Os dois termos contrastantes são o apagamento (o esquecimento) e a conservação; a memória é, sempre e necessariamente, uma interação entre os dois<sup>237</sup>”, ou seja, não há versão da história que não cause esquecimentos, seja a “encomendada” pelo poder executivo de um país, seja a escrita por um resistente à ditadura de Stroessner como foi Guido Alcalá. Este, de acordo com a análise realizada até agora, discute a história de seu país a fim de acrescentar uma versão ao que se narra sobre os contextos

---

<sup>237</sup> TODOROV, Tzvetan. *Os abusos da memória*. Paris: Arléa, 1995, p. 14.

paraguaios a que se refere, um discurso carregado de intenções e de suas escolhas.

Nessa conjuntura, posso afirmar que as comemorações nacionais são ferramentas que têm um caráter seletivo, ou seja, escolhem aquilo que querem lembrar. O próprio Panteão dos Heróis, turístico, localizado ao centro de Assunção, na Rua Chile, permite que nomes considerados representativos da história paraguaia sejam perenizados, frisando uma memória. Nesse sentido, conforme parte da citação inicial deste capítulo, “[...] e era toda uma história, não sei como digo, déspota e bufão encenando a mesma peça no Paraguai. Strossner é um bufão [...]”; percebo uma nítida relação de como Stroessner é lembrado por Guido Alcalá, como um herdeiro dos ideais de antigos presidentes, especialmente de Solano López, ou seja, de modo bastante pejorativo já que esse foi considerado arbitrário e ditador em diversas circunstâncias.

Não se trata de abolir todas as representações “heroicas”, afinal sempre teremos heróis eleitos; mas considero que o problema maior do Paraguai é a falta de crítica em relação às suas representações, ou seja, “[...] é, então, pela seleção da lembrança, que passa essencialmente a instrumentalização da memória”<sup>238</sup>, uma crítica que só ocorrerá quando mais temas sobre o Paraguai no século XX forem colocados em debate e compreendidos. Seleção realizada pelos governos, por historiadores, por Guido Alcalá, tanto ao escrever sobre um assunto ou outro, quanto em salientar os temas desejados durante a entrevista que foi conduzida também pelos objetivos das entrevistadoras para a realização de uma pesquisa dedicada à compreensão das ditaduras militares do Cone Sul e os temas que atravessam estas. Desse modo, temas vão e vem, cruzando os interesses mais diversos dos que se encontram nesse processo, ou seja, não são apenas os meus interesses enquanto pesquisadora, com tendências políticas e teóricas, que se fazem presentes aqui, porque a subjetividade de todos gera um acontecimento, o qual deve passar pelo rigor historiográfico.

O contexto dos anos de 1970 a 1990, época de escrita de várias publicações de Guido Alcalá, é o período correspondente à emergência de questões latentes sobre a memória da história política paraguaia, o testemunho, a escrita da história e até mesmo a resistência – questões

---

<sup>238</sup> RICOEUR, Paul apud SILVA, Helenice Rodrigues da. *Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Associação Nacional de História – ANPUH, 2002, vol. 22. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200008#back23/](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008#back23/)>. Acesso em 08 fev 2017.

que se fazem notar em seus textos. Parte dessa preocupação faz sentido ao pensar características da família de Guido Alcalá, como apoiadora ou pertencente ao Partido Liberal, ao mesmo tempo em que a mesma faz parte de uma minoria intelectualizada, considerando o alto índice de analfabetismo do país e de desigualdade socioeconômica, especialmente nos anos de 1950-1980. Desse modo, questiona-se o motivo pelo qual as famílias desse grupo não tomaram providências para modificar a esfera social e tampouco incitaram mudanças políticas significativas nesse período ou antes.

Não pretendo, com essa reflexão, invalidar as ações ou a escrita de Alcalá, muito menos reduzi-las a uma função social sobre a ditadura militar paraguaia. Contudo, a partir do momento em que passa a escrever, questionando a cultura política de seu país, está levantando dúvidas em relação à postura de parte dos grupos aos quais ele pertencia, os quais estiveram à frente do governo por quase cinco décadas antes de Stroessner. O período em que o Partido Liberal esteve no poder também foi de estagnação econômica, práticas democráticas limitadas e desigualdade social, se recorro a leitura de Benjamín Arditi e de José Carlos Rodríguez.

Esse aspecto deve ser considerado pela historiografia, a fim de localizar a própria escrita de Alcalá, cujas publicações apresentam perspectivas significativas sobre a história do Paraguai, uma história nem sempre problematizada e com consequências controversas, como a falta de cidadania plena e de consciência histórica. Ainda acerca do livro *Ideología Autoritaria*, Alcalá reitera que “[...] a tradição autoritária é a que se afirma e se desenvolve com as ditaduras de Francia e de López, que perpetuam práticas e instituições coloniais com uma fachada mais ou menos liberal [...] [tradução minha]”<sup>239</sup>. A partir dessas palavras, e retomando o que já mencionei no primeiro capítulo, para o escritor, mesmo no Paraguai independente houve a continuidade dos traços coloniais, ou seja, da desigualdade social, embora sob a tutela de uma política apresentada como mais “democrática” e liberal. A ideia defendida por Francia, de que seu governo era liberal, é debatida por Alcalá nesse livro, especialmente pelo contexto apresentado pelo jornalista:

[...] Se vê rejeitada como ideologia oficial durante a era liberal (1870-1936); ganha uma nova força a fim de 1930 e adquire status oficial em 1940 com a tirania de Morinigo e

---

<sup>239</sup> No original: “[...] Esa tradición autoritaria es la que se afirma y desarrolla con las dictaduras de Francia y los López, que perpetúan prácticas e instituciones coloniales con una fachada más o menos liberal [...].” ALCALÁ, *Ideología Autoritaria...*, op. cit., p. 7.

sucessores, os quais reciclam a velha tradição autoritária de Francia e López remontando-a com elementos nacional-socialistas e – curiosamente – com certos elementos tomados da ideologia do desenvolvimento norte-americano [...] [tradução minha]<sup>240</sup>.

É possível perceber que de fato para Alcalá teria havido um período de uma política mais tênue no que se refere aos princípios democráticos; entretanto, este culminou em um processo tão doloroso quanto o período de Francia, quando os paraguaios testemunharam o golpe de Morínigo. Sobre a ideia de cultura autoritária, continua: “Sob diferentes avatares, o autoritarismo centralista de origem colonial sobrevive no Paraguai hoje – nada mais correto do que a afirmação de Morínigo e de Natalicio González de que eles eram verdadeiros sucessores de Francia e López [tradução minha]”<sup>241</sup>. Após esta afirmação, Guido Alcalá, em nota de rodapé, lembra que está se referindo a Alfredo Stroessner e ao período ditatorial vivido pelo escritor e, ainda, recorda que na primeira edição do livro, de 1987, não pôde mencionar o nome de Stroessner devido à censura vivida naquele contexto, situação diversa da edição de 2007.

Desse modo, tudo que diz respeito às comemorações nacionais ou à memória em si também está relacionado a interesses políticos ou ideológicos, por meio de práticas de “rememoração social”, através das quais se espera evitar o esquecimento de um ou de outro acontecimento, porque lembrar é também esquecer, dependendo do escritor e para quem ele escreve. Colocar Francisco López no panteão é lembrar de seu nacionalismo, de sua formação econômica industrial e, em especial, de como o Paraguai foi considerando o grande exportador da região, ao mesmo tempo que é também esquecer as vítimas exiladas, torturadas, marginalizadas e as que não sobreviveram. De qualquer modo, o que importa é que a rememoração dos acontecimentos ligados a esses governos é intencional. Pensar estas possibilidades, a partir das ideias que fomentam as publicações de Alcalá, as quais também causam atritos em relação ao que se tem sobre a memória da ditadura militar stronista, exige uma análise sobre a relação da memória com a história, como

---

<sup>240</sup> No original: “Se ve rechazada como ideología oficial durante la era liberal (1870 a 1936); cobra nueva fuerza a fines de 1930 y adquiere status oficial en 1940 con la [...] tiranía de Morínigo y sucesores, quienes reciclan la vieja tradición autoritaria de Francia y López remozándola con elementos nacional socialistas y – curiosamente – con ciertos elementos tomados de la ideología del desarrollo norteamericana [...]” Idem.

<sup>241</sup> No original: “bajo distintos avatares, el autoritarismo centralista de origen colonial sobrevive en el Paraguay de hoy – nada más correcto que la afirmación de Morínigo y de Natalicio González de que ellos eran auténticos sucesores de Francia y López.” Ibidem, p. 8.

também permite afirmar que a literatura de Alcalá é carregada de histórias, de memórias, de discursos oficiais e não oficiais. Portanto, no intuito de refletir sobre a relação da literatura de Alcalá e a história paraguaia, é preciso perceber de que modo ambas (co)operam uma com a outra.

### 2.3.1 O “dever de memória” e as versões da História: a urgência da memória no Cone Sul

Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro<sup>242</sup>.

Na medida em que a busca pelas memórias de tantos processos históricos tomou conta de parte do rol historiográfico, outros problemas insurgiram com essas abordagens. Como olhar para o passado? Como o presente se apodera do passado? Estas questões se colocam na historiografia durante todo o século XX e em especial desde os anos de 1970. Houve o retorno do debate sobre a memória e as suas várias narrativas, ao mesmo tempo em que os lugares de memória, os arquivos e as biografias se abriram às novas narrativas e caminhos, possibilitando analisar memórias individuais e coletivas relativas aos processos traumáticos do século XX, entre guerras e ditaduras, por exemplo. Nesse contexto, também houve (e há) um culto ao passado, assim como a história oficial pode ser analisada como uma memória coletiva que, por vezes, não passa pela análise crítica da história. A memória serve à história oficial como mantenedora de seus esquecimentos, escolhendo o que se deve lembrar e, sobretudo, é em função das vítimas caladas nesses processos que a história deve trazer à tona questões latentes, um exercício que se faz possível ao analisar a literatura testemunhal de Alcalá.

Sobre a ideia de registrar na história as narrativas daqueles que não o puderam, Luciana Heymann aponta o uso da expressão “dever de memória”, que tanto pode ser benéfico quanto maléfico, a partir do momento em que se escolhe o que deve ser pesquisado<sup>243</sup>. Heymann compreenda a ideia de “dever de memória” como as ações que um país deve ter para reconhecer e proporcionar à história a atuação que sujeitos

<sup>242</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 47.

<sup>243</sup> HEYMANN, Luciana. O *devoir de mémoire* na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Direitos e cidadania: memória, cultura e patrimônio*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 19.

tiveram em um ou outro processo histórico<sup>244</sup>. Para Ansart, o “dever de memória” se refere, em primeiro lugar, à memória dos fatos, das provas e sofrimentos suportados, que são exortados a não serem esquecidos<sup>245</sup>. Considerando tais perspectivas, “dever de memória” deveria trazer questões ou atos de processos, como os ditatoriais, para que se reconheça e se estabeleça as responsabilidades de seus causadores.

Portanto, a partir da década de 1990, a expressão “dever de memória” passou a ter o significado de que o Estado e a sociedade tinham/têm obrigação em reconhecer as opressões sofridas pelo povo em processos traumáticos<sup>246</sup>, ideia intimamente ligada à “onda” de discursos memorialísticos incentivada desde a década de 1970, principalmente relacionada com as questões do Holocausto na França. As testemunhas foram transformadas em representantes do dever de memória, tanto no que diz respeito ao senso de culto aos mortos (lembranças e homenagens), quanto de justiça e de política<sup>247</sup>. Compreendo, com base nisto, que tais memórias são símbolos de resistência, retomada das recordações das vítimas e, deste modo, não podem ser esquecidas no intuito de instigar reparação e justiça. No caso das ditaduras militares do Cone Sul, estas questões estão agora sendo mais evidenciadas nas pautas de discussões não somente do campo historiográfico, mas também das políticas públicas, como a Comissão Nacional da Verdade, no Brasil<sup>248</sup>, nos últimos anos.

Luciana Heymann afirma que os trabalhos acadêmicos tomam partido de uma versão, uma escolha que se dá pelo fato de não existir neutralidade da parte do pesquisador em hipótese alguma<sup>249</sup>. Esta tese não objetiva reduzir a memória da ditadura militar paraguaia à literatura de Guido Alcalá, como também não é função da história dar significância às suas publicações. Entretanto, a perspectiva contrária, que seria a independência total da Memória de critérios de análise, sem

---

<sup>244</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>245</sup> ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001, p. 30.

<sup>246</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>247</sup> *Idem*.

<sup>248</sup> Importante considerar o trabalho da Comissão Nacional da Verdade, pois foi o primeiro ato político para que crimes, desaparecimentos e testemunhos fossem efetivamente discutidos e analisados após o período ditatorial. Embora com muitas problemáticas, a Comissão trouxe à tona a complexidade da proposta de se trabalhar com as lembranças e como a memória pode ter um peso na identidade e na história de um país. Para mais informações ver: <<http://www.cnv.gov.br/index.php/institucional-acesso-informacao/a-cnv/>>. Acesso em 29 nov 2016.

<sup>249</sup> HEYMANN, op. cit., p. 21-29.

considerar seus interesses, é igualmente discutível. Isso se faz necessário a partir dos debates realizados nas últimas décadas, especialmente direcionados pelas ideias do filósofo Paul Ricoeur, além dos historiadores François Hartog e Roger Chartier, os quais colaboram para a compreensão intrínseca da relação entre memória e história. O intuito de dar à memória o seu devido lugar não diminuiu a autonomia da história em relação a uma de suas missões, a de escrever sobre as possibilidades dos processos traumáticos, para evitar que se repitam, processo que ocorre diante da problematização do passado – ou de seus fragmentos – a partir da literatura. De acordo com Certeau, a operação historiográfica se faz com base em princípios científicos<sup>250</sup>, os quais, por sua vez, permitem que a história afirme o seu produto como uma representação do passado e não uma versão que pode ser pautada apenas pela ficção, como acontece muitas vezes com outras produções dedicadas à criação. Sobre a pretensão de ‘verdade’, Jeanne Marie Gagnebin apresenta uma boa reflexão. Para ela, há hoje uma busca incessante pela história mais verdadeira, ou como ela mesma afirma, com base em Nietzsche: “vontade de verdade”. Contudo, para a pesquisadora, essa “busca” pela verdade é uma ética do presente, que muitas vezes não preconiza a “problemática de adequação (pretensamente científica) entre “palavras” e “fatos”<sup>251</sup>. Fatos não passam de estratégias discursivas para se afirmar ou negar algo relativo a um acontecimento<sup>252</sup>, ao passo que o passado – o subsídio das lembranças que rememoram no presente – é algo que se articula a partir do presente, do agora, revisitando a história, seja ela oficial ou não<sup>253</sup>.

As ideias sobre a relação entre a memória e a história se fazem a partir de noções de espaço e de tempo. É o retorno do passado nas questões presentes, como Guido Alcalá faz ao comparar Stroessner aos López, dois governantes separados por um século, defendendo que se vislumbre uma permanência ditatorial na cultura política do país. Entretanto, é preciso considerar que há um distanciamento entre o passado da história e o presente da memória: a memória e as suas narrativas são rememoradas a partir de questões do presente, porém o tempo que as separam dos acontecimentos a que se referem não podem ser anulados; ao mesmo tempo, o ‘lembrado’ não representa um consenso entre a coletividade, mesmo quando diz respeito a uma memória “nacional”.

---

<sup>250</sup> CERTEAU, op. cit., p. 67-70.

<sup>251</sup> GAGNEBIN, *Lembrar escrever esquecer...*, op. cit., p. 47.

<sup>252</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>253</sup> *Ibidem*, p. 40-47.

discussão sobre a memória daqueles que sobreviveram (de alguma forma) às atrocidades do século XX em face à história escrita por historiadores. Estes, por sua vez, muitas vezes se colocam contra aquilo que consideram “excessos” da memória e objetivam, a partir desse ponto de vista, lapidar a memória, como se esta fosse objetiva e subalterna à história. Paul Ricoeur afirma sobre este conflito é que, entre uma e outra, o historiador deve buscar é uma justa memória, equilibrando a ideia de “dever de memória”. Esta também reside entre a busca pelas possibilidades da história, do que chama de enraizamento e de pertença<sup>254</sup>, ideias que existem na dimensão histórica e que junto à sua narrativa e o processo real sempre acompanham a escrita da história. Portanto, para ser escrita, a história faz uso da narrativa buscando as relações estabelecidas nas sociedades e os rastros deixados por elas, imagens com representação de um objeto ausente, no caso da memória.

Sobre os problemas historiográficos da relação memória e história, François Hartog, seguindo a linha de Ricoeur, aponta o testemunho (recorrente em fins do século XX) como sendo uma estrutura de transição entre memória e história<sup>255</sup>. Nesse sentido, destaca o fato de que o discurso de uma vítima não é mais acreditável que o de outras fontes. Desse modo, a história deve buscar compreender os vários lados de um mesmo acontecimento, utilizar e defender fontes diferentes e, ao mesmo tempo, analisar os seus produtos em relação ao contexto ao qual se referem. Nesse caso, a literatura de Alcalá está entre a memória e a história e, por isso, também precisa ser inquirida e analisada, sem deixar de considerar que, segundo Paul Ricoeur<sup>256</sup>, toda obra é permeada por características simbólicas, estruturais e temporais, localizada em um espaço, em um contexto, em relação e conflitos estabelecidos com outros e, dessa forma, esses elementos permitem que as narrativas sejam produzidas. Todo gênero narrativo, segundo o pensador francês, parte de uma rememoração, com o objetivo de comunicar, de dizer algo, pois, para ele, em um primeiro momento, as narrativas parecem não ter uma ordenação no campo semântico da memória, porém em seguida é possível “rascunhar” uma fenomenologia, mesmo que um tanto quanto fragmentada<sup>257</sup>.

François Hartog afirma que o mundo pós-Segunda Guerra presenciou a proliferação de memórias<sup>258</sup> que, junto aos documentos

<sup>254</sup> RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>255</sup> Idem.

<sup>256</sup> RICOEUR, Paul. *Do Texto à Acção*. Porto: Rés-Editora, 1991, p. 100.

<sup>257</sup> RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento...* op. cit., p. 41.

<sup>258</sup> HARTOG, op. cit., p. 206.



transcritos, entrevistas gravadas e filmadas, pretendem – especialmente nos museus do Holocausto nos EUA – trazer à realidade uma versão ‘mais próxima’ do que aconteceu para aqueles que visitam estes espaços, ou seja, pretendem fazer com que os visitantes sintam as penumbras, as dificuldades ou as atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra e tantos outros momentos posteriores à década de 1950<sup>259</sup>. Para Hartog, o testemunho passou a ser visto como um novo gênero literário, seja ele transcrito, gravado ou arquivado em algum museu. Para o historiador Márcio Seligmann-Silva, tanto uma história mais questionadora quanto uma abordagem radicalmente oposta a esta, com menos análise crítica, são necessárias para a compreensão da historicidade<sup>260</sup> de cada povo ou de cada indivíduo<sup>261</sup>. Parece-me enfática demais a sua afirmação de que a falta de consciência histórica é também o ideal de um povo, mas não é isto que o escritor quer dizer. Desde os anos de 1970, em especial, temos presenciado processos históricos marcantes e cruéis, ao mesmo tempo em que as memórias de outros passaram a se proliferar, permitindo que a memória, como uma área independente da história, consolidasse o seu espaço em meio aos vários métodos de compreensão dos processos históricos. Essas várias compreensões de uma mesma história permitem analisar como um povo também se percebe em seu tempo e espaço.

A análise da narrativa com elementos da história e da memória é que dá conta de perceber as nuances presentes nas fontes testemunhais. O que se deseja é que nada semelhante ocorra, por isso, mais importante que ter um museu/monumento exposto como lugar de memória, é a consciência histórica gerada na população a partir da crítica desses lugares. A Segunda Guerra Mundial, enquanto acontecimento, foi importantíssima para as análises das mudanças históricas, pois se percebeu a complexidade do tempo histórico e das possibilidades de compreensão de um mesmo período e evento. A memória é plural e a história, por sua vez, deixa de ter uma relação restrita ao passado. Nesse contexto, é importante preservar o caráter fragmentado da história, a qual tem a sua “apresentação” a partir do presente; afinal, as lembranças que compõem a memória – fonte da história – são organizadas no presente durante o processo de rememorar. Esse aspecto requer atenção ao modo como a memória está sendo

---

<sup>259</sup> *Ibidem*, p. 206-212.

<sup>260</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das Catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

<sup>261</sup> Antes mesmo da Guerra da Triplíce Aliança, o país já havia vivido uma ditadura, situação política recorrente até o período mais recente. Ver: ROUQUIÉ, op. cit., p. 212-214.

requisitada, para evitar possíveis excessos e uma história que não considere a multiplicidade de olhares acerca de um mesmo acontecimento. Nessa conjuntura, os excessos da memória podem ocorrer quando, ao tratar sobre traumas, salienta-se uma história e não outra. Assim, ressalto o quanto a memória é seletiva e a característica própria de priorizar uma memória não deve apagar outras, pois todas têm importância no que se refere ao modo como a história de um povo vem sendo narrada.

A memória e a história não têm os mesmos direcionamentos quanto ao modo como argumentam sobre os seus olhares ao passado. Enquanto a primeira afirma ter uma relação mais autêntica com o passado, a segunda faz das reminiscências imediatas e do reconhecimento, característicos da memória, argumentos para formular, de acordo com os preceitos historiográficos, o que chama de documentos e de representações do passado<sup>262</sup>. Ao considerar essas diferenças, é passível de dúvida o que haveria de comum entre essas áreas. Para Chartier, Paul Ricoeur responde a essa questão ao afirmar que é no testemunho da memória que a história encontra a certeza da existência de um passado<sup>263</sup>. Portanto, a literatura de Guido Alcalá e a de outras pessoas, escrita também a partir de sua memória, torna-se um elemento crucial para a discussão e ampliação da relação entre a Memória e a História na historiografia paraguaia.

Em uma discussão epistemológica, o historiador francês diferencia os termos *histor* em relação ao de *martus*<sup>264</sup>. O primeiro se refere à “função social da memória”, isto é, refletida no que diz respeito ao seu contexto, mesmo que lembrada e influenciada pelo presente. O segundo acrescenta mais ao passado, já que a sua intervenção no presente interfere no futuro, a partir de algo que se inicia no passado. De acordo com Hartog, o historiador deve concentrar a sua análise na primeira categoria de memórias, a *histor*. Dentro das discussões decorrentes da memória, considero que os anos de 1970 trouxeram à tona a possibilidade de contestação da história oficial por parte da História ou de um povo, a fim de compreender outras versões. Para o historiador Pierre Ansart, os tempos de democracia propiciam as condições necessárias e colaboram para superar o ódio<sup>265</sup>. Nesta direção, vive-se o auge da memória como fonte, como denunciante daquilo que a ciência histórica ainda não estava fazendo.

---

<sup>262</sup> CHARTIER, op. cit., 2011, p. 114-117.

<sup>263</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>264</sup> HARTOG, op. cit., p. 213-215.

<sup>265</sup> ANSART, op. cit., p. 28.

Considerar a escrita de Alcalá, baseada em sua memória e nos documentos que reuniu para analisar a história política do Paraguai, é trazer à tona parte da memória do escritor e, principalmente, um testemunho daquele tempo e espaço. É certo que o presente é o que determina o modo como essa memória é reavivada, especialmente ao ser analisada segundo as características da historiografia, a qual não pode ter uma postura arrogante em relação à memória, julgando que somente essa análise seja consciente. Se concordasse com o historiador, estaria anulando toda a produção literária de Guido Alcalá, construída a partir da sua experiência (real ou imaginada), a de outras pessoas, a partir de documentos reunidos e de sua imaginação. Analisar esse material é dar mais uma versão ao campo historiográfico, de modo a criar um lugar de memória social, superando os lugares mortos de memória, se retomo as palavras de Gagnebin<sup>266</sup>.

Com relação à noção de memória para a escrita da história, é preciso considerar que a memória não existe sem a história e vice-versa, já que a memória é a fonte do registro historiográfico. Dessa maneira, evidencia-se a eterna desconfiança que os historiadores têm sobre ela devido ao seu caráter imagético, sendo, muitas vezes, confundida com a imaginação ou a ficção criada através da imaginação/criatividade, na tentativa de preencher lacunas não contempladas pela memória. Entretanto, o filósofo defende o uso da imaginação pela memória, a qual deveria ser analisada não como uma representação no presente de uma coisa que está ausente, mas – fundamentado em Aristóteles – como algo que foi anteriormente percebido e passa a ser (re)lembrado no presente, sendo auxiliado pela imaginação<sup>267</sup>.

O presente, por sua vez, influencia a lembrança com suas ideias e interesses, reformulando o sentido dado ao fato lembrado. A memória faz uso da imaginação a fim de lembrar e de encontrar nas lembranças que podem ser desencadeadas sobre uma experiência, decorrentes de processos traumáticos. Para Platão, a lembrança refere-se à representação presente de algo ausente, enquanto que para Aristóteles a lembrança está na representação de algo anteriormente percebido ou apreendido, uma afecção. Aristóteles relaciona a ideia de memória à imaginação, necessária para a recordação, posto que a memória não existe sem o seu caráter imagético, ou seja, a imaginação será o recurso para que as lembranças, de fato, formem-se, mesmo que ative a suspeita

---

<sup>266</sup> GAGNEBIN, *Lembrar, escrever, esquecer*, op. cit., p. 47.

<sup>267</sup> RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 74-75.

em relação à veracidade da lembrança, pois pode ofuscar, alterar, manipular, confundir aquilo que se lembra como sendo verdade.

Sobre esta ideia, Hartog<sup>268</sup>, ao retomar o trabalho de Flavio Josefo, historiador do século IV depois de Cristo, discute sobre as posturas consideradas errôneas no tocante à perspectiva de ‘verdade’, a qual já foi sinônimo de História para muitos historiadores. Nesse período, as fontes eram defendidas como autênticas e, justamente por isso, ao serem compiladas, eram apontadas como autoridades acerca do seu caráter testemunhal. Nesse sentido, se considerarmos que no momento em que as lembranças emergem já não existem mais, o ato de lembrar faz da memória também uma fonte significativa para a história, porque possibilita emergir acontecimento(s) do(s) qual(is) não temos outra menção/registro e é a representação de um objeto ausente, um rastro. Ao mesmo tempo em que há a impossibilidade de um pretense retorno real, o uso da memória também requer cuidados em sua relação com a história por poder tornar presente coisas ausentes no processo de rememoração. A memória, junto à imaginação, extrapola os aspectos cognitivos, seu sentido vai para além da imagem. A memória pertence ao passado e, perpassado pela imaginação, age no presente através do exercício mnemônico e forma um futuro<sup>269</sup>.

Nas discussões aqui propostas, situações não presenciadas ou ficcionalizadas representam o contingente de um período ditatorial, no qual um escritor narra aquilo que soube, aquilo que os já mortos não puderam falar e que outras vítimas optaram por não contar. Muitos testemunhos têm emergido nas últimas décadas, propondo novos debates ou tomando para si a memória como algo político. A história, no intuito de perceber no passado possíveis relações com o presente, tem buscado dialogar com aqueles que escreveram utilizando a imaginação, que deixaram documentos ou que estão falando sobre suas experiências.

Nesse sentido, a perspectiva de análise da memória produzida na literatura de Alcalá, a partir do conjunto de fontes desta tese, deve ser considerada levando em conta a discussão historiográfica proposta por Paul Ricoeur, que considera a memória como o “local” em que se guarda a “[...] última dialética constitutiva da passividade do passado [...]”, isto é, aquilo que foi, mas que ainda permanece indestrutível<sup>270</sup>. Assim, é possível pensar a relação do que estaria “morto” para alguns e o modo como é rememorado, como também seus efeitos negativos na

---

<sup>268</sup> HARTOG, op. cit., p. 203-251.

<sup>269</sup> RICOEUR, *Memória, história, esquecimento...*, op. cit., p. 99.

<sup>270</sup> *Ibidem*, p. 648.

realidade social, cultural e política paraguaia. Esses efeitos poderiam ser aqueles que nos lembra Gagnebin, visto que, para esta, a palavra grega “*sêma*” significa túmulo e signo, demonstrando que o esquecimento e a palavra se revezam constantemente e, desse modo, toda pesquisa parte de um objetivo que enterra outros, tornado o exercício historiográfico um trabalho de luto<sup>271</sup>.

Gagnebin refere-se, em especial, às consequências das escolhas que temos entre um assunto ou outro, entre a memória de uma pessoa e a memória de um grupo. Nossas escolhas são permeadas por questões de gênero, sociais, de classe, de etnia/raça e também por questões políticas. Pensar um passado, uma história nacional é perceber que é infinito o leque de interpretações, um ato para buscar as histórias dos sujeitos que sofreram calados. Portanto, como sugeri, quando Guido Alcalá escreve, sua escrita está marcada por sua vivência e de outras pessoas, seguindo a relação apontada por Ricoeur entre o “eu”, os “coletivos” e os “outros”, ou seja, as “pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situadas numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si próprio e os outros”<sup>272</sup>, retomando as palavras de Ricoeur.

Por essa perspectiva, percebo que a memória não é apenas um repositório de lembranças, é a ressignificação contínua das lembranças de sua vivência. No caso de Alcalá, ou de tantos outros escritores, a análise literária possibilita o seguinte exercício de reflexão historiográfica: preocupo-me em analisar como sua literatura, produzida no período ditatorial (ou após), pode ser analisada como memória, exatamente à época em que esta passa a estar no centro das atenções da historiografia.

## 2.4 A fonte e o fazer historiográfico: como analisar a literatura como memória?

A História e a Literatura são áreas diferentes, porém dialogam entre si e têm desenrolado diversas discussões ao longo do último século. A teoria literária, diferente da história literária<sup>273</sup>, acusa esta de utilizar a história apenas em um sentido de evolução, desconsiderando as especificidades da literatura, não a relacionando devidamente aos

<sup>271</sup> GAGNEBIN, *Lembrar escrever esquecer...*, op. cit., p.45-47.

<sup>272</sup> RICOEUR, *Memória, história, esquecimento*, op. cit., p. 105-142.

<sup>273</sup> A História Literária seria responsável pela periodização da literatura ao longo da história, enquanto a Teoria Literária teria por objetivo central a compreensão dos gêneros e características literárias. Ver: COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

processos históricos dos quais emerge. Para Antoine Compagnon, não há como ignorar que a literatura é fundada em uma dimensão histórica. O escritor defende ainda que a história literária ganhou um caráter mais histórico a partir de produções de Madame Stael, influenciada pelo romantismo alemão, descritivo e relativista<sup>274</sup>, um incentivo aos historiadores, para que passassem a fazer mais relações entre ambas. Importante considerar a distância que se deve manter entre obra, tempo e espaço de publicação, isto é, compreender cada obra em seu contexto de produção, pensado enquanto condição motivadora<sup>275</sup>. A influência da teoria literária na história ganhou força a partir da chamada virada linguística, processo em que as ideias acerca do que é vivido e a importância da conceituação da história também como uma narrativa passaram a ser debatidas. Diante disso, o conhecimento histórico busca construir um elo com o passado, mesmo sabendo que não o tem por completo. Nesse caso, o que torna a representação acerca de uma realidade tão rica para o conhecimento histórico se ela não traz a realidade?

Paul Ricoeur discorre sobre a importância do testemunho, ou os vários testemunhos que os acontecimentos geram e, inclusive, com interpretações diversas. Para o filósofo, o testemunho traz consigo, em seu discurso, uma marca do acontecimento, que ora afirma, ora demanda crença, crença esta que não se trata de “boa fé”, mas do confronto de vários testemunhos (e de outras fontes). Assim, o testemunho substitui a marca do acontecimento e torna o rastro o caminho a seguir para compreendê-lo<sup>276</sup>. Considerando as obras de Guido Alcalá, as entrevistas e a historiografia paraguaia, é possível dizer que o confronto destas publicações permite uma análise sobre a memória da ditadura militar paraguaia, aliada à ideia de “rastros” que levam ao testemunho, sejam literárias ou não. Desse modo, o conjunto de fontes é que respondem às questões feitas pelo historiador e não o contrário, quando este espera a semelhança de uma fonte com o contexto.

Sobre a percepção do contexto da obra, Compagnon aponta a importância da atuação do historiador Lucien Febvre<sup>277</sup>. Para este, todos os autores deveriam ser analisados, não somente os cânones; nesta linha, defendia uma história social da literatura, em que a recepção das obras por parte dos leitores também seria um objeto de compreensão. Assim, realizar análises acerca do contexto de produção, de recepção e de

---

<sup>274</sup> *Ibidem*, p. 198.

<sup>275</sup> *Ibidem*, p. 201-204.

<sup>276</sup> *Idem*.

<sup>277</sup> COMPAGNON, op. cit., p. 205.

crítica seria especialmente a missão de um historiador. As publicações literárias, portanto, como as de Guido Alcalá, deve(ria)m ser percebidas dentro da sua historicidade, independente do gênero e do movimento/escola literária. Considerar as características em que emergiram essas obras, como o contexto paraguaio atual, é possibilitar à literatura responder, de alguma forma, às questões realizadas pelo seu idealizador, ou seja, o que o levou a escrever. A literatura de Guido Alcalá pertence também ao movimento literário paraguaio das décadas de 1970-1990, visto que o escritor continua a escrever e é permeada por diversas histórias e múltiplos tempos, como também é determinada e determinante<sup>278</sup> em/de seu contexto.

Antoine Compagnon parte do princípio de que o mundo é sempre interpretado, pois o seu referente é também um produto de (re)significação e, deste modo, não existe fora da linguagem, cuja vida não deixa nunca de ser festejada, primado da linguagem, exclusão de uma referência<sup>279</sup>. É preciso estabelecer uma relação intrínseca entre literatura e história, porque a primeira é influenciada pela segunda, ou seja, as mudanças históricas causam transformações também na escrita literária. Para Ana Cristina Cesar, qualquer diário ou carta pressupõe que o seu autor “escreve” para alguém<sup>280</sup>. Um querer contar (uma história?) que muitas vezes não tem destinatário certo. Mas, e a literatura? Guido Alcalá escreveu diversos contos. Diante disso, como perceber nas fontes a ditadura militar de Stroessner? Novamente, segundo Ana Cristina Cesar, a literatura é uma escrita que tem por finalidade mobilizar ou encontrar o tempo/espaço do qual emerge, isto é, é portadora do desejo do encontro do contexto, de algo, de uma denúncia. Entretanto, não há como saber para quem era destinada, para onde o desejo de mobilização foi canalizado<sup>281</sup>.

A literatura de Alcalá deve ser analisada em sua materialidade, naquilo que está posta, enfim, como chega ao presente e a cada leitor. Obviamente, há que se considerar as dificuldades encontradas pelo escritor em sua trajetória de estudante, viajante, como qualquer outro poderia ter em um período ditatorial. Em relação à sua escrita, analiso que, aproveitando as palavras de Jacy Seixas ao tratar da obra de Euclides da Cunha, “é antes de tudo uma reflexão”<sup>282</sup>, um modo de

---

<sup>278</sup> *Ibidem*, p. 215.

<sup>279</sup> *Ibidem*, p. 220-225.

<sup>280</sup> CESAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999.

<sup>281</sup> *Idem*.

<sup>282</sup> Reitero o fato de minhas fontes serem contos e não poemas. Já o sentido de reflexão desenvolvido por Jacy Seixas é relacionado aos poemas de Euclides da Cunha. SEIXAS, Jacy

refletir sobre uma história mal contada – ou vista apenas sob um ângulo – sobre as ambiguidades de um processo histórico que compreende toda uma população, atingindo-a duramente no tocante aos seus direitos. Lembro ainda que a literatura é também um modo de mobilizar o outro, concordando com as ideias de Ana Cristina Cesar, uma maneira de escrever aquilo que pode incomodar no sentido de perceber parte da realidade<sup>283</sup>, de contar um pouco do que se passa(va).

Nessa medida, Guido Alcalá, por mais que tenha escrito os 37 contos em um contexto que nos sugere uma perspectiva sócio-político-econômica paraguaia, sua *persona* não pode ser compreendida somente a partir de sua produção literária. Isso se deve ao fato de um texto não ser um produto teleológico ou unidimensional em seu sentido<sup>284</sup>. Enfim, o que está nos contos não é o autor, é a linguagem e ele se desdobra nesta. O escritor se mune da linguagem a fim de restituir o seu lugar ao leitor, ao mesmo tempo em que é preciso considerar o narrador, o qual está entre o escritor, os personagens e o próprio leitor.

Um texto oportuniza vários sentidos, formados por interesses e culturas diferentes que, ao se entrelaçarem, formam processualmente outras ideias. Roland Barthes explica que não é no autor que conseguimos definir quais seriam essas ideias formadoras dos sentidos daquela escrita. O leitor seria a resposta, é nele que se inscreve a unidade do seu texto, um homem que não tem uma biografia, uma pessoa que reúne num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito<sup>285</sup>. Sobre isso, concordo com Jeanne-Marie Gagnebin ao discutir sobre a experiência do outro<sup>286</sup>, de um passado que precisa ser contado para ser recriminado a fim de modificar algo no presente. Em uma discussão baseada em Paul Ricoeur, Gagnebin recorda que a identidade *ipse*, aquela que está sempre em modificação e que age de acordo com a temporalidade na qual se encontra, está intrinsecamente ligada à alteridade. Isso se deve ao fato do “eu” apenas poder contar sua história se tiver um “tu”, a sua narração somente desdobra-se se tiver um leitor implícito (como ocorre com Jacques Rousseau). Porém, o que importa não é o “eu” e o “tu”, pois representam signos de enunciação e de

---

A. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI; NAXARA, op. cit., p. 154.

<sup>283</sup> CESAR, op. cit., p. 260.

<sup>284</sup> Idem.

<sup>285</sup> BARTHES, op. cit., p. 56.

<sup>286</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Entre eu e eu mesmo (Paul Ricoeur). In: GALLE, Helmut et al. *Em primeira pessoa: abordagem de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009, p. 133-139.



destinação de um discurso, nos quais não há uma designação de um indivíduo, mas de uma memória<sup>287</sup>.

É preciso buscar ao máximo como o escritor ocasiona a tensão, como desencadeia os processos na escrita em curto prazo, como gera os conflitos, como compõe os personagens; as ações e gestos que são permeados por esses são os elementos buscados e analisados neste trabalho. Apesar da impossibilidade de alcançar a motivação que levou o escritor a escolher um tema e não outro, o enredo está posto nos contos e isso me permite discutir e levantar sugestões sobre de que forma aqueles temas estão relacionados com o contexto. Compreender parte da história do escritor e a materialidade desses livros colabora para a compreensão de como a experiência de Alcalá, ao viver o período ditatorial, pode ser analisada, em parte, em sua literatura. Nesse caso, considero também a ideia de Paul Ricoeur, em que o tempo se torna humano de acordo com o modo como a narrativa é escrita; essa, por sua vez, só é importante “[...] na medida em que desenha os traços da experiência temporal [...]”<sup>288</sup>.

Analisar a literatura de Guido Rodriguez Alcalá como construção da/de memória/s é uma tarefa árdua, visto que os limites entre ficção, história e memória são subjetivos. Basta pensar sobre o conceito de *mimese* proposto por Paul Ricoeur, o qual pode ser explicado em três perspectivas: a primeira pressupõe-se que há uma pré-compreensão dos fatos que ocorre após a narração<sup>289</sup>; a segunda, é pela qual o escritor traça seus caminhos, verifica as possibilidades de criação e de sentido na obra, seus recursos próprios, aquilo que a torna única; a terceira refere-se à resignificação do leitor. O que há de crucial nessa relação é perceber que a ficcionalidade é o modo como o escritor constrói o conjunto das operações, visto que a *mimese* é também uma ampliação do real<sup>290</sup>.

Roland Barthes defende a ideia de que no início da Idade Moderna, em meados do século XV, o autor tinha uma pré-existência ao texto, ou seja, no momento em que a escrita se iniciava, aquilo que o autor trazia ou conhecia era efetivado. Atualmente, a autoridade do autor é desmantelada, este “nasce” e é enunciado na mesma medida de

---

<sup>287</sup> *Ibidem*, p. 135.

<sup>288</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. A configuração do tempo na narrativa de ficção. Volume II. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 17.

<sup>289</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Volume I. Campinas: Papirus, 1994, p. 70.

<sup>290</sup> BONA, Aldo Nelson. *História, Verdade e Ética*. Guarapuava: Editora Unicentro, 2012, p. 167.

seu texto, no “aqui e agora”<sup>291</sup>. Ainda no encaixo de Roland Barthes, o texto passa a ser julgado em detrimento do contexto em que foi produzido, ou seja, como se a obra explicasse o seu “dono” e todos os seus segredos, o que não ocorre efetivamente. Dar um autor ao livro é limitá-lo em seus múltiplos sentidos e significados, ou seja, se as histórias são frutos de diversos sentimentos, sentidos, processos históricos, não posso limitar a experiência ou ao contexto de uma pessoa.

Retomo a assertiva de Luiz Bras – “cada livro publicado é, antes de tudo, uma atitude política”<sup>292</sup>. Em outras palavras, essas materialidades representam o que se deseja no mundo, proposta veiculada a partir da linguagem, da densidade e do estilo de escrita, objetivando um mundo que precisa ser construído; ou o que existiu no passado e precisa ser recuperado<sup>293</sup>. Nessa esteira, posso afirmar que a literatura de Alcalá, longe de uma análise comparativa ou crítica de sua literatura, pode ser considerada como processo de suas memórias (mesmo as ficcionalizadas), propondo discursos outros, diferentes formas de reação à ditadura militar paraguaia. Se a memória deve ser problematizada, assim como outras fontes, vistas como ressignificação no presente e como uma possibilidade de análise, a literatura como fonte também deve ser analisada. Com relação ao texto, de acordo com Barthes, ele é plural, um processo repleto de interpretações, de passagens e que não se situa nele mesmo, senão entre uma linha e outra, no intertextual.<sup>294</sup> Portanto, o texto é como um espaço social e deve ser analisado de acordo com as condições nas quais foi escrito. Buscar compreendê-lo em suas origens, em supostas intenções do escritor não levaria a uma conclusão plausível.

Isso não quer dizer que o tempo de Alcalá não deva ser levado em conta, pois, considerando a experiência do escritor, analiso, consoante à perspectiva de Tununa Mercado, a ideia de que há uma *transposição da escrita*<sup>295</sup>, isto é, o escritor reaparece por meio dos elementos que se desdobram em um texto. A ideia não é pensar no implícito como algo que o escritor (não) disse, mas é olhar para o modo como construiu a narrativa e perceber a materialidade do texto, junto ao que compreendo sobre o Paraguai hoje. O escritor é o movimento do

---

<sup>291</sup> BARTHES, op. cit., p. 74-75.

<sup>292</sup> BRAS, Luis. Crítica é cara ou coroa? In: \_\_\_\_\_. Muitas Peles. São Paulo: Terracota, 2011, p. 122.

<sup>293</sup> Ibidem, p. 123.

<sup>294</sup> BARTHES, op. cit., p. 74-75.

<sup>295</sup> MERCADO, Tununa. Testemunho. Verdade e literatura. In: GALLE, op. cit., p. 31-37.

texto; é ele quem conduz a seleção da escrita, pois o que está no texto não é simplesmente o autor, mas uma relação complexa dele com a linguagem. O escritor aproveita-se da linguagem para restituir o seu lugar ao leitor.

Ao escrever seus contos, Alcalá compartilha algo a que o leitor não assistiu (as torturas, as prisões e o silêncio de tantas vítimas de um governo ditatorial), que existe apenas na fala elaborada pelo escritor, já que mesmo os que não morreram em decorrência das repressões ditatoriais não tiveram suas memórias contempladas pela historiografia oficial. Ainda sobre o ato de escrever, Paul Ricoeur afirma que narrar permite àquele que escreve a oportunidade de compreender e (re)constituir sua(s) identidade(s)<sup>296</sup>, mas à medida em que a narrativa ocorre, outras identidades também são compreendidas, pelo ato de escrever sobre si. Isto posto, posso compreender que o que Alcalá faz, em entrevistas e ensaios, é dar sentido e uma nova ordem ao seu passado, permitindo que essa memória “dispute” espaço no conjunto de memórias do presente, tornando-se um acontecimento, como foram as narrativas de O’Leary, de González.

Portanto, ao analisar os contos é possível estabelecer leituras com a vida de Alcalá, mas, de forma alguma, devem ser vistos como ligados somente à realidade ‘vívida’ por ele. Considerando sua trajetória como estudante/escritor, porém antes de tudo, como cidadão que vivenciou uma ditadura, o objetivo no próximo capítulo é trazer seus contos, publicações literárias tecidas com personagens, histórias e ditadura, e refletir sobre as ideias de testemunho e de resistência, comuns nesse contexto ditatorial.

---

<sup>296</sup> RICOEUR, Paul. *O si mesmo como outro*. Campinas: Papiрус, 1991.

### 3 MEMÓRIAS MARGINALIZADAS: QUANDO A LITERATURA REIVINDICA O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

Estes dois vastos mundos, o mundo das verdades históricas e o mundo das verdades ficcionais, à primeira vista inconciliáveis, podem vir a ser harmonizados na instância narradora<sup>297</sup>.

Sobre a ideia de verdade, o escritor José Saramago chama atenção para sua inexistência, ou melhor, para a existência de possibilidades de verdades, as ficcionais e as históricas, consideradas a partir do local do discurso e de quem narra. De fato, o que se apresenta são muitas versões que, mesmo no caso das literárias, com frequência não “compromissadas com a realidade”, tal como as historiográficas, podem ser “harmonizadas” com os princípios que regem uma pesquisa. Ao mesmo tempo, a crise da narrativa na História, que a obrigou a rever seus métodos de análise e seus princípios, mostrou que outras fontes – como a literária – também poderiam entrar em seu rol. Porém, entre testemunho (que esboça confiança, mas não “prova”), fontes documentais e literárias, como proceder quando estas ocupam os lugares centrais? Dessa forma, historiadores podem narrar múltiplas histórias, particulares ou não. Trata-se de uma escrita autorizada pela historiografia, reconhecida e alvo de disputas. Ao considerar essa premissa, em um primeiro momento, outras escritas poderiam não ser tão bem aceitas. É um embate antigo e que, embora bastante debatido, ainda causa discussões efervescentes entre a História e a Literatura. A questão é que, na maior parte das vezes, os historiadores não presenciaram acontecimentos aos quais se referem e, por isso, estratégias e metodologias foram criadas para que a escrita da história não fosse subestimada por tal ausência. É nesse espaço que localizo a escrita literária de Alcalá ao fazer uso da escrita e do testemunho para colaborar na forma(ção) de um gênero literário, ao passo que registra a memória de tantos, permitindo que a história a analise e, dessa forma, novas versões sobre acontecimentos traumáticos se coloquem contra uma história paraguaia unidirecional, oficial e universal.

Neste capítulo, o intuito é discutir primeiramente como os contos de Guido Alcalá podem ser vistos dentro de uma perspectiva de

---

<sup>297</sup> SARAMAGO, José. História e ficção. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, ano X, n. 400, 6 mar, 1990, p. 16.

testemunho frente à ditadura militar paraguaia de Stroessner, como também relacionar o conto como um gênero narrativo bastante importante e que ganha protagonismo nos anos de 1970 na América Latina, analisando o caso paraguaio, também envolvido em uma ditadura, como acontecia em outros países do Cone Sul. Os contos escolhidos para este capítulo, dentre os 37 de Guido Alcalá, são: “La Sesión de la OEA”, do livro *Cuentos* (1993); “Cartas no necesariamente escritas”, do livro *Cuentos Decentes* (1987); “Juliana”, “Curuzú Cadete”, “Fragmentos de la sindicalista” e “Los vecinos”, pertencentes ao livro *Curuzu Cadete: cuentos de ayer y de hoy* (1990). Estes são analisados à luz da historiografia em consonância aos temas: influência estrangeira no Paraguai; *pyragues*<sup>298</sup> e a cultura de delação; juventude e resistência; marginalidade do Paraguai em relação ao restante do mundo.

Ao estabelecer tal análise, é possível compreender como a memória, junto à historiografia e à literatura de Guido Alcalá, pode contribuir para entender e discutir a história paraguaia, como também sua própria escrita. Os personagens e os narradores dos contos assinados por Guido Alcalá são centrais para a compreensão do espaço-tempo vivido nos anos de 1970 pelo escritor, assim como para refletir de que forma este via as permanências de práticas políticas de outros governadores em tempos de Stroessner. O conto, portanto, é uma narrativa que envolve muitas construções, conhecimentos, acontecimentos, fatos e incorpora uma fonte ou outra, mas se trata em especial de uma narrativa que envolve – e joga com – a literatura e a história, a ficção e a realidade, utilizando o espaço literário para problematizar poderes hegemônicos. Além disso, a escrita de Alcalá é o acontecimento do qual parto nos anos de 1970 a 1990, mas também é um acontecimento do tempo presente. Ou seja, o contexto temporal envolvendo a escrita dos textos literários de Alcalá oferece um leque de oportunidades para compreender a estrita relação entre a memória, a história e o esquecimento e permitem-me pensar o presente e as perspectivas futuras.

### 3.1 O testemunho na ditadura paraguaia: os contos como espaços (im)possíveis

---

<sup>298</sup> *Pyragues* no idioma guarani significa “pés aveludados”. O termo passou a significar pessoas do governo que adentravam espaços sem serem percebidos, ou que delatavam situações vividas, sabidas ou até mesmo inventadas, tanto no Paraguai quanto no exterior. PIZARRO, M. Mar Langa. *Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya*. 445 f. Tese (Tese em História). Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Alicante, 2001, p. 42.

Imitar a realidade, representá-la ou trazer à tona cenas do que pode ter sido, na historiografia não se tem o acontecimento, ou seja, aquilo que se deu ou a realidade; dessa forma, seria também impossível imitar a realidade da qual se almeja falar ou escrever. Para o historiador Michel de Certeau, a escrita da história é uma operação que reúne ao menos três elementos: práticas científicas, o exercício da escrita e um lugar social<sup>299</sup>. Desse modo, o lugar em que uma fonte é produzida ou o modo como é analisada deve ser considerado a fim de compreender de que maneira esse lugar afeta a sua materialidade e o seu sentido, conforme já apontado. Para Michel de Certeau, é impossível analisar um discurso histórico sem compreendê-lo dentro de seu espaço de atuação, de sua instituição, já que o texto produzido tem sua forma delineada pelo espaço onde se produz<sup>300</sup>. O discurso de autoridade, o texto que produz sentidos é definido, portanto, a partir da relação entre uma linguagem e o corpo social que comanda esse discurso. Nesse sentido, o que posso afirmar é que a História faz parte da realidade a qual ela se dedica, está envolvida pelos interesses, pelos cheiros dos arquivos e pelos aspectos presentes em seu tema de análise<sup>301</sup>. Ao escrever sobre a literatura de Alcalá, há visivelmente pressupostos e interesses em tais escolhas, como também teve Guido Alcalá ao optar pela literatura como uma escrita ligada à estética, mas também de resistência nos tempos da ditadura stronista.

Sendo assim, considero os contos de Alcalá como espaços utilizados e preenchidos com elementos da realidade do escritor e daqueles sobre os quais escreve, mas com o peso próprio da subjetividade (imaginada) de si mesmo, dos narradores e dos personagens em seus enredos. A compreensão tanto de quem escreve, quanto do leitor é organizada a partir das expectativas e do conhecimento que se tem sobre determinados assuntos<sup>302</sup>. Por essa lógica, se Alcalá almejou explorar cenas e cenários que envolvessem o período da ditadura militar de Stroessner, ele criou para tanto um enredo, assim como escolheu/elaborou personagens e selecionou temas comuns ou conhecidos, a fim de que cada leitor pudesse encontrar elementos de justificação e reconhecimento por/de tais escolhas. Mais que isso, escrever ficcionalmente é registrar a memória do que se

---

<sup>299</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 47.

<sup>300</sup> *Ibidem*, p. 47-62.

<sup>301</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>302</sup> LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 361.

passou, com o objetivo de não permitir que ocorram situações semelhantes novamente, como também no caso da literatura de Alcalá, promover a formação e a consolidação de uma escrita literária paraguaia.

Sobre o gênero conto, Carlos Pacheco e Luis Linares afirmam que o que torna importante é sua brevidade (simples e que desperte interesse), intensidade (intrigas desencadeadas no enredo) e condensação, aspectos que fazem com que o leitor o leia de uma só vez e se sinta envolvido e surpreendido com o desenrolar da história<sup>303</sup>. Essas são as características gerais de um conto, mas quando analisado em um contexto ditatorial, como o de Alcalá, torna-se também espaço de denúncia e um modo de lidar com o que estava acontecendo. Lembro que os contos de Alcalá passaram a ser escritos ao fim da década de 1970, porém só foram editados e publicados a partir do fim de 1980. O que se pode compreender desse espaço-tempo é que Alcalá, dentro de um projeto literário preocupado em desenvolver e promover a literatura paraguaia, ao mesmo tempo em que denunciava a ditadura militar de Stroessner, tinha no conto uma estratégia para a sua escrita e um modo de lutar contra a ditadura com base em sua própria experiência.

Não obstante, a literatura de Alcalá nos anos de 1970 seguia a tendência da literatura paraguaia de focalizar acontecimentos traumáticos, como a Guerra da Tríplice Aliança, a Guerra Civil de 1947 ou a Guerra do Chaco, eventos que já inspiravam a escrita de contos desde os anos de 1950, de acordo com José Vicente Peiró Barco<sup>304</sup>. Para este, o realismo mágico também aportou no Paraguai devido à literatura de Josefina Pla, de Rúben Bareiro Saguier, de Augusto Roa Bastos e outros, tendo também motivado autobiografias baseadas nas vivências da Guerra do Chaco. Nos anos de 1970, *Yo el supremo* (1974), de Roa Bastos, seria visto como um dos ápices da literatura<sup>305</sup>, porque nesse livro ele teria tornado a literatura paraguaia reconhecida na América Latina, com contos questionando justamente a supremacia de Stroessner (escrito após a sua saída do país). O que se pode afirmar sobre essas interferências e a literatura produzida é que tais escritores e escritoras, muitos ainda jovens, queriam debater sobre a história do país, sobre o que vivenciavam e o porquê de estarem vivendo aquelas situações.

---

<sup>303</sup> LINARES, Luis Barrera; PACHECO, Carlos. *Del cuento y sus alrededores: aproximaciones a una teoría del cuento*. Caracas: Imago textos, 1993, p. 21.

<sup>304</sup> BARCO, José Vicente Peiró. *Literatura y Sociedad. La narrativa paraguaya actual (1980-1995)*. Tese (Tese de Filologia Espanhola). UNED, 2001, p. 77-82.

<sup>305</sup> Idem.

Para Sidney Chalhoub, a literatura colabora na compreensão de como indivíduos criam mecanismos de defesa e de resistência<sup>306</sup> às opressões sociais e políticas sofridas, como o paternalismo, por exemplo. Para ele, qualquer testemunho histórico que inclua fontes, como os textos literários, intervém no real, ou seja, questiona o real e oferece estratégias diversas em relação àquilo que acontece ou se espera de um contexto. Desse modo, as redes de interlocução dos sujeitos ou personagens devem ser analisadas sem cair no reducionismo de que a perspectiva utilizada por aquele que analisa tais materialidades é capaz de resumir ou chegar a uma pretensa verdade sobre aquela experiência narrada.

O testemunho é uma ideia relacionada à escrita e à exclusão social. Poderiam se debater várias questões a partir do termo, como resistência ou responsabilidade social frente a um acontecimento doloroso. Ao mesmo tempo, o testemunho está no meio da discussão entre a história e a literatura. Jaime Ginzburg aponta a literatura de testemunho como um meio de reação a processos traumáticos<sup>307</sup>, um grito em meio à violência que impede muitos de escreverem ou de contarem o que se passou/passa com eles. Para ele, não é uma simples representação e também não se explica com base na ideia de mimese aristotélica, mas o considera ficcionalizado, visto que quando alguém narra ou escreve está inevitavelmente pensando no interlocutor. Esse aspecto permite analisar os contos de Guido Alcalá como produtos organizados por ele e que dialogam ao mesmo tempo com o seu exercício de escritor-narrador, isto é, toda ordem que Guido Alcalá dá a sua vida nas entrevistas é um ato de organizar, de ficcionalizar quais teriam sido suas intenções. O testemunho, nesse caso, é como todo discurso – uma linguagem, literária ou não. Ao construir a narrativa estabelece-se uma ordem que parte de um lugar de enunciação, de uma experiência – ou de muitas – que, de alguma forma, sobreviveu/sobreviveram a processos traumáticos, vindo a colaborar na compreensão dos vários lapsos históricos, os quais também nos fazem compreender o presente.

Nesses casos, a narração é a busca de um sentido, não planejado e por isso complexo, instável e que emerge de conflitos sociais<sup>308</sup>. Pierre

---

<sup>306</sup> JESUS, Ronaldo Pereira. Entrevista com Sidney Chalhoub. *Locus: Revista de História*. UFJF, v. 12, n. 1, 2006, p. 10-11.

<sup>307</sup> GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *Revista Conexão Letras*. Porto Alegre, UFRGS, v. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap6.pdf/>>. Acesso em 05 fev 2017.

<sup>308</sup> *Ibidem*, p. 1-6.



Nora afirma que o narrador descreve histórias como se ele mesmo tivesse presenciado e, neste caso, sua fala/escrita vai além de uma ideia de memória compartilhada, contendo elementos exteriores internalizados por quem a narra. O que Nora propaga é a ideia da memória como uma prática social, distante da concepção de obrigação, de costume ou de uma “memória-arquivo”, mas uma ação para legitimar um passado que é também parte do presente<sup>309</sup>. O narrador, tal como o historiador, escreve sobre histórias vividas por outros, mesmo que a partir de pistas, pequenos indícios, buscando uma representação histórica com base também na memória e não somente com o respaldo da imaginação, no caso de um escritor. Aquele que escreve o faz para não esquecer o passado, ou o que o incomoda, permitindo que histórias tenham continuidade na memória.

Ao mesmo tempo, o testemunho não objetiva provar o que ocorreu ou ainda atestar aquilo que afirma. Além disso, não se coloca frequentemente na disputa dos cânones. Há naquele, antes de tudo, uma vontade de narrar o ocorrido, do abuso por parte do Estado, por exemplo, no caso de uma ditadura militar, a partir da linguagem e dos rastros deixados na memória de quem narra. Este é um sobrevivente e, por sua vez, narra a história de outros sobreviventes (ou não). Jaime Ginzburg define da seguinte forma esta organização: “[...] Sem identidade segura, a voz de enunciação faz da narração a busca de um sentido que não foi antecipadamente definido. Trata-se de um discurso instável, híbrido, em que os conflitos sociais são incorporados aos fundamentos expressivos”<sup>310</sup>. Mais, em um processo traumático, situações de “trauma” ocorrem no dia a dia e para que a experiência daqueles que o sofreram não se perca, o registro se faz necessário. Como afirmado no capítulo anterior, para que os mortos tenham seus túmulos também o trabalho da escrita se faz necessário. Guido Alcalá, quando toma para si a palavra permeado por sua subjetividade, está justamente colaborando para a formação de uma memória da ditadura militar paraguaia, mas também utilizando histórias de outros para tal fim.

No segundo capítulo, fiz referência à parte do conto “Curuzú Cadete”, do livro homônimo, no qual um cadete do Liceu Militar Acosta Ñu, chamado Alberto Anastasio Benítez, teria sido assassinado. Em um dos volumes da Série *Nunca Más*, o escritor narra detalhes desse

---

<sup>309</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n.10, 1993, p. 18.

<sup>310</sup> GINZBURG, op. cit., p. 1-6.

acontecimento, no qual está também baseado o conto. Nesse sentido, este traz a história de outros, como também demais elementos, dentre os quais a organização das palavras e os diálogos entre os personagens (a fim de dar vivacidade à narrativa), aspectos que não podem ser julgados apenas com base na dicotomia realidade *versus* ficção. Em relação ao episódio de Curuzú Cadete, para Alcalá, no volume da *Série Nunca Más*:

Em janeiro de 1963, o Governo paraguaio informou sobre a descoberta de uma conspiração para derrubar o Governo e assassinar vários funcionários públicos. A conspiração, de acordo com a informação oficial, tinha suas ramificações no Exército – sendo principal conspirador o capitão de cavalaria Modesto Napoleón Ortigoza – e contava com o apoio do líder colorado no exílio, Epifanio Méndez Fleitas, do líder liberal no exílio, Carlos Pastore, e do comunismo internacional. Parte da conspiração foi o assassinato de um cadete [...], supostamente ultimado por Ortigoza para ocultar o complot [tradução minha]<sup>311</sup>.

Na citação, Guido Alcalá aponta que o governo seria o causador de todo o problema que acabou por desencadear a morte do cabo Benítez. Este se tornou símbolo de luta e foi até mesmo visto como um santo milagreiro (em especial no conto). Entretanto, o escritor considera ao analisar todo o processo jurídico transcorrido no ano seguinte, o governo havia implantado tal notícia – a de que uma conspiração pairava nos ares de Assunção – a fim de calar alguns dos componentes do corpo do Exército, dos quais já tinha bastante desconfiança. Ou seja, não houve conspiração de acordo com a leitura do jornalista. O que ocorreu foi uma arbitrariedade de Stroessner que teria, por meio de subordinados, assassinado o cabo, ao mesmo tempo em que culpava os três citados. A partir dessa ação, Stroessner teria conseguido manter certa “paz” no andamento de suas políticas governamentais, já que além de ter calado possíveis resistentes, também coagiu outros que poderiam vir a combater o seu governo nas décadas seguintes.

---

<sup>311</sup> No original: “En enero de 1963, el Gobierno paraguayo informó acerca del descubrimiento de una conspiración para derrocar al Gobierno y asesinar a varios funcionarios públicos. La conspiración, de acuerdo con la información oficial, tenía sus ramificaciones en el Ejército – siendo principal conspirador el capitán de caballería Modesto Napoleón Ortigoza – y contaba con el apoyo del líder colorado en el exilio, Epifanio Méndez Fleitas, del líder liberal en el exilio, Carlos Pastore, y del comunismo internacional. Parte de la conspiración fue el asesinato de un cadete [...], supuestamente ultimado por Ortigoza para ocultar el complot.” ALCALÁ, Guido R. Testimonio de la represión política en Paraguay 1975-1989. *Serie Nunca Más*. Volume III. Assunção: Comité de Iglesias, 1990, p. 11.

Alcalá chama de *la oficialidad disconforme de 1962* para se referir aos oficiais responsabilizados pelo assassinato do cadete Benítez, que teria sido raptado pelos três oficiais supracitados em um ponto de ônibus e morto no quartel mais tarde. Guido Alcalá, no *Nunca Más*, afirma que despachos, pedidos e ações de investigação foram realizadas fora das regularidades e do que era comum à polícia de Assunção na época. Sobre a conspiração não houve prova alguma, embora Ortigoza tenha sido condenado por isso, tendo passado 26 anos preso. No que diz respeito às provas, as únicas foram os depoimentos de soldados, conhecidos dos réus, porém, de acordo com Alcalá, são resultado da ação da:

A Polícia paraguaia, com sua habitual brutalidade, começou investigar a existência de uma possível conspiração, e para isso os suspeitos foram detidos e interrogados sob tortura. As torturas provocaram “confissões” de crimes, e estas confissões serviram de base a processos judiciais – se é que podem ser chamados assim [tradução minha]<sup>312</sup>.

Considerando as torturas, é difícil analisar se ao menos havia uma movimentação ou resistência em relação ao governo de Stroessner, visto que a literatura ditatorial do Cone Sul demonstra o quão comum era tal prática, e é a partir dessa ideia que a real participação dos oficiais bem como a morte do cadete ficaram sem respostas. Quanto ao porquê dessa atitude e tamanha arbitrariedade nesse caso, especialmente por Ortigoza ter passado 26 anos na cadeia sem provas e pelo adolescente inocente morto, Alcalá afirma o seguinte:

A explicação é que – conspiração à parte – o affaire Ortigoza foi um acerto de contas com a oficialidade mais ou menos relutante a aceitar o despotismo de Stroessner. Ele tinha uma lista negra de oficiais duvidosos, não cento por cento leais à sua pessoa, e estava decidido a sancioná-los, independentemente de qualquer investigação. Nesse sentido, pode se dizer que teve sucesso: a perseguição de Ortigoza e os outros acusados foi uma forma de manter submetido o exército por muitos anos [tradução minha]<sup>313</sup>.

---

<sup>312</sup> No original: “Policía paraguaya, con su habitual brutalidad, comenzó a investigar la existencia de una posible conspiración, y para eso procedió a detener los sospechosos y a interrogarlos bajo tortura. Las torturas provocaron “confesiones” de delitos, y estas confesiones sirvieron de bases a procesos judiciales – si pueden llamarse así.” Ibidem, p. 12.

<sup>313</sup> No original: “La explicación es que – conspiración aparte – el affaire Ortigoza fue un arreglo de cuentas con la oficialidad más o menos renuente a aceptar el despotismo de Stroessner. Este tenía una lista negra de oficiales dudosos, no ciento por ciento leales a su persona, y estaba decidido a sancionarlos, al margen de cualquier investigación. En este

As menções à violência do governo ditatorial são marcantes na escrita de Guido Alcalá, seja no *Nunca Más* ou no conto “Curuzú Cadete”, a começar pela citação acima. A fim de reprimir possíveis resistências dentro do próprio sistema militar, Stroessner teria forjado um possível movimento e o assassinato de um cadete para com isso justificar as prisões, as torturas e os depoimentos nos dias posteriores. No volume da Série *Nunca Más*, Guido Alcalá reitera o envolvimento de determinados meios midiáticos que frisaram a culpa de Ortigoza, como também de grupos ligados à política. No conto, o narrador aponta a existência do apoio dado a Ortigoza, sendo evidenciada no seguinte trecho:

Nem sequer quando falou o padre Arketa na rádio. Te falei!, disse meu marido, eu sabia bem que o capitão não era! Mas nós, na verdade, achávamos o chofer Ovando inocente; todos pensamos isso porque era um homem ignorante e trabalhava para o capitão Ortigoza. Ele continuou com sua má fama, e sua família também com a má fama dele, e sem emprego, e sem dinheiro, e essas pobres criaturas cresceram sozinhas [...]. E agora vejo que meu finado esposo tinha razão: o cadete foi morto na polícia e para se desculpar culparam o capitão Ortigoza! E pensar que a gente ficou tão contente quando pegaram o pobre homem com seu motorista e os outros! Vai saber o que lhes fizeram na polícia! Por isso agora que se sabe a verdade o povo começa perder a fé e muitos não vão mais visitar ele ao oratório do curuzú cadete [tradução minha]<sup>314</sup>.

Percebe-se nesse excerto a certeza de uma senhora sobre a culpabilidade de Ortigoza, ao conversar com seu marido em um ambiente privado logo após o crime. Entretanto, é uma certeza que muda conforme o tempo passa, visto que o narrador aponta as conversas dela com o falecido esposo, nas quais este já afirmava a inocência dos julgados culpados, ou seja, parte da população acreditava na inocência do capitão e de seu motorista no sequestro e morte do cadete Benítez já

---

sentido, se puede decir que tuvo éxito: la persecución a Ortigoza y los demás acusados fue una forma de mantener sometido el ejército por muchos años.” Ibidem, p. 21.

<sup>314</sup> No original: “Ni siquiera cuando habló el padre Arketa en la radio. Te dije!, dijo mi marido, yo sabía bien que el capitán no era! Pero nosotros más bien le creímos inocente al chofer Ovando; todos pensamos porque era un hombre ignorante y trabajaba para el capitán Ortigoza. El siguió con su mala fama, y su familia también con su mala fama de él, y sin trabajo, y sin dinero, y esas pobres criaturas crecieron solas [...]. ¡Y ahora veo que mi finado esposo tenía razón: al cadete le mataron en la policía y para disculparse le culparon al capitán Ortigoza. Y pensar que nosotros tan contentos cuando le agarraron al pobre hombre con su chofer y los otros! Vaya a saber qué les hicieron en la policía! Por eso ahora que se sabe la verdad la gente comienza a perder la fe y muchos no se van más a visitarle al oratorio del curuzú cadete...” ALCALÁ, Guido R. *Curuzu Cadete: cuentos de ayer y de hoy*. Assunção: RP Ediciones, 1990, p. 73.

à época do acontecimento (1962), mesmo com notícias veiculadas e manipuladas – certamente por Stroessner – continuamente dizendo o contrário. Na Série *Nunca Más*, ao mesmo tempo, pontua-se que as práticas arbitrárias cometidas pelo governo de Stroessner seriam percebidas somente muitos anos depois.

Um dos argumentos para tal afirmação seria o fato de ver pela janela a família do motorista convivendo com a imputação da culpa e, principalmente, em situação financeira precária, já que o responsável pelo “sustento” da casa ficou sem emprego, o que não teria ocorrido se tivessem o apoio do governo de Stroessner ou se Ortigoza tivesse confabulado com este. Sendo assim, o narrador indica a ideia de impunidade e de uma justiça manipulada pelo então presidente. No mais, a noção de tortura também é evidente quando a personagem da viúva menciona “*¡vaya a saber qué les hicieron en la policía!*”, sendo possível pensar em duas possibilidades: a primeira é que a prática da tortura era conhecida ou suspeita por alguns e a outra é o fato de ter passado mais de 25 anos e, diante da abertura política sentida nos anos de 1980, ter permitido o conhecimento de mais peculiaridades sobre ações do governo de Stroessner por parte da população.

Julio Cortázar afirma que os contos ganham mais sentido quando suas histórias se passam em *pequeno ambiente*<sup>315</sup>, pois dessa forma o narrador constrói intrigas e atritos, como em uma esfera em que os personagens – em uma extrema tensão – representam a ideia que levou o escritor a escrever tal conto, uma preparação precedente à escrita do conto propriamente dita. Esse preparo, do interior para o exterior, conforme o exposto por Cortázar<sup>316</sup>, é perceptível em tal conto, visto que o narrador parece estar presente dentro de uma discussão entre um casal em seu ambiente familiar, e os outros cenários vão sendo envolvidos no decorrer da escrita. Mesmo quando outros ambientes surgem no enredo, como o oratório, a prisão, é também do interior para o exterior que a trama se desenvolve.

O que se destaca na análise desta pesquisa é que ao escrever seus contos, Alcalá faz uso de vários documentos, construindo uma base criteriosa e histórica para a maioria deles, a partir de documentos encontrados no Arquivo Nacional, relatos de conhecidos e amigos, além de outras pesquisas de escritores, historiadores e jornalistas. Assim, embora o objetivo não seja dizer que há verdade (porque a verdade é

---

<sup>315</sup> CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

<sup>316</sup> Idem.

sempre questionável), tampouco buscar traços de verossimilhança<sup>317</sup>, o que afirmo diante disso é que a literatura de Alcalá produzida durante e sobre a ditadura militar paraguaia de Stroessner também é testemunho dele, de outros, de conhecidos, de (outros) livros. Isso não anula a imaginação, a ficção, os traços, os enredos e os conflitos, pois estão permeados pelo processo criativo próprio da ficção de acontecimentos contemporâneos ao escritor.

Para Jaime Ginzburg, o testemunho diz respeito a uma opinião divergente da maioria e se opõe ao autoritarismo<sup>318</sup>. No caso paraguaio seria contra o governo, representado por Stroessner. Ao escrever os contos, analisando o contexto paraguaio e apresentando parte do que foi aquele cotidiano, com suas intrigas e suas resistências a partir de fontes e da narrativa, a escrita de Guido Alcalá gera uma memória sobre aquela conjuntura histórica, a qual se converte em uma fonte possível sobre a história paraguaia, passível de contribuir para a promoção/consolidação da consciência histórica, especialmente significativa em um país de/com pouca tradição historiográfica.

No contexto da América Latina, o retorno da escrita testemunhal foi bastante influenciado pela Revolução Cubana<sup>319</sup>, visto que foi uma das principais revoluções do século XX na América, em especial envolvendo pessoas e grupos mais populares, representantes das minorias e, na maioria das vezes, silenciados. Além disso, logo após a referida sublevação, outros países sofreram golpes militares, motivando a escrita e a retomada do conto como testemunho. Para Ginzburg, isso geralmente envolve a experiência desses grupos, tendo no agente que escreve seu *articulador*<sup>320</sup>. Como analisado no primeiro capítulo, os anos de 1960 e de 1970 fomentaram uma escrita latino-americana, não somente pela necessidade de haver um gênero que lhe fosse profícuo, no caso o conto, mas algo representante de seus contextos e de seus processos ocorridos. Ainda assim, a literatura desse contexto não é um depoimento direto, mas carrega elementos traumáticos de situações vividas por outros. Nesse sentido, a escrita torna-se uma forma de contestação da realidade vivida, ao passo que representa uma voz latino-americana, nesse caso, um testemunho.

---

<sup>317</sup> Representação ficcional semelhante à realidade, ou seja, algo que parece verdadeiro e, portanto, torna-se crível porque possui uma impressão de verdade.

<sup>318</sup> GINZBURG, op. cit., *passim*.

<sup>319</sup> Para mais informações sobre o contexto e a representação importante dessa revolução para aquela época e a América ver: MISKULIN, Silvia Cezar. *A revolução cubana – Apresentação*. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/revolucao-cubana-apresentacao/>>. Acesso em 05 fev 2017.

<sup>320</sup> GINZBURG, op. cit.

Márcio Seligmann-Silva aponta que existem dois significados da palavra testemunho no latim: *testis* e *superstes*, sendo a primeira uma referência ao sujeito que presenciou o crime, mas não é a vítima, e a segunda relacionada àquele que é a vítima, mas sobreviveu<sup>321</sup>.

Considerando que a escrita historiográfica no Paraguai tem como marca também, e não menos importante, as “histórias oficiais”, como aquelas de Juan O’Leary, ao menos até pouco tempo, os mais variados testemunhos, novelas, ensaios e tantas outras textualidades que se desenvolveram ou se têm desenvolvido são cruciais para essa confrontação com o discurso histórico vigente muitas vezes colocado como “história oficial”. Literaturas como as de Guido Alcalá, que não são depoimentos diretos, podem trazer elementos de processo históricos e demonstram a importância dessas obras que, para além do estético, expõem problemas e memórias. Márcio Seligmann-Silva aponta o seguinte sobre isso:

Os primeiros documentários realizados no imediato pós-guerra, extremamente realistas, geravam esse efeito perverso: as imagens eram “reais demais” para serem verdadeiras, elas criavam a sensação de descrédito nos espectadores. A saída para esse problema foi a passagem para o estético: a busca da voz correta [...] a literatura de testemunho de um modo geral – desconstrói a historiografia tradicional (e também os tradicionais gêneros literários) ao incorporar elementos antes reservados à “ficção”<sup>322</sup>.

É compreensível que as cenas vistas a partir de vídeos sobre os traumas sejam difíceis de ‘aceitar’, visto que *situações-limite*<sup>323</sup> de forma alguma tendem a ser ‘agradáveis’. Entretanto, ao citar a possibilidade de ser ter o testemunho na forma literária, Márcio Seligmann-Silva afirma que a narrativa é insuficiente na linguagem para trazer os fatos *inenarráveis*<sup>324</sup>. Dessa forma, aponto que os textos de testemunho, embora tenham sua credibilidade, devem ser analisados junto a outros elementos, tais como o contexto histórico, a fim de colaborar com o conhecimento historiográfico. Como aponta Ginzburg: é uma ação que utiliza recursos estéticos para cumprir um papel ético,

<sup>321</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: \_\_\_\_\_. *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das Catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 373-374.

<sup>322</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: \_\_\_\_\_. op. cit., p. 46.

<sup>323</sup> Sobre a ideia de *situação limite* nos estudos do Cone Sul ver o livro de Ludmila Catela. CAUTELA, Ludmila da Silva. *Situação-limite e memória: a reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos da Argentina*. São Paulo: Hucitec, 2001.

<sup>324</sup> SELIGMANN-SILVA, op. cit., p. 57.

contestando versões mais oficiais e excludentes<sup>325</sup>. É o que faz a partir de seu lugar social Guido Alcalá, a fim de debater a história de seu país, buscar fontes, utilizar recursos da linguagem e, desse modo, intentar reescrever parte da história de seu país, a partir de sua memória, de outros de seu tempo e dos fantasmas de períodos anteriores, com um objetivo maior – o de compreender e de dar sentido(s) ao seu presente. Tais ações não isentam a escrita de Alcalá de interesses, manipulações e intenções políticas.

Ao argumentar sobre o “fim das grandes narrativas”<sup>326</sup>, aquelas voltadas a uma história mais institucionalizada e menos direcionadas às perspectivas da virada linguística e cultural dos anos de 1970, Jeanne Marie Gagnebin afirma que narrativas nascidas das ruínas, daquilo que está se perdendo, representam posturas éticas e políticas frente à necessidade de o passado não cair no esquecimento. Para a filósofa, persiste nos dias atuais a exigência de que a memória deve considerar as dificuldades que a cercam, como a possibilidade de serem encontradas experiências comuns, além das dificuldades de narração e de transmissão. Dessa maneira, a fim de evitar que o “dever de memória” caia em algo vazio, de modo que somente se percebam confusões, mas sem finalidades compreensíveis para aquele presente, deve-se objetivar não uma comemoração de eventos ditos oficiais, que nem sempre representam as minorias (como as celebrações estatais ou religiosas), porém uma rememoração sobre aquilo que ainda não foi falado, daqueles que ainda não tiveram seus pontos de vista narrados. Além disso, é necessário dar voz a um passado que ainda não foi esquecido, permitindo mudar o presente.

Nesse sentido, se relembro a trajetória de estudante de Guido Alcalá (e discutida no primeiro capítulo), observo que ele pode não ter vivido/vivenciado muitas das circunstâncias representadas que escreveu, visto que o escritor não menciona nas entrevistas perseguições ou possíveis torturas sofridas no tempo de prisão e, portanto, os contos, sejam eles baseados ou não em experiências contadas a ele, podem não estar ligados à sua vida pessoal. A questão é que Alcalá, considerando as palavras de Gagnebin, não é herdeiro de várias das ocasiões sobre as quais escreve<sup>327</sup>, embora tenha as marcas da ditadura militar paraguaia. Porém, se considero a história de Primo Levi sobre o “sonho” mais comum que se tinha nos barracões de campos de concentração no

---

<sup>325</sup> GINZBURG, op. cit., p. 64.

<sup>326</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 49-57, *passim*.

<sup>327</sup> Idem.



período da Segunda Guerra Mundial<sup>328</sup>, o de que se voltava para a casa após o fim da guerra e cada um narrava o que lhe havia acontecido, com suas impressões e suas experiências, mas que muitos não davam atenção por não se importarem ou não perceberem a profundidade dos traumas narrados; é possível afirmar que existem diversos modos de se tratar o/as luto/memórias de uma ditadura, e escrever sobre elas é um deles.

Décadas mais tarde, essas memórias passariam a ser alvo de muitos interesses, até mesmo “de mercado”, visto que livros/biografias, filmes foram lançados a partir dos anos de 1980 enfatizando as narrativas de viés memorialístico – o que deve ser visto de modo positivo, pois significa trazer à tona também o que estava sendo esquecido ou permanecia calado. Porém, o observado ainda neste contexto foi um excesso de “dever de memória”, muitas vezes em um processo de rememoração constante sem uma relação mais complexa com o presente, refletindo sobre o esperado também sobre o futuro e, em alguns momentos, desconsiderando os diversos olhares presentes nas narrativas das próprias vítimas sobre um mesmo acontecimento. O que evidencio é que a problematização histórica deve ter a preocupação de pensar as diferentes perspectivas de análise de um processo, considerando, por exemplo, a ideia – e o cuidado – como sugere Primo Levi<sup>329</sup>. Aquele que não é de forma alguma um herdeiro – o que não é o caso absoluto de Guido Alcalá, por não estar ligado diretamente a muitas histórias narradas – mas tem a palavra: “então, nossa tarefa constituiria, talvez, muito mais em restabelecer o espaço simbólico onde se possa articular [...] aquele que não faz parte do círculo infernal do torturador e do torturado, do assassino e do assassinado”<sup>330</sup>.

Em sentido próximo, Jeanne Gagnebin afirma que a palavra se torna um espaço crucial para o registro de acontecimentos traumáticos. Entretanto, aquele que não é herdeiro direto ou indireto daquilo que narra não deve ser visto como obrigado a rememorar; uma possibilidade é oferecer ou, como diz Levi, articular o espaço que traz à tona os traumas com o presente<sup>331</sup>, sem desconsiderar as expectativas de futuro, ao passo que dá lugar à vítima na historiografia. Nessa incumbência, é possível estabelecer uma relação com Walter Benjamim, segundo o qual, as melhores narrativas escritas são aquelas que muito se parecem

---

<sup>328</sup> A história completa se encontra em: LEVI, Primo. *É isto um homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 60-63.

<sup>329</sup> GAGNEBIN, *Lembrar escrever esquecer...*, op. cit., p. 49-57, *passim*.

<sup>330</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>331</sup> *Ibidem*, p. 49-57.

com a das histórias orais<sup>332</sup>, narradas por sujeitos simples que tenham vivido acontecimentos diversos. Porém, o ensaísta alemão aponta que o escritor é a junção daquele que circula viajando por outros lugares, saindo de seu contexto e conhecendo situações diversas, com aquele que permanece e se estabelece em um local, também reconhecendo e analisando o seu tempo. Benjamin afirma que o narrador é como o marinheiro que viaja e também o é como o lavrador, esperando e observando o tempo, transformando as suas peculiaridades em histórias de suas tradições individuais<sup>333</sup>. O marinheiro traz suas histórias, narra sobre o espaço vivenciado, sobre suas andanças e dessa maneira quem o ouve torna essas narrativas também suas, isto é, passam a ser coletivas. Desse modo, de acordo com Jair Zandoná, quando um narrador acumula andanças fora e dentro de seu local, podemos chamá-lo de artífice<sup>334</sup>. A narrativa, portanto, traz a experiência de um ou outro e permite que seja um “modelo de vida”<sup>335</sup>, o qual afeta o modo como cada um percebe os sujeitos e a si mesmo.

Nesse sentido, retomo a ideia da filósofa Jeanne Gagnebin sobre Primo Levi:

[...] no sonho de Primo Levi, deveria ser a função dos ouvintes, que, em vez disso e para desespero do sonhador, vão embora, não querem saber, não querem permitir que esta história, ofegante e sempre ameaçada por sua própria impossibilidade, os alcance, ameace também sua linguagem ainda tranquila; mas somente assim poderia essa história ser retomada e transmitida em palavras diferentes<sup>336</sup>.

A história mais crítica só é impossível se não é vista como algo que abala o presente sem lhe ser necessário; só não tem sentido quando há o excesso de “dever de memória” sem relação com o presente ou não sendo historicizada. Essa ideia é corroborada pelo historiador Jacques Revel, segundo o qual estamos vivendo desde os anos de 1970 um retorno forte da Memória. O trabalho de Pierre Nora “Lugares de memória”<sup>337</sup>, ao debater durante mais de uma década como escreveria a

<sup>332</sup> BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 198.

<sup>333</sup> *Ibidem*, p.199-200.

<sup>334</sup> ZANDONÁ, Jair. *Da poética do deslocamento à cartografia do sensível: às voltas com Mário de Sá-Carneiro e Bernardo Soares*. 178p. Tese (Doutorado em Literatura) Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013, p. 93.

<sup>335</sup> *Ibidem*, p. 94.

<sup>336</sup> GAGNEBIN, *Lembrar escrever esquecer...*, op. cit., p. 49-57, passim.

<sup>337</sup> REVEL, Jacques. O Fardo da Memória. In: \_\_\_\_\_. *História e Historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p. 249-264.

história da nação francesa, permitiu que Revel questionasse a importância da Memória sem o crivo da história que, para ele, não é o suficiente para definir as histórias. A questão é que a identidade da França – ou de qualquer nação – não poderia ser interpretada sem o rigor historiográfico e, nesse caso, permite que seja afirmada a existência de múltiplas versões, identidades que vão além de uma perspectiva nacionalista tradicional e de justificação desta – e que parece ser a crítica de muitos historiadores, como Jacques Revel. A fim de dar uma direção a esse conflito, ele afirma que, de excesso de memória e de disputas e formação de histórias nacionais,: “em um momento em que se evoca tão voluntariamente – e às vezes justamente – o dever de memória, talvez não seja inútil lembrar que existe também um dever de história”<sup>338</sup>.

Considerando a efervescência memorialista dos anos de 1970, das diferentes fontes e consequentemente das posturas diversas que a História deve considerar, amplia-se também a ideia de testemunho. Nesse aspecto é que Jeanne Marie Gagnebin afirma que testemunho:

Não seria somente aquele que viu com os seus próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente esta tomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente<sup>339</sup>.

Jeanne Marie Gagnebin propõe com essa citação a ampliação do conceito de testemunho; o termo diz respeito não apenas àquele que viu e voltou para contar aos outros, mas é também próprio àqueles que escutam e colaboram com os processos para evitar situações semelhantes no futuro. Portanto, aquele que não vai embora, que faz uso da voz, de seu tempo/espço para inserir a palavra como um acontecimento a fim de narrar a própria história, a de outros e a de muitos. É nesse sentido que os contos de Alcalá ganham uma dimensão significativa para a escrita da história paraguaia, em que a memória da ditadura passa a ser mais analisada, mais problematizada, não apenas pelas vítimas que estão representadas nas narrativas, mas pelo caráter político que tal memória tem em relação à historiografia do país e a

---

<sup>338</sup> Ibidem, p. 264.

<sup>339</sup> GAGNEBIN, *Lembrar escrever esquecer...*, op. cit., p. 57.

situação atual. Guido Alcalá presenciou em sua prisão cenas sobre as quais narra durante viagens ou manifestações, o que me permite pensar em seu testemunho como *testis*, segundo a leitura de Márcio Seligmann-Silva; porém, muitas histórias/enredos se tratam de coisas que contaram a ele, o que me permite também compreender a literatura de Alcalá como um testemunho segundo os princípios de Jeanne Marie Gagnebin, como aquele que dá ouvidos, que se preocupa.

No caso desta tese, sobre a memória da ditadura militar paraguaia inscrita na literatura de Guido Alcalá, o que discuto é a relação de tal escrita e a historiografia paraguaia<sup>340</sup>, pensando na situação política causada pela ditadura stronista e também naquela que é a consequência de tantas décadas ditatoriais não historicizadas. É nesse aspecto que a produção literária de Alcalá tanto colabora, ou seja, é toda uma produção literária que registrou testemunhos, exigindo “confiança” da parte do historiador, porém, juntamente ao crivo historiográfico é possível analisar a partir dessas fontes uma variedade de temas e questões que colaboram para o entendimento da situação social e política paraguaia.

Para tanto, é preciso afirmar que Guido Alcalá é mais que uma fonte sobre o Paraguai, tanto no contexto do fim dos anos de 1970, quando ele passa a escrever contos sobre a ditadura militar paraguaia, quanto no período atual, em que se faz crucial compreender a urgência da ideia de “dever da memória” na história paraguaia e, conseqüentemente, da história, de perceber e analisar todos esses processos frente à situação política do Paraguai. Alcalá deve ser visto como um sobrevivente de perseguição, mas principalmente alguém que viu, ficou sabendo, buscou fontes, participou de um movimento estudantil, tinha uma família influente ou mesmo escutou sussurros sobre acontecimentos cruéis e que ainda estão de alguma forma vivos na memória paraguaia. Tais depoimentos, testemunhos ou acontecimentos estiveram e estão ligados ao estado político de países do Cone Sul e é por tal razão que os contos oferecem detalhes e rastros a preencherem algumas lacunas, colaborando com a compreensão dessas e outras

---

<sup>340</sup> Além da tese já referida no primeiro capítulo, qual seja PIZARRO, *Guido Rodriguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica...*, op. cit., cuja centralidade está no debate das obras *Caballero* e *Caballero Rey*; uma segunda tese inclui o nome de Alcalá como um dos mais representativos escritores da literatura paraguaia. Ver: BARCO, op. cit. Entretanto, em ambas não há a finalidade de discutir sobre a relação e o peso desta escrita em consonância à ditadura militar paraguaia de Alfredo Stroessner. Para além deste aspecto, afirmo ainda que muitos trabalhos na Sociologia e na História já utilizaram e veem no trabalho de Alcalá um espaço em que se reúnem fontes, dados e também a literatura, embora também não tenham como objetivo debater a relação entre história e memória utilizando tais fontes.

histórias. A escrita ficcional de Alcalá esteve diretamente associada ao que ocorria no Cone Sul, conforme discuto no próximo tópico.

### 3.2 Entre os anos de 1970 e 1980: os contos

A partir de meados de 1970, Alcalá se dedicou à escrita de contos e foi também nesse período, que conheceu/conviveu com outros escritores, como Júlio Cortázar, Gabriel García Márquez e Carlos Fuentes. Como já afirmado anteriormente, Alcalá encontrou-se com esses escritores na França, em 1974<sup>341</sup>. Porém, a fotografia a seguir, datada de 1966, demonstra que ainda no Paraguai Alcalá já havia convivido ou conhecido alguns deles. Segundo o escritor, da direita para esquerda:

Esta foto foi tirada em Assunção em 1966. Nela aparecem (sentados) Vargas Llosa, Gabriel Casaccia e Roa Bastos; (em pé) eu (atrás de Vargas Llosa), René Dávalos (bom poeta falecido muito jovem, em 1969), Adolfo Ferreiro, hoje senador, Rubén Bareiro e Roque Vallejos (ambos falecidos) [tradução minha]<sup>342</sup>.

---

<sup>341</sup> ALCALÁ, Guido R. *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff e a Joana Maria Pedro (digital)*. Assunção, Paraguai, 19/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Isabel Cristina Hentz e Priscila Carboneri de Sena e revisada por Lorena Zomer, 2008.

<sup>342</sup> No original: “Esta foto se tomó en Asunción en 1966. Allí aparecen (sentados) Vargas Llosa, Gabriel Casaccia y Roa Bastos; (parados) yo (detrás de Vargas Llosa), René Dávalos (buen poeta fallecido muy joven, en 1969), Adolfo Ferreiro, hoy senador, Rubén Bareiro y Roque Vallejos (ambos fallecidos).” ALCALÁ, Guido R. *Sobre escritores no Paraguai* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lorenazomer@hotmail.com> em 04 out 2016.



FIGURA 6 – Guido e outros escritores. Assunção, 1966. Arquivo pessoal do escritor.

A foto sugere que em Assunção havia um círculo de convívio de escritores e escritoras já na década de 1960, precisamente em um dos períodos de intensivas ações policiais da ditadura de Stroessner. Muitos desses escritores seriam exilados ou mesmo escolheriam sair de seus países, desmotivados por questões sociais e políticas naquelas décadas. Ainda sobre esse contexto é possível refletir sobre a relação entre sociedade e literatura, a partir dos contos, gênero ao qual se dedicou tanto Guido Alcalá quanto muitos outros escritores do mesmo período. Como gênero narrativo, o conto ganhou mais espaço a partir dos anos de 1970, especialmente nos países latino-americanos. De acordo com Júlio Cortázar, nos anos de 1980, justamente por ser um gênero então recente, ainda não possuía características ou princípios definidos<sup>343</sup>. Ressalto que o conto tem tradição antiga, porém, como lembram Carlos Pacheco e Luis Linares, pode ter caráter humorístico, testemunhal, ideológico e/ou experimental, com poder de transcender a realidade, ao passo que rompe e ao mesmo tempo caminha junto ao cotidiano, aproximando-se muitas vezes da crônica<sup>344</sup>. Esses aspectos são analisados também em relação à estrutura desse gênero, com especial atenção ao estilo de Cortázar pelo destaque dado a ele, justamente por isso, quando menciono que o conto é um gênero recente é porque, nesses aspectos e com influência de

<sup>343</sup> CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: ALAZRAK, Jaime (Org.). *Obra crítica*. Volume II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 350-352.

<sup>344</sup> LINARES; PACHECO, op. cit., p. 23.

processos traumáticos, propagou-se na América Latina nos anos de 1970 com traços e elementos próprios.

Ao mesmo tempo em que o conto alcançava mais adeptos, esses escritores viviam as diversas ditaduras militares da/na América Latina, as quais influenciaram a escolha dos temas. Salienta-se que explicação alguma será capaz de responder o que levou cada escritor a escrever determinado texto. Importa investigar como o conto explora o cotidiano em seu enredo e o que “inspira” quem o lê (se for o caso, no viés da história da leitura), como também a sua relação com o contexto, especialmente no caso das ditaduras do Cone Sul. Sobre isso, Júlio Cortázar faz uma comparação da literatura com a fotografia, julgando ambas como arte<sup>345</sup>. Para ele, a fotografia faz recortes da realidade, mas não é fechada em si mesma, pois o indivíduo que a observa pode ter diversas sensações ou compreensões a partir da imagem que vê. O que determina o seu significado no momento em que vê a fotografia são as subjetividades que cercam a sua própria vida. Com os contos não seria diferente: seus enredos são escolhidos/planejados/imaginados primeiramente a partir da vivência do escritor, dos seus interesses, de sentimentos e também carregam sentidos nas ações, no tempo, espaço, nos personagens e conflitos.

Entretanto, mesmo relacionado ao contexto e à vivência de tantos escritores e escritoras, o conto não pode ser considerado um simples relato. De acordo com Carlos Pacheco e Luis Linares, sua base é a narratividade e a ficcionalidade sendo que para um determinado texto ser julgado como um conto, este deve dar conta de um enredo, repleto de ações, de gestos e de personagens (nem sempre humanos) que trazem vida a um determinado tempo-espaço<sup>346</sup>. O que ocorre na escrita literária de um conto é a ficcionalização de uma história, podendo envolver elementos da realidade, como também características desenvolvidas a partir do imaginário, as quais estão mais preocupadas com o estético<sup>347</sup>. Afirmo, a partir dessa premissa, que o conto não tem uma preocupação com as possibilidades reais de uma história; porém, parte de uma determinada realidade e para tanto não utilizam recursos e conhecimento apenas do imaginário.

Análise na literatura de Guido Alcalá, o conto como um espaço de manifestação, de protesto, de engajamento, possibilitando explorar tematicamente o descaso que a censura paraguaia tinha para com esse

---

<sup>345</sup> *Ibidem*, p. 351.

<sup>346</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>347</sup> *Idem*.

gênero (e a cultura de maneira em geral), já que era considerado desprovido de características da realidade, romanceado e sem segundas intenções. Não se trata apenas de ler o repertório literário de Guido Alcalá como repositório de rastros de alguns fatos, mas pensá-lo como espaço de ruínas sobre o Paraguai, sobre uma história oficial imposta e que deixou muitos de seus personagens à margem. A memória percebida na obra de Guido Alcalá é de resistência. Os contos e outros textos demonstram alternativas para aqueles que ficaram mais limitados e não podiam escrever ou ter acesso como antes a outros gêneros, como jornais, livros, revistas vendidas em bancas, muitas vezes censurados por não representarem os interesses do Estado.

De acordo com Vera Lúcia Soares, a literatura em países que sofreram/sofrem processos ditatoriais abre caminhos para que a memória coletiva seja pensada de forma diferente da imposta pelo governo ou por grupos minoritários<sup>348</sup>. Silêncios e lacunas podem ser revelados quando o mundo fictício do texto é confrontado com o mundo do escritor. A escrita de Alcalá denuncia e anuncia crimes que foram cometidos em nome do progresso do país, muitas vezes sugerindo o apoio de outros territórios, como dos Estados Unidos; é uma literatura que desencadeou imagens, gestos e sentidos de fatos que foram negados ou propositalmente deixados de lado. Nesse contexto, é importante considerar uma ideia de Carlos Pacheco e de Luis Linares, segundo a qual a estética do conto é gradual, ou seja, demanda tempo e experiência para que o escritor defina um estilo ou um tema, porém a escrita ocorre de uma vez em um derramamento de ideias e urgência de escrita. Pacheco e Linares tomam para si a ideia de Córdazar de que o conto é uma “situação limite”<sup>349</sup>, afirmando que a urgência em escrever toma todo tempo e a frente de qualquer atividade que o ‘contista’ esteja desempenhando; um caminho trilhado em busca da representação mais sincera, contemplando suas intuições, sua realidade e também envolvendo questões estéticas.

Tais relações podem ser observadas no conto “*La sesión de la OEA*”, no qual a partir de alguns elementos extrínsecos ao texto, percebo que há uma crítica à interferência dos Estados Unidos na política paraguaia:

Quero saber qual filho da puta repassa as informações a Laíno, sabe o detalhe até do último preso, e pode colocar a

---

<sup>348</sup> SOARES, Vera Lúcia. Reconstruindo a memória argelina: um diálogo entre a ficção e a história. *Gragoatá*, Niterói, N. 6, p. 25-41, 1999, p. 45.

<sup>349</sup> LINARES; PACHECO, op. cit., p. 20.



gente em apertos na sessão da OEA. Diz que os mesmos *yankees* e deve ser assim porque somente eles conhecem os dados que a oposição não sabe e as vezes nem a gente... [tradução minha]<sup>350</sup>.

A citação se refere a uma reclamação sobre uma interferência de agentes norte-americanos em decisões sobre Direitos Humanos no Paraguai, vindo a incomodar o funcionário, que não aceita a intromissão dos agentes. Tal recusa é por acreditar que esses sabem mais que os próprios paraguaios, um problema, segundo o funcionário, ocasionado por culpa dos próprios paraguaios, que permitiram a entrada estrangeira. O excerto sugere a ideia de que os dados sobre denúncias da área de Direitos Humanos não eram tão divulgados, ao menos não de forma igual a todos, certamente constituindo um sinal de censura. Além disso, o mesmo “tom” de superioridade norte-americana, no que seria uma cena cotidiana, pode ser analisada no conto “Cartas no necessariamente escritas”<sup>351</sup>, no qual uma “pesquisadora” dos Estados Unidos viaja para o país latino-americano, por intermédio de uma bolsa de mestrado, com o propósito de compreender como se formaram as ideias e as histórias dos partidos políticos paraguaios. A “pesquisadora” estrangeira afirma que a situação política do país é tranquila – nesse caso, ignorando o estado de ditadura – e ainda o caracteriza como atrasado, sem ideologias políticas, como também condena a denúncia feita por estudantes durante a visita de Nelson Rockefeller, episódio este mencionado no primeiro capítulo:

Certo que o recorde político do Presidente Stroessner não é impecável; mas também não tem sido o de nenhum governador paraguaio nunca. Se ele se mantém no poder desde 1954 e mediante eleições, é porque tem apoio popular. [...] A oposição ainda aparece relutante a participar do diálogo político, porém, penso que acabará dialogando, e que o Paraguai entrará numa etapa de maior modernização política [...] Após alguns discursos

---

<sup>350</sup> No original: “Quiero saber qué hijo de puta le pasa las informaciones a Laino se sabe hasta el último preso el último detalle y nos puede poner en figurillas en la sesión de la OEA. Dice que los mismos yanquis y debe ser así porque solamente ellos se conocen los datos que la oposición no sabe y a veces ni nosotros...” ALCALÁ, Guido R. La sesión de la OEA. In: \_\_\_\_\_, *Cuentos Decentes*. Assunção: Criterio Ediciones, 1987, p. 60-61.

<sup>351</sup> Conto discutido mais amplamente no quarto capítulo. O mesmo reúne 22 cartas escritas pela “pesquisadora”, por meio das quais descreve o país e as situações vividas.

inconsistentes, os estudantes queimaram uma bandeira norte-americana [tradução minha]<sup>352</sup>.

É possível apreender no texto a imagem democrática que o Paraguai estaria passando ao mundo, assim como é evidente que a passagem de Nelson Rockefeller em 1969 no país causou conflitos, incluindo a prisão de Alcalá. No conto, publicado em 1987, o narrador volta ao ano mencionado e sugere que a bandeira dos Estados Unidos, queimada durante a mobilização, representa o apoio dado pelo país desde os anos de 1930 aos governantes paraguaios. Não obstante, é preciso considerar na fala da “pesquisadora” a ideia de que no Paraguai eram comuns conflitos políticos, golpes e instabilidade no geral. Portanto, se havia algum problema no governo de Stroessner, este seria o menor em sua leitura, já que o Paraguai conhecera tempos mais sombrios. De certa forma, a “pesquisadora” sugere a possibilidade de estar percebendo ações menos democráticas, mas atenua tal percepção em nome de um bem maior, em prol de seu país, os Estados Unidos.

Não pretendo justificar a escrita à biografia de Alcalá, mas proponho que a literatura carrega indícios de parte dessa realidade – jogo no qual esta e a ficção alimentam-se mutuamente, tornando a narrativa ainda mais significativa. Como afirmado, no trecho é possível verificar que a vulnerabilidade política tão comum no país é lembrada pela “pesquisadora” com a intenção de comparar ao tempo em que Stroessner estava no poder, ou seja, no pensamento dela, se aquele presidente permanecia no cargo durante tanto tempo, mediante eleições, é porque seu governo não era ‘tão ruim’ em relação ao anterior. Além disso, a partir da personagem, percebo o modo como o discurso de modernização geral do país difundida durante o governo de Stroessner foi construído e divulgado<sup>353</sup>.

De acordo com o historiador Claiton Silva, Nelson Rockefeller destacou-se na política norte-americana ainda nos anos de 1930, quando a economia do país se recuperava da Crise de 1929<sup>354</sup>. A principal

---

<sup>352</sup> No original: “Cierto que el record político de Presidente Stroessner no es impecable; pero tampoco lo ha sido el de ningún gobernador paraguay no. Si él se mantiene en el poder desde 1954 y mediante elecciones, es porque tiene apoyo popular. [...] La oposición todavía se muestra renuente a participar en el diálogo político, sin embargo, pienso que terminará haciéndolo, y que Paraguay entrará en una etapa de mayor modernización política [...] Después de algunos discursos inconsistentes, los estudiantes quemaron una bandera norte-americana.” ALCALÁ, *Cuentos Decentes...*, op. cit., p. 101.

<sup>353</sup> *Ibidem*, p. 99 -104.

<sup>354</sup> SILVA, Claiton M. *Nelson Rockefeller e a atuação da American International Association for Economic and Social Development: debates sobre missão e imperialismo*

iniciativa do governante foi atuar em duas agências de pesquisa em agricultura e petróleo, como representante do governo e por iniciativa particular, já que sua família mantinha a exploração do petróleo na Venezuela<sup>355</sup>. Sua figura há muito era conhecida na América Latina, tendo circulado por diversos países como ‘representação’ do imperialismo norte-americano, especialmente nos anos de 1960, apoiando as ditaduras civis militares. Nesse sentido, a manifestação contra a presença de Rockefeller faz sentido, visto que simbolizava a falta de autonomia política paraguaia e a óbvia intromissão dos Estados Unidos.

Nos contos “*La sesión de la OEA*” e “*Cartas no necesariamente escritas*” se enfatiza o apoio dos Estados Unidos às ditaduras civis militares na América Latina, em contínua análise da historiografia atual do Cone Sul. No conto, a indiferença da “pesquisadora” norte-americana em relação ao que se passava no Paraguai é evidente quando esta repudia o ato dos estudantes, ação bastante significativa, ao pensar sobre a proveniência da personagem-narradora e qual seu propósito no país. Em relação ao contexto, Alfredo Stroessner criou diversas estratégias a fim de conter as revoltas populares para manter sua supremacia. Para tanto, a *Ley de Defensa de la Democracia*<sup>356</sup>, criada em 17 de outubro 1956, foi fundamental, pois segundo a tal, aqueles que praticassem qualquer ato considerado inadequado aos interesses da nação poderiam ser considerados comunistas, motivo suficiente para serem encarcerados. Esse documento possibilitava implantar o *estado de sitio*, mencionado no segundo capítulo e previsto na Constituição paraguaia desde 1940, uma ação efetiva do Partido Colorado para identificar, punir e enviar para a prisão ou para o exílio aqueles que se colocassem contra as ações de seu governo.

### 3.3 A resistência no conto e do conto: literatura latino-americana e a memória da ditadura militar paraguaia

Embora não faça parte do eixo central desta tese, o conceito de resistência, bastante caro à historiografia e aos estudos recentes, em especial sobre ditaduras e guerras, é de crucial importância, pois se

---

no Brasil, 1946-1961. *Revista História, Ciência, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro: vol. 20, n. 4, Out./Dez. 2013.

<sup>355</sup> Idem.

<sup>356</sup> COLMÁN, Evaristo; MORAES, Ceres. *A guerrilha da Fulna: considerações preliminares*. Disponível em: <[http://www.cedema.org/uploads/moraes\\_colman.pdf](http://www.cedema.org/uploads/moraes_colman.pdf)>. Acesso em 06 jan 2014.

existirem diversas afirmações sobre uma cultura política ditatorial paraguaia, é preciso analisar as práticas sociais e as culturais que propiciam a perpetuação desse sistema. Nesse sentido, ao analisar a história paraguaia é possível dizer que sempre houve resistência, sendo a literatura uma de suas formas de expressão. De acordo com a historiadora Cristina Scheibe Wolff, o conceito de resistência nas Ciências Humanas está diretamente ligado à ideia de poder, dentro de suas relações, isto é, o ato de resistir no que diz respeito às opressões sociais. Cristina Scheibe Wolff lembra que o termo ganhou força a partir dos estudos de Michel Foucault ao analisar movimentos sociais e como estes estariam cerceados pelas relações de poder, visto como “disciplinador”<sup>357</sup>. A questão que a historiadora traz é que a ideia de resistência veio para colaborar com a compreensão da luta das minorias (mulheres, crianças, negros, indígenas, indivíduos muitas vezes considerados passivos) dentro das relações de poder.

Já a historiadora Denise Rollemberg frisa a necessidade de se pensar o conceito de resistência decorrente das discussões sobre memória a partir dos anos de 1970, em especial na França, pois é neste país que se percebe primeiramente a dificuldade de analisar a ideia de “resistência francesa” tanto durante a Segunda Guerra Mundial<sup>358</sup> quanto nos desdobramentos ocorridos após a abertura de novos arquivos e de entrevistas resultantes em confrontos em algumas narrativas logo após a guerra, uma resistência também lembrada por Cristina S. Wolff<sup>359</sup>. Para Rollemberg, apoiada na ideia de outro historiador, François Bedarida: “A resistência é a ação clandestina, em nome da liberdade da nação e da dignidade da pessoa humana, por voluntários se organizando para lutar contra a dominação (e o mais frequentemente a ocupação) de seus países por um regime nazista ou fascista ou satélite aliado”<sup>360</sup>. Nesse sentido, de modo específico, a ideia de resistência fica centralizada em uma perspectiva de combate aos regimes totalitários, que certamente seriam os culpados pelo trauma ocasionado pela Segunda Guerra Mundial.

Entretanto, ao concluir o seu texto e trazer vários conceitos que seguiram o pensamento de François Bedarida, Denise Rollemberg

---

<sup>357</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. Resistência. In: COLLING, Ana Maria e TEDESCHI, Leandro Losandro. *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: UFGD, 2015, p. 582-584.

<sup>358</sup> ROLLEMBERG, Denise. Definir o conceito de Resistência: dilemas, reflexões, possibilidades. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. *História e Memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 77-95.

<sup>359</sup> WOLFF, *Resistência...*, op. cit. p. 582-584.

<sup>360</sup> ROLLEMBERG, op. cit., p. 79.

afirma que resistência é também pensar nos limites e nas tensões que cercam sua definição nos mais diversos contextos ligados a processos traumáticos e à memória. Nesse sentido, a historiadora lembra a contribuição de Michel Foucault, segundo o qual somente a análise do que está à margem do jogo das relações de poder proporciona a compreensão da organização social, isto é, um poder se constitui na medida em que se colocam contra ele. Para tanto, é preciso considerar três aspectos: o saber (a força dos discursos), o poder (a organização dos poderes que opõe os indivíduos) e a subjetividade (combate aos dispositivos que controlam os sujeitos na luta constante entre si)<sup>361</sup>.

A partir dessas ideias, analisar os contos e estabelecer uma crítica ao passado não significa saber exatamente como ele foi ou discutir seus detalhes, mas é dar vida às lembranças ou aos seus rastros, apropriando-se de um perigo ainda perceptível<sup>362</sup>. Desse modo, quando Alcalá compara Stroessner aos López, conforme discutido no segundo capítulo, ou traz situações e temporalidades que não lhe são contemporâneas, ele joga, denuncia o porquê das permanências das mazelas sociais/políticas ainda verificadas em seu contexto. Ademais, é possível estabelecer uma relação apontada em prefácio ao livro de Walter Benjamim, leitor e tradutor de Marcel Proust por Jeanne Marie Gagnebin ao afirmar que este apresenta a ideia de que o passado se encontra no presente e este, por sua vez, também já estaria prefigurado no passado, com diferenças, mas também com semelhanças. Portanto, segundo tal reflexão que está na mesma direção da de Primo Levi mencionada anteriormente, a tarefa do escritor não é simplesmente relembrar os acontecimentos, como se estivessem “soltos” em seu contexto, mas criticá-los em face às contingências<sup>363</sup>.

Ao retomar brevemente uma discussão do segundo capítulo, em que Stroessner é comparado aos López como sendo um legítimo representante do progresso e dos ideais nacionalistas paraguaios vistos como vitoriosos, posso sugerir que nos contos há a ideia de que as ações dos referidos políticos também representam um “atraso” para o crescimento saudável da pretensa democracia paraguaia. Além disso, é oportuno considerar as ideias de Denise Rollemberg supracitadas, das quais infiro que a resistência não significa vitória daquele que resiste no exato momento em que o faz, mas se trata de um processo desenvolvido ao longo do tempo, com vários protagonistas passíveis de

---

<sup>361</sup> ROLLEMBERG, op. cit., p. 80-83.

<sup>362</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio. In: BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política...*, op. cit.

<sup>363</sup> Idem.

vencer/superar/contornar/romper os limites impostos por governos autoritários, como os de Carlos López, Solano López e de Alfredo Stroessner, no caso paraguaio, porém também apresentam “derrotas”. Nesse sentido, posso afirmar que as dificuldades econômicas e de uma política social com vistas a uma melhor distribuição de renda, bem como a presença de uma cultura paternalista, de delações provenientes de subornos e de uma ideia de lealdade, marcada por obediência e *status*, foram fatores fundamentais para que esses governos se mantivessem, cada um a seu tempo. Além disso, considero oportuno frisar, ainda com base na ideia de Cristina Scheibe Wolff, que “resistência” não é só lutar, vencer, guerrear, isto é, existem muitas formas de resistir, como, por exemplo, uma mulher cuspir no prato daquele que a oprime<sup>364</sup>. Ela não pode se ver livre dos laços da opressão, mas já não os aceita como antes. Portanto, quando Guido Alcalá escreve sobre esses governos, os quais ele considera ditatoriais, está resistindo a eles, e mais, o escritor faz isso pensando em mudança, resistir a algo é querer mudar o que te oprime<sup>365</sup>.

Contudo, antes de considerar e analisar os enredos dos contos é preciso ponderar que se no testemunho o narrador é evidente, inclusive transparecendo o seu medo diante do que presencia, da forma como é ameaçado e com constante medo da realidade, no conto são os traços, as ações e os gestos que contam as angústias vividas pelo narrador e seus personagens. Ao mesmo tempo, por mais que utilize diversos recursos e gêneros literários, a literatura de Guido Alcalá não se autoafirma como uma referência do fazer historiográfico, ainda que isso não desmereça sua importância como fonte e como produção literária a permitir se pensar a história e a memória da história paraguaia<sup>366</sup>. Para Le Goff, produções literárias são expressões de realidade e de reações diante de um passado, de um passado que se mantém presente e, nesse sentido, a historiografia é um modo de evitar o esquecimento<sup>367</sup>. Desse modo, se considero que memória é a premissa da história, sobre a qual o historiador registra todos os indícios possíveis em relação ao seu interesse de pesquisa, como também em acordo à necessidade de seu tempo, posso afirmar que aquele que escreve o faz porque está envolvido nas tramas de seu tempo. Nesse caso, o narrador exerce uma prática social para que o passado não seja esquecido, constrói uma história na continuidade de uma memória, sendo esta também a

<sup>364</sup> WOLFF, *Resistência...*, op. cit. p. 582-584.

<sup>365</sup> *Ibidem*, p. 585.

<sup>366</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 49.

<sup>367</sup> *Ibidem*, p. 48.

principal preocupação do historiador, ao questionar o passado este deve reconhecer no imaginário uma das principais expressões e reações da realidade, como diria Jacques Le Goff<sup>368</sup>. Assim, em resposta e ainda considerando as ideias deste historiador quanto à pretensão de verdade e de superioridade que podem existir na historiografia, ao querer legitimar seu conhecimento produzido como algo superior, deve-se frisar que a literatura, especificamente a de Guido Alcalá, pode não somente ser um adendo à história da ditadura militar paraguaia de Stroessner, mas uma das fontes e críticas literárias mais representativas desse processo<sup>369</sup>. Nesse sentido, compreender a representação de seus contos e da relação que estabelece entre o passado (séculos XIX e XX) e o contexto da ditadura de Stroessner (1954-1989) permite-me analisar como o escritor percebe o seu tempo e justifica os acontecimentos vividos, ou seja, como o passado pesa sobre o presente e quais as expectativas sobre o futuro diante do contingente.

Portanto, no que diz respeito aos muitos governos autoritários paraguaios mantidos com base no medo, em ações paternalistas e de lealdade – esta última fundamentada em delações do tipo “premiadas” ou com reconhecimento político; alguns contos de Alcalá denunciam essas práticas e evidenciam resistências, tanto em acontecimentos do século XIX quanto do século XX. A seguir, debato excertos de dois contos editados no livro *Curuzu Cadete: cuentos de hoy y de Ayer: “Fragmentos de la memoria de una sindicalista”* e “Juliana”. Ambos apresentam várias das características citadas, com temáticas diferenciadas: o primeiro trata de uma reação ao governo de Alfredo Stroessner e o segundo de ações de Solano López, já ao fim da Guerra da Tríplice Aliança, quando permitiu e sacrificou o povo paraguaio, a fim de evitar a sua rendição.

Ambas as personagens centrais são mulheres. O primeiro conto, “Fragmentos de la memoria de una sindicalista”, é narrado em primeira pessoa. Neste, o ambiente prisional do período da década de 1970 é evidenciado<sup>370</sup>. O narrador descreve uma mulher que, após anos de luta por direitos trabalhistas e pela liberdade de expressão acabou presa. Sobre esse tema, Evaristo Colmán e Ceres Moraes afirmam que a repressão aos/às trabalhadores/as foi reforçada ainda na década de 1950, já que aconteceram revoltas para protestar contra os salários congelados

---

<sup>368</sup> *Ibidem*, p. 49.

<sup>369</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>370</sup> ALCALÁ, *Curuzu Cadete...*, op. cit., p. 111-119.

e o aumento dos preços dos alimentos que formavam a cesta básica paraguaia<sup>371</sup>.

Mais que uma manipulação direta do governo no trabalho dos sindicatos, havia nesse contexto grande influência da Igreja Católica. De acordo com Ceres Moraes, a Igreja apoiou no Paraguai a ditadura de Alfredo Stroessner desde o seu princípio, perdendo força ao longo das décadas e passando a ajudar os resistentes no período de 1970-1990. Entretanto, a relação entre a Igreja e o Estado era anteriormente bastante próxima, pois, como afirma a historiadora, para que um governador assumisse o seu mandato não somente deveria fazer o juramento tendo o aval da Igreja, mas também ser membro professo da Igreja Apostólica Romana, prática firmada pela Constituição de 1940, estabelecida em seu art. 46<sup>372</sup>.

O interesse nesse caso era mútuo. Enquanto o governo tinha na Igreja uma disseminadora de seus ideais, pelos quais Stroessner associava a ideia de Pátria ao Cristianismo, e também colaborava na escolha de sacerdotes e bispos, por sua vez a Igreja tinha a manutenção de suas congregações oficialmente garantida, bem como seus colégios e sua ação evangelizadora. Não obstante, de acordo com Ceres Moraes, ao menos duas vezes a Igreja recebeu dinheiro do governo. A primeira foi justamente em uma crise provocada pela ação sindical da *Confederación Paraguaya de Trabajadores*, em 1958<sup>373</sup>. Stroessner fez a doação de cem mil guaranis à Imaculada Concepción, gesto muito semelhante a outro ocorrido – a partir do decreto nº 3.045, em março do ano seguinte, quando outra possível greve estava iniciando. O trabalho da historiadora permite analisar a ocorrência de um ato de calar, de convencer a população revolta, justamente para que não buscasse os seus direitos.

Além disso, é importante observar que o ambiente universitário vivido por Alcalá ao fim da década de 1960, ou seja, de contestação em um local católico, não é o mesmo que se tem em relação à Igreja Católica ao fim dos anos de 1950. As próprias ações de freiras, de freis e de membros da Teologia da Libertação diferenciaram dessas condições, especialmente a partir do fim da década de 1950. Ceres Moraes cita o caso do padre Talavera<sup>374</sup> que, em 1958, chamava os trabalhadores à

---

<sup>371</sup> COLMÁN; MORAES, op. cit.

<sup>372</sup> MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner, 1954-1963*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 60-64.

<sup>373</sup> COLMÁN; MORAES, op. cit.

<sup>374</sup> Padre Talavera, em 1958, liderou uma manifestação pública, pedindo liberdade de expressão e dos presos políticos. O padre foi chamado para esclarecimentos, a partir dos quais a Igreja recusou o apoio a ele e transferiram-no ao Uruguai. Ver: MIRANDA, Anival. *EE.UU y*



greve para a conquista dos seus direitos de igualdade, liberdade e expressão. Semelhante situação é a narrada no conto “*Fragmentos de la memoria de una sindicalista*”, no qual a “sindicalista”, como é chamada durante a narrativa, saiu do Partido Colorado – após 12 anos de filiação – no fim da década de 1970, quando percebeu que os direitos trabalhistas não seriam atendidos. Após a sucessão de vários acontecimentos e de manifestações frustradas, também notou que a ditadura não apenas deixava de atender as reivindicações apresentadas pela população, mas não permitia que ela – ou outros/as – se manifestasse/m. Posso compreender dessa leitura que há uma contestação dos direitos trabalhistas publicados na década de 1960, quando o regime stronista foi fortalecido pelos sindicatos trabalhistas, os quais se tornaram lugares de propagação das ideias do partido Colorado e também colaboraram para frear as reivindicações e manifestações existentes naquela época<sup>375</sup>, não sem a força/influência da Igreja Católica.

Em relação ao conto, apresentam-se o cotidiano das celas, as condições de higiene e as torturas; por outro lado, embora as condições das cadeias fossem péssimas, as detentas, unidas, conseguem o apoio da Cruz Vermelha e da Igreja Católica para algumas reivindicações, como garantir o direito das visitas e de não serem constrangidas durante a revista íntima. Conquistam ainda direito a banhos de sol, prática tão requisitada e importante quando se vive em uma cela pequena, lotada e suja como os ambientes carcerários dos contos de Alcalá<sup>376</sup>. Importante considerar que a Igreja Católica tem diversos setores, entre eles o da Teologia da Libertação, ou mesmo ordens de freis e freiras que nem sempre foram coniventes com os arranjos políticos. Além disso, ao fim da década de 1970, o caráter cruel do governo de Stroessner já era evidente e talvez seja por isso que a narrativa apresenta uma Igreja mais generosa e menos ditatorial.

As condições de prisão narradas no conto mostram um Paraguai com sérios problemas econômicos, em que camponeses, muitas vezes analfabetos, não estavam ligados a nenhuma organização, mas acabavam presos. Entretanto, embora a “sindicalista” estivesse presa, alcança um “*status*” de comando e de resistência, mesmo tendo sido deportada para o Brasil:

---

*el régimen militar paraguayo (1954-1958): Documentos de fuentes norteamericanas.* Asunción: El lector, 1987, p. 163.

<sup>375</sup> MORAES, op. cit., p. 60-64.

<sup>376</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

Três dias fiz greve de fome e depois me enfiaram numa caminhonete de polícia e me levaram para Argentina mas os guardas falaram que não queriam me receber e então voltamos para Assunção e ao passar pela ponte sobre o rio Paraguai me falam que vão me jogar e a verdade entre os dois e eu creio que me jogavam mas depois me colocam em outro veículo e me levam para o Brasil. [...] E o oficial brasileiro me diz que tenho que falar com o delegado e enquanto isso me dão um colchão encardido para passar a noite e então me dou conta de que estão de acordo o Paraguai e o Brasil [tradução minha]<sup>377</sup>.

Esse trecho do conto ainda sugere a ligação entre as ditaduras militares do Cone Sul – fato também apontado por Ceres Moraes e Evaristo Colmán<sup>378</sup>. Os pesquisadores assinalam uma aliança entre os exércitos, com o objetivo de manterem sua hegemonia e vigilância, até mesmo por meio de presos deportados e da prática do exílio. Além disso, segundo Ceres Moraes e Evaristo Colmán, o regime stronista contou desde o princípio de seu governo com as intervenções dos Estados Unidos e do Brasil<sup>379</sup>. De acordo com os autores, a intervenção norte-americana teria se iniciado ainda no fim da década de 1930, quando agências norte-americanas começaram a ser instaladas no Paraguai. Já nos anos de 1950/1960, com o apoio dos governos brasileiro e norte-americano foram proporcionados também treinamentos antiguerrilhas e instituídas facilidades para a compra de armamentos.

Alain Rouquié afirma que correspondentes de jornais internacionais também eram filiados ao Colorado<sup>380</sup> com o propósito de garantir que a imagem passada ao/no exterior fosse condizente com os interesses de Stroessner. Foi nesse período que se formularam as táticas de *La Doctrina de Seguridad Nacional*<sup>381</sup>, as quais, em confluência com

---

<sup>377</sup> No original: “Tres días hice huelga de hambre y después me metieron en una camioneta de policía y me llevaron a la Argentina pero los gendarmes dijeron que no querían recibir-me y entonces volvemos a Asunción y al pasar por puente sobre el río Paraguay me dicen que me van a tirar y la verdad entre los dos y yo creí que me tiraban pero después me meten en otro vehículo y me llevan al Brasil. [...] Y el oficial brasileiro me dice que tengo que hablar con el comisario y mientras tanto me dan un colchón roñoso para pasar la noche y entonces me doy cuenta de que están de acuerdo el Paraguay y el Brasil...” ALCALÁ, *Curuzu Cadete...*, 1990, op. cit., p. 116.

<sup>378</sup> COLMÁN; MORAES, op. cit., p. 3-4.

<sup>379</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>380</sup> ROUQUIÉ, Alain. O estado militar na América Latina. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1984, p. 215.

<sup>381</sup> De acordo com Evelin Welbach, a operação Condor data oficialmente de 1970, porém desde o fim de 1950 várias ações já tinham por objetivo inibir ações julgadas como “comunistas”. WELBACH, Evelin. El Paraguay exiliado: Memorias de la Resistencia 1970-1989. In: *Anales*

os Estados Unidos, determinariam a ação da Operação Condor, entre outras estratégias, nos períodos ditatoriais do Cone Sul, especialmente na década de 1970, assegurando os interesses governamentais de Alfredo Stroessner. É importante lembrar que a Revolução Cubana foi desencadeada na década de 1950, servindo de respaldo para ações autoritárias de diversos países no Cone Sul sob a alegação de conter o avanço comunista.

Ainda sobre a relação do Paraguai com o Brasil, Ceres Moraes e Evaristo Cólman apontam que ambos os países estreitaram as estratégias políticas em 1940<sup>382</sup>. Ao Paraguai interessava criar novas relações econômicas com o objetivo de diminuir a sua dependência da Argentina e conseqüentemente ganhar autonomia econômica; o interesse brasileiro se dava pelo anseio em exportar, transformando os paraguaios em consumidores de produtos nacionais, além de se tornar mais forte na região meridional da América do Sul devido às relações comerciais existentes na Tríplice Aliança há alguns séculos. Para fortalecer essa relação foram emprestados tanques e armas brasileiras para desfiles comemorativos no Paraguai com o propósito de impressionar a população durante essas cerimônias, assim como aviões, munição e treinamentos foram concedidos para combater as guerrilhas no interior do país. Além disso, a construção de obras públicas e grandiosas foi incentivada, como é o caso da Hidrelétrica de Itaipu, inaugurada em 1970, e da Ponte da Amizade, em 1964; obviamente, a intenção dos militares era a de forjar a ideia de que um Estado militar forte estava levando o progresso ao país<sup>383</sup>.

No tocante à permanência de Stroessner no poder, o historiador Miguel dos Santos afirma que a principal estratégia do presidente para se manter à frente do governo e exibir uma imagem democrática foi permitir a existência de alguns partidos políticos<sup>384</sup>, limitados e condicionados a um número máximo de partidários e também a cooptar representantes dos principais partidos, o Febrerista e o Liberal. Os líderes desses partidos, exilados a partir de 1954, eram convidados a

---

*de las jornadas de trabajo "Exilios políticos del Cono Sur en el siglo XX"*. Assunção: Universidad La Plata, 2012, p. 1. Disponível em: <[http://www.cedema.org/uploads/Wellbach\\_2012.pdf](http://www.cedema.org/uploads/Wellbach_2012.pdf)>. Acesso em 12 nov 2016.

<sup>382</sup> COLMÁN; MORAES, op. cit., p. 6.

<sup>383</sup> *Ibidem*, p. 3-4.

<sup>384</sup> SANTOS, Miguel. A ditadura de Stroessner no Paraguai e o controle da oposição: os mecanismos usados na ditadura stonista visando ao controle da oposição. In: *II Jornada de Estudos sobre a ditadura e direitos humanos: há quarenta anos dos golpes no Chile e no Uruguai*. Anais (recurso eletrônico). Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, (CORAG), 2013, p. 40-41.

retornar ao Paraguai após um período de banimento; contudo, deveriam acatar as medidas de Stroessner<sup>385</sup>, por exemplo, a definição do candidato vencedor antes mesmo da eleição. Por sua vez, os eleitores somente votavam nos candidatos apoiados pelo partido Colorado. Desse modo, o presidente conseguia se manter estável ao mesmo tempo em que desestabilizava os partidos, já que nem todos os participantes concordavam com suas medidas, o que acabava gerando conflitos no interior dos partidos. De acordo com Alain Rouiquié, a ação de sugerir um único nome de candidato à eleição durou de 1953 a 1964<sup>386</sup>, prática inexistente entre os anos de 1967 a 1989, quando foi definido um sistema pluralista, no qual o Colorado cooptava o apoio dos líderes dos partidos permitidos, mantendo 2/3 das cadeiras do Parlamento.

Para fortalecer o partido Colorado em uma época de diminuição da censura, como aconteceu de meados de 1970 a 1980, Stroessner, como chefe político e militar, instituiu que somente filiados ao seu partido, o Colorado, poderiam ingressar no Exército, por indicação ou por estudarem na Escola Superior de Guerra<sup>387</sup>. Não obstante, os cerca de 900 mil funcionários públicos – entre os três milhões de habitantes paraguaios – também eram filiados ao partido Colorado, *conditio sine qua non* para receberem seus benefícios e salários. Nesse caso, infiro que o funcionalismo público juntamente à corrupção permitida pelo governo stronista colaborou para mantê-lo no poder.

A partir dessas informações percebo que os laços entre Brasil e Paraguai eram ainda mais próximos que o próprio limite entre a atual Ciudad de Leste e Foz do Iguaçu, no Paraná. De acordo com a historiadora Carla Luciana Silva, essa rota, também mencionada na trajetória da protagonista de “*Fragments de la memoria de una sindicalista*”, era extremamente utilizada não somente por militares argentinos, paraguaios ou brasileiros com o intuito de conduzir trocas de presos ou mandar pessoas ao exílio, mas também por militantes em fuga<sup>388</sup>. Conforme a pesquisadora, essa região fronteiriça era bastante convidativa àqueles que eram contra os sistemas ditatoriais dos países pertencentes à tríplice fronteira, haja vista a resistência de grupos em relação à construção da hidrelétrica de Itaipu com a expulsão de

---

<sup>385</sup> WELBACH, op. cit.

<sup>386</sup> Idem.

<sup>387</sup> ROUQUIÉ, op. cit., p. 217.

<sup>388</sup> SILVA, Carla Luciana. Uma pesquisa necessária: a ditadura no Oeste do Paraná. In: CALIL, Gilberto G.; SILVA, Carla Luciana; SILVA, Marco A. B. (orgs.). *Ditaduras e democracias: estudos sobre o poder, hegemonia e regimes políticos no Brasil (1945-2014)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2014, p. 136-139.

pequenos agricultores e posseiros. Nessa região também atuavam a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Comissão Justiça e Paz e o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST)<sup>389</sup>.

Ao mesmo tempo em que era um espaço de atuação da Operação Condor, a fronteira era ponto de reuniões e encontros de diferentes grupos e militantes, tendo em comum alguns problemas com os governos ditatoriais. Retomando a figura da “sindicalista”, é possível analisar a circulação de vários grupos, como os camponeses, naquele espaço era conhecida,. No caso do Paraguai, justamente por isso, ir à fronteira e ser libertado não era necessariamente ruim; pelo contrário, poderia ser uma vitória já que ali, embora permanecesse um clima de vigilância, havia apoio de resistência e de mobilização – provavelmente não encontrado nas terras paraguaias em geral.

A resistência, no caso da “sindicalista”, tem o Paraguai como um país repleto de problemas sociais, de analfabetismo e de várias mazelas que não só representavam o país de então, mas que vinham se arrastando durante décadas, mesmo com a presença de movimentos de resistência de camponeses, de sindicatos, entre outros. Esse tipo de governo autoritário, que se estrutura a partir de uma hierarquia social, de gênero e de política frágil, mas que se mantém devido ao que lhe é comum, também é presente em outro conto, trazendo elementos que se reportam a um acontecimento ocorrido no século XIX<sup>390</sup>. “Juliana”, narrado em terceira pessoa, transcorre no período da Guerra da Tríplice Aliança. No seguinte trecho, o narrador evidencia parte do ambiente prisional que retinha tantas presas:

Quantos anos teria?, se perguntou Juliana. Doze, tinha falado o menino. Mas Juliana tendia a considerá-lo com nove ou dez e ria dos seus ares de carcereiro. Ares de carcereiro pouco seguro de si mesmo, pouco seguro do humor da dama, que em qualquer momento (temia) podia lhe dar uma surra das que lhe davam na capoeira quando ainda vivia com seus pais, quando não tinham separado ele precocemente para dar-lhe uma baioneta sem fuzil e um morrião de couro com o que tinha que montar – ridiculamente – guarda. Tinham lhe ordenado ser severo, cruel, mas o menino não se sentia confortável com os desaforos de sua prisioneira, uma mulher de vinte e quatro anos, alta, de mãos mais robustas que as suas – mãos nas quais, entre as unhas destruídas, ainda brilhava um anel de

<sup>389</sup> Ibidem, p. 139-140.

<sup>390</sup> Para mais informações ver: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/abc-revista/las-mujeres-que-hicieron-patria-1046234.html>>. Acesso em 10 ago 2016; DELGADO, Teodoro Ramón. *La conducción del ejército paraguayo en la guerra contra la Triple Alianza 1864-1870*. Assunção: Intercontinental Editora, 2014, p. 407-408.

ouro. Assim que o adolescente – se a palavra enquadra, embora na campanha os meninos, precocemente, podiam ser homens – cumpriu de bom grado o mandado da senhora Juliana [tradução minha]<sup>391</sup>.

Nesse trecho, para além de uma cela repleta de camponeses, que nem sempre sabiam o porquê de estarem lá, como no caso de “*Fragmentos de la memoria de una sindicalista*”, no conto “Juliana”, Juliana Martínez é a mulher de um alto comandante militar, de relevante participação nos episódios relacionados à Guerra da Tríplice Aliança<sup>392</sup>. Entretanto, na leitura de Solano López, era possível que ela estivesse escondendo alguma informação relevante da parte de seu marido, incluindo uma possível traição política, motivo suficiente para a detenção e tortura da referida mulher. O conto também apresenta um exército de meninos, pobres, raquíticos, armados com baionetas, cujas balas já não existiam, que se mostram combatentes viris e com um poder que se colocava acima daquela mulher, mesmo sem saberem ao certo como seria ter uma postura severa e/ou cruel. Nesse caso, o exército se mantinha com meninos que mal se davam conta e de forma alguma pareciam realmente soldados, estabelecendo rituais e compensações de comida, de mulheres ou mesmo de *status* no interior da hierarquia militar. O analfabetismo e a falta de materiais essenciais para o sistema prisional também são lembrados como recorrentes na narrativa:

Enquanto um escrívão (ainda tinha gente que sabia escrever) com uma pena gastada rascunhava anotações num pergaminho velho, tratando de escrever com letra pequena porque faltava papel [...] A miséria do escrevente esquelético e sem camisa, os pés descalços do homem, a batina surrada do padre Maíz. Talvez desfalecida pela fome, a consciência lhe pesava menos. Via uma cadeira quebrada, com tijolos que sustentavam penosamente a pata deficiente, via uma vela, derramando sebo sobre a mesa, via os dois homens que a interrogavam. E o soldado na porta, morto de sono, se perguntando para que gastavam guarda dupla com uma

---

<sup>391</sup> No original: “¿Cuántos años tendría?, se preguntó Juliana. Doce, había dicho el niño. Pero Juliana tendría a considerarlo de nueve o diez y le daban risa sus aires de carcelero. Aires de carcelero poco seguro de sí mismo, poco seguro del humor de la dama, que en cualquier momento (temía) podía sacudirle una paliza de las que le daban en la capuera cuando todavía vivía con sus padres, cuando no la habían separado tempranamente para darle una bayoneta sin fusil y un morrión de cuero con el que tenía que montar – ridículamente – guardia. Le habían ordenado ser severo, cruel, pero el niño no se sentía muy a gusto con los desplantes de su prisionera, una mujer de veinticuatro años, alta, de manos más robustas que las suyas – manos donde, entre las uñas destrozadas, todavía brillaba un anillo de oro. Así que el adolescente – si la palabra cuadra, aunque en la campaña los niños, precocemente ser hombres – cumplió de buena gana el mandato de la señora Juliana.” ALCALA, *Curuzu Cadete...*, op. cit., p. 15.

<sup>392</sup> DELGADO, op. cit., p. 407- 408.

mulher algemada. (Algemada era a palavra que continuavam utilizando para as correias de couro, porque o ferro tinha ido-se todo em armas que já penosamente funcionavam). [tradução minha]<sup>393</sup>.

O que é evidenciado na cena é a fome, a falta de ferramentas de trabalho como uma pena ou papéis novos, além do ambiente descrito como informal e precário, como é possível verificar na descrição do escrevente – sem camisa, de pés descalços, isto é, sem um uniforme/padrão ou um ar “mais sério”, como seria esperado de um Exército. Deste, restaram poucos homens após a derrota de Humaitá, representada da seguinte forma no conto, com referência ao marido de Juliana Insfrán Martínez:

Homem que dava e que cumpria ordens sem pensar demais, com uma simplicidade misturada de tolice e heroísmo. A simplicidade que lhe permitiu viver várias semanas alimentando-se com a carne, o couro e até a montaria de seus cavalos, carregando seus canhões com nozes de coco e cacos de garrafa para resistir aos 40.000 soldados que batiam com artilharia nesse fortim de adobe chamado fortaleza de Humaitá. Ali resistiu Martínez até o 25 de julho aos assaltos aliados da Argentina, o Uruguai e o Brasil, até que, sem bala e sem comida, decidiu retrair-se porque tinha cumprido plenamente a tarefa de atrasar o inimigo. Cercaram-lhe em Yverá, um pantanal onde os aliados capturaram 800 homens quando, persuadido pelos capelães, rendeu-se Martínez. Seu comandante, Francisco López, acusou-o de traição. Decidiu prender a mulher dele, Juliana Insfrán, enquanto os aliados, entre surpreendidos e ressentidos, recriminavam-se mutuamente da demora em vencer a resistência de Martínez, a quem permitiram conservar sua espada de comandante, em homenagem à sua coragem [tradução minha]<sup>394</sup>.

---

<sup>393</sup> No original: “Mientras un escribiente (todavía gente que sabía escribir) con una pluma gastada garrapateaba notas en un pergamino viejo, tratando de escribir con letra chica porque el papel faltaba [...] La miseria del escribiente esquelético y sin camisa, los pies descalzos del hombre, la sotana raída del padre Maíz. Quizás desfallecida por el hambre, la consciencia le pesaba menos. Veía una silla rota, con ladrillos que sostenían penosamente la plata deficiente, veía una vela, derramando sebo sobre la mesa, veía a los dos hombres interrogándola. Y el soldado en la puerta, muerto de sueño, preguntándose para qué gastaban doble guardia con una mujer engrillada. (Engrillada era la palabra que seguían usando para las correas de cuero, porque el hierro se había ido todo en armas que ya penosamente funcionaban).” ALCALA, *Curuzu Cadete...*, op. cit., p. 17.

<sup>394</sup> No original: “Hombre que daba y que cumplía órdenes sin pensar demasiado, con una sencillez mezclada de tontería y heroísmo. La sencillez que le permitió vivir varias semanas alimentándose con la carne, el cuero y hasta con la montura de sus caballos, cargando sus cánones con nueces de coco y trozo de botella para resistir a los 40.000 soldados que machacaban con artillería de sitio ese fortin de adobe llamado fortaleza de Humaitá. Allí resistió Martínez hasta el 25 de julio los asaltos aliados de la Argentina, el Uruguay y el Brasil,

A citação torna perceptível o motivo pelo qual Juliana Martínez tornou-se uma detenta torturada por quatro meses<sup>395</sup>. Aliás, mais que isso, ela seria uma refém presa no lugar daquele que teria traído Solano López, seu marido e coronel Francisco Martínez. No trecho é possível analisar que este havia se mantido na resistência da fortaleza de Humaitá o máximo que pôde. Mesmo diante das poucas reservas militares que detinha, a ponto de ter sido reconhecido por sua bravura mesmo pelos inimigos, os quais permitiram que a espada ficasse junto ao seu corpo em reconhecimento à sua bravura, quando de sua morte<sup>396</sup>. Ele era um dos mais fortes líderes de Solano López, sua queda e consequente rendição de seu pelotão, simbolizaram o fim da Tríplice Aliança pelo lado paraguaio.

Porém, naquela época havia rumores de uma conspiração do irmão de Solano López, Benigno, junto a outros militares, que já não aceitavam mais as condições em que se encontravam em meio à guerra. Esses foram executados no episódio conhecido como massacre de San Fernando, motivo pelo qual Solano López prendeu Juliana Martínez, sua prima, visto que para ele o coronel Martínez, ao se render, também participava da conspiração. Ainda sobre a rendição, quando os aliados tomaram Humaitá acabaram com a última ligação geográfica com Assunção, o que ocasionaria a derrota oficial do Paraguai nos meses seguintes. Nesse período, o então presidente seguiu recrutando o que podia e encontrava de soldados (velhos, crianças e adolescentes em sua maioria) por cerca de um ano ainda, a fim de não admitir a derrota. E Juliana Martínez foi a amostra de seu poder e tirania.

As condições em que se dava a resistência de López são as descritas no conto. Juliana Martínez era mantida em uma cadeia, mesmo sendo prima do presidente e também de Bernardino Caballero (coronel de López e futuro fundador do Partido Colorado); nada disso diminuiu seu calvário diante da ambição e da arrogância com as quais o narrador descreve as motivações de López ao cometer o seu rapto. O narrador caracteriza a situação de Juliana Martínez antes da sua prisão da seguinte forma: “A conspiração estava em todo lugar, menos em

---

hasta que, sin bala y sin comida, decidí replegarse porque había cumplido plenamente la consigna de demorar el enemigo. Lo rodearon en Yverá, un estero donde los aliados capturaron 800 hombres cuando, persuadido por los capellanes, se rindió Martínez. Su comandante, Francisco López, lo acusó de traición. Decidí arrestar a su mujer, Juliana Insfrán, mientras los aliados, entre sorprendidos y resentidos, se recriminaban mutuamente la demora en vencer la resistencia de Martínez, a quien permitieron conservar su espada de comandante, en homenaje a su valor.” *Ibidem*, p. 18-19.

<sup>395</sup> DELGADO, op. cit., p. 407- 408.

<sup>396</sup> *Idem*.



Juliana, que tinha passado os primeiros meses do ano 1868 reclusa, como uma dama de estirpe, frente à um piano arruinado numa casa antiga de Patiño Cué [tradução minha]<sup>397</sup>. Portanto, uma senhora casada, de uma camada social abastada e privilegiada, considerando que ainda tinha um piano em meio a uma guerra sangrenta como a paraguaia, estava reclusa, aprisionada. Mesmo que houvesse conspiração por parte de seu marido, ela estava afastada dele e, dificilmente, diante do cerco de Humaitá, ela saberia de suas ações ou pretensões. Entretanto, daquele lugar ela é levada a San Fernando, do outro lado de Assunção, para depoimentos e averiguações, porém não antes de ser estuprada por ordens superiores, segundo o narrador, por um cabo. Depois dos depoimentos, já faminta e sem dormir de maneira adequada por quatro meses, Juliana Martínez foi levada até um padre que lhe aconselhou confessar, não seus pecados, mas a participação de Martínez na conspiração. Sobre esse momento, o conto se desenrola da seguinte maneira:

Francisco Solano López queria se desculpar acusando Martínez; queria conservar (se ainda fosse possível) uma reputação sacrílega com que uma igreja dócil tinha lhe beneficiado: Deus sobre a terra [...] Francisco López necessitava culpar o coronel Martínez da derrota de Humaitá, da derrota final. Para isso contava com a colaboração de Juliana, protegida dos López, e da mediação de Fidel Maíz. Para quê resistir? Era uma declaração, era uma assinatura para dizer que a mulher desconhecia seu marido, agora prisioneiro dos argentinos. López já não podia castigar ele, a infâmia não era suficiente (explicou ladinamente o sacerdote); todo mundo sabia das façanhas de Humaitá. Juliana, uma mulher caprichosa de vinte e quatro anos, sentiu que se apoiava em algo como o fundo dela mesma: - Não. [tradução minha]<sup>398</sup>.

---

<sup>397</sup> No original: “La conspiración estaba en todas partes, menos en Juliana, que se había pasado los primeros meses del año de 1868 reclusa, como una dama de alcurnia, frente a un ruinoso piano en una casa antigua de Patiño Cué.” ALCALÁ, *Curuzu Cadete...*, op. cit., p. 18.

<sup>398</sup> No original: “Francisco Solano López quería disculparse acusando a Martínez; quería conservar (sí todavía era posible) una reputación sacrílega con que una iglesia dócil la había beneficiado: Dios sobre la tierra [...] Francisco López necesitaba hacer culpable al coronel Martínez de la derrota de Humaitá, de la derrota final. Para eso contaba con la colaboración de Juliana, protegida de los López, y de mediación de Fidel Maíz. ¿Para qué resistir? Era una declaración, era una firma para decir que la mujer desconocía a su marido, ahora prisioneros de los argentinos. López ya no podía castigarle, la infamia no le alcanzaba (explicó ladinamente el sacerdote); todo el mundo sabía las hazañas de Humaitá. Juliana, una mujer caprichosa de veinticuatro años, sintió que se apoyaba en algo como el fondo de sí misma: - No.” Ibidem, p. 18-19.

Diante da situação caótica em que se encontrava, Juliana Martínez se nega a confirmar se sabia ou não de algo sobre as ações pelas quais seu marido estava sendo acusado. Considerando as condições em que se encontrava – uma mulher em meio a uma guerra no século XIX – se constituía um ato de resistência. Uma palavra e talvez Solano López, seu primo, a soltasse, visto que sua possível confissão seria o suficiente para que não precisasse admitir seus erros ao insistir em uma guerra mesmo sem ter condições militares para tanto. Fidel Maíz foi o bispo chamado para convencer Juliana Martínez a admitir o que Solano gostaria de ouvir. É importante ressaltar que esse mesmo nome pertenceu a um bispo que, segundo Harris Gaylord Warren<sup>399</sup>, foi responsável por escrever as biografias heroicas de Solano López a partir da década de 1880, tendo também formado um dos primeiros grupos pós-Guerra responsável pela formação literária do país, no século XIX, demonstrando mais uma vez uma relação entre a escrita da história paraguaia e a literatura.

Evidencia-se a partir dessa relação entre Fidel Maíz e Francisco Solano López que ao menos parte da instituição católica estava estritamente inclinada aos interesses políticos, como os de Solano López. Além disso, Harris G. Warren afirma que boa parte da produção literária escrita a partir de 1880 está ligada à formação partidária do país<sup>400</sup>, o que de certa forma salienta que a memória paraguaia seria narrada de acordo com os interesses dos grupos políticos. Nesse contexto, Fidel Maíz não só obedecia à vontade de López, mas concordava e legitimava suas práticas. O que se segue, na confissão de Juliana Martínez, demonstra como o bispo não faz nada além do requerido pelo presidente paraguaio, visto que as ações de tortura são intensificadas:

Os estiramentos na esteira, as marteladas nos dedos, a violação. Maíz participou até o dia em que, tendo ameaçado com o fogo eterno por desobediência, ela perguntou sinceramente se ele acreditava em Deus. E então Juliana viu que o religioso tinha medo porque de imediato ele havia voltado para algo que era antes de ser sacerdote blasfemo. Tinha medo, como tinham medo todos os homens que vieram questioná-la para satisfazer a pergunta (a ordem) de Francisco López, que olhando ladamente seus subordinados exclamava: Alguém se atreve a fazer a Juliana falar? Passaram pela câmara de tortura (nome pomposo para um rancho) [...]. Porque à Juliana era como

<sup>399</sup> WARREN, Harris Gaylord. *La reconstrucción del Paraguay, 1878-1904*: La primera era colorada. Assunção: Intercontinental, 2010, p. 480.

<sup>400</sup> *Ibidem*, p. 481.

dizer aos gritos que não tinha sentido ser valente, que ninguém tinha sido valente [tradução minha]<sup>401</sup>.

A citação apresenta o caráter ditatorial, egocêntrico e arrogante de Solano López proposto no conto. Juliana Martínez, exposta a todo tipo de tortura, inclusive em relação ao seu gênero, não delata o que não quer ou o que não sabe. De qualquer modo, ela resiste. Resiste diante de uma sociedade que ela não contestava antes, como fazia, por exemplo, a “sindicalista”. Juliana Martínez era representante de um grupo minoritário com uma vida repleta de privilégios sociais que certamente contribuía para aprofundar as desigualdades sociais que se seguiram durante o fim do século XIX e início do XX, considerando que também era prima de Bernardino Caballero. Mas, diante de um ditador que se “autoconsiderava” o pai da nação paraguaia e representante do ápice de seu desenvolvimento, ela resiste. Em seguida à tortura, o narrador apresenta no conto uma cena em que Juliana Martínez ganha um balde de água limpa:

Francisco López cansou da rebelde, e isso deu um respiro à mulher para conseguir um pente, tratando de se recompor diante de um espelho sujo com seus cabelos sujos que não podia recolher para trás como antes para não revelar a feia cicatriz sobre a sobrancelha esquerda. Mas, de qualquer maneira, decidiu se limpar: cobriu a mão, recompôs a roupa. O soldadinho lhe permitiu gastar todo um balde de água e até a água sanitária que se usava em vez de sabão. Juliana foi meticulosa; lhe pareceu uma dívida com ela mesma se mostrar livre e limpa quando a levavam ao fuzilamento [tradução minha]<sup>402</sup>.

---

<sup>401</sup> No original: “Los estiramientos en el cepo, los martillazos en los dedos, la violación. Maíz participó hasta el día en que, habiéndole amenazado con el fuego eterno por desobediencia, ella le preguntó sinceramente se él creía en Dios. Y entonces vio Juliana que el religioso tenía miedo porque de golpe le había vuelto a algo que él tenía antes de ser sacerdote blasfemo. Tenía miedo, como tenían miedo todos los hombres que vinieron a cuestionarla para satisfacer la pregunta (la orden) de Francisco López, que mirando ladidamente a sus subordinados exclamaba: ¿Alguién se atreve a hacerla hablar a la Juliana? Pasaron por la cámara de tormento (nombre pomposo para un rancho) [...]. Porque la Juliana era como decir a gritos que no tenía sentido ser valiente, que nadie había sido valiente.” ALCALÁ, *Curuzu Cadete...*, op. cit., p. 19.

<sup>402</sup> No original: “Francisco López se cansó de la rebelde, y eso le dio un respiro a la mujer para conseguirse un peine, tratando de componer ante un espejo sucio esos cabellos sucios que no podía recoger hacia atrás como antes para no revelar la fea cicatriz sobre la ceja izquierda. Pero, de cualquier manera, decidió asearse: se vendó la mano, se compuso la ropa. El soldadito le permitió gastar todo un balde de agua y hasta la lejía que se usaba en lugar de jabón. Juliana fue meticulosa; le pareció una deuda consigo misma mostrarse despejada y limpia cuando la llevaban a fusilar.” *Ibidem*, p. 20.

À medida em que leio como Juliana Martínez se limpa, olha-se no espelho, cuidando de seu corpo debilitado, cansado, torturado, mas digno de ser limpo porque, apesar do sofrido, ela resistiu, percebo que havia nela uma integridade não rompida pela pretensão e pelo orgulho de Solano López. Depreendo de tal leitura que o corpo de Juliana Martínez, limpo com água corrente e sanitária lava a alma e a sua honra, ao mesmo tempo em que mancha quaisquer daqueles homens ou a virilidade que eles achavam ser legítima quando martelavam seus dedos.

Analisar como no conto os soldados obedecem cegamente um presidente em meio a circunstâncias de fome, de miséria e de morte, sem ao menos questioná-lo, permite-me perceber como as relações sociais daquele contexto estavam baseadas em uma lógica paternalista, cujo domínio e subordinação criam relações de dependência. Trata-se de um período de extrema hegemonia. Ao mesmo tempo, se considero a leitura do historiador Sidney Challoub sobre a personagem machadiana *Helena*<sup>403</sup>, posso afirmar que a subordinação no caso de Juliana Martínez não significa essencialmente passividade frente à postura autoritária de López, pois ao escolher se limpar em condições inóspitas, dizer não após quatro meses de tortura e violações severas ao seu corpo, há no mínimo uma postura de resistência e negociação. Ao mesmo tempo em que seus torturadores se sentem mais viris, mais machos, mais poderosos por torturarem uma mulher.

É interessante perceber o fio condutor que Alcalá constrói em diferentes contos referentes a contextos diversos e separados até mesmo por um século, mas que para ele compartilham características, tais como a personalidade de Alfredo Stroessner e Solano López, dando uma ideia de continuidade política que seria responsável pela situação de seu país naquele momento. Analisar e aproximar esses contos, organizados mais ao fim da década de 1980, mesmo que recuperando acontecimentos tão diferentes, permite apontar a escrita literária de Alcalá também como resistente, denunciadora, especialmente se considero que o livro com tais contos foi publicado no ano de 1990, após a deposição de Stroessner (1989). O prefácio do livro assume que o propósito<sup>404</sup> não é narrar necessariamente algo original, visto que muitas das histórias ali são baseadas em reportagens e em ideias compartilhadas das mais variadas formas. Nesse caso, o objetivo de Alcalá é reunir no corpo do texto e deixar as tantas histórias trágicas e tristes de corpos reprimidos,

---

<sup>403</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 41.

<sup>404</sup> ALCALÁ, *Curuzu Cadete...*, op. cit., p. 5.

denunciando os feitos de Stroessner, de forma que os contos reúnam histórias na medida em que tragam acontecimentos ou personagens que, de algum modo, se relacionam com características do mundo real. Contudo, o que é de fato importante em toda a obra de Guido Alcalá é a maneira como os narradores presentes em cada uma das narrativas delineiam os personagens, suas tensões e seus mundos.

Se retomar a epígrafe do segundo capítulo, Alcalá faz a seguinte afirmação: “E era toda uma história, não sei como digo, déspota e bufão encenando a mesma peça no Paraguai. Stroessner é um bufão. Não sei, mas provavelmente ele tinha uma amante jovem, com o tempo era a amante, depois ela casava com um oficial do exército [tradução minha]”<sup>405</sup>. O termo bufão, que pode ser utilizado para caracterizar alguém como fanfarrão ou palhaço, é bastante comum ao modo como Alcalá se refere não somente a Stroessner, como é o caso da citação, mas aos vários dirigentes do país criticados por ele. Pessoas sem grandes reconhecimentos intelectuais ou de domínio de conhecimento, que haviam chegado ao poder porque o contingente era desorganizado ou complexo e acabou oferecendo as condições necessárias, no que teria sido também um golpe de sorte.. No caso de Francisco Solano López, a estrutura econômica do país foi melhorada sob o seu governo, entretanto, quanto a Stroessner, o seu caráter paternalista é que o manteve no poder a partir de ações bastante autoritárias, aspecto evidenciado por Alcalá: relações estabelecidas por meio de uma rede de lealdade, medo, troca de favores, na qual delatores, mais conhecidos como *pyragues*, sustentavam o governo de um bufão, conforme a citação, e ainda trocavam-nas como se fossem mercadorias. Essas teriam o mesmo peso que aquelas contrabandeadas na divisa com o Brasil, por exemplo, em troca de favores e salários para o grande exército mantido por Stroessner, cuja corrupção era o meio de pagamento para sustentar um governo bufão, com cerca de 900 mil funcionários públicos, entre o administrativo e o exército. Um exemplo disso é abordado por Alcalá em entrevista concedida em 2008 ao narrar como parte do dinheiro do governo era destinado para pagar o exército, aquele que defendia as ordens de Stroessner sem pestanejar:

Sim, tem impostos... para o governo, só por um lado. Outra fonte de ingresso foi o contrabando. Cigarro. Primeiro foi o cigarro e o uísque. E daqui saíam todo o uísque e cigarros americanos pelo Brasil, pela Argentina, e pelo Uruguai [...]. Havia ingressos ilegais que pagavam o exército. Estamos falando do exército... André Rodriguez era contrabandista. Havia... nessa história... contrabandistas e traficantes de

<sup>405</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

rua. Havia dinheiro, dinheiro de contrabando de Itaipu; deu muito dinheiro para o Paraguai; conheço muita gente. Depois o algodão, também era produto de exportação... Enfim a economia não estava tão ruim no Paraguai, havia 1 milhão de habitantes, havia terra suficiente, vendas de terra, basicamente, havia com que pagar [tradução minha]<sup>406</sup>.

Não obstante os problemas financeiros do Paraguai, a maior objeção de Guido Alcalá diz respeito ao tipo de política instituída no país. Para que Stroessner se mantivesse tanto tempo no poder com eleições fraudulentas e com práticas ditatoriais, precisava de um exército forte. Este era sustentado em parte pelo contrabando permitido pelo governo ou realizado pelos próprios cabos/soldados para que tivesse vantagem em relação ao restante da sociedade, também oprimida pelas questões sociais ou políticas. A ideia de bufão mencionada por Alcalá diz respeito também às festas, às mulheres pagas por uma noite ou para desfilarem com aqueles que prestavam favores, e até mesmo para viverem com eles. Esses elementos também aparecem em outros contos, como em “El Rubio”<sup>407</sup>. Narrado em terceira pessoa, o personagem Diógenes é de uma família simples de migrantes e ingressa no exército em 1953 – pouco antes do golpe dado por Stroessner<sup>408</sup> que o possibilitou assumir o governo. Diógenes, ao estreitar laços com o seu chefe e com colegas de trabalho ligados a Stroessner, consegue benefícios em troca de sua lealdade. Entre os companheiros, passa a conviver com aqueles que também se disfarçavam de civis, além dos que eram *pyragues*, como é possível aferir na citação:

Para os vizinhos, o uniforme policial era menos evidente ao aspecto *pyrague* de Fabián; corte militar, traje de linho branco e diário embaixo do braço. Possivelmente, o vigiado os notou: em um momento a porta da casa se abriu e saiu uma mulher, olhou para eles detidamente e voltou a entrar. Momentos depois, a janela deixava ver um movimento por detrás da persiana; alguém observava a rua. Se deu conta, comentou Diógenes. Sempre se dão conta, constestou

---

<sup>406</sup> Idem.

<sup>407</sup> ALCALÁ, Guido R. El Rubio. In: \_\_\_\_\_. *Cuentos*. Asunción: RP ediciones, 1993, p. 49-76.

<sup>408</sup> Além de Stroessner ser nomeado diretamente no conto, trago um artigo em que o mesmo também era conhecido pelo apelido de “El Rubio”, isto é, o nome do conto pode estar ligado a esta ideia. ESPÓSITO NETO, Tomas. *As posibilidades e os limites do “realismo periférico”*: a política externa do Paraguai de 1954 a 1989. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000122011000300051&script=sci\\_arttext/](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000122011000300051&script=sci_arttext/)>. Acesso em 08 fev 2017.

Fabián, o importante é que se sintam vigiados [tradução minha]<sup>409</sup>.

Em conformidade com a citação, o *pyrague* é reconhecido como alguém que despertava receio, alguém que tinha o poder de vigiar e denunciar um indivíduo sem necessariamente ter provas. Além disso, a ideia de cerceamento fica evidente quando o ele menciona importantar somente que se sentissem vigiados, ou seja, a perseguição era evidente. Mais que isso, Diógenes é apresentado por tal colega ao “Doctor Rivas”, o mesmo nome que colaborou para o planejamento do golpe de 1953, juntamente com outros coronéis e generais<sup>410</sup>. No conto, Diógenes tinha cerca de 15 anos e matou muitas pessoas nesse processo de tomada de poder. Sobre tal golpe, Andrew Nickson afirma que Alfredo Stroessner tinha apoio da ala mais conservadora e de parte das Forças Armadas que eram contra a política de Frederico Chaves que vinha sendo implementada no Paraguai<sup>411</sup>. Considerando o contexto da Guerra Fria, esse tipo de aproximação era visto como nocivo devido aos ideais comunistas propagados pela URSS frente aos capitalistas liderados pelos norte-americanos. Stroessner assumiu o poder após cinco dias de conflitos nas ruas durante o mês de maio de 1954, tendo causado 25 mortes. Dois meses depois, foi eleito como candidato único ao cargo de presidente<sup>412</sup>. Mesmo que o contexto do conto se refira a um período anterior a 1954, observa-se que o hábito de contratar ou de incentivar delações em troca de favores, tanto no meio militar quanto civil, era uma prática comum no Paraguai.

No conto, Diógenes tinha vocação para as artes desde cedo, em especial para a música. Porém, como havia vendido seu violão para poder pagar contas de casa, permaneceu apenas escrevendo poemas. Seu chefe percebe que ele tinha o dom quando o viu tocando uma vez e opina:

Nós paraguaios somos naturalmente músicos. A música que dizem culta, que a burguesia considera superior é para os outros. A nossa tem o vigor do povo, está perto do canto das aves, dos murmúrios do bosque. Não pode ajustar-se às regras mortas de um conservatório de Buenos Aires. Posso te dizer, venho de Buenos Aires [...]. Agora, com o novo Paraguai do presidente Stroessner, poderia reintegra-se à

<sup>409</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>410</sup> NICKSON, Andrew. El régimen de Stroessner (1954-1989). In: TELESKA, Ignacio (coord.). *Historia del Paraguay*. Assunção: Taurus, 2010, p. 265.

<sup>411</sup> Idem.

<sup>412</sup> Idem.

pátria para retomar o contato com suas raízes profundas. Com um grupo de compatriotas residentes na cidade irmã de Buenos Aires, o jovem e talentoso compositor Don Antonio Roda tinha voltado para presenciar a posse presidencial do Exmo. Senhor General Dom Alfredo Stroessner [...]. O sonho se realizou graças à obstinação do senhor Ortega decidido a realizar seu próprio sonho: a integração de um duo artístico com o artista imigrante e o jovem valor Diógenes Gonzaga [tradução minha]<sup>413</sup>.

Na fala de Ortega, chefe de Diógenes no conto e, segundo informa o narrador<sup>414</sup>, um dos comandantes da polícia do tempo de Stroessner, é possível perceber a expectativa em relação ao seu governo como um período que traria crescimento, liberdade e incentivo às artes, cuja representação se dava com o retorno de um maestro, chamado Don Antônio Rodas, exilado pelo governo anterior. Com ele, Diógenes poderia desenvolver seu talento musical. Com o tempo e a proximidade com o maestro incentivada por Ortega, Diógenes passaria rapidamente a tocar com a banda principal; em uma homenagem a São Roque:

A peça emocionou a alguns músicos, ex-combatentes famintos, mas era demasiado séria. Algo mais divertido, pediu alguém. Não, uma clássica primeiro, em homenagem ao meu general (Stroessner), contestaram. E Diógenes [...] começou aquela peça que tanto tempo tinha levado, porque sabia que era a favorita do senhor presidente: Granada. Tocava e cantava com sua voz famosa das serenatas. Granada, terra sonhada por mim... Depois da interpretação, a segunda; o auditório gritava bis. A essa altura, já chegava Manito com as mulheres. O anfitrião se assegurou que os da rua, os músicos da orquestra, tivessem cerveja suficiente para cantar até as quatro da manhã. Entrou na casa e fechou a porta, levando com ele somente Diógenes como solista da reunião exclusiva [tradução minha]<sup>415</sup>.

---

<sup>413</sup> No original: “Los paraguayos somos naturalmente músicos. La música que dicen culta, que la burguesía considera superior es para los otros. La nuestra tiene vigor del Pueblo, está cerca del canto de las aves, de los murmullos del bosque. No puede ajustarse a las reglas muertas de un conservatorio de Buenos Aires. Te puedo decir, vengo de Buenos Aires [...]. Ahora, con el nuevo Paraguay del presidente Stroessner, podía reintegrarse a la patria para retomar el contacto con sus raíces profundas. Con un grupo de compatriotas residentes en la hermana ciudad de Buenos Aires, el joven y talentoso compositor Don Antonio Roda había vuelto para presenciar la toma de posesión presidencial del Excmo. Señor General Don Alfredo Stroessner [...]. El sueño se realizó gracias a la obstinación del señor Ortega decidido a realizar su propio sueño: la integración de un dúo artístico con el artista emigrado y el joven valor Diógenes Gonzaga.” ALCALÁ, *Cuentos...*, op. cit., p. 71-72.

<sup>414</sup> Idem.

<sup>415</sup> No original: “La pieza emocionó a algunos músicos, ex combatientes hambreados, pero resultaba demasiado seria. Algo más divertido, pidió alguien. No, una clásica primero, en homenaje a mi general (Stroessner), le replicaron. Y Diógenes [...] comenzó aquella pieza que



Segundo o narrador, à medida que Diógenes tocava na sala ou no ambiente em que seguiu a festa, apenas para alguns homens escolhidos por Stroessner, ele se sentia cada vez mais preferido pelo general. Na sequência do conto, o narrador menciona que a música “Granada” fora tocada dezenas de vezes para satisfazer Stroessner, o que fortalece o argumento do narrador de que ele fazia todos realizarem as suas vontades, as quais, no caso do contexto do conto, exigiram que Diógenes fosse obediente aos mandos de Stroessner uma vez mais, como a seguinte citação sugere:

Diógenes viu o olhar cúmplice do loiro e abandonou seu violão. Desta vez não erro, pensou, recordando aquela sobre a mulher também difícil de se despir frente a um espelho quebrado de um prostíbulo. Se fracassasse? Podia fracassar de novo; o medo freava seus dedos sobre os impossíveis botões da camisa mas já não podia retroceder. Atrás de seu copo de whisky, atrás de seu olhar insignificante, via em especial o olhar do loiro lhe ordenando continuar, tirar a roupa, tirar a dela, começar de uma vez o galope incerto sobre o corpo oferecido da mulher [tradução minha]<sup>416</sup>.

O excerto insinua a realização de ao menos uma orgia entre aqueles homens, visto que era de Diógenes que se estava falando, mas poderia ter havido outras. Um soldado simples que “cai nas graças” de Stroessner torna-se privilegiado por ter contato com um importante maestro e que, depois disso, passa a ser um dos musicistas especiais de Stroessner. Porém, a história que nutre por trás do conto vai além destes aspectos, pois Guido Alcalá afirma que o maestro chamado Don Antônio Rodas é o nome dado àquele que seria Augusto Roa Bastos, como afirma o jornalista: “[...] O jovem Roa compôs algumas canções populares e me refiro a este aspecto menos conhecido de sua trajetória

---

tanto tiempo le había llevado, porque la sabía favorita del señor presidente: Granada. Tocaba y cantaba con su voz famosa de las serenatas. Granada, tierra soñada por mí... Después de la interpretación, la segunda; el auditorio gritaba bis. Para entonces, ya llegaba Manito con las mujeres. El anfitrión se aseguró que los de la calle, los músicos de la orquesta, tuvieran suficiente cerveza como para cantar hasta las cuatro de la mañana. Entró a la casa y cerró la puerta, llevándose consigo a Diógenes como solista de la reunión exclusiva.” ALCALÁ, El Rubio..., op. cit., p. 75.

<sup>416</sup> No original: “Diógenes miró la mirada cómplice del rubio y abandonó su guitarra. Esta vuelta no fallo, pensó, recordando aquella sobre la mujer también difícil de desvestir frente el espejo roto de un kilombo. ¿Si fracasaba? Podía fracasar de nuevo; el miedo le demoraba los dedos sobre los imposibles botones de la camisa pero no podía ya retroceder. Detrás de su vaso de whisky, detrás de su mirada anodina, le miraba a él en especial la mirada del rubio ordenándole seguir, desvestirse, desvestirla, comenzar de una vez el galope incierto sobre el cuerpo ofrecido de la mujer.” Ibidem, p. 76.

através do personagem Antônio [...] [tradução minha]”<sup>417</sup>. Este teria vindo junto a um grupo de exilados de Buenos Aires em um avião das Forças Armadas daquele país, assim que Stroessner assumiu o governo.

O grupo recebido era composto por intelectuais, políticos e civis integrantes da oposição à política ditatorial do presidente Morínigo, durante a guerra civil de 1947. Segundo Ceres Moraes, esta foi desencadeada por um grupo de Febreristas, partidários colorados, de jovens comunistas e estudantes em Concepción<sup>418</sup>, cujas exigências eram a liberdade partidária, uma junta eleitoral e realização de eleições livres. Os *guiones rojos*<sup>419</sup>, lado mais conservador do partido Colorado e apoiador de Morínigo, fecharam as entradas de Assunção, evitando a entrada dos *rebeldes* assim como incentivaram a invasão de casas em busca de materiais ou partidários das causas dos revoltosos. Centenas foram presos e alguns mortos; Morínigo permaneceu no poder até meados de 1948, quando então assumiu o jornalista e revisionista Juan Natalicio González Paredes; o que se seguiu foi uma hegemonização do partido Colorado, caracterizada por fortes relações com o exército, alternando diversos governantes em seis anos. Ainda no mesmo período, de acordo com Ceres Moraes, Perón teria enviado armas a Morínigo<sup>420</sup> – o mesmo Perón que está no poema de Roa Bastos, citado a seguir e aliado a Stroessner, o que demonstra como as relações políticas são complexas. Foram justamente a instabilidade política e os golpes dados nos anos seguintes que ocasionaram as condições perfeitas para Stroessner assumir e chamar a retornar os exilados que o interessavam. Stroessner há tempos se aproximava de outros personagens, sobretudo do meio político, a fim de tomar o poder e garantir o apoio necessário às suas estratégias. Com efeito, já se colocava como um dos oponentes de Morínigo nos anos de 1947-1948 nas Forças Armadas durante o processo da guerra civil, ou *Colorada* como é conhecida, tendo também derrubado o militar Frederico Chaves Careaga, em 1954, o qual tinha uma política mais reformista, nacionalista, posicionando-se contra a interferência do Fundo Monetário Internacional.

---

<sup>417</sup> No original: “[...] El joven Roa compuso algunas canciones populares y me refiero a ese aspecto menos conocido de su trayectoria a través del personaje Antonio [...].” ALCALÁ, Guido R. *Sobre Roa Bastos* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <larenaazomer@hotmail.com> em 19 set 2016.

<sup>418</sup> MORAES, op. cit., p. 34-38, passim.

<sup>419</sup> O Partido Colorado era composto por alguns setores que divergiam, embora fossem do mesmo partido. Nesse contexto, o principal era o do *guio rojo*, o qual foi o maior aliado de Alfredo Stroessner. SANTOS, op. cit., p. 41.

<sup>420</sup> MORAES, op. cit., p. 34-38, passim.

Considerando que o Paraguai tinha um histórico de golpes, a fim de se manter no poder, Stroessner buscou cooptar todo tipo de apoio. Nesse contexto, Roa Bastos teria sido nomeado embaixador ainda no tempo de Morínigo, cargo nunca assumido segundo Guido Alcalá. Para este, Roa Bastos também não foi um ativista político, mas sempre esteve ligado aos governos, como afirma:

A rigor, Roa não foi um colaborador de Stroessner, senão um colaborador de todos os governos, mas sem comprometer-se com nenhum. Por isso o presidente Morínigo o nomeou secretário da embaixada em outubro de 1946 (não chegou a ocupar o posto); o presidente Chaves deu dinheiro a ele para não sei o quê; o presidente Stroessner também lhe deu, depois do imortal poema. Tenho os decretos de Morínigo, Chaves e Stroessner. Voltou depois da queda de Stroessner para elogiar o presidente Rodríguez, que o tratou muito bem, como bem o tratou o presidente Wasmósy [tradução minha]<sup>421</sup>.

Nesse sentido, para Guido Alcalá, Roa Bastos sempre esteve envolvido com vários dos governos paraguaios e só teria se tornado parte da oposição a partir do momento em que percebeu a falta de liberdade de expressão, entre outros aspectos, em sua realidade<sup>422</sup>. Desse modo, retomo o momento em que Roa Bastos teria chegado da Argentina como exilado, no conto sendo representado por um maestro, alguém de renome ligado às artes. Sobre isso, de acordo com Guido Alcalá, dias após sua chegada, Roa Bastos teria escrito um poema, “*Eternamente hermanos*”, referindo-se a *Stroessner y Perón*, publicado em 20 de agosto de 1954 no jornal *El País*, enaltecendo ambos os generais:

Terra da pomba e do Centauro [...] / Falo do homem ilustre / do Paraguaio Yegros com seus anfitriões / defendendo a altiva Buenos Aires / contra as invasões / ou de Bogado, aquele Centauro / de sangue guarani, [...]. / Os soldados austeros, / surgidos marcialmente de seus povos, / são heróis desta paz e desta união / Stroessner e Perón! [...] / Porta-estandarte da Paz, / campeão da Justiça, / [Perón] retifica o passado [...] / e nos devolve, transformados / no

<sup>421</sup> No original: “En rigor, Roa no fue un colaborador de Stroessner, sino un colaborador de todos los gobiernos, pero sin comprometerse con ninguno. Por eso el presidente Morínigo lo nombró secretario de embajada en octubre de 1946 (no llegó a ocupar el puesto); el presidente Chavez le dio dinero para no sé qué; el presidente Stroessner también se lo dio, después del inmortal poema. Tengo los decretos de Morínigo, Chaves y Stroessner. Volvió después de la caída de Stroessner para elogiar al presidente Rodríguez, que lo trató muy bien, como bien lo trató el presidente Wasmósy.” ALCALÁ, *Sobre Roa Bastos* [mensagem pessoal]..., op. cit.

<sup>422</sup> Sobre o caráter contestador a Stroessner de Augusto Roa Bastos, ver: LIMA, Damaris Santana Pereira. *O intelectual exilado em Augusto Roa Bastos*. 2013, 192f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Assis.

símbolo de paz e de irmandade, / os sagrados troféus da guerra [da Tríplice Aliança] [...] / O Marechal de Ferro os recebe [...] / Stroessner e Perón selam seu abraço / com a emoção criadora dos homens / que vencem o destino / e fazem a história a golpes de verdades / viventes como o hino dos homens [...] / Em seus homens soldados / em seus povos de paz, em seu destino / comum de pátrias enlaçadas, / Paraguai e Argentina estão unidos / de coração a coração, / irmãos para sempre [tradução minha]<sup>423</sup>.

A relação estabelecida entre as imagens de Sólano López e de Alfredo Stroessner –se estendendo a Perón – é evidenciada no poema. O heroísmo, o brio, a bravura e a serenidade fazem parte da imagem desses dois governantes ou, como podemos chamá-los hoje, de acordo com a historiografia, ditadores. Também é expressa a ideia de que o Paraguai e a Argentina teriam deixado de lado suas diferenças – a questão territorial ligada ao domínio do Rio da Prata, a independência do Paraguai em 1811 e o subsequente não reconhecimento desta por parte da Argentina, além dos possíveis ressentimentos do tempo em que o Paraguai ficou sob o governo da Argentina após a Guerra da Tríplice Aliança.

Há uma franca preocupação de Alcalá em compreender tal relação e apoio mútuo entre a Argentina e o Paraguai, considerando a atuação de escritores importantes como Roa Bastos, os quais poderiam contestar o governo de Stroessner em meados dos anos de 1950, mas

---

<sup>423</sup> No original: “Tierra de la paloma y del Centauro [...]. / Hablo del hombre ilustre / del Paraguay Yegros con sus huéspedes / defendiendo la altiva Buenos Aires / contra las invasiones. / o de Bogado, aquel Centauro / de sangre guaraní , [...] / Los soldados austeros, / surgidos marcialmente de sus pueblos, / son héroes de esta paz y de esta unión / ¡Stroessner y Perón! [...] / Abanderado de la Paz, / insobornable adalid de la Justicia, / [Perón] rectifica el pasado [...] / y nos devuelve, transformados / en el símbolo de paz y de hermandad, / los sagrados trofeos de la guerra [de la Triple Alianza] [...]. / El Mariscal de Hierro los recibe [...] / Stroessner y Perón sellan su abrazo / con la emoción creadora de los hombres / que vencen al destino / y hacen en la historia a golpes de verdades / vivientes como el himno de los hombres [...] / En sus hombres soldados / en sus pueblos de paz, en su destino / común de patrias enlazadas, / Paraguay y Argentina están unidos / de corazón a corazón, / hermanos para siempre.” BASTOS, Augusto Roa. ¡Eternamente hermanos! *El País*. Assunção: 20 de agosto, 1954.

que, ao contrário, colaboraram para a legitimação de tal. Portanto, mais que repensar a figura de Roa Bastos, é crucial discutir a legitimação de vários dos presidentes a partir do uso da imagem e da escrita literária de autores de renome, como é o caso de Roa Bastos. Nesse sentido, afirmo que esses presidentes, ou bufões, como escreveria Guido Alcalá, cooptavam o trabalho de escritores a fim de ter seus poderes reconhecidos. Além disso, a proximidade de outros setores junto ao governo reafirmava perante a mídia e a população o caráter mais popular e até mesmo democrático de tais governantes. Porém, o poder de Stroessner elegeu o trabalho dos *pyraques* como um dos seus maiores alicerces. Sobre isso debato a seguir.

### 3.4 *Pyraques*, lealdade e a institucionalização da ditadura de Stroessner

O historiador Miguel dos Santos, no que diz respeito à permissão da existência de outros partidos durante o governo Stroessner, afirma que este permaneceu no poder devido a um sistema político bastante rígido, eficaz e organizado, pois, além de também cooptar o apoio de alguns líderes de oposição, instaurou um sistema de vigilância mantido pela polícia paraguaia, a qual era filiada ao partido de Stroessner e comandada pelos *guionistas rojos* – setor que colaborava com o Partido Colorado<sup>424</sup>. Para colaborar com esse trabalho, os *pyraques* foram fundamentais, pois eram incumbidos de se infiltrarem nas relações cotidianas da população paraguaia, ou seja, nas comunidades, nos encontros, nos clubes, nos bairros, dentre outros espaços de sociabilidade. Esses homens e mulheres – também filiados

---

<sup>424</sup> SANTOS, op. cit. p. 41.

ao Colorado – denunciavam aqueles/as que se mostravam insatisfeitos/as com o governo paraguaio.

Para Alain Rouquié, um em cada quatro habitantes era *pyrague*<sup>425</sup>, o que demonstra o clima de censura instituído em meio à população. Não é possível saber se esses índices realmente estão próximos da realidade paraguaia naquele contexto, mas indicam o clima de instabilidade e de medo então característicos. No que tange à vigilância de Stroessner, Guido Alcalá corrobora com a afirmação de Alain Rouquié quando afirma em entrevista que o Paraguai “é um país pequeno, é uma comunidade onde todo mundo se conhece; e esse não é um problema político, mas sim um problema social, que cada um vê todo mundo todos os dias. É seu irmão, seu primo, seu parente, ou ‘se dá mal’ com vizinho... [tradução minha]”<sup>426</sup>. Nesse caso, o escritor confirma a importância, a efetiva e maciça participação dos *pyragues* no cotidiano paraguaio. Cabe ressaltar que muitos desses “vigilantes” não recebiam pagamento ou salário, com exceção daqueles que eram funcionários do governo ou militares, mas tinham reconhecimento, status social, a ponto de serem conhecidos e temidos como tal, conforme será retomado no próximo capítulo.

Quanto às delações, ou em relação aos métodos de repressão, pontuo que se diferem da maioria utilizada nos demais países do Cone Sul, uma vez que não houve milícias ou centros de investigação não oficiais ou paralelos no Paraguai. A repressão era efetivamente institucionalizada e os centros de investigação eram reconhecidos pelo governo, assim como suas práticas de tortura e de perseguição eram legitimados. As informações eram buscadas a partir de centros

---

<sup>425</sup> ROUQUIÉ, op. cit., p. 217.

<sup>426</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

oficialmente comandados e organizados pelo governo militar, sendo eles: o *Departamento de Investigaciones de la Policía de la Capital* (DIPC) e *La Dirección Nacional de Asuntos Técnicos* (DNAT), os quais se efetivaram a partir da rede de informantes organizada em todo o país. Segundo Andrew Nickson<sup>427</sup>, as torturas, as prisões e os interrogatórios de manifestantes ou pessoas próximas destes, além dos *pyraques*, colaboraram na formação de uma cultura de medo, em que a própria autocensura calava novas manifestações.

O sentimento de medo é bem representado no conto “Los Vecinos”<sup>428</sup>, cuja história transcorre em um bairro de uma cidade, envolvendo a família denunciada e dois vizinhos: o tio (“Viejo”) e o seu sobrinho, o delator, conhecido por não gostar de trabalhar, voltou um dia para casa com um bom pagamento pelo novo emprego. Dias depois, a polícia invadiu a casa dos vizinhos de “Viejo” à procura de Pedro Velazco e de um mimeógrafo, o qual seria utilizado para imprimir panfletos do partido comunista. No decorrer da narrativa algumas brutalidades cometidas pela polícia são apresentadas:

Parecia-lhe ruim que a polícia tivesse revirado a casa de Velazco, levantado o teto e destruído os armários em busca do mimeógrafo que imprimia os panfletos do partido comunista. O velho não queria saber nada de comunistas mas para ele os vizinhos eram vizinhos e não gostava nada que aquele dia de Reis, além de entrar atirando contra todo mundo, tivesse batido nas mulheres e levado toda a família, incluindo o menino, para a delegacia, depois de ter incomodado todos os vizinhos e ter se metido na mesma casa do velho perseguindo aos tiros don Pedro Velazco [tradução minha]<sup>429</sup>.

<sup>427</sup> NICKSON, op. cit., p. 265-294.

<sup>428</sup> ALCALÁ, *Curuzu Cadete...*, op. cit., p. 147-151.

<sup>429</sup> No original: “Le parecía mal que la policía hubiese atropellado la casa de Velazco, levantado el techo y destrozado los roperos en busca del mimeógrafo que imprimía los panfletos del partido comunista. El viejo no quería saber nada de comunistas pero para él los vecinos eran vecinos y no le gustaba para nada que aquel día de Reyes, además de entrar tirando contra todo el mundo, hubiesen golpeado a las mujeres y se hubiesen llevado a toda la

A representação do medo e da ação dos *pyraques* é explorada a partir da denúncia feita por um vizinho, fazendo com que várias casas fossem invadidas e seus moradores sentissem o peso da ditadura militar de Stroessner. Mulheres, homens e crianças se tornaram vítimas duas vezes: pelo fato de viverem em um país em regime ditatorial e também por serem apontados como participantes de núcleos de resistências cuja existência não raras vezes nem conheciam, como explora o enredo.

A partir do cenário proposto pelo narrador, além de o regime restringir a liberdade de expressão, outras pessoas também poderiam ser perseguidas por conviverem com aqueles que contestavam ou resistiam ao governo, sem necessariamente ou tampouco militarem juntos. Não é o caso da família Velazco, visto que o tio, apesar da delação de seu próprio sobrinho, tentou avisar o vizinho: “[...] coisa muito feia e somente compensada em parte pelo gesto do tio, que recomendou ao mestre de obras (Ramón), e em tempo, levar a outra lugar o mimeógrafo e avisar aos demais camaradas que a polícia cairia em cima [tradução minha]”<sup>430</sup>. O personagem “Viejo” mostra indiferença à causa defendida pelo vizinho, porém ajuda-o a manter sua integridade. Dois pontos são marcantes nesse conto: o modo como a polícia fazia as prisões e o tratamento dado aos *pyraques*. Além de a polícia invadir e levar o pai, o cunhado, a mulher e o filho de Pedro Velazco, confiscou também televisões, rádios, dinheiro e ferramentas de trabalhos de todas as casas revistadas. Compreendo que a ação ficcionalizada da polícia no conto evidencia a corrupção de policiais, responsável pelas práticas de controle e de medo para com a população.

Ainda em relação à prisão, a cena relativa à tortura sofrida por Cristina Velazco, mulher de Pedro Velazco, é especialmente significativa:

[...] Pedro preferiu se calar e teve que ver sua mulher nua e ultrajada e suportar o encarceramento coletivo (seriam 30) em uma cela reduzida, onde lhe permitiram como único benefício permanecer em companhia do menino, que sofria mais se o deixassem no pátio, exposto ao humor da delegacia. Metido na confusão de braços e pernas (dormiam no piso, e por turno, porque não havia espaço para

---

familia, incluso el niño, para la comisaría, después de haber molestado a todos os vecinos y haberse metido en la misma casa del viejo persiguiendo a tiros a don Pedro Velazco.” Ibidem, p. 148.

<sup>430</sup> No original: “cosa muy fea y sólo compensada en parte por el gesto del tío, que recomendó al maestro constructor (Ramón), y al tiempo, llevarse a otra parte el mimeógrafo y avisar a los restantes camaradas que la policía les caería encima.” Ibidem, p. 150.



acomodar a todos), Pedrinho se sentia mais seguro [tradução minha]<sup>431</sup>.

As torturas foram ainda mais cruéis com o seu cunhado, o qual foi espancado e ficou horas pendurado pelos tornozelos. Depois de vários dias, e diante dessas torturas, Pedro Velazco confessou ser comunista. A ação de demorar em dizer os nomes ou a coordenação das organizações era uma prática de grupos de resistência, pois ao declarar somente depois de certo tempo, permitia que os integrantes do grupo se organizassem e se escondessem ou, até mesmo, mudassem seus nomes. Quanto aos delatores, comumente chamados de *pyraques*, o narrador onisciente descreve que eram contratados pelo governo e tinham algumas regalias, embora não cite quais. A casa dos Velazcos ficou abandonada, devido ao longo tempo de prisão dos integrantes da família. Nesse ínterim, foi ocupada e saqueada por *pyraques*, com a permissão dos militares. Para “Viejo” isso era desprezível:

E terminou de indigná-lo a insolência dos dois *pyraques* que ficaram na casa de Velazco durante o tempo que os pobres tiveram que aguentar presos, *pyraques* que comeram as galinhas e patos do lugar e exigiram aos vizinhos que os cozinhassem, pedindo cigarros e dinheiro aos homens e serviços inaceitáveis às mulheres do bairro [tradução minha]<sup>432</sup>.

No conto percebo que há um abuso de poder por parte desses que ocuparam as casas; além disso, demonstra o repúdio e o medo que a vizinhança tinha dessas pessoas, visto que eram representantes do governo, os quais poderiam denunciar qualquer um a qualquer momento, caso o atendimento de algum pedido fosse negado, por mais desnecessário ou desprezível que fosse. Sobre a censura no período ditatorial, em entrevista, Alcalá afirma que Stroessner permitia que houvesse uma liberdade condicionada aos preceitos instituídos e

---

<sup>431</sup> No original: “[...] Pedro prefirió callarse y tuvo que ver a su mujer desnuda y ultrajada y soportar el encierro colectivo (serían 30) en un cela reducida, donde le permitieron como único beneficio permanecer en compañía del niño, que sufría más se lo dejaban en el patio, expuesto al humor de la comisaría. Metido en la confusión de brazos y piernas (dormían en el piso, y por turno, porque no había espacio para tenderse todos), Pedrito se sentía más seguro.” Ibidem, p. 149.

<sup>432</sup> No original: “Y terminó de indignarlo la insolencia de los dos pyragué que quedaron en casa de Velazco durante el tiempo que los pobres tuvieron que aguantarse presos, pyragué que se comieron las gallinas y patos de la tomada y exigieron a los vecinos que se los cocinasen, pidiendo cigarrillos y plata a los hombres y prestaciones inaceptables a las mujeres del barrio.” Ibidem, p. 148.

determinados pelo seu governo<sup>433</sup>, isto é, algumas condutas e possibilidades eram apresentadas aos indivíduos, porém, se ousassem ultrapassar tais limites, poderiam ter suas liberdades cerceadas. Esses momentos de liberdade eram sempre vigiados de qualquer forma pelos olhos atentos dos *pyragues*. Nesse caso, como lembra Hubert Deyfrus, a liberdade não é algo inexistente em uma sociedade, ela está diretamente ligada ao poder, em um jogo muito complexo, pois sem ela nenhum poder<sup>434</sup> – ou governo – conseguiria controlar aqueles que quer submeter. Nesse caso, os momentos de alívio da pressão do governo delineados por Alcalá em suas narrativas eram períodos em que ele poderia escrever mais sobre temas diversos, inclusive os políticos; contudo, o cotidiano e o meio social eram sempre cerceados pelas ações dos *pyragues*. Portanto, as políticas de delações incentivavam sua lealdade, os quais, autorizados por Stroessner, denunciavam e acabavam sendo parte do controle da liberdade de outros, como vizinhos, conhecidos e talvez da própria família, colaborando no limite da liberdade de expressão do Paraguai.

A ideia de controle social a partir da ação de *pyragues* fica evidente em *Testimonio de la represión política en Paraguay (1975-1989)*<sup>435</sup>, pertencente ao terceiro volume da Série *Nunca Mais*, organizada pelo próprio Alcalá, como posso apontar na seguinte citação: “[...] a criminalidade gera cumplicidade e a cumplicidade gera lealdade”<sup>436</sup>, isto é, evidencia-se uma relação de troca de favores por meio de laços de lealdade. O escritor demonstra que Stroessner, ao cooptar o trabalho de *pyragues*, ganhou sua confiança, compromisso e total disposição dos mais variados serviços que poderiam realizar em troca de *status*, dinheiro e algum tipo de reconhecimento, características que, por sua vez, colaboraram com a manutenção do governo militar, denunciando manifestações e ações daqueles que se colocavam contra à presidência, denúncias estas que, em diversos momentos, não eram sequer provadas.

Nesse contexto, os contos são espaços de denúncias e de testemunhos, incluindo certamente parte da memória e da história, de Alcalá e de outros. Considerando os temas presentes nos contos citados neste capítulo, cabe lembrar a ideia de Todorov segundo a qual toda

<sup>433</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>434</sup> DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica* (além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 50-53.

<sup>435</sup> ALCALÁ, Guido. *Testimonio...* op. cit., p. 151-152.

<sup>436</sup> No original: “[...] la criminalidad crea complicitad y la complicitad crea lealtad.” Ibidem, p. 152.

narrativa é resultado de duas forças, embora não siga ou obedeça fielmente a nenhuma: a primeira seria a mudança, representando as constantes transformações sofridas por qualquer sujeito na trajetória de sua vida; a segunda diz respeito à ordem e aos sentidos dados a todas as mudanças, utilizando para tal a repetição de acontecimentos passados ou sugerindo como seriam os futuros<sup>437</sup>. Nesse encaixo é possível perceber que Alcalá utiliza vários gêneros literários para disseminar ideias sobre a história política e o mundo social paraguaio, a partir do momento em que se sente atingido e ao mesmo tempo instigado diante de tudo que presencia.

### 3.5 O conto, a memória e a história

Ao retomar ideias da pesquisadora Tununa Mercado, mesmo considerando a trajetória de Guido Alcalá, apesar de recorrer a fragmentos de sua entrevista e de suas publicações, ainda que analise e discuta seus contos, , considero que há o dito e o não dito nos textos do escritor paraguaio, seja nas ações da protagonista, dos outros personagens envolvidos, seja na pessoa do relato. O que ocorre é uma *transposição da escrita*<sup>438</sup> de sentimentos e de sentidos que se desdobram em um texto. Portanto, a ideia não é pensar que só o implícito no texto de Alcalá é algo a se analisar, mas é o modo como a narrativa está organizada e pode ser analisada. Se hoje se considera que o historiador constrói a sua narrativa, ou seja, de que a partir de um objeto de pesquisa podem ser traçadas possibilidades de conhecimento, friso que esta não é mais verdadeira que a de outrem ou mesmo não pode ser dissociada de seu tempo e espaço. Porém, esse contexto do qual emergem o escritor e seus escritos também faz parte de um conjunto imaginado e simbólico que, portanto, direciona as estratégias narrativas em questão.

A ficção não é a simples re(a)presentação de algo, assim como a literatura é mais que uma corriqueira organização ou uma estrutura em que um escritor projeta sua perspectiva de ficção. São múltiplos os discursos e as linguagens que compõem um texto literário, as quais permitem uma desconstrução de quem o escreve. Nesse caso, é a subjetividade que permite esse “constructo histórico”, como também se faz necessário saber quem fala e de onde fala. Considerando os vários

---

<sup>437</sup> TODOROV, Tzevan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 22.

<sup>438</sup> MERCADO, Tununa. Testemunho. Verdade e literatura. In: GALLE, Helmut et al. *Em primeira pessoa: abordagem de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009, p. 31-37.

dados, fatos e documentos apresentados pelo escritor e nesta pesquisa, o que importa destes contos é que além do destaque dado às várias vezes e versões anteriormente caladas em seu processo ditatorial, também indicam o modo como Alcalá constrói o seu contexto, colaborando com a historiografia, ainda que a sua escrita esteja marcada por seus interesses.

Ao observar alguns dos contos de Guido Alcalá, depreende-se que os personagens, enredos e sentidos estão de um ou de outro modo ligados à trajetória política e social paraguaia, ou seja, a literatura de Alcalá não está dissociada de seu tempo, dos problemas e das angústias sofridas por ele. Além de literária, a escrita de seus contos é uma prática social. Entretanto, em um país com recente produção historiográfica no ambiente acadêmico da história, sua escrita é de crucial importância para o entendimento do processo ditatorial de Stroessner e do período consecutivo. Diante dessas condições em que emergem os contos, percebe-se que Alcalá organiza o passado e as ditaduras paraguaias dentro de sua ordem. Tanto o processo de rememoração, que se dá de diferentes formas no conjunto literário de Alcalá, quanto as representações resultantes do exercício historiográfico utilizam indícios, pistas e traços. Além disso, como afirma Nora, a necessidade de memória é a parte crucial da história<sup>439</sup>. Ainda, considerando sua escrita, para Alcalá, em boa parte de seu exercício de pensar a história de seu país, a memória também é uma necessidade. Necessidade porque a escrita da história paraguaia está em construção – como todas estão sempre, porém, é peculiar também a este país a preocupação recente com tal escrita que disputa, por sua vez, a memória da história paraguaia.

Guido Alcalá pode ser considerado parte desse processo por debater sobre temas tão complexos envolvendo desde a Guerra do Paraguai até a ditadura de Stroessner, preocupando-se em reunir documentos e fontes que embasam seus argumentos a fim de perceber o porquê da situação política e social paraguaia. Os indícios não estão dissociados dos interesses do contexto em que emergem aqueles que conduzem as pesquisas, daqueles que decidem os temas a serem evidenciados e como os acontecimentos serão *trazidos*<sup>440</sup>. A trajetória de Alcalá, estudante, preso, ora vivendo em outros países foi crucial para que passasse a escrever e também determinante em relação ao modo

---

<sup>439</sup> NORA, op. cit., p. 14.

<sup>440</sup> CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jathay (org.). *Fronteira do Milênio*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001, p. 57.

como sua literatura é escrita. Os enfoques e os caminhos dados por ele em seus contos têm um ponto em comum: compreender e proporcionar uma história mais crítica. Precisamente, não há como estabelecer relações entre o conto e a realidade diretamente, o que tampouco é objetivo desta pesquisa. Porém, no caso de Alcalá, há a particularidade de como ele joga ao imputar veracidade às suas narrativas, além de colaborar com a escrita da história do país, preocupando-se em reunir dados, documentos e fontes que comprovem parte das ideias desenvolvidas ao longo de seus textos.

Nesse sentido, retomo a possível crítica feita a Roa Bastos, importante poeta e escritor paraguaio, sobre a leitura de Guido Alcalá ter se beneficiado de algumas concessões em diversos governos paraguaios, como o cargo (mesmo não aceito) de secretário da Embaixada do Paraguai em Buenos Aires, designado pelo presidente Morínigo em 1946<sup>441</sup>. Após essa nomeação, foi obrigado, no ano seguinte, a seguir a Buenos Aires como exilado devido à troca presidencial. Com efeito, após o seu retorno no governo de Stroessner é em um diário oficial, publicado em 1955, que Roa Bastos recebe a missão de ir à Europa para participar de grupos de expressões e movimentos artísticos e trazer novas ideias a Assunção, a partir de uma bolsa de estudos concedida por Stroessner e aceita pelo escritor<sup>442</sup>. Nos anos de 1970, após um intervalo de 15 anos, houve o exílio imputado por Stroessner à Bastos que, de acordo com a opinião de Alcalá, não foi devidamente explicado. Apesar da crítica de Alcalá, é importante frisar a contribuição literária de Roa Bastos, inclusive na publicação de livros criticando Stroessner, tanto em sua produção escrita quanto na formação literária de seu país, em especial sobre os anos de 1960-1980<sup>443</sup>. Além disso, o que infiro a partir da leitura das publicações de Alcalá é a possibilidade de debater sobre o modo como a história do tempo de Stroessner, que perpetuou tantas mazelas políticas, pode ser compreendida e contestada. Dessa forma, considerando a importância das produções literárias do país para a história paraguaia é comum que entre os escritores ocorram discussões, ocasionadas por interesses até mesmo políticos e por diferenças no fazer literário.

Assim, para Alcalá, a foto em que aparece ele e os demais escritores nos anos de 1960, segundo suas palavras, “[...] desmente a história, tantas vezes repetida, de que Roa partiu ao exílio em 1947 e

---

<sup>441</sup> *Diário Oficial*. Decreto 16.016, Ministério das Relações Exteriores, 20 de outubro de 1946.

<sup>442</sup> *Diário Oficial*. Decreto 10.162, Ministério das Relações Exteriores, 27 de janeiro de 1955.

<sup>443</sup> LIMA, *O intelectual exilado...*, op. cit.

não pôde voltar até 1989, já destituído Stroessner. Não é a única prova de que ele mentiu; na realidade, expulsaram-no do Paraguai em 1982, por razões desconhecidas, porque nunca teve uma militância política [tradução minha]”<sup>444</sup>. Não me parece que nesse caso a questão seja a militância, pois Guido Alcalá também afirma em entrevista que não era efetivamente um militante. O que ele salienta é o fato de Roa Bastos estar no Paraguai em um período em que ele estaria exilado, não por vontade própria. Não objetivo fazer um contraponto nesta pesquisa sobre as contribuições de ambos à escrita da literatura paraguaia; porém, o que parece haver é uma afirmação sobre um acontecimento que pode explicar ou sugerir informações sobre uma história/memória que está sendo escrita.

A partir da fala de Guido Alcalá, é possível afirmar que ele esteve com Roa Bastos e com outros escritores relevantes do período no Paraguai e até mesmo de outros lugares, como Mario Vargas Llosa. Dessa forma, há em Guido Alcalá um objetivo de escrever sobre isso, visto o que ele conheceu e o que entendia por “verdade” na história paraguaia naquele momento. José Vicente Peiró Barco, em sua tese sobre a literatura paraguaia, afirma que a partir de 1950 a literatura do país, cujo pioneirismo estaria em Augusto Roa Bastos, começou a florescer. Muitas das obras publicadas nos anos de 1950, inclusive do referido autor, teriam a situação social do homem paraguaio (muitas vezes campesino) como foco. Para Barco, Roa Bastos não teria sido exilado por questões políticas, mas culturais, artísticas, que o fizeram escolher outro lugar e aceitar a bolsa de estudos concedida por Stroessner. Não obstante, entendo que a trajetória de uma pessoa se modifica com o passar do tempo, inclusive sua percepção sobre o tempo e, nesse sentido, pode ser que Roa Bastos, mesmo tendo sido beneficiado por Stroessner ao receber a bolsa, como também escrito um poema à Stroessner, percebeu o quanto era ditatorial o seu caráter político e, por isso, na década de 1970, passou a escrever contra o presidente.

Cabe lembrar que a proximidade dos *revisionistas* junto ao governo paraguaio resultou em histórias oficiais repletas de marginalizações de outras ‘minorias’. A questão é que a aproximação de intelectuais, escritores ou historiadores, embora preocupadas com a

---

<sup>444</sup> No original: “desmiente la historia, tantas veces repetida, de que Roa partió al exilio en 1947 y no pudo volver hasta 1989, ya caído Stroessner. No es la única prueba de que ha mentido; en realidad, a él lo expulsaron del Paraguay en 1982, por razones desconocidas, porque nunca tuvo una militancia política.” ALCALÁ, *Sobre escritores no Paraguai* [mensagem pessoal]..., op. cit.

escrita da história no caso paraguaio, podem acarretar manipulações excessivas e de disputa da historiografia, tornando árdua a tarefa de análise. Há certamente uma proximidade do ambiente literário com a escrita da história paraguaia, tanto em sua crítica quanto em sua legitimação. A literatura de Guido Alcalá indica essas possibilidades de análise ao ser vista como uma literatura testemunhal. Considerando essas premissas, recordo que a história não é a senhora da razão, mas, de acordo com Fernando Catroga, a historiografia – exercício da história – existe também para evitar o esquecimento<sup>445</sup> e por isso pode ser disputada por intelectuais, até por estar estritamente ligada às diferentes noções de tempo de uma sociedade. Dessa forma, se o tempo é o principal motor da História, somente as percepções de como os sujeitos se enxergam temporalmente permite compreender a cultura histórica de determinada sociedade<sup>446</sup>.

O historiador, a partir da rememoração dos sujeitos, busca compreender como eles se constituem e como se dão a perceber em seus contextos. Nesse sentido, Jeanne Marie Gagnebin define a memória como um modo das sociedades se organizarem e se constituírem, processos marcados pelo ato de lembrar, da intensidade das lembranças e do que se escolhe para enfatizar ou esquecer. O ato de rememorar promove manipulações ou incentiva interesses que norteiam aquilo que permanece na narrativa, formando as ideias que constituem as identidades<sup>447</sup>, as histórias que conduzem um povo, a fim de que essas se movam de acordo com as premissas escolhidas. Perceber as múltiplas alternativas oferecidas pela memória é dar escapes, outros pontos de vista às histórias ditas oficiais ou nacionais. Considero que qualquer escritor é também um selecionador, que escolhe o que quer para afirmar o que deseja e, por esse viés, constitui-se por uma “dupla trama da palavra rememoradora e esquecida”<sup>448</sup>, questão determinante para os contos de Alcalá, analisados no próximo capítulo.

---

<sup>445</sup> CATROGA, op. cit., p. 54.

<sup>446</sup> LE GOFF, op. cit., p. 52.

<sup>447</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 3.

<sup>448</sup> *Ibidem*, p. 4-5.

#### 4 PARA ALÉM DA RESISTÊNCIA: MULHERES, GÊNERO, CORPOS SUBJUGADOS E O AUTORITARISMO DE ALFREDO STROESSNER

Fiz algo sim, mas me ocupei mais com a experiência da vida cotidiana. Não pude escrever tudo o que queria [tradução minha]<sup>449</sup>.

O cotidiano e a escrita podem ser tomados como acontecimentos e, de certo modo, relacionados, assim como as experiências individuais e coletivas devem ser observadas como intrinsecamente envolvidas. É entre um e outro, ou com base nesses aspectos, que a escrita do jornalista paraguaio Guido Alcalá, como ensaísta e contista, transpõe – e contrapõe – representações em seus contos e ensaios. Sua trajetória, permeada por diversos acontecimentos, torna a escrita outro acontecimento, sendo cada uma de suas obras marcada por seu espaço e tempo. A produção analisada nesta tese é posterior à experiência de Alcalá como estudante nos anos de 1960/1970, um dos períodos mais críticos do governo de Alfredo Stroessner (1954-1989), considerando as manifestações estudantis e de trabalhadores. As memórias ficcionalizadas de Alcalá desdobram-se na literatura publicada, como também nas entrevistas e nos ensaios, fontes essas tecidas com base em suas perplexidades diante de questões políticas/sociais, tanto nos anos de 1960, quanto nas publicações mais recentes, a partir de 2000. E o conjunto da narrativa de Guido Alcalá não é pouco! Tampouco é suficiente, como se pode pensar, baseando-se na epígrafe deste capítulo. Mesmo não escrevendo tudo o que gostaria, visto que o tempo de escrita é sempre outro e não há como esgotar todas as versões ou possibilidades sobre um determinado contexto, considero importante destacar a relevância e o caráter testemunhal de seu material como fonte e memória da ditadura de Stroessner. Diante disso, este capítulo objetiva trazer o modo como algumas mulheres e homens estão representados nos escritos de Alcalá, estes sempre envolvidos por enredos do período da ditadura militar de Stroessner. Fundamentada em tais contos, almejo colaborar com a História das Mulheres, de uma perspectiva de gênero. Portanto, minha análise baseia-se em apontamentos de gênero que não são direcionados por Guido Alcalá, mas pelo o que suas fontes permitem discutir.

---

<sup>449</sup> ALCALÁ, Guido. *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff e a Joana Maria Pedro (digital)*. Assunção, Paraguai, 19/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Isabel Cristina Hentz e Priscila Carboneri de Sena e revisada por Lorena Zomer, 2008.



Neste capítulo, acontecimentos do fim dos anos de 1950 até os anos de 1970 cruzam-se com as perspectivas de gênero e que podem ser pensadas com base nos contos “Hacerse hombre” e “Cartas no necesariamente escritas”, que integram o livro *Cuentos Decentes* (1987); “Investigación”, do livro *Curuzú Cadete: cuentos de hoy y ayer* (1990); “Buenos Aires” e “Gloria”, do livro *Cuentos* (1993) e do livro *Narciso* (2016). Depois do “cadete Benítez” e da “sindicalista”, personagens abordados no terceiro capítulo da tese, neste, ao trazer Tânia, Gloria, Bernardo Aranda, dentre outros personagens da literatura testemunhal de Alcalá, busco refletir como a ditadura fez uso de uma estrutura social calcada em machismos e em relações de gênero desiguais. Tais relações são sempre legitimadas e, de algum modo, justificadas; porém, é possível analisar a importância da representação das mulheres como militantes e questionadoras quanto às ações políticas de Stroessner e não somente como sujeitos passivos – conforme é possível encontrar, literariamente, nas narrativas de Alcalá.

Conforme analisado nos primeiros capítulos, as publicações de Alcalá começaram a ser lançadas a partir dos anos de 1960, tornando-se mais numerosas em meados de 1980 e de 1990, período de enfraquecimento do sistema ditatorial paraguaio de Alfredo Stroessner. Mais que isso, na medida em que a censura oscilava, como ocorreu no fim dos anos de 1950, entre 1960 e 1970, Alcalá encontrava espaços para atuar, criticando vários aspectos da história paraguaia, do trabalho de revisionistas, do cotidiano e de ‘seu’ mundo social/político paraguaio. Sua escrita persiste ainda em 2010, escrevendo sobre um dos casos mais conhecidos do período militar – o de Bernardo Aranda<sup>450</sup>, radialista popular morto e queimado em 1959. Sua morte simbolizou o início de uma perseguição da polícia stronista a homossexuais, prendendo 108 pessoas e tornando o número 108 um sinônimo pejorativo e representativo de homossexualidade no país. Essa foi a inspiração para Guido Alcalá escrever o livro *Narciso*, lançado em 2016, que traz um acontecimento tão complexo e repleto de versões, com graves consequências e que jamais foi devidamente esclarecido. Incluir uma publicação de 2016 – um novo acontecimento – é perceber como Alcalá persiste em sua escrita literária testemunhal, no que diz

---

<sup>450</sup> O caso Bernardo Aranda é o tema da dissertação de Clara Cuevas. Nessa, além da exploração do tema sobre homossexualidade no Paraguai naquele contexto, a historiadora demonstra como tal acontecimento ocasionou uma caça aos homossexuais. Ler: CUEVAS, Clara Eliana. *Corpos abjetos e amores malditos: homossexualidade, anonimato e violência institucional na ditadura stronista em Assunção, 1959*. 170 f. Dissertação (Mestrado) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Paraná, 2015.

respeito à ditadura de Stroessner, talvez suas inquietações ainda não tenham sido respondidas ou resolvidas.

#### 4.1 O acontecimento, a escrita e a urgência de discussões sobre gênero

Conforme ressaltado, o Paraguai conta com uma produção historiográfica que está caminhando ainda com passos tímidos, sobretudo no que diz respeito às reflexões acerca da ditadura de Stroessner. Sobre isso, o historiador e filósofo Ignacio Telesca também afirma que os setores de tecnologia são os maiores recebedores de incentivo de pesquisa no país<sup>451</sup>, observando ainda que a quase inexistência de uma carreira universitária na área de Humanas, ao menos até os anos de 2000, impediu pesquisadores de se dedicarem a essa área. Considerando essas ideias, Telesca reconhece que a produção literária produzida nessa e sobre essa época é um dos principais materiais existentes<sup>452</sup>.

A despeito da caminhada paraguaia na escrita de trabalhos acadêmicos sobre a ditadura de Stroessner ainda estar em curso e em processo de construção, como em outros países, principalmente do Cone Sul, o país dispõe de muitos materiais escritos e relatos alicerçados na memória, que é suporte da história. O que seria da história se não houvesse a memória? Portanto, a escrita e a trajetória de Guido Alcalá colaboram na compreensão da memória da ditadura militar paraguaia. O escritor conduz parte dessa literatura, desconstruindo alguns preceitos *revisionistas* – usando os termos paraguaios –, mostrando que não deseja que haja a continuidade de uma história ditatorial ou, até mesmo, de uma “cultura ditatorial”, como afirma no livro *Ideología Autoritaria*<sup>453</sup>.

Ao debater esses assuntos, é possível dizer que uma provável intenção de Alcalá seja criticar costumes e sentidos comuns na/da política paraguaia que, por sua vez, vinham solapando os interesses populares. De acordo com o cientista político Lúcio Rennó<sup>454</sup>, principalmente a educação, a tomada – ou a censura – dos meios de comunicação e o desempenho dos meios econômicos ofereceram um

---

<sup>451</sup> TELESCA, Ignacio. Escribir la historia en Paraguay. Modos y lugares de producción. *Papeles de trabajo*. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín, n. 6, Buenos Aires, ago. 2010, p. 1-14.

<sup>452</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>453</sup> ALCALÁ, Guido R. *Ideología Autoritaria*. Assunção: Servilibro, 2007, p. 8.

<sup>454</sup> RENNÓ JÚNIOR, Lúcio R. Teoria da Cultura política: vícios e virtudes. *BIB*. Rio de Janeiro, n. 45, 1º sem. 1998, p. 71.

contexto favorável para que grupos minoritários, porém privilegiados, disputassem o poder no país, desconsiderando a inserção política e democrática de uma maioria, assim como possibilitaram a legitimação da desigualdade social que, por seu turno, é estruturada a partir das complexas e nem sempre iguais relações de gênero.

Essas relações, muitas vezes, são marcadas a partir do comportamento de homens e mulheres e de como os seus corpos são diferenciados. Na concepção do historiador francês Georges Vigarello, o corpo não é só um espaço em que características sociais e culturais o condicionam; também é marcado pelo espaço geográfico que ocupa<sup>455</sup>. Além da ideia de que o corpo é um lócus de construção de diferenças e de características culturais, especialmente a partir dos anos de 1960, o que afirmo é que, em uma ditadura militar, as regras e as condutas direcionadas ao corpo não se tratam exclusivamente de descrição ou da não manifestação pública em vários sentidos, mas do próprio “desdobramento” do corpo, ou seja, o andar, gesticular, falar etc. O ideal militar estabelecia padrões culturais, de forma que os contos de Alcalá permitem pensar que, além de as mulheres sentirem o patriarcado mais do que o comum, a heterossexualidade é “chamada” e sublinhada em alguns acontecimentos.

Recordo que os contos foram escritos a partir de meados de 1970 e publicados no decorrer de 1980-1990. Nesse contexto, ao passo que as mulheres sofriam diversos tipos de abuso e de assédio, as discussões feministas já se faziam sentir na Europa e nos Estados Unidos. Entretanto, a conjuntura política paraguaia não permitia que tais discussões ganhassem um espaço significativo, obviamente, não sem resistência e luta por parte das mulheres. Alfredo Boccia Paz esclarece que, no fim dos anos de 1980, o número de publicações e debates sobre gênero havia crescido no Paraguai, grupos se formaram e passaram a difundir vários de seus preceitos; porém, ainda no ano de 1982, no *Segundo Congreso Nacional de Derechos Humanos*<sup>456</sup>, embora tenham questionado diversas ações opressoras, as violências sofridas por mulheres sequer foram citadas. É nesse período, segundo o autor, que as mulheres passam a ocupar lugares políticos e também na defesa pelos direitos humanos.

A reflexão sobre gênero proposta com base na leitura dos escritos de Alcalá tem como eixo as diferentes temporalidades que as

---

<sup>455</sup> SANT'ANA, Denise Bernuzzi. Entrevista “O corpo inscrito na história: imagens de um “arquivo vivo”. *Projeto História*, São Paulo, n. 21, nov. 2000, p. 225-226.

<sup>456</sup> PAZ, Alfredo Boccia. *Represión Política Y Género en la ditadura paraguaya*. In: PEDRO, Joana Maria e WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero...*, op. cit. p. 77.

mulheres paraguaias vivenciavam, os abusos constantes que sofriam e de como isso se relaciona com a história política paraguaia. Nessa direção, retomo a entrevista de Guido Alcalá, pautada em sua memória e reorganizada a partir de seu presente em 2008. O escritor, quando inquirido sobre a influência dos movimentos feministas no Paraguai no espaço universitário, faz referência ao conhecimento de pílulas na Universidade de Assunção ao fim dos anos de 1970 e início de 1980, conquanto afirme que não se falava muito sobre o assunto:

Eu não me lembro se era proibido, mas eu sei que todo mundo usava, claro. A Universidade Católica é exceção. Eu trabalhei na Universidade Católica por um tempo. Estava trabalhando com a Teologia da Libertação, depois uma reação, que houve um tempo, em que os zeladores estavam revistando as bolsas das mulheres [tradução minha]<sup>457</sup>.

Importante ressaltar que as pílulas anticoncepcionais representam uma das mais significativas conquistas na pauta das lutas feministas nos anos de 1970, já que davam às mulheres o controle sobre a gravidez, permitindo que se discutisse, mesmo que vagorosamente, a autonomia de seus corpos, como também a ideia naturalizada de *ser mãe*. A citação de Alcalá revela que aquelas mulheres, frequentadoras de uma universidade particular e, provavelmente, tendo acesso a esse tipo de medicamento, ainda sofriam certa coerção contrária ao uso contraceptivo, o que me permite inferir que muitas mulheres provavelmente sofriam o mesmo, porém talvez sem ao menos ter acesso às pílulas ou quem as defendesse. Essa situação demonstra aspectos da resistência da sociedade e as lutas/conquistas das mulheres naquele contexto. Não necessariamente era uma preocupação de Alcalá no período, visto que é inquirido sobre o assunto durante a entrevista e a resposta é negativa. No entanto, percebo que eram situações-limite ou problemáticas que ocorriam no cotidiano e, ao presenciar/saber de tais acontecimentos, Guido Alcalá, mesmo em um universo substancialmente patriarcal/machista, a ponto de se justificar a revista em bolsas das mulheres, oferece em sua literatura possibilidades de análise da ditadura militar de Stroessner interseccionando as relações de gênero. Alfredo Boccia Paz afirma o reforço do discurso machista no período militar, lembrando que os lugares ideais das mulheres seriam o privado (em casa) e, sobretudo, o de mãe<sup>458</sup>. Ideias tais que reforçam a

<sup>457</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>458</sup> PAZ, Alfredo Boccia. *Represión Política Y Género en la ditadura paraguaya*. In: PEDRO, Joana Maria e WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero...*, op. cit. p. 75-76.

compreensão da historiadora Heleieth Saffioti sobre o patriarcado, segundo a qual este reforça a falta de direitos civis, a dominação sexual, a hierarquia baseada tanto em princípios econômicos, quanto políticos e tem o corpo também marcado pelas diferenças<sup>459</sup>. Assim, mesmo se considero um avanço que algumas mulheres tiveram o direito de ir à faculdade, também reforço de forma alguma uma cultura machista e reforçada por suas instituições políticas permitiria que o ‘uso’ de pílulas fosse disseminado. Ainda sobre o contexto, o assédio sexual e o estupro não eram considerados crimes, apenas considerados delitos contra a honra e os bons costumes. Tal perspectiva apenas se modifica em uma lei do ano de 1995<sup>460</sup>.

A mudança é decorrente dos inúmeros estupros e assédios ocorridos ao longo do século XX, que passaram a reconhecer o corpo das mulheres como um espaço dotado de sensibilidade. Em hipótese alguma almejo fazer a sugestão de que tais práticas não ocorriam antes, pois considero que a violência contra as mulheres e o cerceamento direcionado a elas é antigo, comum e muitas vezes ‘naturalizado’. Todavia, é no século XX que as minorias em todo o mundo, particularizadas entre as divisões de colonizadores e colonizados, de Hemisfério Sul e Norte, negras e brancas, ricas e pobres, entre tantas interseccionalidades<sup>461</sup>, tiveram os seus espaços reconhecidos para que suas vozes fossem ouvidas; vozes marcadas muitas vezes por conflitos e tensões, como as ditaduras, as guerras – Guerra Fria, Guerras Mundiais, conflitos árabes – e ainda todo o patriarcado que impera nos contextos mais variados. Considerando as tantas raças, etnias, classes e orientações sexuais, muitas mulheres e homens passaram a lutar por seus direitos, não esquecendo suas identidades e as características que atravessam culturas e tradições.

O século XX presenciou a conquista de muitas mulheres – e homens – na luta por seus direitos. Lutas que foram acentuadas a partir dos movimentos de contracultura dos anos de 1960 e dos feminismos

---

<sup>459</sup> SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p.58.

<sup>460</sup> PAZ, Alfredo Boccia. *Represión Política Y Género en la ditadura paraguaya*. In: PEDRO, Joana Maria e WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero...*, op. cit. p. 79.

<sup>461</sup> Pesquisas feministas têm se desenvolvido desde os anos de 1970 sobre esse termo, que se debruça sobre os aspectos sociais, de classe, entre outros, a fim de perceber as diferentes demandas de grupos de mulheres. Porém, longe de diminuir a complexidade entre as diferentes identidades e, consequentemente, das necessidades dos diferentes grupos, considero importante mencionar a seguinte leitura que traz várias possibilidades sobre o assunto: HIRATA, Helena. *Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, 2014. v. 26, n. 1, p. 61-73.

dos anos de 1970<sup>462</sup>. Sobre esse contexto, é crucial compreender em que medida os corpos são divididos entre inferiores e superiores, entre fracos e fortes, pois foi a partir dessa perspectiva que muitos aspectos das relações de gênero foram definidos. O modo como os corpos são tratados e como as maneiras de agir são naturalizadas é o que o historiador deve procurar, para perceber como contextos históricos justificam e legitimam diferenças de gênero. Esse ponto é analisado neste capítulo, contudo ressalto, com base nas ideias da filósofa Judith Butler, a importância de pensar o gênero não apenas como as diferenças culturais que se dão no ‘sexo’, mas um ‘espaço’ em que características culturais estabelecem o que são os ‘sexos’<sup>463</sup>.

A ditadura de Alfredo Stroessner perpetuava determinadas características, fundamentada na premissa de que a situação política e social do país o favorecia – no sentido de que permitia e possibilitava a continuidade do seu governo caso mantivesse (e acentuasse) as diferenças sociais e de gênero no Paraguai. Para refletir sobre isso, retomo alguns contos que colaboram no entendimento de que a negação a tais direitos e a falta de consciência histórica podem ser literariamente percebidas. Além disso, é possível intuir como os sujeitos praticam as violências diárias e em que medida tais práticas no mundo social ocupado por eles permitem a continuidade desses comportamentos, acarretando sérios problemas sociais e de desigualdade de gênero. Casos reais ou não fazem parte da representação do cotidiano paraguaio no período da ditadura de Stroessner, da mesma forma que afetam os contextos paraguaios mais variados. Afirmo isso ao considerar que o Paraguai ainda não promulgou lei alguma que defenda aqueles que são vítimas de algum tipo de preconceito acerca de sua identidade de gênero ou orientação sexual, assim como não há leis que punam os estupros e os assédios de forma efetiva; em outras palavras, muitos desses crimes, além de naturalizados ficam impunes.

A escrita de Alcalá concentra-se no contexto de 1950-1970, assim como dimensiona o próprio tempo, tornando sua literatura também um acontecimento. Além disso, a história não é nem de longe um processo contínuo, antes é marcado por diferentes temporalidades e grupos sociais que só em um olhar repleto de alteridade podem se compreender. Também os governos ditatoriais, como o de Stroessner, apenas amplificam a distância da ideia de direitos iguais e a conquista

<sup>462</sup> PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 299.

<sup>463</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

desse, uma vez que paralisam manifestações e questionamentos acerca do “ser” de todos, como também impõem formas de comportamento a serem seguidas. Georges Vigarello afirma que é necessário mostrar as distâncias das representações sobre o corpo, por exemplo, àquelas dos indivíduos do passado<sup>464</sup>. E essa experiência é a mesma que sofre um etnólogo quando encontra com o seu objeto de pesquisa e é surpreendido pela alteridade. Assim, cada historiador deve se posicionar a fim de compreender a relação que as diferentes situações podem oferecer e instigar ao debate, com o intuito de proporcionar uma escrita crítica do contexto social. Vigarello ainda explica que a História, como ciência, permite que se questione a *originalidade* de seu tempo<sup>465</sup>.

A produção de Alcalá colabora com a escrita da história da ditadura de Stroessner, uma presença que representa o coletivo. Mas, entre sua experiência/trajetória e a sua escrita há um processo que resulta em histórias, memórias, sentidos diversos, os quais estão estreitamente ligados aos acontecimentos decorrentes das ações ditatoriais stronistas. Compreender a escrita de Alcalá, tratá-la como acontecimento de “ontem” e de “hoje”, é permitir que a memória de tantos encontre um lugar na diversidade de histórias de um país. O livro *Narciso* demonstra que a memória da ditadura ainda precisa ser retomada e que o cotidiano está repleto de atos ditatoriais e sexistas. Discutir gênero ainda é uma urgência no Paraguai (e no mundo).

Portanto, levando-se em conta a trajetória de Alcalá e sua atuação como alguém preocupado, além de buscar o seu espaço no debate intelectual, com a história e o rumo de seu país, assim como com a injustiça, a opressão e a violência que assombram as relações de gênero, este capítulo objetiva analisar os contos de Alcalá citados, que fazem referência ao contexto do fim dos anos de 1950 a meados dos anos de 1970, quando Stroessner lançou diversas ações para se manter no poder, incluindo medidas que acirraram relações desiguais de gênero. Essa perspectiva de análise pauta-se na ideia de que a escrita não é simplesmente um conjunto de palavras e frases estruturado com base em regras estético-literárias e/ou gramaticais. Mais que isso, adquire significados sociais, políticos e culturais, possibilitando sentidos múltiplos à história.

---

<sup>464</sup> SANT'ANA, op. cit., p. 226.

<sup>465</sup> *Ibidem*, p. 229-221.

## 4.2 Militância e censura: fim dos anos de 1950 e os mais longos trinta anos da “ditadura democrática”

Havia também, nessa época, de 1950-1960, mas a época de prosperidade econômica por todo o mundo, que chegava ao Paraguai. Em primeiro lugar estava o exército; em segundo, o Partido Colorado [tradução minha]<sup>466</sup>.

A citação no início da seção diz respeito a um crescimento econômico vivido pelo Paraguai no período mencionado, e, mesmo com problemas administrativos, as medidas tomadas por Stroessner permitiram que seu governo se legitimasse por mais trinta anos. O Paraguai vivenciou muitos governos autoritários; a situação na América Latina nos anos de 1950 também não era muito diferente: diversos países presenciavam um período instável, com governos apresentando-se ora autoritários, ora democráticos, como é o caso do Brasil, por exemplo. Já a Argentina iniciaria em 1955 mais uma ditadura<sup>467</sup> e, por isso, apesar da perplexidade ou mesmo da contestação de alguns dos países próximos, não houve enfrentamento ou resistência por parte de outros. Logo, o que ocorria, segundo o historiador Enrique Padrós, é que justamente nesse período houve também no Cone Sul fortes movimentos de direita que, em sua maioria, resultaram em golpes de estado ou governos intervencionistas.

Enrique Padrós cita a Revolução Boliviana<sup>468</sup> (1952) e uma guinada à direita com apoio dos Estados Unidos na Guatemala (Jacob Arbenz, 1954), cujo governo vinha fazendo reformas sociais em prol da igualdade. Além disso, como afirmado anteriormente, Juan Domingo Perón, na Argentina (1955), foi destituído do poder tal como Getúlio Vargas, no Brasil, em 1954, que, após um agosto instável saiu da política e da vida. O Brasil entraria em uma ditadura militar uma década depois. O que entendo com base na ideia de Padrós é que não importava muito o tipo de golpe ou mesmo se essas ocorrências na América Latina seriam efetivamente classificadas como golpes, desde que fossem ‘de

<sup>466</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>467</sup> A bibliografia sobre as ditaduras argentinas, em especial a que se inicia a partir de 1973, é imensa. Porém, pensando em obras que colaborem no entendimento do contexto sugiro os dois volumes de: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise (orgs.). *História e memória das ditaduras do século XX*. Volume I e II. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

<sup>468</sup> Sobre a Revolução Boliviana ver: MOTA, Adir de Almeida. *Reforma Agrária e a Revolução Boliviana de 1952: História e Historiografia*. In: *Anais Eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC*. São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://anphlac.flch.usp.br/sites/anphlac.flch.usp.br/files/adir\\_mota2012.pdf](http://anphlac.flch.usp.br/sites/anphlac.flch.usp.br/files/adir_mota2012.pdf)>. Acesso em 08 fev 2017.



direita' e que se defendesse o interesse norte-americano no que tange à Guerra Fria, que, por sua vez, já ensaiava o seu período mais crítico. Nesse caso, importa considerar a influência, em especial, dos Estados Unidos, ou do Macartismo<sup>469</sup>, apontado como um projeto político desenvolvido por aquele país, sob a égide da disputa da Guerra Fria e do mundo Ocidental Pós-Segunda Guerra<sup>470</sup>, responsável pela instauração e incentivo de governos de direita ou mais conservadores. Os Estados Unidos certamente foram responsáveis pela efetivação de várias ditaduras na América, como também de guerras na Ásia (Vietnã e Coreia do Sul/Norte).

Nesse momento, a ditadura militar iniciada pelo General Alfredo Stroessner era apenas mais uma no contexto do Cone Sul, algo que reforçava os interesses políticos de vários países que também promoviam o mesmo ou de outros, como os Estados Unidos, que garantiam seus interesses em terras latino-americanas. Prova disso é o pacto assinado dias depois com os representantes do Comando Estratégico no Caribe, sob os olhares de representantes dos Estados Unidos, em Lima<sup>471</sup>, com o apoio da embaixada dos Estados Unidos e do Brasil. Sobre isso, de acordo com Miguel López, o pacto tinha como objetivo criar estratégias de combate aos ideais comunistas<sup>472</sup>, no contexto da Guerra Fria e da ditadura no Brasil – que passou a ser organizada já nos anos de 1950, ainda que adiada com a morte de Getúlio Vargas, em 1954.

Mesmo com todo esse clima favorável à manutenção de uma ditadura militar, Stroessner tinha a preocupação de estabelecer uma fachada democrática durante o seu governo, o que difere dos demais

---

<sup>469</sup> O senador Joseph McCarthy lançou ao fim dos anos de 1940/1950 um conjunto de medidas a fim de encontrar, perceber e destruir qualquer tentativa/ideia comunista que existisse nos Estados Unidos. Medidas que seriam seguidas por vários países, cuja influência viesse daquele outro. Nas áreas culturais, nas mídias ou em qualquer setor do cotidiano a população era cerceada, inquirida e até mesmo presa ou morta. Para mais informações ler o artigo escrito pela historiadora Carla Simone Rodeghero, que traz boas referências em sua análise sobre o Macartismo. Ver: RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira História*. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 463-488. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200010/](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200010/)>. Acesso em 03 fev 2017.

<sup>470</sup> PADRÓS, Enrique. O Paraguai de Stroessner no Cone Sul da Segurança Nacional. In: Anais do IX Encontro Estadual de História. Seção Rio Grande do Sul ANPUH – RS, 2008, p. 1.

<sup>471</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>472</sup> LÓPEZ, Miguel H. Stroessner e Eu: a cumplicidade social com a ditadura (1954-1989). In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samanta (orgs.). *A Construção Social dos Regimes Autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010. v. 1. p. 437-470.

países vizinhos, os quais, por meio de diversas instituições e falas, assumiram um caráter mais autoritário já que não promoveram eleições (nem fraudulentas, como fez Stroessner) ou mantiveram partidos de oposição. Ainda assim, muito embora fosse preocupado em manter uma democracia de fachada, ao fim da década de 1950, Stroessner fechou o Congresso e iniciou uma das fases em que a censura era fortemente incentivada. Tal ato estava ligado às ações de grupos de resistência, tais como: *Movimiento Popular Colorado*, um setor do próprio partido de Stroessner descontente com seus atos; a Frente Unida de Libertação Nacional (FULNA) e o Movimento 14 de maio<sup>473</sup>, além do movimento operário e o Movimento de 14 de maio.

Conforme Anibal Miranda, a partir dos atos do Movimento Popular do Colorado (MOPOCO), Stroessner passou a vigiar de modo bastante discreto, apoiado pela sua polícia oficial<sup>474</sup> e pela ação de *pyraques*, todos os que levantavam suspeitas, tanto direta – quando alguém fazia uma denúncia ou críticas indiretas ao governo em exercício – quanto indiretamente, por exemplo, manifestantes das ruas, das organizações e das universidades. Essas estratégias se deram em meios civis, se ao menos considero a ação de *pyraques* e militares, apelando para as medidas de segurança instituídas pelo Ministério do Interior e sob a responsabilidade da Dirección de Asuntos Técnicos<sup>475</sup>. Com essas medidas, o que teria ocorrido, de acordo com Anibal Miranda, é a suspensão, a exoneração e até mesmo a perseguição de vários dos integrantes do MOPOCO. Miranda resume a situação da seguinte forma: “Aprofundaram-se as divisões partidárias e ideológicas, mas, no meio delas, os Colorados que foram deslocados se mostraram obcecados [com a conspiração]. Destituídos de seus cargos, humilhados e exilados, não tinham outra opção mais que a conspiração [tradução minha]”<sup>476</sup>. Muitos exilados, apoiado pelos colorados residentes em Assunção, nas palavras do autor, objetivavam a derrubada de Stroessner:

---

<sup>473</sup> Tanto a FULNA quanto o Movimento 14 de maio foram fundados ao fim de 1959, sendo o primeiro comunista e o segundo de origem mais febrerista, uma dissidência do Partido Colorado. RIVAROLA, Milda. *La resistencia armada al stronismo*. Assunção: El Lector, 2014, p. 15.

<sup>474</sup> MIRANDA, Anibal. *Dossier Paraguay: los dueños de las grandes fortunas*. Assunção: Ar. Impresiones, 2000. Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/856\\_anibal\\_miranda/13984\\_dossier\\_paraguay\\_los\\_duenos\\_d\\_e\\_grandes\\_fortunasobra\\_de\\_anibal\\_miranda.html/](http://www.portalguarani.com/856_anibal_miranda/13984_dossier_paraguay_los_duenos_d_e_grandes_fortunasobra_de_anibal_miranda.html/)>. Acesso em 10 jan 2017.

<sup>475</sup> LEWIS, Paul. H. *Paraguay bajo Stroessner*. México: Fondo Cultura Económica, 1986.

<sup>476</sup> No original: “Se profundizaron las divisiones partidárias e ideológicas pero en medio de ellas, los Colorados desplazados se mostraron obcecados. Defenestrados de sus cargos, humillados y desterrados, no tenían otra opción más que la conspiración.” MIRANDA, op. cit.

Uma das canhoneiras, o Humaitá, devia posicionar-se na baía de Assunção e dali bombardear o Palácio do Governo com Stroessner dentro. O apoio por terra viria desde a Cavalaria, onde estariam atentas e preparadas as tropas. E tanto unidades próximas à Marinha e à Polícia tomariam pontos estratégicos da cidade. A operação acabaria em poucas horas com qualquer intento de reagrupamento, uma vez que Stroessner seria morto ou preso [tradução minha]<sup>477</sup>.

A citação demonstra a estratégia de como esses integrantes do MOPOCO tomariam o poder, quer dizer, de que forma dariam um golpe em Stroessner dentro dos interesses do próprio Colorado. Entretanto, denúncias chegaram aos ouvidos do presidente, que imediatamente prendeu vários deles, inclusive Rigoberto Caballero, descendente de Bernardino Caballero. Tal feito contradiz a reverência que Stroessner destinava a Bernardino Caballero, tomado como herói. Aliás, a mitificação dos heróis nacionais, como José Gaspar Francia, Solano López e Bernardino Caballero, foi uma das bases de sustentação do seu governo, como visto no segundo capítulo. MOPOCO fazia parte do Partido Colorado, o partido de Stroessner, demonstrando que este estava longe de ser homogêneo; pelo contrário, apresentava contradições em seu interior.

Esses movimentos de resistência demonstram que, apesar de toda arbitrariedade e dos mecanismos de censura e de perseguição lançados por Stroessner, o povo não se manteve passível diante do que lhe foi imposto. Movimentos como o MOPOCO, Tupanamos (uruguaio, mas citado por Alcalá), que, de alguma forma, aparecem, ou nos contos, ou na historiografia, mostram-nos a importância das resistências, mesmo que cerceadas e, por vezes, caladas. Essas revelam que houve contestação, mas, ainda, que todo ato de resistência, independentemente de sua efetividade, em longo prazo tem vitórias.

#### 4.3 Movimentos de resistência, ação de mulheres e os corpos punidos

Guido Alcalá escreveu o conto “Investigación” no qual traz em seu enredo o movimento de MOPOCO. No texto, o narrador observa a

---

<sup>477</sup> No original: “Uno de los cañoneros, el Humaitá, debía apostarse en la bahía de Asunción y desde allí bombardear el Palacio de Gobierno con Stroessner dentro. El apoyo por tierra vendría desde la Caballería, donde estarían acuarteladas y prestas las tropas. E tanto unidades cercanas de la Marina y la Policía tomarían puntos estratégicos de la ciudad. La operación acabaría en pocas horas con cualquier intento de reagrupamiento, una vez que Stroessner fuera muerto o apresado.” Idem.

investigação da polícia ao vigiar um consultório médico, cujo responsável pelo estabelecimento sempre saía com uma valise que aparentava estar muito carregada. Provavelmente, segundo quem o vigiava, o portador da valise deveria ser o responsável pelo transporte de materiais considerados como “subversivos” por Stroessner, como fica evidente no seguinte trecho:

Em quatro meses de observação, Nunéz havia aprendido o tamanho exato da mala e podia notar qualquer variação no tamanho da carga. Panfletos? Era muito provável; ele havia escutado parte de uma conversação relativa ao possível funcionamento de uma imprensa clandestina no consultório de Barrios. “Parecem panfletos”, anotou [tradução minha]<sup>478</sup>.

O narrador descreve<sup>479</sup> Nunéz como alguém que afirma não se importar em ser apontado como um *pyrague*, visto que garçons e garçonetes de uma cafeteria em frente ao consultório já haviam percebido seu interesse no estabelecimento, devido à sua constante presença e aos olhares voltados para o local. Tal ideia demonstra como era comum a ação de *pyragues*, fazendo parte do cotidiano paraguaio. Na narrativa, Nunéz havia chegado a esse consultório ao conversar com uma vizinha, a qual comentou em ‘tom de fofoca’, de acordo com o narrador, que Sofia Benítez era a enfermeira do doutor Barrios e poderia ser também a responsável pela distribuição discreta dos panfletos, afinal “[...] que melhor lugar para distribuir panfletos que um consultório? [tradução minha]”<sup>480</sup>. O que se segue é um relatório sobre a relação de Sofia Benítez com o médico e o MOPOCO, dado que Barrios era um antigo filiado ao Colorado e já havia sido preso por ser um *agitador político* alguns anos antes da investigação em questão. Além disso, Sofia Benítez tinha um irmão residente na Argentina, cujo país era a base do MOPOCO,, segundo a historiografia, lugar onde muitos estavam exilados. A personagem central da narrativa em questão, Sofia Benítez, ainda mantinha relações amistosas com participantes do

<sup>478</sup> No original: “En cuatro meses de observación, Nunéz había aprendido el tamaño exacto de la valija y podía notar cualquier variación en el tamaño de la carga. ¿Panfletos? Era muy posible; él había escuchado parte de una conversación relativa al posible funcionamiento de una imprenta clandestina en el consultorio de Barrios. “Parece panfletos”, anotó.” ALCALÁ, Guido R. Investigación. In: \_\_\_\_\_. *Curuzú Cadete: cuentos de ayer y de hoy*. Assunção: RP Ediciones, 1990, p. 101.

<sup>479</sup> Optei pelo uso do tempo verbal de acordo com a escrita e a temporalidade dos contos.

<sup>480</sup> No original: “[...] qué mejor lugar para repartir panfletos que un consultorio.” *Ibidem*, p. 102.

movimento e também era *febrerista*. Sobre esse aspecto, é possivelmente uma referência ao movimento do Partido Febrerista que, juntamente ao Liberal, eram considerados uma oposição mais moderada e foram perseguidos e exilados após o ano de 1948<sup>481</sup>.

Sobre o fim dos anos de 1950, Enrique Padrós salienta a importância da fundação do MOPOCO não apenas pela contestação que havia no interior do Partido Colorado, partido de Stroessner, mas sobretudo pela situação da economia naquele momento, marcada pela inflação, sem boas perspectivas sociais e já convivendo com a repressão nas ruas<sup>482</sup>. O estado de sítio, o Congresso fechado e a Revolução Cubana contribuíram para a ideia de que resistências e mudanças eram possíveis. Além disso, havia grupos de resistência no país. Assim como as colunas Yororó e Mariscal López, o grupo FULNA foi fundado em 1959-1960 e era de origem comunista, contando com a participação de estudantes, de operários e de camponeses, estendendo sua atuação até 1970<sup>483</sup>. De acordo com a socióloga Milda Rivarola, em 1959<sup>484</sup>, o movimento comunista dispunha de algumas dezenas de militantes e, tal como o Movimento do 14 de maio, cuja influência era febrerista/liberal – com 250 militantes –, participou de várias resistências e sofreu perseguições. Segundo Milda Rivarola, nos dados da Comissão da Verdade e da Justiça, constam cerca de 130 guerrilheiros, incluindo três mulheres<sup>485</sup>. Assim sendo, como esses grupos agiam desde o exílio ou na clandestinidade, eram também perseguidos, vigiados e, muitas vezes, reprimidos, sem que seus dados fossem divulgados oficialmente, uma vez que o governo não desejava que esse tipo de informação fosse registrada. Padrós ressalta que esses grupos, apesar de terem “inimigos” em comum, não conseguiram buscar ou formar um grupo dedicado a um projeto comum<sup>486</sup>, que pensasse efetivamente em resolver o principal obstáculo contrário a uma organização mais democrática no país: Alfredo Stroessner. Porém, considero que toda resistência é válida, mesmo que apenas em longo prazo e com vários desdobramentos consiga vencer.

Perto do fim de 1950 e no início de 1960, Stroessner teve o seu governo combatido e questionado por diversos fatores e é igualmente nesse contexto que ele encontrou meios de se fortalecer e de se manter

---

<sup>481</sup> LÓPEZ, op. cit., *passim*.

<sup>482</sup> PADRÓS, op. cit., p. 3.

<sup>483</sup> RIVAROLA, Milda. *La resistencia armada al stonismo*. Assunção: El Lector, 2014, p. 16.

<sup>484</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>485</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>486</sup> PADRÓS, op. cit., p. 3.

no poder por mais trinta anos. Além das medidas políticas, a construção da Hidrelétrica de Itaipu transferiu ao governo paraguaio muito dinheiro, contribuindo para que ele estabelecesse uma rede de corrupção e conquistasse apoio de outros setores, sobretudo porque a maior parte da estrutura desse empreendimento encontrava-se em território paraguaio, recebendo, desse modo, altos subsídios da Argentina e, em especial, do Brasil, motivo pelo qual o governo de Stroessner não enfrentou problemas de ordem financeira no período em questão. Foi nesse contexto que uma pequena classe média, em Assunção, passou a se destacar, utilizando a escrita nos mais diversos meios de circulação, como os jornais (inclusive estudantis) e até mesmo nas rádios, para debater e denunciar muitas das atrocidades e abusos de poder vigentes naquele período, embora a resistência sempre tenha existido dessa e/ou de outras formas no governo de Stroessner, em maior ou menor intensidade, como venho afirmando neste capítulo. No entanto, seria somente na década de 1970 que o governo Stroessner veria seus primeiros sinais de enfraquecimento, sendo também nesse período que Alcalá começaria a escrever com mais regularidade, provavelmente por dois motivos: por sua trajetória (por já ter sido preso e, de certa forma, reprimido diretamente por ações do governo Stroessner) e pelo fortalecimento dos movimentos de resistência (com a finalização de Itaipu, o dinheiro deixou de ser tão abundante, enfraquecendo, então, os laços clientelistas e paternalistas de Stroessner).

Portanto, a perseguição e a censura sofridas pela maioria dos movimentos de resistência citados anteriormente foram expressivas, tendo sido extintos ou calados por muito tempo. Apenas em meados de 1970, durante o mandato de Carter como presidente dos Estados Unidos, que mantinha uma postura favorável aos Direitos Humanos<sup>487</sup>, Stroessner viu-se enfrentando novamente grupos de resistência como a *Organización Primero de Marzo* (OPM)<sup>488</sup> e, dessa vez, sob olhares mais atentos do exterior, motivados por pressões internacionais e organizações em prol do Direitos Humanos, que começaram a questionar atitudes vistas como arbitrarias. Ou seja, estratégias que silenciaram muitos – obviamente não todos – por tantos anos já não

---

<sup>487</sup> Ibidem, p. 5. Sobre Direitos Humanos no Paraguai ver também: SILVA, Tamy Amorim. *Memórias sobre uma dama valente: Carmen de Lara Castro e a ditadura stronista (1967-1989)*. (2016). Dissertação (Mestrado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2016.

<sup>488</sup> Para o médico Alfredo Boccia Paz, a OPM foi a organização de resistência mais importante que surgiu depois da FULNA e do Movimento de 14 de maio, pelo o seu tamanho e pelas conquistas em meados de 1970 e início de 1980. PAZ, Alfredo Boccia. *La década inconclusiva: la historia real de la OPM*. Assunção: El Lector, 1997, p. 3.

eram tão eficazes a partir de meados de 1970. É importante lembrar também que é nesse período que as ditaduras militares do Cone Sul começaram a enfraquecer.

A estrutura do conto “Cartas no necessariamente escritas” é bastante diferente, visto que nele encontram-se 22 cartas escritas por uma estudante (pesquisadora) de mestrado, a qual, nesta tese, será chamada apenas de “pesquisadora”. As cartas são direcionadas aos seus pais, seu professor orientador, como também a uma amiga e a um possível namorado. A respeito do recurso utilizado por Guido Alcalá, o gênero *carta*, a escritora Ana Cristina Cesar afirma que aquele que o faz não tem como intenções um valor estético, uma preocupação literária, mas uma necessidade de comunicação, de alerta, de evocação<sup>489</sup>. Entendo, desse modo, que, ao escolher escrever um conto que incorpora o gênero carta, o narrador convoca-me a refletir sobre o apoio e a interferência dos Estados Unidos em assuntos paraguaios, já que no citado gênero, de acordo com Ana Cristina Cesar, há um desejo do narrador para mobilizar algo<sup>490</sup>. “A pesquisadora”, personagem central, ao ter vários destinatários, como sua família, conhecidos, amigas, namorado, demonstra a convivência de vários setores da sociedade acerca do contexto paraguaio exposto.

A ‘pesquisadora’ inicia suas cartas escrevendo a seus pais para avisar que a movimentação dos Tupamaros<sup>491</sup> era no Uruguai. Dessa forma, o narrador demonstra que nesse período eram diversas as contestações no Cone Sul. Porém, isso não acontecia em Assunção como a “pesquisadora” afirma aos pais, ao mesmo tempo em que descreve aspectos do que seria o seu cotidiano no Paraguai:

É lá onde os Tupamaros andam jogando bombas e sequestrando oficiais do governo; aqui a situação política é tranquila e não deve mudar por muito tempo. Tem um governo forte, mas moderado; o que um amigo da Embaixada chama de um bom ditador [...] Os políticos da oposição parecem mais abertos; os do governo – especialmente quando são funcionários – temem responder

<sup>489</sup> CESAR, Ana Cristina. Crítica e tradução. São Paulo: Ática, 1999, p. 259.

<sup>490</sup> Idem.

<sup>491</sup> O Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros formou-se no Uruguai durante a ditadura deste país nos anos de 1960-1970 e por meio de diversas ações político/sociais manteve-se atuante na resistência. Posteriormente tornou-se um dos maiores partidos do país, elegeu um presidente, José Alberto Mujica Cordano, e mantém-se após este no poder. CABRAL, José Pedro Cabrera. Trajetória do Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros –, 1962-1973: algumas questões de identidade e poder. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXIII, n. 2, p. 156-171, dezembro, 2007.

minhas perguntas; temem comprometer sua posição com uma resposta indiscreta [tradução minha]<sup>492</sup>.

Na perspectiva da personagem, o que predomina é o Paraguai pacífico, ignorando a importância de quaisquer movimentos sindicais ou mesmo de estudantes que ocorriam em seu tempo. A ‘pesquisadora’<sup>493</sup>, nesse momento, é apresentada pelo narrador como alienada, incapaz de perceber uma realidade tão brutal, visto que é paradoxal pensar que a personagem ‘pesquisadora’, cujo objeto de análise é a trajetória política do país, considera a possibilidade de existirem ditadores “bons”. A postura do narrador em apontar nessa personagem características tão comuns às mulheres, como confusas, loucas e histéricas é recorrente se recordo as tantas representações que nós, mulheres, temos na literatura. Considero ainda importante que a ‘pesquisadora’ tem uma voz, estabelece diálogos e, diferentemente do esperado (especialmente das mulheres paraguaias no caso em foco), busca ganhar espaço em sua profissão com uma liberdade, desconhecida por muitas. Porém, se associa a personagem ao seu país de origem, faz sentido a manipulação que ambos os países – Paraguai e Estados Unidos – fazem para justificar o governo autoritário paraguaio. Do mesmo modo, é evidenciada na carta da ‘pesquisadora’ aos seus pais a existência de grupos de contestação (ainda assim, sem prejuízo à caracterização pacífica do país), bem como se menciona a presença e a censura de vários colorados como sendo funcionários do governo Stroessner – prática deste para manter-se no poder – o que traz uma ideia de resistência e de coerção presentes em toda a ditadura de Stroessner. O último aspecto citado permite notar as práticas mais comuns de Stroessner para aumentar e conservar o seu contingente de apoio: a manutenção de cargos e a filiação obrigatória ao Colorado. Sobre a oposição e a configuração partidária no país, seu tema maior de análise, a “pesquisadora” afirma o seguinte:

A vida política tem se modificado muito nos últimos anos, os partidos de oposição estão representados no Parlamento e têm seus próprios periódicos. A oposição se queixa de que

---

<sup>492</sup> No original: “Es allá donde los tupamaros andan arrojando bombas y secuestrando oficiales del gobierno; aquí la situación política es tranquila y no puede cambiar por mucho tiempo. Tienen un gobierno fuerte pero moderado; lo que un amigo de la Embajada llama un *nice dictator* [...] Los políticos de la oposición parecen más abiertos; los del gobierno – especialmente cuando son funcionarios – temen contestar mis preguntas; temen comprometer su posición con una respuesta indiscreta”. ALCALÁ, *Cuentos decentes*, p. 98.

<sup>493</sup> Nos contos, a pesquisadora nomeia a quem se endereçam as cartas, mas, em momento algum a mesma é nomeada.



eles não têm pleno acesso aos meios de comunicação e que o partido do governo dispõe de fundos públicos para sua campanha política; também falam de abuso policial. Não pude verificar até o momento; tampouco me surpreenderia, dado o grau de desenvolvimento político do país. Mas penso que as intenções de Stroessner são sinceras; não duvidamos que ele decidiu celebrar eleições presidenciais no Paraguai, algo que não se fazia desde 1932. A oposição todavia se mostra relutante a participar do diálogo político, sem dúvida, penso que terminará o fazendo, e que, se continuar esse processo, o Paraguai entrará em uma etapa de modernização política [tradução minha]<sup>494</sup>.

A citação permite-me entender que a narradora/<sup>7</sup>pesquisadora<sup>7</sup> sugere a importância de se compreender a trajetória política do país que, por sua vez, permitiria uma consciência histórica e a reprovação à cultura política autoritária e conturbada, tão recorrente no país. Posso inferir ainda que Stroessner, especialmente para manter sua fachada democrática, usava também recursos do próprio governo, quando a ‘pesquisadora’ menciona que o partido dispunha de fundos públicos para sua campanha política. Porém, há também a ideia de que a censura era algo instituído pelo governo, prática percebida no abuso policial, o qual é mencionado como uma possibilidade. Isso não seria uma surpresa para a ‘pesquisadora’, considerando o nível de consciência política e cultural presente no país, de acordo com a sua perspectiva sobre o Paraguai. Nesse sentido, apesar da calma apresentada pela personagem, ela retrata um país bastante atrasado social-político-economicamente e na própria noção de história:

Assunção é sensivelmente decepcionante: uma cidade sem árvores e com calor. Parece uma sucursal de Miami, com a diferença do culto do passado: nas vitrines do centro se exibem uniformes e armas do século passado, e todo mundo segue falando de Mariscal López, um contemporâneo de General Grant, como se fosse um político atual [...] as últimas notícias da guerra de... 1870... Cem anos de atraso... Mas como você investiga essa época, podem lhe interessar as informações, agora já liberadas da censura... Eu tenho menos sorte que você porque investigo o presente,

---

<sup>494</sup> No original: “La vida política se ha distendido mucho en los últimos años, los partidos de oposición están representados en Parlamento y tienen sus propios periódicos. La oposición se queja de que ellos no tienen pleno acceso a los media y que el partido de gobierno dispone de fondos públicos para su campaña política; también hablan de hostigamiento policial. No he podido verificarlo hasta el momento; tampoco me sorprenderia, dado el grado de desarrollo político del país. Pero pienso que las intenciones de Stroessner son sinceras; no olvidemos que él decidió celebrar elecciones presidenciales en Paraguay, algo que no se hacía desde 1932. La oposición todavía se muestra renuente a participar en el diálogo político, sin embargo, pienso que terminará haciéndolo, y que, de continuar este proceso, Paraguay entrará en una etapa de modernización política.” ALCALÁ, *Cuentos decentes...*, op. cit., p. 100.

e teria que esperar até 2070 para saber o que se passa agora no Paraguai... Suponho que o título dessa série futura será o mesmo que agora utiliza o ABC para a sua série atual: FAZ CEM ANOS. Bom, cem anos de atraso é relativamente moderno para este país. Na academia de História – que me convidou a uma sessão oficial –, o tema dos debates principais seguem sendo as razões que teve Irala para depor ao Adelantado Cabeza de Vaca em 1545 – iralistas e alvaristas se detestam [tradução minha]<sup>495</sup>.

Descreve-se um Paraguai nos anos de 1970 que se autoproclamava um governo legítimo, democrático e representante de feitos semelhantes ao de Mariscal López que, conforme analisado no segundo e no terceiro capítulos, também se mostrava ditador e cuja prepotência comprometeu muito a situação do país após a Guerra da Tríplice Aliança. Sobre essa época, retomo apenas a ideia de que o modo como a guerra finalizou, para os paraguaios, permitiu a investida de interesses estrangeiros ao país, os quais, de forma alguma, priorizaram as necessidades sociais e econômicas mais populares, características de um sistema republicano. Além disso, possibilitou que o grupo de López, representado na figura de Bernardino Caballero, ainda permanecesse no poder. Isso me inquieta, porque um governo com uma liderança como a de Stroessner, que se “autointitula” representante ou herdeiro de López, só poderia utilizar o que havia de mais preocupante no Paraguai – as diferenças sociais, a falta de consciência histórica e os interesses de uma classe privilegiada, sem trazer mudanças benéficas ao povo. A ideia de ausência de consciência histórica, ficcionalmente, evidencia-se no trecho em que a “pesquisadora” refere-se à Academia de História<sup>496</sup>, devido aos temas que ali eram debatidos, como a presença dos Jesuítas e a Guerra do Paraguai, que, se não eram anteriores ao período da República, estavam ao menos distantes das

---

<sup>495</sup> No original: “Asunción es sencillamente decepcionante: una ciudad sin árboles y con calor. Parece una sucursal de Miami, con la diferencia del culto al pasado: en las vidrieras del centro se exhiben uniformes y armas del siglo pasado, y todo el mundo sigue hablando de Mariscal López, un contemporáneo de General Grant, como si fuese un político actual [...] las últimas noticias de la guerra de... 1870... Cien años de atraso... Pero como usted investiga esa época, pueden interesarle las informaciones, ahora ya liberadas de la censura... Yo tengo menos suerte que usted porque investigo el presente, y tendría que espera hasta 2070 para saber lo que pasa ahora en el Paraguay... Supongo que el título de esa serie futura será el mismo que ahora utiliza ABC para su serie actual: HACE CIEN AÑOS. Bueno, cien años de atraso es relativamente moderno para este país. En la academia de la Historia – que me invitó a una sesión oficial – el tema de los debates principales siguen siendo las razones que tuvo Irala para deponer al Adelantado Cabeza de Vaca en 1545 – iralistas y alvaristas se detestan.” Ibidem, p. 98-99.

<sup>496</sup> Ressalto que há uma Academia de História em Assunção, cuja presença de diversos *revisionistas* foi bastante comum durante o século XX. Mais informações sobre a instituição ver o site: <<http://www.academiapaguayadehistoria.org.py/>>. Acesso em 15 dez 2016.

necessidades daquele momento. A fala da “pesquisadora”, nesse caso, permite-me perceber uma crítica ao trabalho dos chamados revisionistas da época, tema debatido no terceiro capítulo.

Além do uso da imagem de López, na fala da “pesquisadora” fica evidente que as notícias veiculadas no jornal *ABC Color*, jornal paraguaio, eram censuradas antes de serem lançadas, como também, provavelmente, evidenciavam os cem anos do heroísmo e do nacionalismo de López ainda fortes quando do fim da Guerra da Tríplice Aliança, o que justificaria as ações de Stroessner. Lembro ainda que Guido Alcalá trabalhou em meados de 1970 e início de 1980 no *ABC Color*, o que pode sugerir uma relação entre ficção e realidade, assim como permite analisar o modo como as notícias eram veiculadas e censuradas. Além disso, considero a importância da data em que o livro, na qual aquele conto está publicado, foi lançado: no ano de 1987, uma época já próxima ao fim de Stroessner, embora ainda ditatorial.

Sugiro que a personagem da “pesquisadora” representa literariamente a influência e o modo como os Estados Unidos direcionava seus olhares sobre o Paraguai. A ida de Nelson Rockefeller ao Paraguai, dentre outros países da América Latina, conforme discutida no primeiro capítulo, em 1969, também representa essa estreita relação entre essa região e o país nórdico. Além disso, como Padrós salienta, apenas durante o governo de Carter é que os Estados Unidos contestam algumas situações no Paraguai no que se refere à falta de respeito aos Direitos Humanos no país. Essa possível aproximação e apoio dos Estados Unidos ao governo paraguaio podem ser percebidos também na seguinte citação:

Mas aqui me encontro com o seguinte problema: se a ideologia é exatamente a mesma, por que existem partidos distintos? O Partido Comunista, praticamente não existe; os demais partidos se declaram democráticos ao estilo ocidental – ao estilo do nosso Partido Democrata (John F. Kennedy é muito admirado) [...] uma enquete realizada recentemente demonstra que a maioria dos paraguaios consideram positiva a visita de Nelson Rockefeller. É certo, analistas da nossa Embaixada pensam que a visita pode ativar sentimentos antiamericanos, mas eu estou confiante que eles nunca poderão alcançar o nível prejudicial para nossas relações com o Paraguai. De todo modo, trabalhamos muitíssimo; a colônia americana, está ao fundo, bastante entusiasmada, tratando de dar-lhe a recepção que merece [tradução minha]<sup>497</sup>.

---

<sup>497</sup> No original: “Pero aquí me encuentro con el siguiente problema: ¿sí la ideología es exactamente la misma, por qué hay partidos distintos? El Partido Comunista, prácticamente no

A carta endereçada aos pais informa sobre a inquietação da “pesquisadora” quanto aos principais partidos do país, Liberal e Colorado, que, segundo ela, têm pontos em comum. No seu entender, foram fundados pelo mesmo grupo oligárquico – como já mencionado no segundo capítulo. Seu discurso também diminui qualquer trabalho que vinha sendo feito de um grupo mais à esquerda, como o comunista, e afirma o quanto a presença de Nelson Rockefeller era bem vista pelo Paraguai. Por sua vez, Guido Alcalá, em entrevista, salienta que a movimentação contra a visita do presidente norte-americano foi significativa a ponto de prender vários manifestantes, inclusive ele. Já no conto, a manifestação estudantil foi negada ou vista como ‘causadora de motins’. Em contrapartida, quando escreve a uma amiga, a “pesquisadora” afirma que era visível o movimento estudantil no mundo, por exemplo, em relação à Guerra do Vietnã. Nega, porém, a importância do movimento no Paraguai, reafirmando a influência norte-americana, já bastante questionada até no próprio país.

Sobre o contexto do fim dos anos de 1950 e de 1960, algumas deliberações de Stroessner são retomadas no conto, como as de segurança, a contratação de *pyragues* e as de censura, as quais colaboraram para a sua manutenção no poder. Uma das medidas mais importantes para isso foi exigir que todo militar fosse filiado ao Colorado, aumentando a demanda popular no seu Partido que, mesmo com a divisão apresentada pelo MOPOCO, ainda era grande. Nessa época, os cargos nas instituições públicas, fossem eles nas áreas sociais, políticas ou econômicas, eram distribuídos de acordo com uma rede de interesses e de troca de favores. A partir de postos criados, quase sempre estratégicos, Stroessner cobrava de seus subordinados ações que colaborassem na erradicação ou controle de organizações e movimentos sindicais, ao tempo em que mantinha outras de um caráter supostamente democrático, como eleições ou permissão para um partido ou outro. Mas, essas instituições ou ações eram dirigidas por pessoas ligadas a ele, as quais deveriam neutralizar os interesses centrais, minando as resistências e também controlando o que ele chamava de governo

---

existe; los demás partidos se declaran democráticos al estilo occidental – al estilo de nuestro Partido Demócrata (John F. Kennedy es muy admirado) [...] una encuesta realizada recientemente demuestra que la mayoría de los paraguayos consideran positiva la visita de Nelson Rockefeller. Es cierto, analistas de nuestra Embajada piensan que la visita puede activar sentimientos antiamericanos, pero yo soy confidente que ellos nunca podrán alcanzar un nivel detrimental para nuestras relaciones con el Paraguay. De todos modos, trabajamos muchísimo; la colonia americana está, en el fondo, very excited, trata de darle la recepción que se merece.” ALCALÁ, *Cuentos decentes...*, op. cit., p. 104.

democrático, em nome da pátria e da liberdade de todos<sup>498</sup>. Com essas medidas, como a de obrigar todos os membros do Exército a se filiarem ao Colorado ou distribuir os cargos principais a pessoas de sua rede de confiança e cercar seus opositores, Stroessner alcançou parte da estabilidade que almejava ter para a continuidade de seu governo.

Em face desse governo e das medidas tomadas para conservá-lo, a resistência já se mantinha há mais de uma década, como é possível perceber pela existência do MOPOCO. Tal ideia está presente no conto “Investigación”, do livro *Curuzú Cadete: cuentos de hoy y de ayer*, de Guido Alcalá, o qual traz a ideia de que nessa época Stroessner já percebia seu governo enfraquecer e, diante disso, reforçou a censura e a perseguição a fim de se manter no poder. Por essa ótica – retomando o enredo de “Investigación” –, nos dias que se seguiram à visita de Nunéz ao consultório, todos foram levados presos, até mesmo a garçonete que trabalhava na cafeteria em frente – onde Nunéz passava boas horas observando o movimento do consultório. Nos primeiros dias, iniciaram-se práticas de tortura, como se pode notar na seguinte citação:

Nesses dias não puderam dormir: à noite, o rádio começava a funcionar a todo volume até as dez; de manhã, a intolerância policial exigia levantar muito cedo, para olhar como os outros tomavam café através do olho mágico da porta. As celas eram de cimento e de dimensões reduzidas, sem camas, nem colchões [...] de pessoal mal pago não se pode esperar muito e o local não permitia que ninguém dormisse [...] Ademais, estava a maldade adicional de algum ou outro *pyrague* mal pago, como ele, que sem mediar ordem, decidiu assustar a enfermeira do doutor Barrios com relatos e ameaças de violações [tradução minha]<sup>499</sup>.

Percebo que a privação de elementos básicos de sobrevivência, como uma noite tranquila de sono, de espaço e, principalmente, de comida, era uma tática para cansar os presos, a fim de que falassem o que sabiam – ou inventassem/dissessem o que era esperado ser ouvido –

<sup>498</sup> ARDITI, Benjamin. *La politicidad de la crisis y la cuestión democrática*. Estado, economía y sociedad en el Paraguay. Assunção: CLACSO-PNUD, 1986.

<sup>499</sup> No original: “En esos días no pudieron dormir: por la noche, la radio comenzaba a funcionar a todo volumen hacia las diez; por la mañana, el prejuicio policial exigía levantarse muy temprano, para mirar cómo los otros desayunaban a través de la mirilla de la puerta. Las celdas eran de cemento y dimensiones reducidas, sin camas y ni colchones [...] del personal mal pagado no puede esperarse mucho y el local no permitía dormir a nadie [...] Además, estaba la maldad adicional de alguno o otro *pyragué* mal pagado, como el que, sin mediar orden, decidió asustar a la enfermera del doctor Barrios con relatos y amenazas de violaciones.” ALCALÁ, *Investigación*..., op. cit., p. 103-104.

para serem libertos. Alfredo Boccia Paz afirma que o abuso/estupro/assédio sexual era comum em relação às presas. Estas, muitas vezes adolescentes, jovens e até mesmo crianças passaram por tais situações<sup>500</sup>. Em relatos colhidos, o autor diferencia os tipos de tortura: ameaça, o toque de mãos, de materiais diversos, a efetivação do estupro, posições humilhantes, etc. A enfermeira, no caso do conto, é ameaçada por ser mulher, para que dentro de uma cultura patriarcal seu lugar fosse legitimado/relembrado. O corpo é demarcado, lembrando seu lugar em uma hierarquia. É possível notar ainda, na narrativa, o modo como os *pyragués* são vistos como pessoas que obedecem por pouco pagamento, sem ao menos se importarem com o que fazem ou, até mesmo, inventam, levando o leitor a acreditar que não havia muito a esperar de um país em que parte do povo se vendia por tão pouco. Além disso, o caráter dessas pessoas é questionado, pois que o narrador ressalta que o chefe (de polícia e dos *pyragues*), durante o interrogatório, preferia que o interrogado não tivesse nada a dizer a que um *pyragué* ‘inventasse’ algo para agradá-lo. Porém, o que se segue é o modo como a enfermeira, Sofia Benítez, é vista, tratada e lembrada como uma mulher que era:

– Ah, mas é loira! – disse um homem bastante pequeno, a quem se chamava o mariscal López. Os demais festejaram a piada. Vamos ver agora se teu macho pode te defender [...]. Os outros começaram a olhar a mulher com especial interesse, fazendo comentários como o bom gosto que teria o doutor e ela compreendeu que não podia esperar consideração e quase esqueceu o fato de estar nua. Pensou que podia desmaiar ao receber o primeiro golpe, que lhe deram com o punho cerrado, não com a mão aberta, como deram quando chegou à polícia [tradução minha]<sup>501</sup>.

A começar pela entrada de Sofia Benítez – ela já é analisada pela cor do cabelo. Parece ser definida por uma qualidade, pela sua caracterização, independentemente de considerar o que era, ou a sua força, ou, ainda, suas competências. Essa descrição demonstra como muitas vezes as mulheres são vistas histórica e socialmente como

<sup>500</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Represión Política Y Género en la ditadura paraguaya. In: PEDRO, Joana Maria e WOLFF, Cristina Scheibe. *Género...*, op. cit. p. 85-88.

<sup>501</sup> No original: “– ¡Ah, pero es rubia! – dijo un hombre bastante chico, a quien se llamaba el mariscal López. Los demás festejaron el chiste. Vamos ver ahora se tu macho te puede defender [...]. Los otros se pusieron a mirar a la mujer con especial interés, haciendo comentarios como buen gusto tenía el doctor y ella comprendió que no podía esperar consideraciones y olvidó casi el hecho de que estaba desnuda. Pensó que podía desmayarse pronto al recibir el primer golpe, que se lo dieron con el puño cerrado, no con la mano abierta, como ocurrió al llegar a la policía.” Ibidem, p. 104-105.

adereços ou enfeites, do trabalho ou em casa, isto é, se elas estão ocupando um lugar fora de suas casas também são julgadas e analisadas por isso e pautadas sempre por características que as diminuem em uma sociedade baseada em classes, profissões, entre outros fatores, transformando-as em objetos nos “jogos” das relações de poder. A cena segue com Sofia Benítez nua, totalmente vulnerável e entendendo que, como mulher, não poderia esperar respeito, senão violência, muito menos capaz de se defender, como demonstra a frase “vamos ver ahora se tu macho te puede defender”. Considero que Sofia Benítez representa as mulheres lembradas no artigo de Boccia Paz, as que conseguiram seus lugares em movimentos sociais e, principalmente políticos nos anos de 1980, conquistas que elevaram e permitiram futuramente a ocupação de novos lugares, porém naquele contexto a opressão machista marcava em seus corpos o que significava seu sexo.

Destaco, ainda, o sobrenome *Mariscal López*, que nada mais é que uma alusão ao próprio Solano López, cujos desmandos e atos de violência foram discutidos no segundo capítulo, em especial, ao discutir sobre o conto “Juliana”. Percebo nesses enredos que os torturadores e os governantes nos contos, como Solano López e Alfredo Stroessner (representado naqueles), não passam de traidores que deixam de enfrentar as consequências de seus próprios atos e, ainda, reafirmam-se acima de pessoas indefesas em face da violência instruída e dos preconceitos de gênero, demonstrando também, ficcionalmente, a covardia que lhes é comum. É sobre essa perspectiva que analiso a escrita de Alcalá, seus narradores, personagens, enredos, tempo, espaço. Em “Investigación”, após as primeiras torturas sofridas por Sofia Benítez, os policiais passaram a utilizar expressões e termos que, no entendimento deles, a desqualificavam como: “Sabíamos que trepava com o Doutor [tradução minha]”<sup>502</sup>, inferiorizando Sofia Benítez como se sua única possível função, como mulher, fosse dar o seu sexo.

De acordo com a narrativa, desde a sua chegada, foi molestada:

[...] na sua chegada, tinham sido mais abusos psicológicos e intimidação. Obrigaram-na a permanecer parada e de costas contra a parede, ao lado do doutor Barrios, separada do resto dos presos. Não faltou um oficial que, aproximando-se por trás, pegou o peito dela com as duas mãos, mas não queriam lhe ferir fisicamente. O chefe quase parecia um avô: grisalho, gordo, de voz suave. Sem dúvida, o tom da voz ia mudando a medida que Sofia dizia não saber nada. A relação entre “trepar” com o doutor e o trotskismo não é evidente, mas o chefe insistia na existência de uma relação

<sup>502</sup> No original: “Sabíamos que cogías con el Doctor.” Ibidem, p. 105.

necessária. Sofia tratou de explicar, primeiro, que sua relação com Barrios era puramente profissional, e, segundo, que sua relação com seu irmão era estritamente familiar [tradução minha]<sup>503</sup>.

Portanto, desde que Sofia Benítez foi levada à delegacia, o tratamento, o olhar e a tortura foram direcionados a ela, lembrando-a sempre que era uma mulher e, por isso, seu tratamento tinha abordagem específica. A revista é marcada pelo corpo que sente a invasão de outros, um corpo que está imobilizado e subjugado em decorrência da prisão e pelo medo, e ainda passa a ser molestado sem que haja qualquer possibilidade de defesa.

Mas que lugar melhor que o corpo, para inscrever marcas de medos, dores, tremores e os toques estranhos? Há muitas denúncias nesse conto, denúncias de torturas, de todos os tipos, também atravessadas pelo gênero. Aqueles primeiros contatos eram para intimidar, mas não assustar excessivamente, a fim de que ela falasse ainda com o senhor delegado, cuja imagem é narrada como de alguém que lembra um avô gentil, brando, que não faria mal algum. Entretanto, já que Sofia Benítez não confirma informação alguma (talvez por não ser tudo verdade), assim como sabemos – fora da ficção – que muitas das vítimas em depoimentos não falam durante as mais variadas ditaduras militares no Cone Sul, o tom narrativo vai modificando-se: é em seu corpo que passa a ser apontada com todas as certezas – e sem resistência física de Sofia Benítez – a possível relação “amorosa” que ela mantinha com o doutor Barrios, visto que qualquer mulher, na compreensão de seus inquisidores, ao conviver com um homem, teria algum tipo de relação/troca sexual, em especial, se fosse uma mulher comunista.

Tal como o narrador onisciente de “Investigación”, no conto “Buenos Aires” o enredo envolve práticas de tortura<sup>504</sup>. Nessa narrativa,

---

<sup>503</sup> No original: “[...] a su llegada, habían sido más bien apremios psicológicos e intimidación. La obligaron a permanecer parada y de espaldas contra la pared, al lado del doctor Barrios, separada del resto de los presos. No faltó un oficial que, acercándosele desde atrás, le agarrara el pecho con las dos manos, pero entonces no querían lastimarla físicamente. El jefe casi parecía un abuelo: canoso, gordo, de voz suave. Sin embargo, el tono de la voz iba cambiando en la medida en que Sofia decía no saber nada). La relación entre coger con el doctor y el trotskismo no son evidentes, pero el jefe insistía en la existencia de una relación necesaria. Sofia trató de explicar, primero, que su relación con Barrios era puramente profesional, y, segundo, que su relación con su hermano era estrictamente familiar.” Idem.

<sup>504</sup> ALCALÁ, Guido R. Buenos Aires. In: \_\_\_\_\_. *Cuentos*. Asunción: RP ediciones, 1993, p. 19.



Tania é cercada pelas desconfianças de sua avó Ema. Foi educada para ser uma exímia dona de casa, mãe e esposa, discreta como se esperava das moças honradas e de boa moral; porém, aos olhos de sua avó, Tania mostra-se resistente e desobediente. As suspeitas da matriarca foram confirmadas quando policiais invadem a casa e levam Tania presa para um interrogatório. A adolescente de 15 anos iniciou o seu depoimento ao mesmo tempo em que a mãe, Amanda, procurava por Gustavo Stroessner<sup>505</sup>, filho de Stroessner, e para o qual o seu marido havia trabalhado por muitos anos. O caso é que Tania começa a sentir o peso de ser mulher diante de tantos homens afoitos por mostrarem o quanto eram viris e frios diante de sua dor e tortura. Nesse momento, Tania, fechada em uma sala, viu pelos vãos das tábuas de madeira em seus pés a seguinte cena:

[...] via bem a mulher abaixo: presa há uma semana, comentaram com ela, e em posição martirizante; ainda de ferro só soltava gritos quando a interrogavam. De tempo em tempo, chegavam os homens com promessas de violação e interrogatórios. Não se preocupe, disse uma antiga prisioneira à Tania, dizem mais para assustar. Mas, quando um oficial chegou e leu em voz alta o seu nome, Tania se escondeu entre as outras e tiveram que levá-la à força [...] [tradução minha]<sup>506</sup>.

Novamente, as ameaças a uma mulher dizem respeito ao que podem fazer com seu corpo, porém, não se trata “apenas” de uma surra, de tapas ou socos, mas da violação dele, pois, desse modo, ela jamais poderia esquecer ou ser a mesma de antes. O narrador, nesse caso, demonstra, na personagem, os lugares que mulheres resistentes ocupavam quando descobertas. O receio de Tania, uma adolescente, é tanto que se esconde, amedronta-se; talvez se possa ver nela um dos maiores receios que qualquer mulher teria ao entrar em uma sala de depoimento no período militar do Cone Sul. Amelinha Teles, feminista e militante do PCdoB durante a ditadura civil militar brasileira, em um de seus vários depoimentos a propósito de sua experiência durante a ditadura brasileira em que foi presa e torturada por meses – como tantos

<sup>505</sup> ALCALÁ, Investigación..., op. cit., p. 105.

<sup>506</sup> No original: “[...] se veía bien a la mujer de abajo: encadenada una semana atrás, le comentaron, y en posición martirizante; aunque de hierro solía soltar gritos cuando la interrogaban. De tanto en tanto, llegaban al altillo hombres con promesas de violación e interrogatorios. No les haga caso, le digo una detenida antigua a Tania, dicen no más para asustar. Pero, cuándo un oficial leyó en voz alta su nombre, Tania se escondió entre las otras y tuvieron que llevársela a fuerza [...]” ALCALÁ, Buenos Aires..., op. cit., p. 20.

relatos publicados em livros e na internet –, transparece em uma frase o que se esperava dentro das cadeias e da tortura: “O perigo, a tortura e a morte se faziam cada vez mais presentes na nossa militância [...] a prisão, a tortura e a morte são uma derrota previsível para quem decidiu opor-se de todas as formas à ditadura”<sup>507</sup>. Porém, no conto “Buenos Aires”, o desfecho de Tania é melhor que em outras narrativas, como se percebe a seguir: “Já recuperada, explicaram a ela que não havia com o que se assustar; Gustavo Stroessner havia pedido por ela, na realidade procuravam pelo Ricardo. Amanda não quis saber mais; Ema sentiu confirmar suas suspeitas [tradução minha]”<sup>508</sup>. Nesse caso, na personagem da avó, posso afirmar que, mesmo que a adolescente tenha saído sem maiores sequelas, a maior decepção é ser uma jovem, crítica, questionadora (o que incomodava muito a avó) a ponto de chegar a se envolver com Ricardo, um representante da militância da OPM. O conservadorismo da avó pode demonstrar, nesse caso, como a luta de muitos resistentes sofria coerção não somente do governo militar, mas da própria família que não via que era vítima de si mesma. Tânia é a resistente que luta pela liberdade de voz, já a avó é a aquela que apoia o governo que persegue sua neta.

Nesse contexto, a avó, que havia sido proibida por Amanda de mencionar o ocorrido, fazia-o do modo que podia, apenas para acentuar a sua opinião, ou seja, “[...] para vingar-se um pouco, a avó comentava o noticiário da televisão. Todos os dias, várias vezes, o noticiário diário com os rostos dos presos e dos fugitivos da OPM [tradução minha]”<sup>509</sup>. O objetivo da avó era criar desilusões na neta ao mostrar que pessoas envolvidas com a OPM, como Ricardo, eram mal vistas pela sociedade e, até mesmo, ameaçá-la para que se comportasse dentro do padrão esperado para uma mulher em seu período. Ademais, Ricardo havia fugido para a Argentina, sem ao menos defender Tania, o que permite à avó apontá-lo como covarde. Por sua vez, Tania enfrenta corajosamente a situação em não contar nada à família ou à polícia sobre o seu envolvimento com a OPM e Ricardo, o fugitivo, que abandonou duas mulheres, de acordo com o conto. Não obstante a proteção pleiteada

<sup>507</sup> TELES, Maria Amélia de Almeida. Lembranças de um tempo sem sol. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 288.

<sup>508</sup> No original: “Ya recuperada, le explicaron que no había de qué asustarse; Gustavo Stroessner había pedido por ella, en realidad buscaban a Ricardo. Amanda no quiso saber más; Ema sintió confirmarse sus sospechas.” ALCALÁ, Buenos Aires..., op. cit., p. 20.

<sup>509</sup> No original: “[...] para vengarse un poco, la abuela comentaba el noticiero de la tele. Todo los días, varias veces, el noticiero diario con las caras de los presos y los prófugos de la OPM.” Idem.

pela própria mãe, que busca ajuda por intermédio do filho de Stroessner, correndo perigo, já que sua filha estaria envolvida com a OPM, o que se pode questionar aqui é se ambas as mulheres, Amanda e Tania, precisariam mesmo da proteção masculina para resistirem.

O narrador permite pensar estas personagens, mãe e filha, como mulheres que enfrentam seus limites, repletas de medos, mas vivas, altivas e não passivas. Mulheres resistentes que recorrem a homens quando preciso e que enfrentam os machismos do cotidiano. No caso em foco, a narrativa lembra novamente o lugar das mulheres ‘resistentes’ que de uma forma ou de outra precisam da ajuda de homens para resolver seus problemas maiores. “Buenos Aires” encerra com Tania cruzando o Rio Paraná, indo até o ônibus com destino à capital argentina, onde encontraria Ricardo. Nesse caso, o narrador diz que Tania escolhe o seu caminho mesmo quando uma mulher questiona sobre seus documentos, questiona seus motivos para sair de casa tão cedo e de não retornar. Tânia, ao reafirmar o seu desejo de viver em Buenos Aires, indica que o comportamento esperado dela – por ser mulher – e imposto por sua avó todos os dias, certamente, não era o que ela desejava para si.

No conto, tanto o caminho para Buenos Aires que Tania já havia percorrido com a mãe e a avó a fim de passearem quanto a cidade são apresentados como lugares de maior liberdade para aqueles que estavam em Assunção. Lugares que remetem à liberdade, “bons ares”, mesmo que limitada, se considerarmos, historicamente, a Operação Condor, mantida por governos ditatoriais e apoiada pelos Estados Unidos, tendo por objetivo a vigilância contínua em relação àqueles que eram exilados ou que buscavam viver em países vizinhos no Cone Sul<sup>510</sup>. Também lembro que a Argentina era o caminho escolhido por Guido Alcalá no início dos anos de 1970, quando ainda não havia passado suas temporadas na Europa. Não quero, com essa afirmação, indicar que a fuga de Tania com destino a Buenos Aires é a (própria) história (pessoal) de Alcalá. De toda forma, é interessante retomar uma entrevista na qual, quando questionado sobre se tinha contos baseados em acontecimentos reais e que denunciasses casos de resistência à ditadura de Stroessner, respondeu: “[...] Sim... com uma amiga que... movimento em Assunção... um conto que se chama “Buenos Aires” [...]”<sup>511</sup>. Obviamente, não se pode dizer que a escrita e a trajetória de Alcalá restringem ou limitam a análise do conto. Essa semelhança, por

<sup>510</sup> CALLONI, Stella. *Operación Cóndor: los años del lobo*. Buenos Aires: Peña Lillo, 1999.

<sup>511</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

assim dizer, indica uma prática recorrente nesse período: a saída de Assunção e a permanência em outro país certamente demonstram o quanto esse “trânsito” era comum, inclusive para mulheres.

Quanto à Sofía Benítez, de “Investigación”, é sugerido que Nuñez teria utilizado técnicas específicas de tortura:

A paciência do mariscal López era admirável: nas primeiras impressões, o homem media a capacidade da vítima, e se anotava o tempo e o cuidado necessário para vencer a resistência de atletas e cardíacos sem chegar ao extremo. Quando Sofía compreendeu que estava no poder dos carcereiros, tratou de resistir todavia afogando-se, respirando água deliberadamente. Mas esses truques não enganavam ao mariscal López, demasiado esperto e que poder ver através da água já turva os movimentos da vítima. A tentativa de suicídio prolongava – sem evitar – o procedimento. [...] Não passava de castigo moral, em muitos casos, mas não deixava de ser castigo: os escolhidos, mais de uma vez, foram postos no grupo dos candidatos ao afogamento; depois de haver visto o castigo dos outros e ter esperado sua vez, devolvia-os às celas na madrugada, sem ter sido tocados, mas suficientemente castigados [tradução minha]<sup>512</sup>.

Percebo uma evidente resistência – e talvez desespero – na personagem de Sofía Benítez ao entregar-se à água. Porém, é possível entender na citação, o quanto isso era esperado pelo seu algoz, que devia estar acostumado a todo esse processo, como também o ato de esperar a vítima se recuperar – ou mesmo de não a machucar a ponto de matar. O enredo, neste caso, demonstra ficcionalmente o quanto as práticas eram recorrentes e seus praticantes profissionais. Ao mesmo tempo, torturar na frente de outras possíveis vítimas é também uma maneira de exercer poder e fazer com que colaborem com informações, até mesmo com o que não sabem. E assim foi o modo como Sofía Benítez foi tratada nos dias seguintes à prisão. A citação a seguir deixa evidente que nos dias em que a personagem se mostrava frágil, recebia, literalmente, uma

---

<sup>512</sup> No original: “La paciencia del mariscal López era admirable: en las primeras inmersiones, el hombre medía la capacidad de la víctima, y se tomaba el tiempo y el cuidado necesario para vencer la resistencia de atletas y cardíacos sin llegar a extremos. Cuando Sofía comprendió que estaba en el poder de los carcereiros, trató de resistir todavía ahogándose, respirando agua deliberadamente. Pero esos trucos no engañaban al mariscal López, demasiado experto y que podía ver a través del agua ya turbia los movimientos de la víctima. La tentativa de suicidio prolongaba – sin evitar – el procedimiento. [...] No pasaba de castigo moral, en muchos casos, pero no dejaba de ser castigo: los retobados, más de una vez, fueron puestos en el grupo de los candidatos a la pileta; después de haber visto el castigo de los otros y haber esperado turno, se los devolvía a sus celdas por la madrugada, sin haber sido tocados pero suficientemente escarmentados.” ALCALÁ, Investigación..., op. cit., p. 106.

injeção de ânimo, ou melhor, de adrenalina, daqueles que sabiam como torturar e não deixar vestígios. O conto não menciona o que ocorre com Barrios, o que me permite refletir sobre as torturas direcionadas às mulheres, por serem mulheres. O narrador, como em todos os contos, preocupa-se mais com o destino das mulheres, destino esse muito comum aos enredos literários, em que mulheres fortes, resistentes e destemidas têm o seu fim trágico. Não obstante, a ideia vaga sobre Barrios levanta a possibilidade de ele não ter tido um destino tão ruim ou não ter em seu corpo as mesmas marcas que Sofia Benítez. O narrador define o desfecho dela da seguinte forma:

Uma vez, recuperou o sentido sentindo a picada de uma injeção; era, supostamente, algum estimulante muito forte. Declarou que Barrios e ela haviam impresso panfletos no mimeógrafo encontrado pela polícia no consultório médico. Aceitaram a desculpa de que não sabia para quem iam os panfletos, porque isso concordava com o informe de Núñez, segundo o qual Barrios tirava os panfletos do consultório na mala. E, a partir daquele momento, foi melhor para ela. E foi melhor porque a consideraram uma personagem secundária na história: uma enfermeira com quem o médico se envolve para dar voltas no cabo do mimeógrafo e levar mensagens à Argentina [tradução minha]<sup>513</sup>.

Sofia Benítez apenas ganha sua liberdade quando é finalmente colocada nos lugares inferiores/marginais comuns aos ocupados pelas mulheres em um mundo machista/patriarcal. A imagem delineada de Sofia é a de uma mulher que foi seduzida, envolta por sentimentos e desejos, capaz apenas de “girar a manivela do mimeógrafo” e para levar mensagens ao exterior. Afinal de contas, quem desconfiaria de uma mulher? Essa ideia é recorrente em um mundo pautado por ideias machistas, por considerar que mulheres não podem liderar ou ter um lugar de destaque, nem em um escritório, nem em um movimento de militância e resistência durante uma ditadura militar. Por isso, a ideia de que não seria estranho ela ser apenas uma personagem secundária; em outras palavras: alguém manipulada e movida pelo doutor Barrios e, talvez, por esse aspecto considerado frágil, a tortura a ela direcionada

---

<sup>513</sup> No original: “Una vez, recuperó el sentido sintiendo la picazón de una inyección; era, supuso, algún estimulante muy fuerte... Declaró que Barrios y ella había imprimido panfletos en el mimeógrafo encontrado por la policía en el consultorio médico. Le aceptaron la disculpa de que no sabía para quién iban los panfletos, porque eso concordaba con el informe de Núñez, según el cual Barrios sacaba panfletos del consultorio en la valija. Y, a partir de ese momento, le fue mejor. E fue mejor porque la consideraron un personaje secundario en la historia: una enfermera con quien el médico se acuesta para hacer das vueltas a la manija del mimeógrafo y llevar mensajes a la Argentina.” Ibidem, p. 107.

seja a mais evidenciada – de personagem secundária foi promovida a protagonista. Entretanto, o narrador sugere que, apesar da liberdade recebida, Sofia Benítez não saiu incólume de seu cárcere – como já era de se esperar –, porque levou consigo as marcas da tortura física e psicológica ali sofrida:

- Dizem que o mariscal López agarrou a enfermeira.
- Que tipo! O tom denunciava certa admiração – tem que ser para agarrar uma assim;
- Nada a ver com Playboy – a comparação com as fotos desfavorecia à mulher suja de vômitos e matéria fecal;
- Vai ter para muitas Playboy, Núñez, o chefe está contente contigo [tradução minha]<sup>514</sup>.

Percebo que o homem que tortura, que sugere e ameaça o destino de Sofia Benítez, é visto como o exemplo de homem admirável ao mostrar para ela, em um ato perverso e cruel, o quanto é imponente. Uma mulher que era, naquele momento, somente alguém com hematomas, suja, em meio aos próprios excrementos, mas que, para Núñez, ainda precisaria mostrar que tipo de homem ela enfrentava e como ela era simplesmente uma mulher. Na leitura deles, ser mulher significava, no máximo, saber manejar um mimeógrafo e oferecer seu sexo em troca de algum destaque. Uma leitura cruel, porém recorrente àquele tempo e a muitos outros. O diálogo se encerra com a promessa de ter mulheres “melhores” de acordo com a revista folheada, do tipo em que mulheres são vendidas como mercadorias que servem exclusivamente aos interesses mais naturalizados dos homens com mais hombridade e honra, o sexo. Na revista também são mulheres que podem ser desqualificadas por praticarem o sexo e que são julgadas e caracterizadas com base nesse elemento.

O que há em comum entre personagens como a de Sofia Benítez e as que estão exibidas nas páginas de uma revista, como a Playboy, é o fato de oferecerem sexo, de serem produtos e de serem apenas objetos passivos que obedecem segundo o “querer” de seus machos, a violência como fetiche<sup>515</sup>. Os corpos de mulheres, muitas

---

<sup>514</sup> No original:

“– Dicen que el mariscal López le agarró a la enfermera.

– ¡Naró co tipo! El tono denotaba cierta admiración – hay que ser para agarrarle a una así!

– Nada que ver con Playboy – la comparación con las fotos desfavorecía a la mujer sucia de vômitos y materia fecal.

– Vas a tener para muchos Playboy, Núñez, el jefe está contento contigo.” Ibidem, p. 108.

<sup>515</sup> BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; MOREIRA, Virginia; VENÂNCIO, Nadja. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. *Psicologia & Sociedade*; 23 (2): 398-406, 2011, p. 400.

vezes, independentemente do lugar onde estão, da sociedade a que pertencem, da função que desempenham, como também, da classe, etnia ou raça, são alvos de violência de todos os tipos (simbólica, psicológica, material, patrimonial). Isso ocorre porque há um fetiche sobre os corpos, como se fossem objetos sem vida e muitas vezes com qualidades eróticas. O conto encerra, mostrando a ambição de Núñez em ganhar aumento por seus atos, na expectativa de, talvez, ter mais dinheiro para comprar mais Playboys e mostrar mais sua “macheza”, apontando diretamente que aqueles assédios ou estupros eram comuns quando destinados às mulheres.

De acordo com a historiadora Norma Telles, é também comum às mulheres lhes ser negado ou condenado o direito à autonomia e à subjetividade criadora<sup>516</sup>. Quando recebem uma educação, o desenvolvimento desses aspectos é coibido, ou ainda, quando os apresentam são desconsiderados por homens. Mulheres sempre precisam provar que não são sujeitos passivos, que podem problematizar, analisar ou questionar as sociedades em que vivem, de mil modos. Norma Telles aponta que a literatura ou a história também representam/representaram as mulheres de forma subjugada na maior parte da historiografia ou das produções literárias. Quando não eram assim vistas, acabam morrendo nos enredos, tornando-se marginalizadas pela sociedade ou sendo apontadas como loucas e/ou excêntricas. O que analiso nesse caso é que os contos de Guido Alcalá trazem, ficcionalmente, como os militares poderiam tratar suas vítimas, em especial, o modo como inferiorizavam as mulheres. Ao mesmo tempo, tais ideias colaboram em mostrá-las de outra forma, como resistentes e superiores àqueles olhares machistas e preconceituosos.

A escrita literária de Guido Alcalá, portanto, é marcada pelo seu lugar social, por aspectos sócio-histórico-ideológicos, de uma ditadura militar ocorrida no Cone Sul, mas também pela busca de uma formação literária da/na América Latina, cuja marginalização na história e na/da literatura também era recorrente. A escrita de Guido Alcalá pode ser inserida no viés decolonial<sup>517</sup> por seu ato de escrever, como também pelo fato de sugerir quais seriam algumas das situações em que as mulheres se encontravam no seu contexto, resistentes relativamente às situações sociais e políticas, visto que elas muitas vezes foram

---

<sup>516</sup> TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 403.

<sup>517</sup> Sobre o debate acerca da relação de estudos decoloniais e gênero, ver o artigo: LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n.3, p. 937-942.

subjugadas por serem latinas e marcadas pelo patriarcado. A feminista María Lugones esclarece que mesmo mulheres em condições de colonização – política ou social – não estão alheias ao mundo que as cerca e que, até certo ponto, as limita<sup>518</sup>. Segundo ela, a resistência é o resultado da tensão entre a sujeição que se pode sofrer e a subjetividade que permite um agenciamento, mesmo que mínimo, nas relações entre colonizador e colonizado, homens e mulheres, enfim, relações complexas de luta pelo poder<sup>519</sup>. Dessa forma, quando as personagens mulheres representadas nos contos de Guido Alcalá estão questionando as relações sociais e as políticas em que estão inscritas, por meio delas estão sendo enfatizadas iniciativas que muitas pessoas tiveram e que, aos poucos, ocasionaram mudanças significativas no quadro herdado do período colonial.

A ideia de que as mulheres são inferiores e inferiorizadas em diversas situações, sustentando boa parte da organização militar de Stroessner, também se encontra presente no conto “Gloria”, do livro *Cuentos* (1993). Na narrativa, prevalece um tom de que homens militares reafirmam sua sexualidade e honra masculina em relação às mulheres, as quais são “laçadas”, distribuídas e muitas vezes trocadas entre eles, mas, não somente como objetos sexuais passíveis de assédio, também como sujeitos que não podem determinar o que querem ou ter qualquer tipo de liberdade que não seja a determinada ou permitida por eles. Por sua vez, e fazendo um paralelo com algumas práticas e costumes de militares paraguaios naquele momento, em entrevista (mencionada no primeiro capítulo), Alcalá lembra a presença de militares nos meios sociais a fim de recrutarem mulheres que serviriam aos interesses/prazeres/fetiches<sup>520</sup> daqueles homens.

A entrevista com Guido Rodríguez Alcalá diz respeito ao modo como as mulheres eram recrutadas nas cidades e no campo com a finalidade de satisfazer os militares e, até mesmo, viver com eles. O trecho refere-se a uma adolescente chamada Glória, cujo destino era viver com Stroessner e depois passou a ser mulher de outro militar, de acordo com o escritor. Ainda sobre Gloria, no conto o narrador mostra como a adolescente era provocante e também como era natural meninas como ela, ativas, que estudavam e eram bonitas, serem notadas –, segundo o que se esperava da imagem e de um comportamento feminino

---

<sup>518</sup> Idem.

<sup>519</sup> Idem.

<sup>520</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.



da época. Todavia, o que bate à porta do quarto de hospital da professora Josefina González é diferente do esperado:

A menina não tinha muito o que fazer ali, a assistente e o escrivão a olhavam de cima abaixo, como dizendo: te conhecemos. Não a conheciam de vista na realidade mas... era ela, quem mais? Somente ela podia exalar esse odor de perfume, usar esses saltos altos, esse rouge barato, inadequado para sua idade (não devia ter 18 anos) [tradução minha]<sup>521</sup>.

A adolescente apresenta diversos detalhes que fogem ao padrão estipulado às mulheres, em especial, às adolescentes secundaristas. A maquiagem, os saltos, o perfume forte, elementos que demonstram bem o “tipo” que se apresentava aos olhos daqueles que deveriam estar ali apenas para defendê-la dos militares, os responsáveis por seu destino. O narrador, posteriormente, confirma a “escolha” que Gloria havia feito, segundo o escrivão:

Ele conhecia casos de meninas pobres como Gloria que se mantinham decentes. Uma menina que se cuida não tem esse tipo de problema. O escrivão conhecia as mulheres e também os homens; os homens não se metem com as mulheres que não lhe dão ocasião. Se algo ocorre, é porque dois são culpados. Não há inocência que se desfaça de graça [tradução minha]<sup>522</sup>.

A ideia evidente no texto é a de que Gloria também era responsável pelos acontecimentos que sucederam, pelo processo que resultou na sua *prostituição* e no destino da professora Josefina, não sem a escolha desta. O trecho ‘uma menina que se cuida não tem esse tipo de problema’ deixa evidente a ideia de que o narrador, de alguma forma, culpa a adolescente, pois, nessa perspectiva, os militares não se teriam aproximado dela e não teriam feito com Gloria nada que ela não desejasse. O pensamento machista do escrivão, que representa parte da

---

<sup>521</sup> No original: “La chica no tenía mucho que hacer allí, la asistente y el escribano la miraban de arriba abajo, como diciendo: te conocemos. ¿No la conocían de vista en realidad pero... era ella, quién más? Ella solamente podía echar ese olor a perfume, usar esos tacos altos, ese rouge barato, inadecuado para su edad (no debía tener dieciocho años).” ALCALÁ, *Cuentos...*, op. cit., p. 5-6.

<sup>522</sup> No original: “Él conocía casos de chicas pobres como Gloria que se mantenían decentes. Una chica que se cuida no tiene ese tipo de problema. El escribano conocía a las mujeres y también a los hombres; los hombres no se meten con las mujeres que no les dan ocasión. Si algo pasa, es porque dos son culpables. No hay inocencia que se descomponga de balde.” *Ibidem*, p. 8.

sociedade daquele contexto, prevalece sobre qualquer justificativa que defenda a secundarista. Já a assistente social não tem o mesmo peso machista; porém, não deixa de ter um olhar reprovador para com Gloria, em vez de ser somente acolhedora, considerando que se tratava apenas de uma adolescente. Os olhares recebidos por Gloria ao visitar a professora Josefina explicam, em boa parte, o quanto as mulheres naquele contexto eram julgadas, conduzidas e com seus lugares socialmente determinados, e que eram constantemente acusadas de serem responsáveis pelos acontecimentos que as rodeavam. Como Gloria havia se transformado de secundarista em uma mulher que continuava a ser julgada por seu comportamento, mesmo não tendo culpa?

Além disso, o narrador elabora a história da professora de Gloria, Josefina, que acabou em um leito de hospital após ser torturada por defender sua aluna das investidas dos militares. Nesse conto, o nome de Alfredo Stroessner não é mencionado, senão em sua última página<sup>523</sup>, quando o narrador aponta o destino de Gloria. O último aspecto aqui mencionado permite-me sugerir que, ainda que não diretamente, há no conto uma denúncia ou sugestão de que ele fazia parte desse grupo que aliciava meninas adolescentes, uma ideia reforçada pela entrevista de Alcalá, em que este afirma que eram comuns essas situações. A professora Josefina teria tentado conversar com a tia responsável pela guarda da moça, insistido com a diretora da escola para que chamassem as autoridades competentes e, assim, exigissem a presença da aluna na escola a fim de que ela permanecesse na escola e se formasse. Porém, o comportamento e a vida pessoal da professora Josefina são igualmente expostos pelo narrador, demonstrando que, de uma forma ou de outra, mulheres sempre têm seus corpos controlados.

Considerando os lugares ocupados então pela professora Josefina – no leito do hospital – e de Gloria – vestida como uma *puta por opção* –, como ambas teriam chegado a essas posições? De acordo com o narrador, desde o dia em que Gloria adentrou sala de aula já se via nela problemas:

Sim Gloria era tímida. E não tinha nada de especial. Pequena, rosto cheio de espinhas. O único era a sua cabeleira, cuidada e escovada todos os dias [...]. Só no começo, porque depois do terceiro dia a perdeu de vista, e quase não a reconheceu ao vê-la novamente como aluna do quinto ano, dois anos depois. A cabeleira linda como sempre, ainda mais linda e sem espinhas, a mais alta do

---

<sup>523</sup> Ibidem, p. 14.

curso. A mais mocinha. Não era sua culpa se a olhavam tanto dentro e fora da escola e ela não sabia como se comportar. De feia, morria de vergonha. De linda, com sua nova personalidade, não sabia aonde pôr os pés no chão quando começavam a soar os insistentes elogios. Seguiam sendo torpes, seguia sendo motivo de compaixão da professora [tradução minha]<sup>524</sup>.

A citação refere-se ao primeiro encontro da professora Josefina com Gloria, como também voltam a ser professora e aluna dois anos depois. Em um primeiro momento, Gloria é vista apenas como uma menina tímida e com um cabelo bonito e escovado – a mesma beleza que chamou a atenção da professora Josefina dois anos depois. Nessa época, já não tinha espinhas, estava mais alta e estaria ainda mais bela. O narrador a classifica como alguém que se comporta como uma *mocinha*, ou seja, tímida, discreta, delicada, bonita e, talvez, representava o esperado para jovens da idade dela, um comportamento que explica o porquê de não saber o que fazer quando assediavam ou elogiavam a sua beleza, tanto dentro quanto fora da escola. O fato de chamar demais a atenção de todos é o que fez a professora Josefina tentar defendê-la desde o início da trama, de acordo com o narrador. Longe de afirmar que esse primeiro estilo de Gloria é o ideal – ou o considerado socialmente mais adequado – para adolescentes, como também de se justificar qualquer ação dos militares sobre ela, considero que é a partir da acentuação da sua ‘feminilidade’ que ela chama a atenção para si. O conto segue com a presença de meninos que se acercavam da escola com o intuito de se aproximarem de Gloria, porém sempre afastados pela diretora. Glória não teria reagido ao ver militares à frente do portão central:

Também interveio quando apareceu o impala vermelho. Vermelho e com placa militar. Se via bem que o chofer não era um qualquer; mas bem um desses malcriados que dirigem um carro diferente e pela placa o patrão tem suas pretensões e dirigem como querem. O tipo estacionava em frente ao portão, parava o trânsito, olhava todo mundo com

---

<sup>524</sup> No original: “Sí Gloria era tímida. Y no tenía nada de especial. Chiquita, cara llena de granos. Lo único era su melena, cuidada y cepillada todo el día [...]. Sólo el comienzo, porque después del tercero la perdió de vista, y casi no la reconoció al volverla a ver como su alumna de quinto, dos años después. La melena linda como siempre, todavía más linda y sin granos, la más alta del curso. La más señorita. No era su culpa si la miraban tanto dentro y fuera de la escuela y ella no sabía como comportarse. De fea, se moría de vergüenza. De linda, con su nueva personalidad, no sabía donde poner los pies sobre acera cuando comenzaban a sonar los insistentes piropos. Seguían siendo torpe, seguía siendo motivo de compasión de la maestra.” Ibidem, p. 6.

impertinência, em especial Gloria era notada, por isso a diretora falou novamente com ela. Novamente, Gloria disse que não tinha culpa e não podia fazer nada; o tipo a esperava na saída, a seguia com o carro até sua casa com duas rodas sobre a calçada, a mais envergonhada logo era ela mesma. A diretora, então, esperou o impala estacionar na contramão, cruzou a rua, encarou o tipo. O tipo não levantou a voz mas tampouco parecia assustado (ninguém pôde ouvir a conversa). Uma lástima, a briga prometia: nem a diretora nem o tipo eram uns quaisquer e uma briga dessa sempre dá o que comentar [tradução minha]<sup>525</sup>.

Ressalto o modo que o narrador nomeia o chofer como o *tipo* – um sujeito qualquer. A descrição de seu comportamento dá a entender tratar-se de alguém prepotente, arrogante, que também não se importa com as regras, estaciona onde bem entende e no horário desejado, como também segue Gloria com duas rodas pela calçada. Gloria novamente é descrita como uma adolescente discreta, constrangida pelo assédio que passa a sofrer e que se justifica com a diretora dizendo o que seria o óbvio nesse caso: “que não podia fazer nada [tradução minha]”<sup>526</sup>. Também friso a conversa ocorrida entre o *tipo* e a diretora, algo não ouvido e ocorrido de forma discreta no outro lado da rua, diferente da primeira vez em que ela o adverte em frente à escola. Essa descrição chama a atenção porque, no período que se segue, a diretora não apenas deixa de defender a adolescente, como ainda afirma que esta é a culpada pelo o que estava acontecendo: “Nós não podemos fazer nada se a menina procura, porque se não procurasse ninguém iria molestá-la [tradução minha]”<sup>527</sup>.

Além disso, o narrador informa que a diretora era meio-irmã do ministro da educação, sugerindo, portanto, que poderia haver uma relação mais estreita entre sua família e o grupo político no poder, ou mesmo algum tipo de jogo/troca de favores, o que justificaria a mudança

<sup>525</sup> No original: “También intervino cuando apareció el impala colorado. Colorado y con chapa militar. Se veía bien que el chofer no era ningún capo; más bien uno de esos malcriados que manejan un auto ajeno y por la chapa y el patrón tienen sus pretensiones y manejan como quieren. El tipo estacionaba frente al portón, paraba el tráfico, miraba a todo mundo con impertinencia, en especial a Gloria se notaba, por eso la directora le habló de nuevo. De nuevo, Gloria dijo que no tenía la culpa pero no podía hacer nada; el tipo la esperaba a la salida, la seguía con el auto hasta su casa con dos ruedas sobre la vereda, la más avergonzada luego era ella misma. La directora, entonces, espero que el impala estacionara a contramano, cruzó la calle, se encaró con el tipo. El tipo no levanto la voz pero tampoco parecía asustado (nadie pudo oír la conversación). Una lástima, la pelea prometía: ni la directora ni el tipo eran unos cualquiera y una pelea de esas siempre da para comentar.” Ibidem, p. 7.

<sup>526</sup> No original: “que no podía hacer nada.” Idem.

<sup>527</sup> No original: “Nosotras no podemos hacer nada si la chiquilina busca, porque si no busca nadie no la va a molestar.” Ibidem, p. 7.

de opinião da diretora. A personagem da diretora, nesse caso, demonstra que as próprias mulheres muitas vezes reafirmam posturas machistas, talvez a fim de se proteger. Em contrapartida, a professora Josefina, que não gozava de um cargo alto como o da diretora e não provinha de uma família influente, preferiu enfrentar os militares, em prol da liberdade de Gloria, para que a moça pudesse ser quem almejasse ser. A essa altura, Gloria já havia deixado de frequentar as aulas por causa da intimidação dos militares e também de colegas, professoras e pessoas próximas. É nesse ponto que a professora Josefina passa a questionar a diretora sobre a obrigação que elas tinham em defendê-la, até que recorre à assistente social, para a qual “[...] ela [Josefina] não podia fazer nada para ajudar a essa pobre menina que certamente ia se perder por culpa de todos, não dela, que pode fazer uma menor abandonada? [tradução minha]”<sup>528</sup>

A situação agravou-se a partir do momento em que Josefina pediu à assistente social que fosse à polícia, a qual, por sua vez, fez uma investigação e apontou que a professora Josefina também fazia parte de um grupo de reflexão de uma paróquia, sobre o qual se suspeitava haver princípios de esquerda como base. O padre, intimado a comparecer à polícia, percebeu que não havia maiores perigos a ele, por ser padre, mas pediu aos integrantes que diminuíssem suas atividades. Entretanto, Josefina não acatou os conselhos do padre e, após descobrir o endereço do militar que estaria com Gloria, passou a vigiar a casa deste com o propósito de (se) encontrar com a adolescente. A professora “monta guarda” insistentemente até conseguir o que deseja. Mas, nas semanas que se seguem, Josefina entrou no carro dos militares, pensando que se encontraria com Gloria. O narrador descreve as consequências de uma mulher, professora, atrever-se a questionar as escolhas dos militares:

Ideia ruim subir, confiante, no carro, deixar-se levar à polícia, mas a descoberta veio tarde demais, já quando o Amâncio e o outro sujeitavam seus braços, e a resistência resultava inútil. – Ah!, vem nossa professorinha esquerdista. – Senhorita, aqui vai dar aulas a todos, como a tua aluna. Vai nos ensinar muitas coisas e nós também vamos te ensinar [...]. As pernas do recruta tremiam, mas tratou de sorrir quando Amâncio meteu a mão na blusa da professora. Este não se atreveu a contar, meses depois, nem sequer sob a promessa de reserva, quando disse aos homens dos direitos humanos que havia visto a professora presa.

---

<sup>528</sup> No original: “[...] ¿ella [Josefina] no podía hacer nada luego para ayudar a esa pobre chica que seguramente se iba a perder por culpa de todos, no de ella, que puede hacer una menor abandonada?” Idem.

Outra informação deu Cristina, sindicalista e companheira de cela de Josefina González. Para Cristina, tratava-se de uma confusão com outra Josefina González do partido comunista paraguaio; porque, se não, prenderiam uma pessoa sem atividades políticas? Cristina não acreditava que as reuniões do grupo de reflexão paroquial foram causa suficiente para a prisão: Assunção estava cheia de grupos e não se mexia com eles porque tinham a proteção da igreja. Mas, a versão mais aceita era outra: foi por ter se metido em assuntos privados de alguém muito importante. Stroessner? Poderia ser, ou qualquer outro do círculo [tradução minha]<sup>529</sup>.

A professora Josefina percebeu que o chofer – e *pyraque* segundo o conto – de forma alguma a levaria até Gloria. Assim que entrou no carro, passou a sofrer assédio e a ter o seu corpo percorrido pelas mãos nada convidativas de Amancio. A citação ainda permite perceber que não se iniciou um processo legal sobre o motivo da prisão da professora, visto que a possibilidade de terem confundido com outra pessoa e mais o fato de participar de um grupo protegido pela Igreja Católica são colocados como possibilidades. Porém, de tudo isso, o narrador lembra qual teria sido o maior erro dessa professora: “haberse metido en los asuntos privados de alguien muy importante”. Tal fala, talvez, justifique a omissão da diretora, embora irmã de um político do grupo de Stroessner, por perceber que o que a professora Josefina estava fazendo era maior que o seu cargo de diretora poderia contornar.

No que tange à narrativa, vale retomar um aspecto apontado por Guido Alcalá quando entrevistado em 2008, na qual afirmou que era comum militares buscarem adolescentes para se satisfazerem. Alfredo Boccia Paz aponta casos, como o de Julia Ozorio Gamecho, que teria

---

<sup>529</sup> No original: “Mala idea subir, confiada, al auto, dejarse llevar a la comisaría, pero el descubrimiento vino demasiado tarde, cuando ya el Amancio y el otro la sujetaban de los brazos y la resistencia resultaba inútil. – ¡Ah!, viene nuestra maestra izquierda. – Señorita, aquí nos vas a dar clases a todos, como a tu alumna. Vas a enseñarnos muchas cosas y nosotros también te vamos a enseñar [...] Al concripto le temblaban las piernas pero trató de sonreír cuando Amancio metió la mano en la blusa de la maestra. Esto no se atrevió a contar, meses después, ni siquiera bajo promesa de reserva, cuando dijo a los hombres de los derechos humanos que había visto a la maestra presa. Otra información la dio Cristina, sindicalista y compañera de celda de Josefina González. Para Cristina, se trataba de una confusión con otra Josefina González del partido comunista paraguayo; ¿por qué, o sino, hubieran metido presa a una persona sin actividades políticas? Cristina no creía que las reuniones del grupo de reflexión paroquial fueran causa suficiente para el apresamiento; Asunción estaba llena de grupos y no se los molestaba porque tenían la protección de la iglesia. Pero la versión más aceptada era otra: fue por haberse metido en los asuntos privados de alguien muy importante. ¿Stroessner? Podía ser, o cualquier otro del círculo.” Ibidem, p. 12-13.

sido ‘escrava sexual’ de um militar<sup>530</sup>, a qual alega ter sido comum esse tipo de submissão. O conto, por sua vez, traz uma informação muito semelhante, ao explicar, em parte, a proporção que tomou o fato de a professora Josefina defender sua aluna Gloria: “[...] um tal de Terrier que, segundo o escrivão, tinha um ‘criadouro’ de adolescentes no bairro Sajonia. Alguém do governo, de qualquer maneira, a quem desgostou as investigações da professora sobre o paradeiro da aluna [tradução minha]”<sup>531</sup>. Relaciono a última citação, com base na entrevista de Alcalá e dessa passagem do conto, que muitas mulheres foram vítimas ao terem seus corpos subjugados por militares que apoiavam Stroessner, ideia que se sustenta fundamentada na análise das representações encontradas nos personagens do chofer, do recruta, dos generais, de uma diretora e até mesmo do escrivão (que se mostra questionador das ações de alguém que estaria por trás de todos desse grupo), que em diversos momentos constroem a ideia de que é natural/normal as situações ocorridas com Gloria e a professora Josefina.

Irene Meijer e Baukje Prins, ao entrevistarem Judith Butler, afirmam que as narrativas sobre mulheres – e seus corpos – tornam-se exemplos a se seguir, padrões muitas vezes reafirmados, desconstruídos e colocados em discussão<sup>532</sup>. De acordo com Butler, não são necessariamente histórias, mas fictícias maneiras de pensar e agir, no sentido de que abrem possibilidades. Além disso, salienta que o aspecto ontológico dos acontecimentos, o sentir e o agir não têm apenas um sentido por atrás dos gestos e ações, mas têm diversas questões que circulam, que entram em conflito e que se constituem, ora com um tipo de referente, ora com um discurso linguístico; são relações que demonstram a importância de perceber a composição relacional de poder dentro de uma sociedade, isto é, identificar quem é cada um nesse corpo social e, também, questionando quem forma esse “coletivo”<sup>533</sup>.

No caso dos *corpos abjetos* de Judith Butler, a feminista explica que corpo abjeto é qualquer um que seja, por diversos motivos, excluído do grupo social em que se insere. Esses são complexos e contextualizados, ou seja, como o seu exemplo sobre os refugiados, os

<sup>530</sup> PAZ, Alfredo Boccia. Represión Política Y Género en la ditadura paraguaya. In: PEDRO, Joana Maria e WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero...*, op. cit. p. 89.

<sup>531</sup> No original: “[...] un tal de Terrier que, según el escribano, tenía un ‘criadero’ de adolescentes en el barrio Sajonia. Alguien del gobierno, de cualquier manera, a quien disgustaron las investigaciones de la maestra sobre el paradero de la alumna.” Ibidem, p. 13.

<sup>532</sup> PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, Jan. 2002, p. 156.

<sup>533</sup> Idem.

quais também são vistos dessa forma, sem “vidas”<sup>534</sup>. O que Butler diz é que cada indivíduo desse grupo, como outros, vive como uma *figura* não questionada, passível diante das circunstâncias, vazia<sup>535</sup>. Entretanto, esse exemplo, ou qualquer outro, como as personagens de Guido Alcalá, não são apenas protagonistas que esgotam os modelos, ao mesmo tempo em que não podem se tornar normativas, uma vez que também estariam causando outras exclusões do tipo. Relacionando essa reflexão com as personagens dos contos, o que se percebe é que nos corpos dessas mulheres são impostas – não sem relutância ou negociações – diretrizes ontológicas, como se elas fossem alheias e passíveis em seu contexto no que diz respeito aos discursos machistas e hierárquicos.

Não obstante, lembro que a literatura de Guido Alcalá é testemunhal, é algo que passa por sua vivência como estudante e jornalista e também por sua experiência na ditadura militar de Stroessner. Longe de afirmar ou provar algo utilizando sua entrevista e os contos, porque são fontes diferentes, pautadas por interesses diversos, retomo algumas proposições, embasadas em ideias de Jeanne Marie Gagnebin (e abordagens nos capítulos anteriores), nas quais a autora considera que não é só testemunha aquele que literalmente presenciou tudo sobre o que fala, mas aquele que permaneceu ou esteve em uma “cena” após o ocorrido e também narra a sua versão<sup>536</sup>. Quando Alcalá é entrevistado, muitos anos após a escrita do conto, ele constrói um sentido à sua versão testemunhal da ditadura, que me permite pensar as relações de poder e de gênero refletidas até o momento. Ao reafirmar a sua versão sempre como um acontecimento, Alcalá objetiva provar o que testemunhou – viu ou ouviu dizer –, assim como o ato de “chamar” outras testemunhas, fazer referência a outras fontes, é querer dar credibilidade ao próprio testemunho. Esse tende a formar uma rede de confiança – ou de confirmação – e, dessa forma, ao “tentar” manter a consistência do próprio ato de testemunhar, aquele que escreve ou narra torna-se um arquivo para o crivo historiográfico<sup>537</sup>. Embora literatura e testemunho sejam áreas bastante diferentes, se retomo as ideias de Jaime Ginzburg (do terceiro capítulo), posso afirmar que os acontecimentos traumáticos do século XX, em especial, as Guerras Mundiais e as Ditaduras Militares, produziram seus próprios modos de contar suas

---

<sup>534</sup> Ibidem, p. 157.

<sup>535</sup> Idem.

<sup>536</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 57.

<sup>537</sup> RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 174.



histórias<sup>538</sup>. É um misto de vergonha, de culpa, de resistência e de história.

Logo, na escrita de Alcalá, as suas personagens ganham potência, resistem e deixam de ser vistas como corpos abjetos e passam a ser pautadas por interesses e lutas, dentro de um conjunto de fontes e circunstâncias que caminha para uma literatura de testemunho. As ações de personagens como Tania, Sofia Benítez, professora Josefina González e Gloria demonstram relutâncias diversas e reafirmam a ideia de que para uma mulher ser considerada vitoriosa precisa vencer o inimigo. Essas personagens são complexas, pois apresentam comportamentos que, ora denunciam o que existe de mais arbitrário na ditadura paraguaia em relação às mulheres nos grupos sociais presentes nos contos, ora mostram-se como vítimas que acabam por aceitar os seus destinos. Mas são mulheres que se tornam vencedoras por resistirem em – e com – seus corpos aos efeitos da tortura, por denunciarem, por serem quem são, por provarem que não são corpos abjetos, mesmo diante de tantos mecanismos que buscam defini-las desse modo. Etnia, gênero e classe também são aspectos que atravessam a vida dessas mulheres, destinando a cada uma um caminho diferente; no entanto, a resistência e o modo como recusam “ser” apenas corpos abjetos é o que sobressai sobre seus comportamentos nesses contos.

#### 4.4 Quando a violência não é ‘apenas’ física

No conto “Cartas no necesariamente escritas”, nem a “pesquisadora” norte-americana escapa do assédio tão comum às mulheres paraguaias naquele contexto, porém com a diferença de que ela era oriunda de um país com o qual ninguém queria causar algum mal estar: “O diretor, um homenzinho pretencioso e sempre de smoking, mostrou-se muito amável comigo. Demasiado. Retribuir suas atenções como ele queria me permitiria avançar mais rápido em minhas investigações, mas a um preço demasiado alto [tradução minha]”<sup>539</sup>. Nesse momento, a “pesquisadora” refere-se à possibilidade de adiantar a sua investigação, a partir de uma maior liberdade de acesso ao arquivo,

---

<sup>538</sup> GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. SALGUEIRO, Wilberth (org.). *O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências*. Vitória: Edufes, 2011, p. 19-29.

<sup>539</sup> No original: “El director, un hombrequito pretencioso y siempre de tuxedo, se mostró muy amable conmigo. Demasiado. Retribuir sus atenciones como él quisiera me permitiría avanzar más rápido en mis investigaciones, sólo que a un precio demasiado alto.” ALCALÁ, *Cuentos decentes...*, op. cit., p. 99.

se oferecesse algum tipo de “retorno” ao responsável pelo setor, o que provavelmente seria algum tipo de envolvimento amoroso ou apenas sexual, visto que o adjetivo *amable* sugere uma tentativa de aproximação mais incisiva.

Apesar das ideias bastante americanizadas e que ignoravam a política do país, essa “pesquisadora” não ignora a situação das mulheres, inclusive a sua, como fica evidente na seguinte passagem: “À tarde, os homens se reúnem em bares para falar de mulheres – mas sem elas. Creio que o machismo paraguaio é basicamente verbal: as mulheres estão todas fechadas e solitárias”<sup>540</sup>. A personagem afirma aqui que o espaço público, de bares em um sábado à tarde (como se refere), é peculiar (ou permitido) aos homens, ao passo que para as mulheres de “bem” ou de “boa moral” o destino seria o espaço privado ou a solidão. No trecho também menciona que esse *machismo* seria verbal, o que me permite perceber que a violência física talvez não fosse tão evidente na e para a narrativa – aos olhos estrangeiros da moça; ainda assim, segundo o que a narradora sugere, há uma denúncia sobre os tipos de machismos inscritos nas relações sociais e culturais. Entendo dessa forma, pois, em uma carta endereçada a uma amiga, menciona o porquê de ter uma empregada em casa, visto que isso seria inviável financeiramente nos Estados Unidos:

No Paraguai não precisa dinheiro para ter uma empregada; os salários são muito baixos, e especialmente para os americanos, que ganhamos em dólares salários que para este país são elevadíssimos. Devo confessar que a situação das empregadas no Paraguai é muito triste: são mulheres muito pobres que devem aceitar um trabalho em condições inaceitáveis, que frequentemente são sexualmente abusadas. Às vezes me sinto culpada por aproveitar dessa circunstância. Mas, por outro lado, também é certo que estou dando a Josefina um trabalho (minha empregada), e que a pago mais do que comumente se paga aqui [tradução minha]<sup>541</sup>.

<sup>540</sup> No original: “Por la tarde, los hombres se reúnen en los bares para hablar de mujeres – pero sin ellas. Creo que el machismo paraguayo es básicamente verbal: las mujeres están todas encerradas y solas.” Idem.

<sup>541</sup> No original: “En el Paraguay no necesitas dinero para tener una *servienta*; los salarios son muy bajos, y especialmente para los americanos, que ganamos en dólares sueldos que para este país son elevadísimos. Debo confesarte que la situación de las *servientas* en el Paraguay es muy triste: son muchachas muy pobres que deben aceptar un trabajo en condiciones inacceptables, que a menudo son sexualmente abusadas. A veces me siento culpable por aprovechar de esa circunstancia. Pero, por otro lado, también es cierto que estoy dándole un trabajo a Josefina (mi *maid*), y que le pago más de lo que comúnmente se paga aquí.” Ibidem, p. 104.

A passagem evidencia o fato de que muitas mulheres pobres precisavam se sujeitar a baixos salários e à condições precárias ao trabalharem como empregadas domésticas, a fim de sobreviverem, e como esses empregos eram específicos a elas, já que envolvem trabalhos domésticos, explorando os adjetivos direcionados normalmente às mulheres, como: delicadas, frágeis, atenciosas etc. Por outro lado, algumas questões se colocam, no encaixe da pesquisa da historiadora Soraia Carolina de Mello<sup>542</sup>, que aponta os anos de 1970 como uma época em que feministas passaram a questionar a naturalização e as diferenciações do/sobre o trabalho doméstico. Nesse contexto, o mundo privado, como algo peculiar e exclusivo das mulheres, também foi inquirido e, a partir disso, posso perceber que a “pesquisadora” representa uma mulher que já está fora de casa, trabalhando e vivendo o cotidiano “público”, negando o seu possível ou único “destino” de dona de casa. Afirmo, com base nesse conto, que, embora a “pesquisadora” não estivesse preocupada com essa questão – público/privado e os espaços ocupados pelas mulheres –, a partir do trecho é possível questionar como esse tipo de função já poderia ser questionada. Obviamente, as mulheres continuam a limpar suas casas, e muitas todos os dias têm suas tarefas profissionais e “do lar” acumuladas, como se fosse natural. Porém, da mesma forma em que lembro que não foi apenas depois do reconhecimento das primeiras profissões que as mulheres passaram a trabalhar, já que há muito eram servas, donas-de-casa, escravas, prostitutas ou operárias; também se tem ciência de que há tempos mulheres questionam os seus lugares nas sociedades em que estão inseridas.

Nesse viés, recordo que mulheres não se tornam vítimas apenas pelos machismos provenientes de homens, mas também de outras mulheres. No caso da “pesquisadora”, esta representa uma submissão que ela ostenta em relação à Josefina (por ser paraguaia e mais pobre), isto é, nacionalidades e classes diferentes poderiam proporcionar diferentes destinos, mesmo sendo mulheres. A historiadora Michele Perrot também traz um exemplo sobre isso, quando discute sobre as donas de casa (“patroas”)<sup>543</sup>, na Idade Moderna na França, que mantinham uma hierarquia em relação às “suas” servas. No que diz respeito ao conto, a paraguaia – latino-americana, pobre, do Hemisfério Sul – tem um destino diferente daquela que é proveniente de um país

---

<sup>542</sup> MELLO, Soraia Carolina. *Discussões feministas na Imprensa para mulheres*: Revista Claudia e o trabalho doméstico (1970-1989). Tese (Doutorado) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p. 44-46.

<sup>543</sup> PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo, editora Contexto, 2007.

rico/Hemisfério Norte/branca/universitária. Porém, isso não quer dizer que outras paraguaias não pudessem ter o mesmo destino da “pesquisadora”, ou vice-versa.

Diante das condições consideradas sobre o trabalho doméstico, as empregadas podem se tornar “presas” fáceis para os abusos e os assédios cometidos dentro desses “lares” – a própria “pesquisadora” aponta que muitas vezes essas mulheres eram abusadas sexualmente. No caso de *sua* Josefina, a “pesquisadora” diz que paga um valor mais alto do que usualmente acontece no país pelo trabalho realizado pela empregada e, ao mesmo tempo em que aparentemente valoriza tal desempenho, é reticente quanto ao comportamento da paraguaia. De acordo com ela, é temperamental e não sabe ter autonomia:

Ela é uma menina muito voluntariosa, mas não sabe ser independente. Creio que nenhum paraguaio sabe ser. Se você não diz a cada passo o que tem que fazer, não faz nada. Às vezes acaba sendo mais fácil eu mesma fazer as coisas, em vez de ter que estar ao lado de Josefina lhe guiando. Tampouco é muito profissional: imagina que chegou a usar meus lápis de lábios. E isso porque a havia tratado muito bem; os paraguaios necessitam de um patrão autoritário [tradução minha]<sup>544</sup>.

Quando afirma que a menina é voluntariosa, ressalta uma característica que, em seu entender, justificaria, muitas vezes, a supremacia exercida por aqueles que seriam de países mais desenvolvidos – ou até mesmo colonizadores em outros contextos – e que, por estarem dando emprego ou pagando a mais, creem que podem transformar suas empregadas em servas. Conforme a personagem, os paraguaios precisavam de um patrão autoritário – frase-síntese para o contexto ditatorial do país. Além disso, ao usar a maquiagem da “pesquisadora”, a personagem de Josefina demonstra que, mais que mexer em algo que não é seu, tem curiosidade em experimentar algo diferente, que talvez tenha no Paraguai, porém não para todas, um país tão atrasado em todos os sentidos, segundo o ponto de vista da “pesquisadora”.

Por sua vez, Gloria – personagem do conto homônimo – foi vítima de preconceitos de sua tia desde sua infância, uma mulher que

---

<sup>544</sup> No original: “Ella es una chica muy voluntariosa, pero no sabe ser independiente. Creo que ningún paraguayo sabe serlo. Si tú no le dices a cada paso lo que tiene que hacer, no hace nada. A veces me resulta más fácil hacer yo misma las cosas, en vez de tener que estar al lado de Josefina guiándola. Tampoco es demasiado profesional: imagínate que llegó a usarme mi lápiz de labios. Y eso porque la había tratado *demasiado* bien; los paraguayos necesitan de un patrón autoritario.” ALCALÁ, *Cuentos decentes...*, op. cit., p. 104.

não se preocupou em proteger a sobrinha, como também a culpou por se tornar uma prostituta devido a um problema familiar, apontado no seguinte trecho: “A tia paterna não a queria porque ela lembrava a mulher que enganou a seu irmão, a mãe de Gloria, e agia como se fosse uma questão de tempo que a mesma Gloria seguisse os passos da mãe [tradução minha]”<sup>545</sup>. Percebo nessa narrativa é que, na leitura de sua tia, a filha de uma adúltera só poderia seguir os passos da mãe, ou seja, pelo caminho escolhido pela mãe, a filha já teria o seu destino traçado.

Os lugares de mulheres, além daqueles vividos por Tânia, Gloria, pela professora Josefina González e por Sofia Benítez, como resistentes à ditadura, também podem ser diferenciados e analisados em outros aspectos. A professora Josefina normalmente no conto é vista como aquela que vivia com sua irmã e cunhado antes de ter o salário da Escola Normal, visto que não teria dinheiro suficiente para sobreviver e, principalmente, por ser uma *solteirona*, como também: “[...] mal paga, “coisinha feia”, a estuprada da polícia [...] [tradução minha]”<sup>546</sup>. Mais que isso, o narrador define como seria a vida da professora Josefina em casa:

Tão logo chegasse do Normal, onde tinha dois turnos, Josefina tinha que se encarregar dos deveres dos sobrinhos e assim que terminava as lições particulares podia dedicar-se a corrigir os deveres das oitenta alunas de seus dois turnos do Normal. Isso ela fazia todos os dias mais as tarefas próprias de uma criada e a perseguição da diretora que acabou despedindo-a [...] [tradução minha]<sup>547</sup>.

Professora Josefina, embora com dois empregos, responsável pelo seu sustento, não é vista pelo autor como empoderada, mas sua vida é ressaltada como ainda dependente de sua irmã, a qual, sob domínio do marido, colabora na opressão da irmã. Professora Josefina tem o seu destino traçado em casa, por ser solteira e depender de seu cunhado e de sua irmã, além de ter sua situação precarizada a partir do momento em que foi despedida por não obedecer às ordens da diretora, hierarquicamente acima dela. Josefina, pelas características que tinha,

---

<sup>545</sup> No original: “La tía paterna no la quería porque le recordaba a la mujer que engañó a su hermano, a la madre de Gloria, y actuaba como si fuera cuestión de tiempo que la misma Gloria siguiera los pasos de la mamá.” ALCALÁ, *Cuentos...*, op. cit., p. 11.

<sup>546</sup> No original: “[...] mal pagada, la fea poca cosa, la violada en la comisaria [...]” *Ibidem*, p. 14.

<sup>547</sup> No original: “Apenas llegada a la Normal, donde tenía dos turnos, Josefina tenía que encargarse de los deberes de los sobrinos y recién cuando terminaba las lecciones particulares podía dedicarse a corregir los deberes de las ochenta alumnas de sus dos turnos de la Normal. Eso hacía todos los días más las tareas propias de una criada y la percusión de la directora que terminó de despedirla [...]” *Ibidem*, p. 13.

apenas deveria acatar e exercer a sua profissão na escola e, em casa, da mesma forma, aceitar o seu destino, tomando para si o lugar de sua irmã e de seu cunhado como responsável pela educação dos sobrinhos – a fim de retribuir pela “bondade” do acolhimento que teve, já que uma mulher, mal paga e feia, como era qualificada, não conseguiria um casamento, muito menos sobreviver sozinha.

A professora “solteirona” tem em sua profissão um modo de externar aquilo – que o destino não proporcionou – e seria peculiar às mulheres: o cuidado com as crianças, a preocupação, atenção e delicadeza. Aspectos que não estão dissociados da ideia de casamento também como destino das mulheres, ou seja, a tutela da mulher sempre deveria estar com um homem. A mesma situação pode ser observada na família de Alberto, no conto “Hacerse hombre” (debatido anteriormente), em que a mãe fica feliz por ter um filho militar, o que poderá dar honra as outras filhas residentes na casa, ou ainda, como Mercedes, que é pressionada pela família e pelas vizinhas para que viva junto a outro homem, mesmo com seu marido preso e “refém” dessa tirania. A alegria sentida pela mãe de Alberto demonstra o quanto as mulheres também perpetuam as relações de gênero de modo prejudicial em relação à sua própria igualdade. O que se percebe é o filho que segue carreira militar, ao passo que a filha permanece em casa e sob a tutela do primeiro, uma ‘tradição’ comum no cotidiano e que desmantela muitas tentativas de equidade.

Um dos contos mais chocantes no que diz respeito à manutenção de uma tradição é “Casamiento de conveniencia”. Publicado no livro *Curuzu Cadete* narra a história de uma menina, María Rosa, que cresce com seu pai preso. Das memórias de sua infância, a personagem se lembra de que o pai usava um anel e das inúmeras vezes em que ficou na fila para visitá-lo enquanto estava preso. Para María Rosa, talvez ele fosse um militar, visto que usa um anel, tal como o “[...] homem que desceu do carro, do enorme impala que estacionou na frente de casa [...] [tradução minha]”<sup>548</sup>. Desde a primeira vez em que esse homem veio à sua casa, María Rosa passeou muitas vezes de carro, sempre encerrando o passeio com um sorvete. Tanto a menina quanto Mercedes, sua mãe, não ofereceram resistência ao militar quando ele levava María Rosa para passear, como se houvesse uma coerção social tão forte que restava a ambas obedecer. O narrador

---

<sup>548</sup> No original: “[...] hombre que bajó del auto, en enorme impala que se estacionó frente a la casa [...]” ALCALÁ, Guido R. *Curuzú Cadete: cuentos de ayer y de hoy*. Assunção: RP Ediciones, 1990, p. 129.

também afirma que o sorvete era algo que estava acima das posses de sua mãe, a qual muito se esforçava, na ausência do marido, fazendo bordados para pagar o aluguel atrasado e as contas de casa. Isso gerava compaixão da vizinhança que dizia a ela que “[...] uma mulher tão jovem como você não pode, pois está tão sozinha e é demasiada linda [...] [tradução minha]”<sup>549</sup>. Com a pressão de vizinhos e da família que não aceitavam que uma mulher poderia viver sozinha com sua filha (ou sem a tutela de um homem), Mercedes acabou cedendo ao militar, em especial considerando os “conselhos” de uma vizinha, que indicou as boas intenções do inspetor:

Parecia muito sério o inspetor Benítez, um moço de intenções sérias e que podia protegê-la, como ia ficar essa criatura sem papai? Dona Margot tinha experiência, não era como a pobre Mercedesitas, demasiado jovem, que acreditava no que diziam, quando diziam uma semana mais. Se Mercedes não fizesse o que desde o começo queriam esses senhores importantes que prometiam a liberdade de seu marido, nunca o iriam deixar sair [tradução minha]<sup>550</sup>.

A menina estava sempre com muita energia e trazia respostas na ponta da língua. Para a vizinhança, significava ser um mau comportamento para uma menina e também o resultado da ausência do pai. Porém, muito mais sério que isso é a chantagem que Mercedes passa a sofrer para que tenha seu marido de volta. Mercedes, pobre, mulher, sem a presença do marido, começa a ser assediada pelo inspetor Benítez, mas também pelas vizinhas que a convenciam de que aceitar a sua condição de mulher era o melhor, tanto para ela, quanto para a filha e para o marido, a fim de que evitar que ele sofresse maiores retaliações enquanto enclausurado. Essa preocupação fica evidente na seguinte citação: “[...] Dona Margot, diretora da escola com uma feia fama de alcoviteira, que convenceu Mercedes de que não ganhava nada depreciando a um homem que poderia vingar-se em seu marido preso

---

<sup>549</sup> No original: “[...] una mujer tan joven como usted no puede pues estar tan sola y es demasiado linda [...]”. Idem.

<sup>550</sup> No original: “Le pareció muy serio el inspector Benítez, un mozo de intenciones serias y que la podía proteger, ¿cómo iba a andar esa criatura sin papá? Doña Margot tenía experiencia, no era como la pobre Mercedesitas, demasiado joven, que se creía lo que le decían cuando le decían que una semana más. Si la Mercedes no hacía lo que desde luego iba a hacer esos señores importantes que le prometían la libertad de su marido nunca lo iban a dejar salir [...]”. Idem.

[tradução minha]<sup>551</sup> Mais que isso, o próprio marido de Mercedes acabou concordando com a ação da mulher:

[...] porque não se sentia capaz de amparar a suas mulheres, e uma casa sem homem nunca é respeitada no bairro (saqueadores e ladrões tinham incomodado as duas mais de uma vez) [...] Ela, por sua vez, detestava ao inspetor Benítez, mas como ele havia prometido interceder pelo perseguido político (talvez uma promessa falsa), pensou que fazia o correto aceitando a proposição matrimonial [tradução minha].<sup>552</sup>

O narrador ao falar sobre o preso político, que nem sequer tinha um processo em aberto que averiguasse seu “crime”, deixa evidente que sua situação – encarcerado e sem processo, era uma chantagem a Mercedes, demonstrando os usos que o machismo do cotidiano poderia desempenhar. Afinal, o que seria da sua mulher se não tivesse um homem por perto para defendê-la? Desse modo, é possível apreender como a nova relação conjugal é reforçada como o ideal para ambos, visto que, sem isso, passariam a ser mal vistos (se já não o fossem). Mercedes resiste o máximo que pode, porém, a partir do momento em que permite a primeira visita, um novo casamento, o ideal para ela, torna-se seu destino, mesmo com seu marido preso, visto que sua soltura também parecia impossível, o que a tornava ‘uma viúva de marido vivo’. Dessa forma, seu casamento é considerado o caminho ideal a seguir para ambos, Mercedes e o seu marido encarcerado.

Portanto, nem homens, muito menos mulheres, escapavam deste *falso* moralismo paraguaio. A lei de divórcio no Paraguai é de 1989, ou seja, antes disso, quem não respeitava o casamento era imoral. A entrevista de Alcalá traz questões sobre que tipo de ações seriam menos “imorais” – por exemplo, um homem que reconhecidamente bebesse poderia frequentar a universidade, porém, não uma mulher:

O Borracho podia como se diz em castelhano “putero”, mas esta era considerada puta na rua. Não se voltava porque isso era inexistente. Um professor, um senhor de nome... que se casou, divorciou-se e voltou a casar, foi taxado na universidade por imoral. E outro professor Mauricio, que já

<sup>551</sup> No original: “Doña Margot, directora de escuela con una fea fama de alcahueta, que convenció a la Mercedes de que no ganaba nada con despreciar a un hombre que podía vengarse en su marido preso.” Ibidem, p. 131.

<sup>552</sup> No original: “[...] porque no se sentía capaz de amparar a sus mujeres y una casa sin hombre nunca se respetó en el barrio (merodeadores y ladrones las habían molestado más de una vez) [...]. Ella, por su parte, detestaba al inspector Benítez, pero, como él había prometido interceder por el perseguido político (promesa quizás falsa), pensó que hacía lo correcto aceptando la proposición matrimonial.” Ibidem, p. 132.



morreu também foi chamado de indecente [tradução minha]<sup>553</sup>.

É possível apontar com base nessa fala que corpos de homens e mulheres recebiam as regras que deveriam obedecer. Os contos até aqui analisados também indicam/retomam muitos dos comportamentos comuns a esse período. Porém, personagens como a da professora Josefina, quando se tornavam contestadoras e resistentes ao que seriam os lugares destinados às mulheres, lugares evidenciados e manipulados também pelo machismo, pelo moralismo e pela hierarquia militar, apenas teriam como destino a morte o a estigmatização. No caso da professora Josefina, ela escolheu não mais viver, como fica evidente com o pensamento do escrivão, que, juntamente à assistente social e o padre, esperava a melhora de Josefina no hospital: “Então, e com pesar, o escrivão compreendeu: a senhorita González, pela primeira vez havia optado [...] [tradução minha]”<sup>554</sup>. Afinal porque uma mulher torturada, violentada e desprovida das “qualidades” que se espera de uma mulher, poderia querer continuar a viver depois do que passou? Já a personagem Gloria, ao que se entende, aceita sua condição, como o narrador sugere na citação: “[...] por isso o sacerdote não aceitava as murmurações contra a adolescente transformada em amante de Stroessner por haver sido considerada p... antes de ser [...] [tradução minha]”<sup>555</sup>.

Mercedes, tal como Gloria, aceita seu destino. Já Tania consegue fugir para Buenos Aires e Sofia Benítez sobrevive, não sem sequelas psicológicas. Todas, de alguma forma, são vítimas do militarismo de Stroessner e do machismo. O que temos nesse contexto – e em muitas outras temporalidades e espaços – é uma sociedade composta por homens e mulheres que sempre subjagam/julgam o corpo das mulheres e também o de homens. Além disso, a ditadura militar de Stroessner reforça quais deveriam ser, em seu entender e para seus próprios interesses, os lugares de homens e mulheres, como também indica o tipo de identidade de gênero considerada adequada. Posso afirmar que o contexto social em que se encontra uma sociedade é que define o modo como se aceita a sexualidade, a que ponto se estende a

<sup>553</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>554</sup> No original: “Entonces, y a pesar de sí mismo, el escribano comprendió: la señorita González, por primera vez había optado [...]” ALCALÁ, *Cuentos...*, op. cit., p. 14.

<sup>555</sup> No original: “[...] por eso el sacerdote no aceptaba las murmuraciones contra la adolescente convertida en amante de Stroessner por haber sido considerada p... antes de ser [...]” *Ibidem*, p. 13.

sua intimidade e como se relaciona com outros elementos do período em que ocorre.

Certamente, quando se analisam comportamentos de mulheres, também se percebem quais seriam os esperados de homens, os quais, muitas vezes, desfrutam de mais autonomia que as mulheres, especialmente se forem militares. E é nesse sentido que, na próxima seção, dedico-me ao conto “Hacerse hombre”, publicado no livro *Cuentos Decentes*, de 1987 (Editora Ediciones), e ao livro *Narciso*, de 2016, publicado pela Editora Criterio Ediciones, cuja narrativa se baseia no caso Bernardo Aranda.

#### 4.5 A virilidade em questão: homem usa roupa de homem e se comporta como tal!

Muitas vezes, no decorrer desta tese, foi afirmada a ideia de que Stroessner, para se manter no poder, obrigou a todos que trabalhavam em seu governo a se filiarem ao Partido Colorado, assim como lançou várias estratégias e concedeu privilégios aos filiados, entre eles, militares e *pyraques*, para que mantivessem seu apoio incondicionalmente. Sem dúvida, o militarismo que conduziu os corpos, que definiu o modo como os corpos seriam tratados e legitimados, foi fundamental para a manutenção do poder stronista. As personagens de Tania, professora Josefina, entre outras, não foram as únicas vítimas, porém a maneira como são vistas como vítimas e reagem é diferente do modo como o narrador descreve as situações vividas pelos homens. No conto “Hacerse Hombre”, Alberto é o filho homem da casa, e isso faz com que sua mãe insista em mandá-lo ao serviço obrigatório, no intuito de garantir certo status à família, um lugar com mais três filhas, que ficariam mais bem protegidas com a presença de um militar, uma ideia que sugere o quão significativo era viver ou ter um militar em sua casa em tempos ditatoriais. Além disso, aquele ano seria também o período em que “[...] a juventude se desviava queimando carros e alguns até vendo na guerrilha uma indisciplina que estava em todas as partes e que teria que se ajeitar um pouco [...] [tradução minha]”<sup>556</sup>, ou seja, Alberto seria um bom exemplo de jovem ao servir aos interesses de seu país, já que alguns jovens não estariam no caminho ‘certo’.

---

<sup>556</sup> No original: “[...] la juventud se descarriaba quemando coches y algunos hasta yendo a la guerrilla una indisciplina que estaba en todas las partes y que tenía que enderezarse un poco [...]” ALCALÁ, *Cuentos Decentes...*, op. cit., p. 30.

Alberto, ao se apresentar para o alistamento, e depois de exibir seu corpo em frente a todos, inclusive à vizinhança do campo, é aceito e nomeado. Desde o início, ele se mostra como *instruído* e, por isso, é admitido no setor administrativo. Contudo, sua ambição é ocupar algum posto mais alto, motivo pelo qual se dirige a seu superior, o General Cantero. Isso ocorre no exato momento em que uma patrulha voltava de um trabalho de campo, trazendo os últimos guerrilheiros presos:

E assim foi que o levaram à praça que também era palco de um parque de diversões porque tem carrossel e tudo e também as redes com “coleiras” de ferro e isso recordava a Alberto o filme de quando enforcaram os presos em frente a todo o povo e essa “coleira” de ferro que parecia força de verdade. Melhor dizer que meu general Cantero nem pensava em enforcá-los nem muito menos [...] e meia hora depois todos seguiam com seus pés sobre somente o gramado da praça de nosso Povo e ali todo mundo então mais tranquilo, ainda bem que sabíamos que só os iam tirar dos aviões quando os prendessem corretamente e todas essas coisas que Cantero só iria fazer com eles assim que tranquilizados um pouco e nada mais [tradução minha]<sup>557</sup>.

Na cena descrita, Alberto é apresentado como alguém que se recorda de quando sofreu “humilhações” em frente a populares, como parte do treinamento militar. Ao presenciar a prisão do grupo de guerrilheiros, Alberto percebe semelhanças entre ambos os acontecimentos e, apesar de se tratarem de contextos diferentes, não esperava a morte dos subversivos, como chega a nomeá-los. A narrativa explora o espetáculo que resulta da prisão dos guerrilheiros, a espera de familiares que, muito apreensivos, torcem para que não haja violência ou qualquer tipo de punição pública. Aliás, a exposição pública é o centro da cena, pois igualmente serve de lição, para lembrar o que não

---

<sup>557</sup> No original: “Y así fue que le llevaron en la plaza que también suele ser parque de diversiones porque tiene luego calesita y todo y también sus hamacas con su horcón de hierro y eso le recordaba a Alberto la película cuando les ahorcaron frente a todo el Pueblo a los cautivos y ese horcón de hierro que parecía horca de verdad. Mejor dicho que mi general Cantero ni pensaba ahorcarlos ni mucho menos [...] y media hora después todos seguían con sus pies sobre el suelo el pasto de la plaza de nuestro Pueblo y allí todo el mundo entonces más tranquilo aunque bien que sabíamos que los solían tirar de los aviones cuando los tomaban presos y todas esas cosas que Cantero solía hacer con ellos así que tranquilizados un poco y nada más.” ALCALÁ, Guido R. *Cuentos Decentes*. Assunção: Criterio Ediciones, 1987, p. 31-32.

se deve fazer. Caso contrário, pessoas como o General Cantero teriam o direito de decidir pela vida ou pela morte dos presos, de acordo com o seu humor. Em *Vigiar e Punir* (1987), Michel Foucault lembra-nos sobre o suplício tão comum no período anterior a 1800, o qual foi substituído pela vigilância do panóptico das prisões, manicômios e escolas. A punição, portanto, não é apenas pela retirada da “liberdade”, mas pela normalização e disciplina direcionada aos corpos. É nesses que se dá a penitência, naquilo que dói e que pode não esquecer o que sente. Conforme Courbin, Courtine e Vigarello, citados no início do capítulo, no corpo estão as diferenças culturais e sociais, porém é nele também que se gera consciência e também se limita as ações de cada um<sup>558</sup> em acordo às normas da sociedade, isto é, dessa forma, punições corporais públicas trazem exatamente essas medidas.

No caso de Alberto, há o constrangimento daquele que assiste ao martírio de Varela, ao mesmo tempo em que se concorda sobre a necessidade da punição<sup>559</sup>. De acordo com o personagem, cenas como aquelas eram comuns e, apesar do constrangimento que se sente em alguns momentos, acaba naturalizando o acontecimento, afirmando que militares deveriam ter aquele comportamento em uma situação de guerra. A exposição pública do corpo punido fica evidente na seguinte passagem:

Em um golpe Varela se mostrou como um tigre atacando o soldado. Não podiam ouvir, mas viam bem que o atacava. E o soldado tratava de proteger-se depois de jogar o balde sobre o corpo, mas vacilava porque mesmo amarrado o comandante Varela impunha respeito. Juntou toda a sua força porque sabiam que o iam matar e com sua dignidade não iria aceitar nem uma gota de água. O melhor, não entendeu que iriam refrescá-lo jogando aquele balde, pensou que era uma falta de respeito e se o desrespeitavam porque se estava livre ninguém tocava um fio de cabelo e gritou a Cantero que não fosse covarde e isso tampouco o general gostou, que se era homem que viesse a ele então em vez de mandar um soldado... [tradução minha]<sup>560</sup>

---

<sup>558</sup> COURBIN, Alain; COURTINE, Jean J., VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. Volume 1. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>559</sup> Ver: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>560</sup> No original: “De golpe no más Varela se puso como un tigre retándole al soldado. No podían oír pero veían bien que le retaba. Y el soldado tratava de acercarse después de echarle el balde sobre el cuerpo pero vacilaba no más porque encadenado y todo el comandante Varela imponía respeto. A lo

Percebo que a cena faz parte de um espetáculo orquestrado pelo General Cantero, que fala algo ao ouvido do encarcerado, ao mesmo tempo em que joga no prisioneiro um balde, supostamente, contendo água. O militar espera o descontrole de Varela para atacá-lo e mostrar, conseqüentemente, o quão superior era dentro de uma disputa de relações de poder. A ideia de espetáculo programado é confirmada quando, ao fim do conto, o narrador informa que o líquido do balde derramado continha querosene. Como Varela não pediu perdão ao General, foi queimado vivo, por ser considerado um subversivo. Tal cena é descrita pelo narrador onisciente e, segundo ele, Alberto justifica tal punição como necessária em tempos de subversão. Por isso, nega a ideia de que o guerrilheiro estava encharcado de querosene em depoimento posterior<sup>561</sup>. Em diversos momentos, o narrador descreve Alberto como um homem que está receoso ou angustiado pelas cenas vividas, mas sempre acaba por justificar o que vê, em parte por causa do lugar que ocupa nesse círculo social.

Sobre a forma como o corpo é tratado, como lhe são impostos normas, comportamentos, trejeitos, Roy Porter esclarece que é nele que se encontram o ego e a sociedade<sup>562</sup>, ou seja, no corpo se encontram e se dão as diferenciações de acordo com a disputa e as relações de poder. É ainda nesse encontro que classe, etnia/raça, sexualidade e gênero também são diferenciados. No conto, Alberto passou pela inspeção preliminar, aparentava ter saúde, era alto e tinha boa postura. Essas características caracterizavam-no como um homem respeitável, mesmo não sendo tão robusto e originário de uma família menos privilegiada economicamente. Varela, apesar de ser homem, tem em seu corpo as marcas da punição pelo tipo de uma política semelhante a que o governo Stroessner quis impor (e impôs). O militarismo, tão forte no século XX devido às guerras, trata e define como os corpos se comportam nos rituais.

---

mejor su orgullo porque sabe que le van a matar y tiene su dignidad y ni una gota de agua luego ha de aceptarles. A lo mejor no entendió que le querían refrescarle tirándole ese baldazo no más pensó que un irrespeto una burla y se burlaban se estaba libre a él nadie le tocaba un pelo y le grito a Cantero que no sea cobarde y eso tampoco le gustó ni un poco al general que si era hombre que venga él entonces en vez de mandarle un soldado...” ALCALÁ, Guido R. *Cuentos Decentes*. op. cit., p. 31-32.

<sup>561</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>562</sup> PORTER, op. cit., p. 300.

Arnaud Baubérot discorre sobre o modo como a virilidade é vista no século XX, como um atributo de um homem maduro, esposo, pai e chefe de família; todavia, para se tornar efetivamente viril, cada jovem deveria passar por diversos rituais<sup>563</sup>. Esses dependem de demonstrações de condições psíquicas e físicas, para demonstrar certo desempenho e, a partir disso, os lugares aos quais são destinados são ocupados. Alberto reluta sobre as cenas vistas ou sobre a duração dos momentos de tortura e violência, uma vez que o General pretende liberar os encarcerados. Mas, o que ocorre é que ele estava sendo testado, analisado e, se aprovado, poderia fazer parte do grupo de homens do general. O preço é fechar os olhos para as arbitrariedades, como também fazer parte delas. Com estratégias como essa, o governo Stroessner seguiria sem ser muito questionado. Bastava, portanto, fazer uso das relações de poder como normalmente elas estavam postas.

Todos os assédios, as violações do/em corpo de homens e de/em mulheres, como também as posturas no que diz respeito às relações sociais partem da ideia da heterossexualidade como norma em um complexo sistema binário em que aqueles que se diferenciam devem ser ou “normalizados” ou excluídos. É a ideia sugerida no caso Bernardo Aranda, a de que alguém que se comporta além do que é esperado/permitido pela sociedade tem o seu corpo corrigido e castigado. O radialista, ficcionalizado no livro de Guido Alcalá com o nome Narciso e noivo de Noemi, foi queimado em seu quarto no mês de setembro de 1959, após chegar de sua festa de despedida de solteiro. A senhora Alvarado, dona da casa que alugava o quarto, gritou no momento em que se dirigiu para lhe entregar o bilhete que sua noiva, bastante agoniada, havia deixado horas antes. Noemi, após ser seguida por *pyragues*, que estariam atrás de Narciso, fez a senhora Alvarado prometer que entregaria o recado ao noivo imediatamente ao seu retorno. Durante a madrugada, a dona da casa teria ouvido um som alto e um cheiro muito enjoativo, o que a fez gritar. Ela e os vizinhos que vieram socorrê-la encontraram Narciso: “[...] despidido com os braços e as pernas contraídas como em posição fetal, sobre a cama carbonizada

---

<sup>563</sup> BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). *História da virilidade*. 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 189-192.

[tradução minha]”<sup>564</sup>. Nas semanas seguintes, diversas possibilidades sobre o ocorrido foram criadas, como suicídio, homicídio e até mesmo acidente, visto que um curto circuito foi apontado como a causa do incêndio. Entretanto, a última versão foi logo descartada. O suicídio também foi refutado, visto que, em razão das queimaduras gravíssimas da vítima, os próprios peritos duvidaram que alguém teria tamanha coragem de escolher esse tipo de recurso para dar cabo à própria vida – ademais, um “simples” choque provocado pelo curto não o mataria imediatamente, ou impediria que saísse do quarto em chamas. Narciso transparecia estar bastante feliz na festa daquela noite, tendo até mesmo comprado um terno novo para o seu casamento. Os médicos, conforme a narrativa,

não encontraram lesões externas de golpes, afundamentos ósseos, fraturas, nem sinais de ação de arma branca, nem de fogo, como tampouco de nenhum instrumento contundente. Ao mesmo tempo, afirmaram que as graves queimaduras podiam ter ocultado os rastros de uma agressão criminal. Como pode ter sido cometido tal agressão criminal? [tradução minha]<sup>565</sup>

Seguem-se inúmeras dúvidas sobre como o crime teria ocorrido, visto que o fogo havia consumido parte do corpo de Narciso. Apesar da crueldade do crime, dias depois do ocorrido e diante das incertezas, notícias sensacionalistas levantaram a hipótese de que a vítima teria sido assassinada por homossexuais, considerando o meio profissional artístico no qual estava inserido, além de outros elementos:

Devemos ler as escrituras como pessoas inteligentes, levando em conta a história, porque a roupa tem mudado desde os tempos do Deuteronômio, mas o princípio se mantém: a roupa de homem é de homem e da mulher é de mulher, cada sexo com a sua. Essas calças justas, esses cabelos compridos, essa confusão na maneira de se vestir e de andar, incentivadas pelo rock com seus desvios, que combati desde o primeiro momento, levaram-nos a isso,

---

<sup>564</sup> No original: “[...] desnudo con los brazos y las piernas contraídas como en posición fetal, sobre la cama carbonizada”. ALCALÁ, Guido R. *Narciso*. Assunção: Criterio Ediciones, 2016, p. 169-170.

<sup>565</sup> No original: “No encontraron lesiones externas de golpes, hundimientos óseos, fracturas ni signos de acción de arma blanca ni de fuego, como tampoco de ningún instrumento contundente. Al mismo tiempo, afirmaron que las graves quemaduras pudieran ocultar los rastros de una agresión criminal. ¿Como pudo haberse perpetrado dicha agresión criminal?” *Ibidem*, p. 172.

diga-me agora que eu não tinha razão! O solteirão aplaudia o artigo do *La voz de la Policía* [tradução minha]<sup>566</sup>.

Os escritos bíblicos são lembrados nesse caso como um dos primeiros condutores de uma sociedade de boa moral, assim como são retomados elementos/práticas culturais próprias dos anos de 1950, como o uso de calças mais justas e toda a inovação trazida pelo rock. Tais traços são apontados como características de jovens com comportamento inadequado, fora do padrão heterossexual e que, no caso de Narciso, juntamente com o fato de ser do meio artístico, certamente não seria boa gente. Vale a pena retomar o contexto paraguaio próximo àquele período. De acordo com a entrevista concedida por Alcalá, em que é questionado sobre o contexto educacional vivido por ele, o escritor lembra que: “Na Universidade Católica havia mais [*liberdade*]. E em um momento um Canon; chamado Canon 810; um regulamento interno, que dizia que as pessoas de vida incorreta não podiam entrar na universidade, nem como professor, nem como aluno [tradução minha]”<sup>567</sup>. É dessa forma que o escritor se refere a qualquer um que fosse divorciado ou homossexual: pessoas de vida incorreta. Isso para aqueles que impunham a heterossexualidade ou reafirmavam as conveniências do casamento cristão ou civil como normativas.

No caso de Narciso, mesmo sendo noivo, popular como radialista e sua trágica morte tendo despertado enorme comoção popular, por causa das “peculiaridades” do seu meio social, seu assassinato, que se assemelha à vida de Bernardo Aranda, acaba por sofrer diversas deturpações pela mídia nas semanas seguintes. O governante estava sendo questionado sobre sua atuação no poder, motivo pelo qual usou o sensacionalismo e o trabalho jornalístico publicado nos meses subsequentes, a fim de redirecionar os holofotes que insistiam em se voltar a ele, especialmente com os jornais e os informativos que saíam diretamente da polícia.

---

<sup>566</sup> No original: “Debemos leer las Escrituras como personas inteligentes, tomando en cuenta la historia, porque la ropa ha cambiado desde los tiempos del Deuteronomio, pero el principio se mantiene: la ropa de hombre es de hombre y la de mujer es de mujer, cada sexo con la suya. ¡Esos pantalones ajustados, esos cabellos largos, esa confusión en la manera de vestirse y de moverse, facilitadas por el rock con sus desviaciones, que combatí desde el primer momento, nos han llevado a eso, díganme ahora que yo no tenía razón! El solterón aplaudía el artículo de *La voz de la Policía*.” Ibidem, p. 177-178.

<sup>567</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.



Nas semanas que se seguiram à morte de Narciso, várias pessoas foram presas e suas identidades eram detalhadas nos jornais, enfatizando questões de gênero e de práticas culturais consideradas dissidentes. O discurso era produzido de maneira a justificar as prisões que tinham como intuito resguardar uma moralidade necessária para o progresso do país. Tanto a *Comisión de Verdad y Justicia*<sup>568</sup>, quanto o narrador de *Narciso*, apontam que não se soube ao certo o número de pessoas que foram atingidas pelas repressões na rua, presas e até mesmo torturadas e violadas. Neste último caso, além da dificuldade em falar de um estupro pelo ato em si, é ainda mais difícil um homem admitir que foi violentado, pois que sua hombridade poderia ser questionada pelas sociedades fortemente machistas. Alguns depoimentos incluídos no volume da série *Nunca Más* apontam que estupros cometidos por guardas ocorreram e as prisões totalizaram em 108. Esse número criou um sinônimo pejorativo à homossexualidade, ainda hoje utilizado, para negativamente valorar um indivíduo de acordo com sua orientação sexual. Em *Narciso*, o narrador detalha alguns aspectos a respeito dos presos:

No pátio podíamos ficar abaixo da olhada maléfica dos familiares dos guardas, vindos para ver os prostitutas; ou escutar as ameaças que esta noite liquidamos a uns tantos. Alguns mudavam de cela, outros saíam em liberdade; pela falta de comunicação entre nós, pensávamos que os levavam para matar; muitos foram violados. Ao abuso sexual se somava a tortura pura e simples, sem que a opinião pública fosse inteirada, entretida como estava com as histórias picantes e as caricaturas dos detidos: jovens pulsantes, afeminados, maquiados e de amplos quadris [tradução minha]<sup>569</sup>.

O narrador explora elementos que são apontados como característicos de mulheres, representações estampadas em charges e

---

<sup>568</sup> OIKO, Anive Haguã. Decisión. *Comisión de Verdad y Justicia del Paraguay*. Tomo VII, Assunção: Medina, 2008.

<sup>569</sup> No original: “En el patio podíamos quedar bajo la mirada maléfica de los familiares de los guardias, venidos para ver a los putos; o escuchar las amenazas de esta noche liquidamos a unos cuantos. Algunos cambiaban de celda, otros salían en libertad; por la incomunicación en que se nos tenía, pensávamos que se los llevaban para matarlos; muchos fueron violados. Al abuso sexual se sumaba la tortura pura y simple, sin que la opinión pública se diera por enterada, entretenida como estaba con las historias picantes y las caricaturas de los detenidos: jóvenes pusilánimes, afeminados, maquilados y de amplias caderas.” ALCALÁ, *Narciso...*, op. cit., p. 178-179.

outras imagens nos jornais, oferecendo e construindo para seus leitores o imaginário suficiente para justificar as ações de um governo ditatorial e conservador em defesa da “família paraguaia”. Nessa perspectiva, também estão presentes no conto momentos em que pessoas eram exibidas nas áreas maiores da prisão, para que outros olhassem e encontrassem elementos/traços/rastros sobre os quais já tinham ouvido falar pelos murmurinhos da cidade; eram corpos violados, vigiados, exibidos e julgados. Corpos que precisavam ser corrigidos, que precisavam saber como um homem deveria se comportar. Isso é o que o narrador sugere e, ao trazer tal caso, também salienta como a situação de gays não se alterou significativamente no Paraguai, isto é, de uma heterossexualidade como norma em um contexto ditatorial a um período em que pessoas que têm a sua orientação sexual diferente do “exigido” pela sociedade ainda sofrem retaliações, mortes e perseguições. Não muito diferente, a Comissão de Verdade e Justiça do Paraguai também aponta como teriam sido as condições das prisões, nessa ocasião:

Não se sabe com data certa a liberação de todas as pessoas por falta de registros públicos e acessíveis sobre estas vitórias, mas predomina que elas foram objetos de torturas e que o mais comum foi o abuso sexual aos detidos por parte dos guardas. Com o passar dos anos, é muito difícil conseguir os testemunhos dos presos injustamente, e com eles, os relatos do tratamento degradante e não humanos, praticados por agentes estatais a estas pessoas [tradução minha]<sup>570</sup>.

O que percebo é uma organização governamental complexa na formação e na escolha do exército, reafirmando ao mesmo tempo os lugares de mulheres e homens, gays ou heterossexuais. As torturas, prisões e perseguições foram tão cruéis ou silenciadas que o *Nunca Más* apresenta a dificuldade em conseguir tais depoimentos. Uma moral defendida com armas e punhos, a fim de que qualquer subversão ou questionamento fosse contido ou eliminado antes mesmo de ocorrer,

---

<sup>570</sup> No original: “No se sabe con fecha cierta la liberación de todas las personas por falta de registros públicos y accesibles sobre estos sucesos, mas perdura que ellas fueron objetos de torturas y que lo más común fue el abuso sexual a los detenidos por parte de los guardias. Con los años transcurridos, se hace muy difícil conseguir los testimonios de los injustamente detenidos, y con ello, los relatos de los tratos degradantes y inhumanos, practicados por los agentes estatales a estas personas.” OIKO, op. cit.

desviando as atenções do povo dos reais problemas daquele governo ditatorial, povo normatizado, amedrontado e sem forças em muitos momentos para buscar alterações sociais, de gênero e, principalmente, políticas. Mesmo nas universidades, que eram somente duas naquele momento, Guido Alcalá aponta como seria a vida de um homem, independentemente de sua classe social:

Mas, eles tinham uma boa relação com a Igreja Católica. Porque mesmo quando chamava um que era um grande homossexual, e não tinha nenhum problema, era muito católico, até que ele não tinha e fazia nada [...] Se ele era discreto [...] Ele era discreto, claro. Era divorciado. Era “dissimulado” [tradução minha]<sup>571</sup>.

As palavras de Alcalá trazem a ideia de que, para alguém poder explorar a sua sexualidade, deveria ser discreto em suas ações, ser comedido nos gestos, praticar a religiosidade e se policiar na maneira como se comportava perante a sociedade. Caso contrário, poderia receber questionamentos ou mesmo retaliações. Ao recuperar o caso de Bernardo Aranda e trazê-lo de modo ficcionalizado em *Narciso*, certamente aqueles que se reconhecessem – ou pudessem ser identificados pela conservadora sociedade paraguaia – como “incorretos” temiam ser punidos se falassem sobre isso abertamente. Porém, o pior para um homem seria ainda se fosse divorciado, uma vez que estaria rompendo com uma das premissas da nação paraguaia e da moral social: a família (núcleo burguês).

O homem era o mais perfeito exemplo de provedor, líder e responsável pela esposa e filhos, um ideal vendido pelo capitalismo a partir do século XIX, ao tempo em que introduz mudanças no mercado de trabalho, mas tenta manter as relações de gênero iguais. O homem, que tem o seu labor pago pelas horas/dias dispostos, passa a ver como sinônimo de prosperidade justamente o trabalho: entre o operário e o burguês não há distinção e ambos têm as mesmas possibilidades de vitórias<sup>572</sup>. A isso, soma-se a virilidade, na qual o homem que cuida da sua família e que prospera é viril – sinônimo de força, disposição e de luta. Portanto, à medida que movimentos sociais crescem, exigindo direitos trabalhistas/sociais no fim do século XIX, o conservadorismo

---

<sup>571</sup> ALCALÁ, *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff...*, op. cit.

<sup>572</sup> CARNEIRO, Maristela. *Desnudando a masculinidade: representações de nudez e seminudez na estatuária funerária paulistana (1920-1950)*. 346 p. Tese (Doutorado), Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2016, p. 207-2019, passim.

alia-se ao capitalismo para que as sociedades mudassem seus paradigmas de produção econômica, porém sem alterar as relações de gênero. O que resulta dessa época é o ideal viril do homem, que, apesar de ter uma mulher que, muitas vezes, trabalha fora do “lar”, tende a ter sua relação hierárquica mantida da mesma forma.

Segundo o historiador Enrique Padrós, a falta de compreensão da história política de seu local, como a organização, a trajetória, as diferenças, os problemas que foram apresentados e/ou identificados, mas nem sempre sanados, representam a ausência de uma cultura democrática em um país<sup>573</sup>. Isso tem como resultado uma democracia falha, tênue que, muitas vezes, dá lugar a processos autoritários ou se apresenta com tamanha fragilidade que permite a troca de governos sem grandes alardes ou processos de votação. É o que Padrós chama de “[...] uma democracia de baixa qualidade e ciclicamente questionada”<sup>574</sup>. Quando Guido Alcalá narra sobre o cotidiano paraguaio dos anos de 1960 aos de 1990, ele está denunciando a falta de direitos sociais, os preconceitos de gênero que compõem a falsa democracia de Stroessner, causando mortes, torturas e exclusões sociais, mas também que não são peculiares somente ao governo Stroessner ou ao de Solano Lopez. É algo que persiste, visto que, de acordo com a feminista Myrian González, ainda se naturalizam crimes de gênero no Paraguai (e certamente em boa parte do mundo). Segundo González, uma lei que está em tramitação no Paraguai<sup>575</sup> defende que se punam os crimes contra mulheres, porém não as considera como vítimas pelo o seu gênero. Dessa forma, muitos outros continuam/continuarão a ser marginalizados e não incluídos em um governo que deveria ser democrático.

A feminista María Lugones lembra-nos sobre a importância de se lutar, sobre a importância de ter uma subjetividade ativa a fim de que pequenos atos resultem em conquistas maiores, pois, na opinião dela, “[...] não se resiste sozinha à colonialidade do gênero. Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo e de viver nele que é compartilhada e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento [...]”<sup>576</sup>. Pensando nas ideias de

---

<sup>573</sup> PADRÓS, op. cit., p. 2.

<sup>574</sup> Idem.

<sup>575</sup> Debate disponível em:

<<http://informativomujer.org.py/singlepost/?pos=una-cuestion-de-genero/>>.

Acesso em 15 dez 2016.

<sup>576</sup> LUGONES, op. cit., p. 949.

Lugones, considero que o escritor Guido Alcalá dá a algumas/uns mulheres/homens os seus lugares como participantes de um processo que culminou com a queda de Stroessner, evidencia as tantas – e tantos – que resistiram e ficaram esquecidas nos escritos e lembra, por meio de sua literatura, que é necessário compreender a memória e a história, para que se tenha consciência da trajetória política do país e, assim, alterar o seu mundo social e diminuir as desigualdades, as de gênero e as sociais. Mas, sua literatura também é inquietante e desperta em seus leitores o desejo de luta e questionamento, porque não importam quais são as encruzilhadas atualmente: o tempo é de luta e cada batalha é atravessada por grandes ou pequenos gestos. Falar de gênero e de feminismo é necessário e urgente, porque são pautas revolucionárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura testemunhal produzida e motivada pelas ações peculiares de tempos ditatoriais no Cone Sul é imensa. Sobre essa escrita, relembro a citação de Flávio Tavares, de um livro escrito muitos anos depois do fim da ditadura civil e militar brasileira, na qual o escritor reafirma a ideia de que alguns passaram a escrever ou tiveram a sua escrita analisada apenas nas décadas seguintes ao fim da ditadura. Essas barreiras, do ato de falar, de contar e de escrever, são comuns, quando estamos referindo-nos a processos traumáticos com narrativas ‘inenarráveis’. Considerando que cada sujeito que passa por um período assim tem um modo de pensar ou rememorar as suas memórias e seus traumas, fontes literárias tornam-se um caminho para narrar uma “situação-limite”. Essa discussão é contemporânea às políticas de memória, que passaram a ser questionadas e incentivadas no decorrer dos anos de 1970-1980 por todo o mundo, as quais foram, muitas vezes, ligadas ao Holocausto. É a partir de 1990 que as discussões sobre “Memória, Esquecimento e História” ganham ainda mais notoriedade na América Latina, em vista do fim das ditaduras e das consequências que começavam a mostrar a sua face. Fotos, arquivos pessoais/públicos, processos jurídicos e entrevistas passaram a compor o rol das fontes principais, não sem o estranhamento de parte das sociedades que, diversas vezes, alegavam que ‘não falar’ era a melhor forma de curar, assim como da própria comunidade acadêmica, que relutou diante do fazer historiográfico baseado em fontes orais e da Memória em seus novos suportes de análise.

Fontes, cujo suporte em última análise é a Memória, como afirmado, estão diretamente associadas aos acontecimentos da segunda metade do século XX, pois, se na Europa foram os relatos pós-Segunda Guerra Mundial que trouxeram a experiência daqueles que sobreviveram (ou não) à guerra e aos campos de concentração, no Cone Sul somente após os anos de 1990 é que a redemocratização permitiu que arquivos fossem descobertos e, principalmente, que o relato testemunhal daqueles que foram perseguidos, torturados ou tiveram ao menos sua liberdade cercada, pudesse ser considerado uma fonte. Preocupados com isso, historiadores passaram a debater as metodologias e os princípios que deveriam reger, ao menos em parte, os estudos sobre memória, a fim de que não fossem banalizados e tivessem a credibilidade necessária. Pierre Norra, Luisa Passerini, Verena Alberti, Marieta Moraes, Maurice Halbwachs, Alessandro Portelli, entre outros, estiveram à frente desses estudos. François Bedárda, no que diz respeito

à maneira como historiadores que, ao mesmo tempo em que estavam preocupados com o fazer historiográfico, foram as vítimas ou estavam presenciando as consequências das guerras e das ditaduras. Dessa forma, passaram a ouvir os relatos, buscar processos e documentos que colaborassem na compreensão de tais memórias. Nesse tempo, a ‘virada cultural e linguística’ fez com que a História passasse a ser questionada no que concerne à sua narrativa, permitindo aproximações e diálogos maiores com a Literatura.

É, portanto, nesse contexto que se desdobram os estudos sobre a Memória, um aprofundamento de sua relação com a História e, ainda, novos tipos de fontes descobertas. Muitas delas provenientes de nomes reconhecidos internacionalmente por suas trajetórias como militantes ou como sobreviventes em situações caóticas. Sobre esse período, é comum que o nome de escritores de prestígio mundial, como Gabriel García Marquez, Pablo Neruda, Isabel Allende etc. sejam reconhecidos como aqueles que escreveram também sobre a ditadura.

O que torna as publicações de Alcalá valiosas é pensar que seu país está debatendo sobre sua história há pouco tempo, é considerar que escrever os contos, em especial, era uma das principais estratégias para denunciar crimes, repressões, violências. O escritor insistiu em uma literatura de denúncia, escrita ao fim dos anos de 1970, em consonância ao contexto literário da América Latina que, certamente, passou por mudanças devido às questões ditatoriais, à resistência e ao impacto das manifestações públicas e que, portanto, teve sua trajetória marcada pela ditadura de Alfredo Stroessner. Guido Alcalá escreveu em um período de ‘situação-limite’, ou seja, o escritor passou a narrar em uma época (décadas de 1980 e de 1990), em que justamente não podia escrever sem pensar na censura que poderia sofrer, considerando, ainda, que nos anos de 1960 esteve preso, por causa do peso de suas próprias ações. É a partir do entendimento de que essa prisão e outras situações de perseguição e suspeita, junto a um desejo de debater e estudar mais sobre literatura, que compreendo as motivações de Alcalá – pertencente a uma família que poderia arcar com sua permanência e idas/vindas a Europa – que os levaram a decidir sair do país.

Essa saída proporcionou-lhe encontros com outros escritores, como afirma em entrevistas concedidas em 2008 e 2014, como também o aproximou dos debates sobre a ‘arte de escrever’, especialmente sobre os acontecimentos ditatoriais. É sob esse viés que retomo a ideia inicial de testemunho, e que possibilita compreender o processo que mobilizou o estudante universitário a viajar, tornando-se uma fonte de referência sobre o Paraguai décadas mais tarde. Na medida em que analisava as

relações estabelecidas por Alcalá sobre a ditadura de Stroessner, passei a compreender que a sua literatura debatia muito além desse processo e, principalmente, relacionava-o com o que ele mesmo vivia. Ao fazer tais análises, considerando as ideias do filósofo Paul Ricoeur sobre o modo como cada um rememora e trabalha com sua memória, percebi que o conjunto de publicações de Guido Alcalá permitia a realização de uma pesquisa de como o escritor relacionava passado/presente em sua produção. Nesse caso, Guido Alcalá cita a importância que os *revisionistas*, como eram chamados os historiadores daquele contexto, tiveram sobre a escrita das histórias oficiais. Friso que estas somente são um ‘problema’ quando são as únicas. E é nesse sentido que pude perceber na literatura de Alcalá alguns caminhos para sugerir outras versões/possibilidades acerca de como contar a história paraguaia.

Essa estratégia tornou-o reconhecido no Paraguai e para aqueles que pesquisam sobre o país. Tal ideia se tornou evidente quando estive em Assunção em maio de 2014, quando vários entrevistados pelo grupo de pesquisadoras do LEGH, ora indicavam nome de Alcalá como referência, ora diziam para procurar outra pessoa e não ele. Afirmando diante disso que, embora haja diferenças, o que certamente torna a história mais democrática, essas atitudes demonstram como a Memória é disputada e lembrada de acordo com aquilo que se quer narrar naquele presente ou do grupo, no qual aquele que testemunha está inserido. Igualmente pude perceber o reconhecimento do nome de Guido Alcalá durante a *IV Jornadas del Paraguay*, realizada em Montevideo, ainda em 2014, quando foi citado diversas vezes como referência, haja vista sua pesquisa conter documentos, os quais estão mencionados em seus ensaios.

Nesse sentido, a partir de sua trajetória nos anos de 1960-1970 e observando as suas entrevistas e ensaios, o que afirmo é o modo como os contos potencializam e são parte desse testemunho, visto que foram escritos (também) tendo por base essas vivências. A tomada disso como testemunho é um modo de ver sujeitos, que foram deixados à margem das histórias oficiais; é ouvir outros que quiseram narrar suas histórias e não o fizeram, porque não puderam ou porque se sentiram ou foram constrangidos. No material foram encontrados 37 contos e neles os temas mais diversos, como ações arbitrárias da polícia dirigidas a todo tipo de pessoa; ações da Igreja Católica e da Cruz Vermelha em tempos de Stroessner; campos de trabalho durante o governo de Solano López; movimento de partidos políticos/estudantes; histórias de mulheres resistentes e protagonistas de suas próprias histórias, ainda que vítimas de machismos e do patriarcalismo. Essas ideias colaboram com



perspectivas de gênero e com a história das mulheres em um contexto que persistem assédios, a falta de igualdade, de equidade e respeito às escolhas que nós, mulheres, podemos/devemos fazer para nós mesmas.

Os contos devem ser analisados como fontes por serem um espaço de estratégia de registro em meio à censura e trazem memórias de processos que enfrentaram por muitas décadas o silenciamento, bem como a indiferença de muitos. Se retomo a ideia de Primo Levi, em que este sente um pavor em pensar que, ao sobreviver ao campo de concentração e voltar à sua cidade ninguém daria atenção às suas narrativas, percebo a urgência que alguns podem sentir para falar e garantir que uma história semelhante não aconteça mais. Nessa conjuntura, sobre a relação entre Literatura e História, retomo uma ideia de Márcio Seligmann-Silva, o qual afirma que a primeira não tem compromisso com a realidade e, assim como outras formas de narrativa, também não permite que se compreenda um processo inenarrável em sua totalidade. Porém, esses dois aspectos não neutralizam ou diminuem o testemunho – ou uma literatura de testemunho – independentemente do período em que foram escritos, pois a fonte literária, ao apresentar os seus ‘problemas’ metodológicos, como as lacunas, ou mudanças de perspectivas nos relatos/escrita, apenas permite que novos aspectos e suportes de escrita sejam analisados na história, desde que esta esteja preocupada com as resistências do cotidiano dos sujeitos sociais.

Dessa forma, entre a História e a Memória, para que haja análise, suportes de compreensão peculiares ao testemunho passam a serem necessários. Desse modo, o testemunho não deixa de ser uma maneira de a Memória trazer uma memória/vivência de outros, dos que morreram ou foram silenciados. Assim sendo, o testemunho, uma das maneiras de narrar mais comum após os anos de 1960, ganhou o seu espaço, um espaço somente seu e crucial para a compreensão da História a respeito de processos históricos recentes e latentes, alguns deles vividos por Alcalá. Esse autor teve o seu caminho atravessado pelas características arbitrárias de uma ditadura, ações que não permitiram a manutenção de Stroessner tanto tempo no poder de forma gratuita, pois o governante estava aliado ao contexto do Cone Sul e, principalmente, a práticas ditatoriais, como a censura e a perseguição. Aliás, não somente o Cone Sul, vários países de outras regiões da América Latina estiveram sob governos ditatoriais e influência dos Estados Unidos, dentro de uma disputa maior, a Guerra Fria. Um processo como esse não passa sem deixar marcas. Estas se desdobram por meio de narrativas diversas, como entrevistas, monumentos e museus, inseridas em uma discussão que posso chamar de políticas da

memória. A partir desse incentivo e dessas ideias sobre a memória, passei a me questionar: de que modo a escrita literária/testemunho de Guido Alcalá, cuja análise está entre a memória e a história, colabora em parte da compreensão sobre a memória da ditadura militar paraguaia de Stroessner?

Nessa perspectiva, o percurso nos anos de 1970 de Guido Alcalá exposto e discutido no primeiro capítulo objetivou estabelecer as relações entre a sua vida como alguém que (sobre)viveu a um processo ditatorial e à escrita que (in)surge a partir desse momento. Uma escrita que estabelece familiaridade entre o contexto de Alfredo Stroessner e de Solano López, por provavelmente acreditar que o seu mundo político-social não estava dissociado da trajetória política do país. Em busca desse desejo, Alcalá reuniu fontes com o intuito de perceber como a história e a memória do país estavam repletas de “apenas” histórias oficiais, que, muitas vezes, foram excludentes, marcadas por interesses golpistas e arbitrários, enfim, notadamente uma cultura política ditatorial.

No decorrer da pesquisa, passei a perceber de modo mais evidente a memória não apenas como mais uma mera fonte, mas um objeto de pesquisa para a História, no que diz respeito ao ato de lembrar/narrar/rememorar; por isso, o seu estudo exige ética, procedimentos e considerações historiográficas. Em boa parte do andamento da pesquisa, acreditei que apenas um olhar da história poderia tornar a literatura de Guido Alcalá analisada como parte da própria historiografia. E o que torna a sua produção literária importante para todo esse processo não é o lugar que ocupa(va) no meio literário paraguaio, mas a maneira como faz parte do processo literário e histórico, assim como o modo como torna o passado presente, ou seja, as questões que sugere ao ser analisada com as indagações do presente. Nesse caso, o que percebi foi a literatura como testemunho e não apenas uma fonte para a História. Além disso, a literatura de testemunho torna-se importante por também escolher/manipular (in)conscientemente o que lembrar e como lembrar. Já a História Oral, como afirma Michel Pollak, colabora no entendimento entre o *dizível* e o *indizível*. Na entrevista concedida por Guido Alcalá, em 2008, o escritor afirma que escrevia sobre a ditadura, com contos baseados em histórias de conhecidos ou de que ouvira falar e, simultaneamente, preocupou-se em escrever o “Testimonio de la represión política en Paraguay (1975-1989)”; são dois documentos diferentes que colaboram no entendimento de que o escritor (in)conscientemente cercava-se de materiais, com a finalidade de denunciar a ditadura de Stroessner. Um aspecto

importante, mesmo frisando que há um espaço de décadas entre a produção das fontes e a entrevista, cujas afirmações de Guido Alcalá podem ser vistas como uma possível intenção de afirmar que suas ações foram conscientes.

Os acontecimentos não podem ser compreendidos em sua totalidade. O que temos são versões e possibilidades narradas com base no que sabíamos que existia e do que existe. O tempo passado também não permite que as lembranças sejam evocadas da mesma forma por diferentes pessoas ou do mesmo modo por um sujeito; o que quero dizer é que os esquecimentos, as omissões e as reformulações – intencionais ou não – fazem parte do ato de rememorar. Em um ato de rememorar, seja por evocação, seja por uma lembrança que irrompe, o indivíduo pode manipular sua lembrança no sentido de que ela não transpareça detalhes que não foram bem ‘vistos’ por ele, ao mesmo tempo em que o sujeito também pode não controlar os efeitos mnemônicos, ou seja, deixar de contar alguma coisa pode ser uma maneira de o (in)consciente reprimir aquilo que o machuca.

Diante disso, inegavelmente há lapsos e histórias a criticar em pontos de pesquisas e contos de Guido Rodríguez Alcalá, como por exemplo, uma análise mais criteriosa a respeito da política da primeira metade do século XX no Paraguai ou, ainda, um estudo mais complexo sobre a formação política do país no último século, considerando que apenas dois partidos estiveram no poder. Além desses aspectos, a partir da produção escrita/literária de Alcalá, percebo ser possível também compreender histórias de mulheres paraguaias, trazendo muitos silêncios da História. A literatura de Guido Alcalá demonstra ser uma resistência, assim como um testemunho é memória e história. Ademais, ela me mostra/ou que o Paraguai é repleto de sujeitos sociais que resistiram/resistem, que se trata de um país com História e muita Memória.

## FONTES

- ALCALÁ, Guido R. *Caballero Rey*. Assunção: R. P. Ediciones, 1988.
- ALCALÁ, Guido R. *Caballero*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1987.
- ALCALÁ, Guido R. *Cuentos Decentes*. Assunção: Criterio Ediciones, 1987.
- ALCALÁ, Guido R. *Cuentos*. Asunción: RP ediciones, 1993.
- ALCALÁ, Guido R. *Curuzu Cadete: cuentos de ayer y de hoy*. Assunção: RP Ediciones, 1990.
- ALCALÁ, Guido R. *Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff e a Joana Maria Pedro (digital)*. Assunção, Paraguai, 19/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita por Isabel Cristina Hentz e Priscila Carboneri de Sena e revisada por Lorena Zomer, 2008.
- ALCALÁ, Guido R. *Entrevista concedida a Lorena Zomer e a Tamy Amorim (digital)*. Assunção, Paraguai, 14/05/2014. Acervo do LEGH/UFSC. Transcrita e revisada por Lorena Zomer, 2015.
- ALCALÁ, Guido R. *Ideología Autoritaria*. Assunção: Servilibro, 2007.
- ALCALÁ, Guido R. Imágenes de la Guerra y del Sistema. In: RICHARD, Nicolas; CAPDEVILA, Luc; BOIDIN, Capucine (orgs.). *Les guerres du Paraguay aux XIX et XX siècles*. Paris: CoLibris, 2007.
- ALCALÁ, Guido R. Introdução. DÉCOUD, Hector. *La masacre de Concépcion*: ordenada por el Marechal López. Assunção: RP Ediciones, 1994. Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/1669\\_hector\\_francisco\\_decoud\\_/19283\\_la\\_masacre\\_de\\_concepcion\\_ordenada\\_por\\_el\\_mcal\\_lopez\\_por\\_hector\\_f\\_decoud\\_.html](http://www.portalguarani.com/1669_hector_francisco_decoud_/19283_la_masacre_de_concepcion_ordenada_por_el_mcal_lopez_por_hector_f_decoud_.html)>. Acesso em 10 fev. 2017.
- ALCALÁ, Guido R. *La poesía y la novela en el Paraguay en los últimos años*. Assunção: RP Ediciones, 1981.
- ALCALÁ, Guido R. *Leviatan et cetera*. Assunção: Ediciones Napa, 1981.
- ALCALÁ, Guido R. *Narciso*. Assunção: Criterio Ediciones, 2016.
- ALCALÁ, Guido R. *Residentas, destinadas y traidoras*: testimonio de mujeres de la Triple Alianza. Assunção: RP Criterio, 1987.
- ALCALÁ, Guido R. *Sobre Curuzú Cadete* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lorenaazomer@hotmail.com> em 02 mai 2016.
- ALCALÁ, Guido R. *Sobre escritores no Paraguai* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lorenaazomer@hotmail.com> em 04 out 2016.
- ALCALÁ, Guido R. *Sobre Roa Bastos* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lorenaazomer@hotmail.com> em 19 set 2016.

- ALCALÁ, Guido R. *Temas del autoritarismo*. Maryland: 1994. Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/539\\_guido\\_rodriguez\\_alcala/21186\\_temas\\_del\\_autoritarismo\\_1994\\_\\_por\\_guido\\_rodriguez\\_alcala.html/](http://www.portalguarani.com/539_guido_rodriguez_alcala/21186_temas_del_autoritarismo_1994__por_guido_rodriguez_alcala.html/)>. Acesso em 06 fev 2017.
- ALCALÁ, Guido R. Testimonio de la represión política en Paraguay 1975-1989. *Serie Nunca Más*. Volume III. Assunção: Comité de Iglesias, 1990.
- CASTRO, Jorge Lara. *Manifiesto a la opinión pública universitaria nacional e internacional*. Documento número 00148F 2207. Museu de la Justicia, 1969.
- Diário Oficial*. Decreto 10.162, Ministério das Relações Exteriores, 27 de janeiro de 1955.
- Diário Oficial*. Decreto 16.016, Ministério das Relações Exteriores, 20 de outubro de 1946.
- GONDRA, Juan Félix Bogado. Declaraciones en Debate: el 69 y sus utopías. *La Isla*. nº 4, 1994.
- OIKO, Anive Haguã. Decisión. *Comisión de Verdad y Justicia del Paraguay*. Tomo VII, Assunção: Medina, 2008.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABC COLOR. *Hace 30 años, la gente se animó a desafiar el miedo, en Alfonso Loma*. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/politica/hace-30-anos-la-gente-se-animó-a-desafiar-el-miedo-en-alfonso-loma-1462164.html>>. Acesso em 02 mai 2016.
- ABC COLOR. *Las mujeres que hicieron pátria*. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/suplementos/abc-revista/las-mujeres-que-hicieron-patria-1046234.html>>. Acesso em 10 ago 2016.
- ACADEMIA PARAGUAYA DE LA HISTORIA. Disponível em: <<http://www.academiaparaguayadehistoria.org.py/>>. Acesso em 15 dez 2016.
- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.
- ALCALÁ, Hugo R. *Literatura paraguaia*. Assunção: Ed. Comuneros, 1971.
- ALCALÁ, Teresa Llamas Carísimo Rodríguez. *Tradiciones de Hogar*. Assunção: Edição Digital Alicante, Biblioteca Virtual Cervantes, 2000.
- ANKERSMIT, Frank R. *A escrita da história: a natureza da representação histórica*. Londrina: EDUEL, 2012.
- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001.
- ARCE, Omar Diaz de. O Paraguai Contemporâneo (1925-1975). In: CASANOVA, Pablo G. (Org.). *América Latina – História de meio século*. Brasília: Ed. UnB, 1970.
- ARDITI, Benjamín. *La politicidad de la crisis y la cuestión democrática*. Estado, economía y sociedad en el Paraguay. Assunção: CLACSO-PNUD, 1986.
- ARDITI, Benjamín; RODRIGUEZ, José Carlos. *La sociedad a pesar del Estado: Movimientos sociales y recuperación democrática en el Paraguay*. Asunción: El Lector, 1987.

- ARFUCH, Leonor. A vida como narração. In: \_\_\_\_\_. *O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAETS, Antoon. O impacto da Declaração Universal dos Direitos Humanos no estudo da História. *História da historiografia*: Ouro Preto, número 05, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARCO, José Vicente Peiró. *Literatura y Sociedad. La narrativa paraguaya actual (1980-1995)*. Tese (Tese de Filologia Espanhola). UNED, 2001.
- BAREIRO, Line. Declaraciones en Debate: el 69 y sus utopías. *La Isla*. nº 4, 1994.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: \_\_\_\_\_. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BASTOS, Augusto Roa. ¡Eternamente hermanos! *El País*. Assunção: 20 de agosto, 1954.
- BASTOS, Augusto Roa. La narrativa paraguaya en el contexto de la narrativa latino-americana. *ABC*, Suplemento Cultural, 18 de julho de 1982.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). *História da virilidade*. 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BONA, Aldo Nelson. *História, Verdade e Ética*. Guarapuava: Editora Unicentro, 2012.
- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; MOREIRA, Virginia; VENÂNCIO, Nadja. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. *Psicologia & Sociedade*; 23 (2): 398-406, 2011.

- BRAS, Luis. Crítica é cara ou coroa? In: \_\_\_\_\_. *Muitas Peles*. São Paulo: Terracota, 2011.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CABRAL, José Pedro Cabrera. Trajetória do Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros –, 1962-1973: algumas questões de identidade e poder. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXIII, n. 2, p. 156-171, dezembro, 2007.
- CALLADO, Antônio. *Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- CALLONI, Stella. *Operación Cóndor: los años del lobo*. Buenos Aires: Peña Lillo, 1999.
- CARNEIRO, Maristela. *Desnudando a masculinidade: representações de nudez e seminudez na estatuária funerária paulistana (1920-1950)*. 346 p. Tese (Doutorado), Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2016.
- CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jathay (org.). *Fronteira do Milênio*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.
- CAUTELA, Ludmila da Silva. *Stiução-limite e memória: a reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos da Argentina*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- CERVEIRA, Luis Alexandre. A paixão como motor da guerra - a revolução dos comuneros (Assunção/Paraguai, primeira metade século XVIII). *Revista Latino-Americana de História*. Unisinos: São Leopoldo, I, 2, 2012.
- CESAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COLAZO, Carmen. *Los partidos políticos en el Paraguay*. Estructura Interna. Assunção: CIDSEP, 1998.
- COLMÁN, Evaristo; MORAES, Ceres. *A guerrilha da Fulna: considerações preliminares*. Disponível em: <[http://www.cedema.org/uploads/moraes\\_colman.pdf](http://www.cedema.org/uploads/moraes_colman.pdf)>. Acesso em 06 jan 2014.
- COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Disponível em: <<http://www.cnv.gov.br/index.php/institucional-acesso-informacao/a-cnv/>>. Acesso em 29 nov 2016.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: ALAZRAK, Jaime (org.). *Obra crítica*. Volume II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- COURBIN, Alain; COURTINE, Jean J., VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. Volume 1. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CUEVAS, Clara Eliana. *Corpos abjetos e amores malditos: homossexualidade, anonimato e violência institucional na ditadura stronista em Assunção, 1959*. 170 f. Dissertação (Mestrado) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Paraná, 2015.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- DELGADO, Teodoro Ramón. *La conducción del ejército paraguayo en la guerra contra la Triple Alianza 1864-1870*. Assunção: Intercontinental Editora, 2014.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DONOSO, José. *Historia personal del "boom"*. Santiago de Chile: Alfaguara, 1998.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica* (além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ESPÓSITO NETO, Tomas. *As possibilidades e os limites do "realismo periférico": a política externa do Paraguai de 1954 a 1989*. Disponível em:

<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000122011000300051&script=sci\\_arttext/](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000122011000300051&script=sci_arttext/)>. Acesso em 08 fev 2017.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FARIÑA, Cristina Raquel P., IBARRA, Guzman. A consolidação do regime de Stroessner e a Guerra Fria. *OP SIS*. Catalão-GO, v. 14, n. Especial, 2014.

FGV CPDOC. *O AI-5*. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>.

Acesso em 24 fev 2017.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história do sistema de pensamento*. Coleção Ditos e Escritos, II. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Larissa Viegas de Mello. Trajetórias de mulheres em movimentos sociais no campo: comparações entre Brasil e Paraguai (1960-1989). In: PEDRO, Joana Maria; VEIGA, Ana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Resistências, Gênero e*

- Feminismos contra as ditaduras do Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Entre eu e eu mesmo (Paul Ricoeur). In: GALLE, Helmut et al. *Em primeira pessoa: abordagem de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História e Testemunho. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001.
- GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *Revista Conexão Letras*. Porto Alegre, UFRGS, v. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap6.pdf>>. Acesso em 05 fev 2017.
- GONZÁLEZ, Myrian. *Una cuestión de género*. Disponível em: <<http://informativomujer.org.py/singlepost/?pos=una-cuestion-de-genero/>>. Acesso em 15 dez 2016.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARTOG, François. *Evidências da História: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- HEYMANN, Luciana. O *devoir de mémoire* na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Direitos e cidadania: memória, cultura e patrimônio*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, 2014. v. 26, n. 1.
- IBARRA, Gustavo D. *El infierno verde de la recta ingavi*. Asunción: Tenodontés, 2012.

- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JELIN, Elisabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI, 2002.
- JESUS, Ronaldo Pereira. Entrevista com Sidney Chalhoub. *Locus: Revista de História*. UFJF, v. 12, n. 1, 2006.
- KRAMER, Sônia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1993.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- LEVI, Primo. *É isto um homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEWIS, Paul. H. *Paraguay bajo Stroessner*. México: Fondo Cultura Económica, 1986.
- LIMA, Damaris Santana Pereira. *O intelectual exilado em Augusto Roa Bastos*. 2013, 192f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Assis.
- LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- LINARES, Luis Barrera; PACHECO, Carlos. *Del cuento y sus alrededores: aproximaciones a una teoría del cuento*. Caracas: Imago textos, 1993.
- LÓPEZ, Miguel H. Stroessner e Eu: a cumplicidade social com a ditadura (1954-1989). In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samanta (orgs.). *A Construção Social dos Regimes Autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010. v. 1.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 22, n. 3, 2014.
- MELLO, Soraia Carolina. *Discussões feministas na Imprensa para mulheres: Revista Claudia e o trabalho doméstico (1970-1989)*. Tese (Doutorado) Centro de Filosofia e Ciências

- Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- MERCADO, Tununa. Testemunho. Verdade e literatura. In: GALLE, Helmut et al. *Em primeira pessoa: abordagem de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.
- MIRANDA, Anibal. *Dossier Paraguay: los dueños de las grandes fortunas*. Assunção: Ar. Impresiones, 2000. Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/856\\_anibal\\_miranda/13984\\_dossier\\_paraguay\\_\\_los\\_duenos\\_de\\_grandes\\_fortunas\\_obra\\_de\\_anibal\\_miranda\\_.html/](http://www.portalguarani.com/856_anibal_miranda/13984_dossier_paraguay__los_duenos_de_grandes_fortunas_obra_de_anibal_miranda_.html/)>. Acesso em 10 jan 2017.
- MIRANDA, Anival. *EE.UU y el régimen militar paraguayo (1954-1958): Documentos de fuentes norteamericanas*. Asunción: El lector, 1987.
- MIRANDA, Carlos R. *Paraguay y la era de Stroessner*. Asunción: RP Ediciones, 1992.
- MISKULIN, Silvia Cezar. *A revolução cubana – Apresentação*. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/revolucao-cubana-apresentacao/>>. Acesso em 05 fev 2017.
- MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner, 1954-1963*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- MORÍNIGO, José Nicolás. Tempo de utopias. *La Isla*. nº 4, 1994.
- MOTA, Adir de Almeida. Reforma Agrária e a Revolução Boliviana de 1952: História e Historiografia. In: *Anais Eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC*. São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/adir\\_mota2012.pdf/](http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/adir_mota2012.pdf/)>. Acesso em 08 fev 2017.
- NICKSON, Andrew. El régimen de Stroessner (1954-1989). In: TELESCA, Ignacio (coord.). *Historia del Paraguay*. Assunção: Taurus, 2010.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n.10, 1993.

- PADRÓS, Enrique. O Paraguai de Stroessner no Cone Sul da Segurança Nacional. In: *Anais do IX Encontro Estadual de História*. Seção Rio Grande do Sul ANPUH – RS, 2008.
- PASERINI, Luisa. Mitobiografia em história oral. *Proj. História*. São Paulo: 1993, volume 10.
- PATY, Michel. Inteligibilidade racional e historicidade. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 19, n. 54, p. 369-390, 2005.
- PAZ, Alfredo Boccia. *La década inconclusiva: la historia real de la OPM*. Assunção: El Lector, 1997.
- PEDRO, Joana Maria; VEIGA, Ana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo, editora Contexto, 2007.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. *Revista Sociologia Política*. Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010, p. 15-23; PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, v.24, n.1, p.77-98, 2005.
- PIZARRO, M. Mar Langa. *Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya*. 445 f. Tese (Tese em História). Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Alicante, 2001.
- POLLAK, Michael. Memória, história, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, Jan. 2002.
- QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise (orgs.). *História e memória das ditaduras do século XX*. Volume I e II. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

- RADIAL FEMINISTA DEL PARAGUAY. Programa 9 sobre La mujer en la história paraguaya. *Radial Feminista del Paraguay*. Disponível em: <<http://radiomujerespy.tumblr.com/>>. Acesso em 20 dez 2016.
- RAMBO, Bruna; PEREIRA, Everton Candido; SÖTHE, Thiago. *A delicada saída e reingresso do Paraguai no Mercosul*. Disponível em: <<https://onial.wordpress.com/2014/04/10/a-delicada-saida-e-reingresso-do-paraguai-no-mercosul/>>. Acesso em 05 fev 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- RENNÓ JÚNIOR, Lúcio R. Teoria da Cultura política: vícios e virtudes. *BIB*. Rio de Janeiro, n. 45, 1º sem. 1998.
- REVEL, Jacques. O Fardo da Memória. In: \_\_\_\_\_. *História e Historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p. 249-264.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2005.
- RICOEUR, Paul. *Do Texto à Acção*. Porto: Rés-Editora, 1991.
- RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *O si mesmo como outro*. Campinas: Papyrus, 1991.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Volume I. Campinas: Papyrus, 1994.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Volume III. Campinas: Papyrus, 1997.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. A configuração do tempo na narrativa de ficção. Volume II. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- RIVAROLA, Milda. *La resistencia armada al stronismo*. Assunção: El Lector, 2014.
- RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira História*. São Paulo, v.

22, n. 44, 2002, p. 463-488. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200010/](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200010/)>. Acesso em 03 fev 2017.

ROLLEMBERG, Denise. Definir o conceito de Resistência: dilemas, reflexões, possibilidades. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. *História e Memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

ROUQUIÉ, Alain. *O estado militar na América Latina*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1984.

SAFFIOTI, Heleith I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma Questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANT'ANA, Denise Bernuzzi. Entrevista "O corpo inscrito na história: imagens de um "arquivo vivo". *Projeto História*, São Paulo, n. 21, nov. 2000.

SANTOS, Miguel. A ditadura de Stroessner no Paraguai e o controle da oposição: os mecanismos usados na ditadura stronista visando ao controle da oposição. In: *II Jornada de Estudos sobre a ditadura e direitos humanos: há quarenta anos dos golpes no Chile e no Uruguai*. Anais (recurso eletrônico). Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, (CORAG), 2013.

SARAMAGO, José. História e ficção. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 400, 6 mar. 1990.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEIXAS, Jacy A. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001.



SELLIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, Memória, Literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

SILVA, Carla Luciana. Uma pesquisa necessária: a ditadura no Oeste do Paraná. In: CALIL, Gilberto G.; SILVA, Carla Luciana; SILVA, Marco A. B. (orgs.). *Ditaduras e democracias: estudos sobre o poder, hegemonia e regimes políticos no Brasil (1945-2014)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2014.

SILVA, Claiton M. Nelson Rockefeller e a atuação da American International Association for Economic and Social Development: debates sobre missão e imperialismo no Brasil, 1946-1961. *Revista História, Ciência, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro: vol. 20, n. 4, Out./Dez. 2013.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Associação Nacional de História – ANPUH, 2002, vol. 22. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200008#back23/](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008#back23/)>. Acesso em 08 fev 2017.

SILVA, Tamy Amorim. *Memórias sobre uma dama valente: Carmen de Lara Castro e a ditadura stronista (1967-1989)*. (2016). Dissertação (Mestrado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2016.

SOARES, Vera Lúcia. Reconstruindo a memória argelina: um diálogo entre a ficção e a história. *Gragoatá*, Niterói, N. 6, p. 25-41, 1999.

SOLER, Lorena. Mitos históricos, obstáculos epistemológicos y fronteras conceptuales. ¿Cómo es posible abordar el stronismo? *Cuarto Taller de Discusión Las derechas en el Cono Sur, siglo XX*. Universidad Nacional de General Sarmiento, Los Polvorines, 31 de mayo de 2012.

SOLER, Lorena. *Modernización, Cambio Social Y Ciencias Sociales. Los oficios del Sociólogo en tiempos del Régimen Stronista en Paraguay (1954-1989)*. 325 f. Tese (Doutorado)

defendida no Programa de Pós-Graduação de Facultad de Ciencias Sociales de Buenos Aires, 2011.

SOUZA, José Carlos. *O estado e a sociedade no Paraguai durante o governo do Partido Liberal (1904-1935)*. 325 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual de São Paulo, Assis: 2006.

TAVARES, Flávio. *Memórias do esquecimento*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Lembranças de um tempo sem sol. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.

TELESCA, Ignacio. Escribir la historia en Paraguay. Modos y lugares de producción. *Papeles de trabajo*. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín, n. 6, Buenos Aires, ago. 2010.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **As Categorias da Narrativa Literária**. In: *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Os abusos da memória*. Paris: Arléa, 1995.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História*. Brasília: UnB, 1978.

VIDAL, Paloma. *A História em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004.

VOLTA, Enrique Gaona. *Los sucesos de 23 de octubre de 1931*. Assunção: Editorial El Arte, 1957.

WARREN, Harris Gaylord. *La reconstrucción del Paraguay, 1878-1904: La primera era colorada*. Assunção: Intercontinental, 2010.

WELBACH, Evelin. El Paraguay exiliado: Memorias de la Resistencia 1970-1989. In: *Anales de las jornadas de trabajo "Exilios políticos del Cono Sur en el siglo XX"*. Assunção: Universidad La Plata, 2012, p. 1. Disponível em: <[http://www.cedema.org/uploads/Wellbach\\_2012.pdf](http://www.cedema.org/uploads/Wellbach_2012.pdf)>.

Acesso em 12 nov 2016.

WELBACH, Evelin. El Paraguay exiliado: Memorias de la Resistencia 1970-1989. In: *Anales de las jornadas de trabajo "Exilios políticos del Cono Sur en el siglo XX"*. Assunção: Universidad La Plata, 2012.

WOLFF, Cristina Scheibe. Resistência. In: COLLING, Ana Maria e TEDESCHI, Leandro Losandro. *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: UFGD, 2015.

WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Tamy Amorim da. Movidas pelo afeto: três mulheres na resistência à ditadura no Brasil, Paraguai e Bolívia (1954-1989). *INTERthesis*. Florianópolis, v.10, n.1, p. 190-211, Jan./Jul. 2013.

ZANDONÁ, Jair. *Da poética do deslocamento à cartografia do sensível: às voltas com Mário de Sá-Carneiro e Bernardo Soares*. 178p. Tese (Doutorado) Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ZOMER, Lorena. *História de uma boa feminista: trajetória intelectual de Leonor Castellano em Curitiba, 1924-1967*. 164f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação, Florianópolis, 2011.